



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

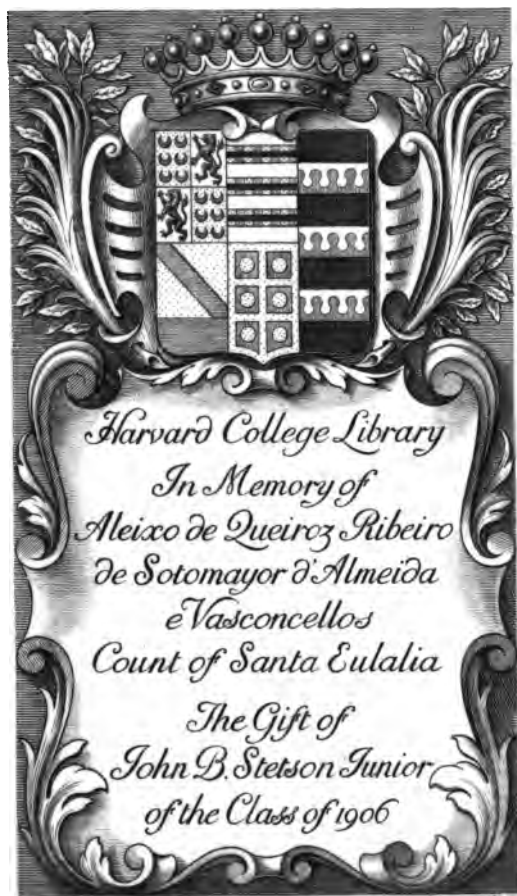
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

WIDENER



HN ZKNC 1





Armas 10

64

OS HOMENS DA CRUZ VERMELHA



PRIMEIRO VOLUME

HORAS ROMANTICAS—RUA DA

Boyveau & Chevillet
Lithés en toutes langues
23, R. de la Banque, PARIS

ALPHABET NOIR ET ROUGE

HORAS ROMANTICAS

BIBLIOTHECA SELECTA ILLUSTRADA

OS HOMENS DA CRUZ VERMELHA

I

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE TRADUÇÃO OU REPRODUÇÃO

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

OS HOMENS DA CRUZ VERMELHA

ROMANCE HISTORICO DO TEMPO DOS FRANCEZES

EDIÇÃO ILLUSTRADA

VOLUME I



LISBOA

TYPOGRAPHIA DAS HORAS ROMANTICAS.

Rua da Atalaya, 40 a 52

1879

Port 6151.31

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COURT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

OCT 4 1922

*Todos os direitos de propriedade d'esta obra no Imperio do Brazil
pertencem ao Illm.º e Exm.º Sr. Commendador Bibiano Antonio de
Moraes e Almeida, subdito brasileiro.*

OS HOMENS DA CRUZ VERMELHA

CAPITULO I

Os homens mysteriosos

Em 1802, o estado geral da Europa não era muito lisongeiro.

A França, tendo por alguns annos atravessado um periodo nefasto e de sangue, depois que as cabeças mais illustres d'aquella nação rolaram debaixo do pesado cutello da guilhotina, entrára n'um estado regular, obedecendo ao genio maravilhoso do general Bonaparte.

É certo, porém, que se a situação interna d'aquella nação era melhor, mais perfeita e harmonica; as differentes potencias europeas, arrastadas pela corrente das paixões politicas que, rapidas, se desenvolviam, não inspiravam muita confiança.

As idéas liberaes progrediam; e da França tinham corrido nas azas da publicidade, invadido todas as sociedades, mais ou menos adiantadas.

Em Portugal, resoaram, como nos outros paizes, as palavras liberdade e igualdade, sempre agradaveis ao genero humano, que as acolhe com indiscriptivel jubilo.

Todos os homens obedecem aos principios liberaes, todos os reconhecem e proclamam, como indispensaveis, por serem da maxima utilidade; e se lhes recusam que prestem culto a essa casta deusa, insurgem-se, tornam-se furiosos, e appellam as mais das vezes, para os meios violentos.

Ora, no nosso velho e pacifico paiz, ás classes mais illustradas, não desagradaram os principios proclamados na França em 1789; e se engeitavam as scenas de terror, os morticínios iniciados e realisados por aquella potencia, aceitavam as cousas que eram boas, sem perfilharem os trezvarios criminosos que, em seu nome se praticavam.

Mas quem se animaria em Portugal a declarar, que sympathisava com as idéas liberaes estabelecidas em França?

O louco que a tanto se arrojasse, seria preso pelos sabujos da intendencia geral da policia, e entregue aos cuidados do inquisidor geral; e o menos que lhe fariam, seria sepultal-o n'um carcere, d'onde não sairia com vida.

O povo, ignaro e fanatico, chamava jacobinos a todos os individuos que defendiam, na melhor boa fé, as idéas que se desencadeavam no seculo, como uteis e necessarias ao homem; e Deus, na sua vontade suprema, que o constituiu livre, praticando assim, lá tinha as suas razões, com as quaes nos devemos conformar, porque o principal attributo da Divindade é a perfeição, cousa que a pobre humanidade não conhece.

Os frades do pulpito abaixo estigmatizavam as idéas iniciadas pelos impios d'alem dos Pyrinéus; e confundindo o profano com o divino, faziam da tribuna sagrada estatua de Pasquino, e despejavam d'ella abaixo o fel das vinganças e as doutrinas mais absurdas.

Este era o estado de Portugal, onde os principios da liberdade estavam na infancia; e se tinham algum incremento

era lento, difficil, arriscado, mas bastante glorioso para os seus iniciadores.

A policia perseguia, os frades condemnavam; e os povos ignorantes eram seus instrumentos doceis; e na melhor boa fé detestavam o bem, e defendiam o mal... e lá se iam identificando com o despotismo que lhe impunham, em nome não sabemos de que religião.

N'esta época, estudavam em Coimbra tres mancebos distinctos, pelo seu talento e altas virtudes civicas, pondo de partê as travessuras que faziam aos novatos e aos futricas.

Não julguem os leitores, que os homens mais sérios que para ahí vemos, deixaram de ser estouvados enquanto foram rapazes; não, senhores, todos pagaram o seu tributo á mocidade, todos foram estroinas, irrequietos e trocistas; e aquelles que o não foram, se não eram tolos ou doentes, eram hypocritas, que ainda é cousa peor.

Como dissemos, estudavam em Coimbra no anno de 1802, tres mancebos: o primeiro chamava-se Antonio Pinto, frequentava o quinto anno de direito; era de character leal e dotado de uma probidade austera, não transigia com idéas que não reputasse boas. O segundo estudava mathematica, e vestia a farda de cadete de cavallaria. Quanto ao terceiro, era frade trino, e frequentava o quinto anno de canones.

O segundo d'este triduo, chamava-se D. Raymundo da Gama, pertencia a uma familia fidalga, ainda aparentada com os marquezes de Niza; quanto ao terceiro, era o muito reverendo padre mestre Rodrigo da Encarnação.

Estes tres mancebos eram amigos inseparaveis; viviam na mesma casa, a sua bolsa era commum, estudavam juntos, e auxiliavam-se mutuamente.

Nenhum d'elles contava mais de vinte e cinco annos; e

vivendo na mais santa amisade, nunca ponto algum escuro ainda viera entenebrececer ou perturbar a boa harmonia que os ligava.

E quantas vezes aquelles jovens estouvados, no fim de uma festa, ou de qualquer outro divertimento, se entregavam á discussão placida, e á livre apreciação do estado da Europa?

Quantas vezes meditaram á luz da razão, sobre o futuro das nações?

E, verdade, verdade, que sempre concordavam, finda qualquer discussão, de que o futuro dos povos dependia das novas idéas iniciadas pela França; e no fundo da sua intelligencia esclarecida, encontravam sympathias para a liberdade que de longe lhes sorria.

E para elles não era ponto duvidoso, de que a regeneração dos homens seria uma realidade, logo que dispostasse a liberdade, quando ella fosse um principio, um preceito santo acatado por todas as gentes.

Estes jovens que seguiam as mesmas idéas, não obstante habilitarem-se para carreiras oppostas, cada vez estreitavam mais os laços da amizade que os unia, e comquanto D. Raymundo da Gama pertencesse a uma raça patricia, era destituido de preconceitos; não se julgava superior aos seus amigos, por serem de origem plebea; e a sua maxima era:

Que entre todas as aristocracias existentes, a do dinheiro, a dos pergaminhos e a do talento, esta era a unica respeitavel.

Ora os bons dos estudantes eram liberaes sem o saberem, sympathisavam com as idéas da igualdade perante a lei, e revoltavam-se contra os privilegios auferidos pela nobreza e pelo clero; julgavam-nos absurdos e bastardos.

Se voltavam de uma festa religiosa, onde em vez de se

adorar a Deus em espirito, se proclamavam do pulpito abaixo idéas insensatas e ridiculas, fulminando e calumniando as idéas liberaes, accusando os *franco moçons* de assassinos, de ímpios, regicidas e sacrilegos, riam-se e diziam entre si :

«Desejavamos profundar o que é a *franco-maçonaria*. E se tem ligação com o que temos lido na historia antiga, nada haverá mais util e innocente.»

Ora por este tempo appareceu em Coimbra uma companhia de musicos ambulantes, composta de sete artistas que tocavam admiravelmente; vestiam á maneira dos estudantes da universidade de Salamanca; e se eram pobres, não pediam esmola, mas não a recusavam se lh'a offereciam.

Mas seriam estudantes? Não nos parece, porque entre elles alguns orçavam pelos cincoenta annos.

Este facto causou surpresa na cidade de Coimbra, e foi alvo de todas as discussões.

Os tres amigos seguiram idéas analogas; em relação aos artistas; e apreciando alguns casos extraordinarios que se deram, concordaram que os musicos ambulantes não eram o que pareciam, e que ali residia talvez um mysterio.

Entre todas as circumstancias mysteriosas que os rodeavam, uma não era pouco importante.

Não se sabia onde residiam, nem pessoa alguma ainda os tinha encontrado nas ruas depois das Ave-Marias.

Para onde iam? Aonde se mettiam? Isto principiou a causar surpresa, e os beatos mais grosseiros, as idéas chatas e incongruentes, circularam entre o povo.

Das praças, das tabernas e de todas as baiucas, passavam para o paço episcopal e para a corregedoria da cidade.

Começou a correr com insistencia, que os musicos amba-

lantes não eram musicos, se bem que tocassem com o maior primor, mas sim pedreiros livres, relapsos, fugidos dos carceres da inquisição de Hespanha, e que, protegidos pelo demonio, tinham vindo para Coimbra, a fim de estragarem a mocidade academica, e inicial-os nos medonhos mysterios da temivel seita.

Houve estudantes que acreditaram n'estas e n'outras tolices, porque, louvores a Deus, se d'aquella velha universidade saem grandes talentos, tambem atira para o publico com uma quantidade de parvos, que custa a crer que alcançassem pelos meios legaes, as cartas que os recommendam.

Ora o bispo-conde e o corregedor, não podiam crusar os braços em face dos factos extraordinarios que se davam, e empregaram uma nuvem de espões, que seguiam os mal-aventurados musicos, como a sombra segue o homem, e o homem o seu destino.

Mas de que crimes eram accusados? Onde praticavam os actos monstruosos que lhe imputavam?

O bispo era um prelado de bom censo; e quando o corregedor lhe propoz com um zelo puramente pharisaico, a idéa de encarcerar os musicos, e mandal-os de presente para a inquisição, regeitou e respondeu:

— Não me agrada a sua lembrança, senhor corregedor; e se os homens são criminosos, prenda-os, porém, faça o que a lei lhe faculta.

— Mas toda a gente assevera que são pedreiros livres; ninguém ainda os viu na igreja, e parece-me que estas cousas são sufficientes para serem entregues á Santa Inquisição.

— Deixe-se d'isso, senhor corregedor, vossa senhoria pôde entender muito do seu officio, não digo que não, mas os

negócios da igreja é a mim que pertencem; e pelos meus actos responderei perante Deus.

— Mas, em todo o caso, excellentissimo senhor, respondeu elle, parece-me que será bom mandal-os prender, e obrigar-os a confessar a verdade.

O bispo sorriu e observou-lhe :

— E a que chama vossa senhoria confessar a verdade? Se tem provas que os criminem, cumpra o seu dever, que com isso nada tenho, e sendo o contrario, digo-lhe como Pilatos :

«Sobre isso lavo as minhas mãos.»

— Pois em todo o caso, vou amanhã ordenar que os conduzam á corregedoria, e depois de bem espremidos, sempre hão de dizer alguma cousa...

— Faça o que quizer; lembro-lhe, porém, que os magistrados demasiadamente zelosos, são o flagello dos povos, e a ruina dos governos...

O corregedor saiu, e no dia immediato, quando os musicos tocavam na praça de Samsão, foram cercados por seis ou sete esbirros, que os intimaram para se apresentarem na corregedoria; os homens cumpriram; foram receber as ordens do magistrado, que os recebeu empertigado n'uma cadeira de espaldar; e com voz de trovão e gesto de tyranno de melodrama, perguntou-lhes :

— A que nação pertencem? Que religião professam? Confessam-se? Vão á missa?

— Senhor magistrado, somos italianos, todos da cidade de Ravena, e fieis subditos do nosso santissimo padre; e assim nos consideramos, não obstante as mudanças politicas do nosso paiz.

O corregedor abriu muito os olhos, ficou com a cara que tinha, e tornou a perguntar :

— Mas são catholicos e ouvem missa ?

— Sempre que podemos não deixamos de ouvir a santa missa, já vê que somos catholicos ; e no estado do nosso Santo Padre, não ha outra religião.

— Mas ainda ninguém os viu na igreja, o que prova que o seu zelo religioso é tibio e pouco acentuado...

— Senhor, nós não fazemos como os phariseus, que mandavam tocar as trombetas no templo, quando offereciam qualquer esmola. A hypocrisia d'esses homens foi condemnada por aquelle, que não podia enganar-se ; e nós, como christãos, acatamos as suas palavras...

O corregedor fez uma careta, e disse para um escrivão com cara de fuinha, que tinha ao lado :

— Cheiram a pedreiros livres a vinte leguas de distancia. Depois de dizer esta sandice em voz baixa, proseguiu em voz alta :

— São muito conhecedores da Biblia...

— Todos os italianos são assim.

— Mas onde residem ? Em que casa pernoitam ?...

O desconhecido que tomara a palavra, e que respondera pelos seus companheiros, trocou um olhar de intelligencia com elles, e respondeu :

— Senhor, temos um passaporte passado pelo sr. cardeal D. José Bonifacio, e com o visto do eminentissimo cardeal Nuncio Apostolico, no qual nos garante livre transito, e se roga ás auctoridades que nos não ponham impedimentos.

— Dé cá esse documento.

— Eil-o aqui, meu seahor, póde verificara sua legalidade.

O corregedor leu mais de uma vez o passaporte, e não podendo negar-lhe a authenticidade, fez uma terceira careta, cresceu-lhe o nariz um palmo, e restituiu-lh'o, dizendo :

— Podem seguir o seu caminho, se bem que as suas respostas me não convençam...

Os musicos saíram, e o corregedor disse para um beleguim:

— Aniceto Parreira, segue estes homens, sabe onde moram, e o que fazem de noite, porque cada vez creio mais que são pedreiros livres e revolucionarios.

Dito e feito; o sr. Aniceto Parreira desde esse dia fariou por toda a parte em procura dos temiveis revolucionarios, mas não foi muito feliz.

Todas estas cousas constavam pela cidade, e os tres estudantes, já conhecidos dos leitores, resolveram mistificar o magistrado inepto, que via n'aquelles pobres diabos uns temiveis revolucionarios.

Tres dias depois d'estes acontecimentos, foi prevenido por uma denuncia anonyma, de que n'uma casa da rua da Sofia, era onde os pedreiros livres, musicos improvisados, se reuniam.

O magistrado bateu uma palmada na testa, e bradou entusiasmado:

Achei o fio de uma vasta conspiração! Que dirá agora o senhor bispo? Que dirá esse pobre diabo, que tudo vê côr de rosa?

Tocou uma campainha, e um esbirro de cara estirada, com as ventas atacadas de tabaco, metten o focinho por entre o reposteiro, e perguntou:

— Vossa senhoria tem alguma ordem a dar-me?

— Tenho, sim, senhor; e ao mesmo tempo que lhe ralhar.

— Todo eu sou ouvidos, meu digno chefe, respondeu o aguasil; se errei, mereço castigo, e vossa senhoria cumprirá uma das obras de misericordia, respondeu elle com

voz de falsete, sorvendo uma formidável pitada de esturro.

O corregedor pavoneou-se na cadeira, e respondeu :

— Você vae perdendo os seus creditos ! Que me diz d'esses improvisados musicos ? Onde residem ? Em que se occupam de noite ?

— Nada ainda pude descobrir, e creio tanto que esses pobres diabos sejam revolucionarios, como nas doutrinas do impostor Mafoma...

— Pois faz mal ! Um bom aguasil vê crimes em toda a parte, até nas cousas mais santas ; e, se não os descobre, tem obrigação de invental-os, para trazer a justiça em movimento, e eu poder dizer ao senhor intendente geral, que tenho empregados decididos e bons para o serviço.

— Pois fico sabendo, meu senhor, mas foi para me dizer essas cousas que me chamou ?

— Não ; foi para lhe dizer que no meu escriptorio sei mais o que vae por essa cidade, que você e todos os seus companheiros.

— Não admira, o talento, o saber de vossa senhoria, valem mais de que todos os nossos pobres bestuntos reunidos...

Mestre Aniceto Parreira, era um grande e importante intrujão ; e conhecendo os pontos mais fracos por onde podia vencer o seu chefe, desfechou-lhe á queima-roupa uma descarga de lisonja, certo de que produziria excellente effeito.

Não se enganou ; o corregedor impertigou-se, deu dois ou tres passos pela sala, e respondeu :

— Não diz nada que assim não seja ; e fique sabendo que os taes pobres diabos, como ha pouco disse, em vez de musicos, são uns refinados pedreiros livres, uns hereges

malditos, que se entregam por altas horas da noite a toda a casta de sortilegio. Percebe ?

— Percebo, sim, senhor, ha de ser isso que vossa senhoria diz, porque o seu elevado talento é infallivel...

— Assim o deve entender ; ouça e tome nota do que lhe vou dizer : Sabe de uma casa velha, bastante arruinada, que fica na esquina da rua da Sofia ?

— Sei, sim, senhor...

— Pois é ahí que elles reúnem com o diabo, seu patrono... Dão tiros na Sacrosanta Imagem de Christo, e ha pessoas que até a tem ouvido gemer ! E não poucos asseveram, que o diabo é o proprio que os incita para esbofetear a cruz !...

— O que diz, meu senhor ? ! Ai que malvados ! Que impios ! E não se abre o chão para tragar semelhantes monstros !

Mestre Anceto Parreira benzeu-se devotamente, mas disse com os seus botões :

— Este homem é tolo, ou quer de mim fazer tolo ! Se está convencido d'estas patranhas, é capaz de acreditar que um burro vò a por esses ares e nuvens... E se o deixarem, corre á janella e pede uns oculos para melhor o ver subir... Dito isto, proseguiu em voz alta :

— Mas que tenciona vossa senhoria fazer a esses hereges relapsos ?

— Essa pergunta não é propria da sua cabeça... Ora que poderei eu fazer em face de crimes tão fóra do commum ? Vou hoje mesmo cercar a casa com toda a força disponivel, prendo os meliantes, ferro com elles na cadeia, e depois que se arranjem com a inquisição.

— É isso mesmo que deve fazer ; e cada vez mais admiro o genio brilhante de vossa senhoria. E que ordens me dá ?

— Que depois da meia noite, esteja com todos os quadrilheiros nas proximidades da casa, que eu lá irei ter, para dirigir pessoalmente esta importante diligencia.

O aguasil retirou-se, rindo-se interiormente do seu chefe, que tinha o mau gosto de acreditar nas brucharias dos pedreiros livres.

Cumpriu porém as ordens que recebeu; e á hora indicada esperava com os quadrilheiros por elle, que compareceu meia hora depois da meia noite.

Ora os tres estudantes, Antonio Pinto, D. Raymundo da Gama, e o muito reverendo Rodrigo da Encarnação, tambem não faltaram á festa; e por detrás de um muro, que defrontava com a casa denunciada, aguardaram o desfecho da mystificação que prepararam ao bom do corregedor.

Seriam quasi duas horas da madrugada, a noite estava serena, mas escura, e o brilho das estrellas pouco se differenciava; a cidade parecia um vasto sepulchro, não se ouvia o menor movimento, nem os passos de um ou outro transeunte.

De espaço a espaço apenas se sentia ao longe, o lugubre piar do mocho e o coaxar das rãs.

A casa maldita, onde se praticavam tantos maleficios, erguia-se; e pela sua vetustez, parecia mais um estabulo, de que um edificio habitavel, se bem que por pedreiros livres.

O corregedor á frente dos seus aguasis e quadrilheiros, avançou; tomou todas as medidas preventivas contra qualquer ataque imprevisto; e antes de collocar as sentinellas que deviam estabelecer o cerco, disse com modo sentencioso:

— Rapazes, cuidado com os homens que vamos combater; lembro-vos que fallam com o diabo, e que bem neces-



Os Homens da Cruz Vermelha

Typ.—Rua da Atalaya, 40 a 52.

Accudam, rapazes!

sarias lhes são as armas espirituaes: trazem todos os santos bentinhos que lhes recommendei?

— Sim, senhor, respondeu o mestre Aniceto Parreira, fui eu mesmo que lh'os distribui e fui buscal-os a casa do padre João dos terços, um santo varão, que converte ao bom caminho as raparigas perdidas. . . .

— Muito bem, agora rapazes, tenham coragem; não receiem que o cão tihoso lhes mostre os dentes, porque as santas reliquias põem-nos a salvo, de serem tragados pelo espirito das trevas.

— A elles, meus valentes; cuidado não se deixem dominar pelo terror; eu cá fico atrás de todos, para melhor dirigir este importante feito, que levará os nossos nomes á posteridade.

Os pobres quadrilheiros eram uns lorpas, que acreditavam mais no diabo do que no almoço do dia immediato; tremiam de susto, mas cumpriram as ordens do corregedor.

Mestre Aniceto Parreira é que, porém, se ria de tudo aquillo; e sem poder atinar com a verdade, iria jurar que toda aquella emmaranhada teia, era urdida por alguns estudantes, que se queriam divertir á custa do seu chefe.

Recebeu ordem de bater á porta, e de mandar abrir em nome do senhor principe regente; puchou de um alambado cacete, e bateu com a força de um Hercules.

Ora o corregedor, por um excesso de prudencia, encostára-se ao muro que defrontava com a casa; e quando o agnasil bateu, sentiu que alguem o levantava ao ar, e o apertava com força! Cheio de medo bradou com voz estragulada:

— Acudam, rapazes! Valham ao seu corregedor que é arrebatado nas unhas de Satanaz. . .

Estas palavras foram de um effeito magico! Os quadrilheiros deitaram a fugir, e a berrar como endemoninhados.

O Aniceto, sempre tranquillo, correu para o muro, na occasião em que o pobre do corregedor caia estatelado sobre uns montões de lama...

N'este momento sentiu-se, não muito longe, tocar uma musica, ouviram-se algumas gargalhadas mephistophelicas, e os zurros de quatro pacificos jumentos que se achavam na casa cercada... O logro não podia ser mais completo, e o ridiculo do pobre magistrado mais pungente... Mas ha comedias, que degeneram em tragedia, e esta foi uma d'ellas.

CAPITULO II

Homem morto e homem salvo

Na cidade de Coimbra constou, no dia immediato, a mystificação que alguns academicos tinham arranjado ao corregedor.

Os estudantes riram-se, e agradou-lhes o ridiculo que pesava sobre um homem, que era geralmente desprezado pela sua indole má e pretensões obnoxias.

E logo, que circulou a noticia, tres nomes foram pronunciados entre estrepitosas gargalhadas.

Foram os tres amigos: o Antonio Pinto, D. Raymundo da Gama, e o padre Rodrigo da Encarnação.

Estas palayras correram de bôca em bôca; soaram nos paços do bispo, e nos salões do reitor da Universidade.

Tres dias depois, abriu-se devassa, e os verdaes da Universidade, de mãos dadas com os beleguins, principiaram a metter o nariz por toda a parte, na intenção de descobrirem os apôtores do logro; mas como poderiam chegar á verdade?

Haveria alguem que os tivesse visto? Aonde estavam? Foram denunciados pela voz?

Ora nada d'isto acontecera; e não obstante os bons desejos da policia, nada absolutamente ainda tinha devassado no fim de oito dias.

Mas que fazia o sr. Aniceto Parreira? Que fazia este homem importante, de cuja habilitade ninguém podia duvidar?

Ria-se interiormente, e chamava tolos a todos que se estafavam á procura do X, que sempre lhes fugia, quando o consideravam mais seguro.

Emquanto estas cousas succediam, os tres amigos não estavam muito satisfeitos; e mais de uma vez se arrependeram da sua lembrança; o mal, porém, estava feito, e o unico recurso que lhes restava, era entregarem-se a uma prudente reserva.

Estavam reunidos n'uma bella tarde, e discutiam as consequencias das investigações a que a policia procedia, quando um individuo desconhecido se lhes apresentou perguntando:

— É aqui que moram os senhores academicos Antonio Pinto, D. Raymundo da Gama e sr. Rodrigo da Encarnação?

— É, sim, senhor, respondeu o Antonio Pinto.

— Estão sós, meus senhores?

— Como vê; e a casa é demasiadamente pequena para offerrecer duvidas.

O desconhecido cumprimentou-as com um movimento de soberana delicadeza, e proseguiu:

— Pois, meus senhores, venho agradecer-lhes o importante serviço que prestaram a uns pobres estrangeiros, que tem sido alvo de inauditas perseguições...

Os manceboas ficaram surpresos, e cravaram vista aturada no estranho personagem, que lhes sorria de uma maneira singular.

Era um homem de estatura med, secco, que teria cincoenta annos, de rosto comprido, testa larga, com os cabellos grisalhos, e as feições correctas. Era um type sympathico, que revelava bondade, e uma vasta intelligencia.

— Mas quem é o senhor? perguntou D. Raymundo.

— Sou o representante dos invisiveis, d'aquelles que ninguém vê, mas que estão em toda a parte...

— Não temos a honra de conhecê-lo... Nada temos com esses senhores invisiveis, como a athomos, que na ordem das creações, constituem o seu verdadeiro principio...

O desconhecido tornou a sorrir e respondeu:

— Assim é; e o que diz é uma eterna verdade, mas nós somos homens, visiveis e palpaveis... Porém, como membros de uma vasta e universal associação, somos invisiveis...

Os jovens trocaram um olhar de intelligencia, e nutriram apprehensões, de que se achavam na presença de um espião.

Aquelles signaes de duvida não lhe passaram despercebidos, e sorriu tristemente.

D. Raymundo proseguiu com o mesmo animo imperturbavel:

— Mas, senhor, que fim é o seu? Que intenção o trouxe aqui? É realmente para estranhar o seu procedimento!

— Já tive a honra de lhes dizer, que venho agradecer o importante serviço que fizeram a uns pobres estrangeiros. . . Sim, senhores, eu, sendo o que ha pouco lhes disse, sou igualmente o chefe d'essa philharmonica ambulante, que tanto deu que fallar ás auctoridades d'esta cidade.

— Pois, meu amigo, não lhe prestámos serviço algum, nem sabemos nada do que nos tem dito para ahí; se bem que, quasi iríamos adivinhar o fazi que o guia. . .

— Mancebos, se não lhes conhecesse o caracter, se não apreciasse os seus espiritos claros, dedicados ao estudo, se não lhes transparecesse na fronte a belleza das suas almas, sairia d'aqui com o coração atropiado.

— Não sou o que lhes parece! Sou um homem de bem, dedicado á causa da humanidade; e para que triumpho, tenho empregado muitos annos de abnegação. . .

— Porém, quem é o senhor? É realmente para estranhar o seu procedimento equivoco, se não inteiramente mysteroso. . .

— O mystério é necessario para todas as cousas, que não podem publicar-se, ou demonstrarem-se á luz de dia. . .

— Se essas cousas ou idéas não podem apparecer em publico, claro está que a sua origem não é boa. . .

— Enganam-se! Justa e santa era a causa dos christãos, e, nos seus primitivos annos, eram forçados a reunir nas cavernas, ou nos logares mais retirados. . .

— Boas e justas eram as intenções dos nobres cavalleiros do templo, alliados intimamente com a cruz e a espada; todavia como caminhavam a um fim, que feria as infrenes pretensões dos potentados da terra, tinham que se envolver nas dobras do mystério, para realisarem o seu ideal. Ideal que não tocaram, por serem victimas da tyrannia. . .

— É certo que a semente uma vez lançada á terra, não deixa de brotar. Foi o que succedeu. A gloria á elles pertence, por terem iniciado a idéa, a nós, porque a levamos a effeito.

Os jovens estavam surpresos; nas frentes transparentes o abalo, que as palavras do desconhecido lhes imprimira.

Com os peitos offegantes deixaram-se arrebatados por aquellas idéas, em tudo iguaes ás que de ha muito nutriam.

O estranho personagem, conscio do effeito que produziram, proseguiu:

— Muitas cousas extraordinarias estão para succeder. Muitas lagrimas se hão de derramar, mas sem martyres, não ha triumpho seguro, embora a causa seja a mais santa. Que o Eterno os proteja, nobres marcebos. E só n'um dia, através dos vendavais da vida, o infortunio vos hostilizar, lembrem-se dos Homens da Cruz Vermelha, que n'elles sempre hão de achar sincera dedicação.

Retirou-se como entrara, deixando ficar os nossos astorvados perplexos e quasi atterrados. Meia hora depois, sentiram na escada uma voz affantada e antipathica que lhes dizia:

— Então nem depois de soarem as alegres, saem do civil? Vocês estão mais recatados do que um monge da Thebaida! Então porque não saem a patuscar, grandes ratões?

Esta voz produziu-lhes má impressão, e fizeram um gesto de impaciencia; não tiveram, porém, tempo para pronunciar uma palavra de desagrado: um academico entrou no quarto.

Antonio Pinto, ao ver-o, disse com modo alegre, se bem que contrafeito:

— Ora viva o muito nobre Marquez de S. Mauricio, cobi

temporaneo de toda a humanidade presente, preterita e futura...

— Assim o podes dizer... Creiam, porém, que em 'nada me incommodam... Mas como estão? E tu, D. Raymundo, porque não appareces tambem?

— Eu estou onde me encontram...

— Que banalidade! Poderá não... Mas vamos, então que me dizem a respeito da mystificação, que fizeram ao corregedor? Já sabem que toda a gente diz que foram vós os auctores?

— Podem dizer o que quizerem, nós, n'esse dia, nem saímos de casa...

— Sim, não digo que não; mas não me dirão, quem era o estafermo que ha pouco saiu d'aqui? Que diabo de homem é aquelle figurão?

— Não te podemos responder, porque nos veio pedir esmola, e declarou que era estrangeiro.

— Tem graça o que dizem... Ha de ser isso, sim, não pôde ser outra cousa... Mas vamos ao que interessa: saem ou ficam?

— Nós, por enquanto, não vamos passear... só depois de meia hora é que sairemos.

— Pois fiquem para ahí, que os leve a breca.

O marquez retirou-se.

Ora como este senhor tem que figurar muito n'esta veridica historia, vamos apresental-o aos leitores.

O marquez de S. Mauricio teria trinta e dois annos, era de estatura acima de meã, tinha os olhos azues deslavados, o cabello ruivo, a bôca grande, os labios grossos e sensuaes, que deixavam ver uns dentes agudos, como os de lebo.

Era mau, dotado de uma intelligencia superior, mas não

queria estudar; e estando em Coimbra ha quatro annos, ainda não passara do segundo anno de direito.

Já não tinha mãe, fallecera tres annos depois d'elle nascer; e seu pae casara em segundas nupcias com a morgada do Prado, possuidora de uma fortuna superior a cem mil cruzados por anno; o que foi de grande vantagem para o bom do marquez, que senhor de muita sobreza por parte dos seus avós, a fortuna não estava em harmonia com a vetustez dos seus pergaminhos.

D'este segundo consorcio nasceu uma menina, que era a legitima herdeira de sua mãe, que a estremecia.

D. Beatriz, teria n'esta época quinze annos, reunindo a uma belleza deslumbrante, uma alma bem formada, um coração de ouro, e uma intelligencia clara.

O marquez de S. Mauricio, tambem amava muito a sua filha, é certo, porém, que seu filho, o marquezinho, como lhe chamavam, não compartilhava, para com sua irmã, os sentimentos do pae; todavia como era hypocrita e traiçoeiro, sabia comprimir no intimo da alma as suas paixões.

Reservava para mais tarde, quando lhe fosse possível, lançar sobre a joven, todo o fel que lhe brotava do coração; e tão bem se sabia fingir, que ninguém diria que a odiava com insistencia, e as primeiras que se illudiam eram o marquez e sua esposa.

Voltemos aos nossos jovens, que, ao verem-se livres do marquez, ficaram como se lhe tivessem tirado das costas um peso de cem arrobas. O primeiro a fallar foi D. Raymundo, que disse:

— Sabem que mais, digo-lhes que cada vez me inspira menos confiança este homem. Não sei o que vejo n'aquella fronte! Ali reside um crime, pelo menos a intenção insistente de pratical-o.

— Por Deus, D. Raymundo, disse Antonio Pinto, trataes com mais severidade o teu parente, de que S. Paulo os corintheos.

Fr. Rodrigo deu uma gargalhada, e respondeu :

— Então que é isso? Então já mettem fouce em seara albeia? Ora vamos, Antonio Pinto, eu não faço citações de degesto, nem trato de saber quantos titulos tem as ordenações do reino... parece-me que deverias fazer o mesmo com as cousas da igreja... Mas sempre lhes digo que D. Raymundo é pouco afeiçãoado ao seu futuro cunhado...

O joven abanou a cabeça e respondeu :

— Estão enganados; nunca pensei em D. Beatriz. É uma creança muito rica, e eu sou pobre.

— Qual historia, um homem com o teu merecimento, reune em si uma grande riqueza... Isto, porém, pouco nos interessa; vamos dar um passeio.

Os tres amigos saíram, descuidosos, tomaram pela primeira viella, e foram para a ponte.

Tem decorrido quatro dias de inalteravel tranquillidade; o dia de hoje feneceu como o de hontem, e o immediato terá inteiramente o mesmo fim.

É certo, porém, que enquanto para os tres amigos os dias passavam serenos, outrotanto não succedia ao Marquez de S. Mauricio, que não podia ver D. Raymundo desde que elle tivera a lembrança de preparar uma scena ridicula, para obrigar-o a pagar uma ceia. Outras rasões ainda tinha, mas essas não as dava a conhecer.

Aquella alma traiçoeira, vingativa e orgulhosa, não lhe perdoava o logro em que caíra, nem outras cousas que lhe feriam o seu orgulho, e por isto meditava de ha muito tirar uma desforra.

Foi elle que fez circular a idéa de que os auctores da

mystificação tão bem preparada ao corregedor, tinham sido os tres amigos ; e como não tirou o resultado que esperava, sonhou outra infamia.

Havia já oito dias que os musicos ambulantes não appareciam, e os estudantes, ao recordarem-se do estranho e mysterioso individuo que os procurára, diziam :

— Quem será ? Que fim o guiará ? Que idéas representa ?

Eram estas as suas interminaveis perguntas, mas o resultado era sempre negativo.

Ora o marquez conhecia que os condiscipulos não lhe eram afeiçoados ; e pagando-lhes com usura a repugnancia que lhe manifestavam, não os procurava, e só lhes fallava, se por acaso os encontrava na Universidade.

Uma noite, seriam dez horas, apresentou-se-lhes em casa em trajo de viagem.

— Venho despedir-me, meus amigos... Hoje mesmo parto para Lisboa.

— Grande novidade é essa ! E a não ser cousa muito urgente, não saírias com essa precipitação.

— Assim é ; e como a minha madраста está bastante enferma, e meu pae ordenou-me que partisse immediatamente. Venho receber as suas ordens, e dar-lhes um abraço de despedida.

Os estudantes, se bem que não lhe fossem dedicados, dirigiram-lhe algumas palavras affectuosas, e desejaram-lhe feliz jornada.

O nobre titular antes de partir, abraçou os tres condiscipulos, e offereceu-lhes o seu prestimo na côrte.

Depois da ausencia do marquez, as cousas na cidade de Coimbra, proseguiram sem alteração ; a devassa caíra em esquecimento ; e o proprio bispo aconselhou o corregedor

para que se deixasse d'isso, visto que o ridiculo seria mais pungente, quanto maior fosse a publicidade que lhe dêsse.

D. Raymundo não tendo nada a recear da policia, entregou-se a uma vida de aventuras, ás serenatas, aos outeiros e a uma constante folia, a que tambem arrastava os seus amigos, que, de bom grado, o acompanhavam.

Uma noite, porém, D. Raymundo não appareceu! Deram onze horas, meia noite e uma hora, sem dar signal de si! Este facto causou surpresa aos seus dois companheiros, e o vago presentimento de uma desgraça assaltou-lhes a imaginação.

— Homem, disse Antonio Pinto para fr. Rodrigo, isto não me agrada. D. Raymundo é um estroina, mas nunca recolhe a estas horas; alem d'isto, não tencionava passar a noite fóra... não te parece uma cousa extraordinaria?

— Sou da tua opinião... Não sei, desconfio do marquez...

— Ora essa! o marquez a estas horas está em Lisboa! Bem sei que lhe não era afeiçoado; e se tivesse intenção de lhe fazer mal, teve excellentes occasiões enquanto residia na cidade.

— Não digo que não tenhas razão, comtudo previno-te, que tres dias antes de se retirar, encontrei-o a fallar com dois homens de má catadura, que pareciam assassinos, d'estes que matam um homem pelo preço de uma corda, ou por pouco mais; e se dissesse que podia fazer-lhe mal, enquanto esteve em Coimbra, lembro-te que D. Raymundo é um moço valente, e o marquez tinha medo d'elle; e se muito o aborrece, não o respeita menos.

— Pois será como dizes, não digo que não; com esta discussão, porém, não aproveitamos nada. Achas que devemos ir procural-o?

— Sem duvida, não obstante a noite estar medonha.

— Pois então, é pôr os pés ao caminho, disse Antonio Pinto; accende a lanterna de furta-fogo, pega n'esse raio de sege, que é bem boa arma, que eu pela minha parte metto a espada debaixo da capa.

Dito e feito, armados e decididos, pegaram na lanterna, e em menos de cinco minutos seguiram pela rua, na direcção da ponte.

A noite estava escura, ao longe sentia-se o ribombar dos trovões; densas nuvens velavam a atmosphera, e o vento soprava rijo do sul.

Pelas ruas não encontraram pessoa alguma; e só quando atravessaram a ponte encontraram um academico, que lhes perguntou:

— Para onde vão com esse arsenal?

— Não sabemos. Mas olha lá, viste hoje D. Raymundo?

— Vi, seriam oito horas da noite; atravessou a ponte, e seguiu pela estrada. Adiante d'elle, porém, caminhava uma bella mocetona... depreendi que lhe ia no encalço, e disse-lhe apenas:

— Boa viagem, amigo, porque o barco não pôde ser melhor... Riu-se, deu-me as boas noites e desapareceu.

— Não o tornaste a ver?

— Que pergunta vocês fazem! Depois do que lhes disse, é claro que só amanhã lhe põem a vista...

O estudante despediu-se, Antonio Pinto e o seu compaheiro tomaram pela estrada com passo estugado.

Teriam andado cousa de mil passos, pararam, porque á direita e á esquerda havia uma azinhaga.

— Fr. Rodrigo, disse Antonio Pinto, não sei o que me diz o coração, acho tudo isto extraordinario... Dize, para que lado devemos tomar?

— Eu sei lá, homem . . . Seguiremos pela direita, por ser contraria á sinistra . . .

Com o peito offegante, e sentindo arrepios pela espinha dorsal, avançaram pelo caminho viual da direita.

Parecia-lhes que um anjo benéfico lhes segredava aos ouvidos, que não iam bem, e que infructíferos seriam os seus dedicados esforços. Preocupados e receiosos, guiados, porém, pela amizade sincera, não recuavam, nem vacillavam.

Tinham caminhado perto de uma hora, sem que facto algum extraordinario os tivesse surpreendido ; a noite proseguia escura, e o fuzilar do relampago mostrava-lhe os altos robles que orlavam a medonha azinhaga. Pareciam espectros gigantes, monstros medonhos, que se erguiam, para lhes empecer o caminho.

Sentiam o plangente piar das aves nocturnas, o brando ciciar dos arvoredos, e ao longe, por vezes, o latido dos cães dos casaes mais proximos.

— Aonde estamos nós ? perguntou o frade.

— Não estou bem certo, disse Antonio Pinto, creio porém que vamos pela estrada que segue para Condeixa.

— Com a breca, proseguiu elle com gesto picaresco, se nada aconteceu a este tratante, acredita que lhe dou uma desanda monumental ; comtudo não me parece . . . Aqui anda cousa mysteriosa, e talvez que uma grande desgraça . . .

— Escuta, disse fr. Rodrigo, parece-me que senti passos ! bom será que puches pelo chanfalho, porque eu já me puz em piedosa attitude com este cacete.

Era illusão ; o silencio não fôra alterado.

Continuaram para a frente, allumiando com a lanterna o caminho, que era de mau pizo e bastante acidentado.

Antonio Pinto ia na frente, o seu companheiro a dois passos de distancia.

Teriam caminhado perto de duas leguas, pararam atterrados, e suffocaram um grito plangente preste a sair-lhes do peito.

— Que será isto, meu Deus! Ah! bem me parecia que haveria grande desgraça...

Antonio Pinto não respondeu, pallido, fremente, e como os cabellos hirtos, affirmava-se n'um ponto escuro, que se differenciava no chão; era uma poça de sangue...

Recraram como fulminados, e bradaram com voz estrangulada:

— Assassinarão o pobre D. Raymundo...

Duas grossas lagrimas lhes rebentaram dos olhos. Mas, passada a primeira impressão dolorosa, disseram instinctivamente:

— Coragem! Vamos para diante, é possível que este sangue não seja d'elle.

Animados e decididos, avançaram cautelosos. Todavia que dores cruciantes feriam aquelles dois homens, amigos sinceros e de corações leaes? Conscios do seu dever, não discutiam a possibilidade de uma emboscada, em que também podiam ser victimas.

Ainda não tinham dado uma duzia de passos, um outro quadro mais lugubre se lhe apresentou. Pararam pela segunda vez, e desviaram a vista horrorisados!

Um cadaver estava atravessado no caminho, banhado em sangue! Fizeram um esforço heroico, e flectiram-n'o com attenção.

Não era o do seu amigo, era-lhes estranho.

Estaticos, frementes, com os membros sem flacidez, sentiam um mau estar inexplicavel. O assassinado deveria

ter trinta e quatro ou trinta e cinco annos, vestia á maneira dos pegureiros da Serra da Estrella, tinha a barba preta, e junto d'elle via-se um cajado com choupa e ferrado em baixo.

Atterrados, não se animaram a pronunciar uma palavra!

Aquelle cadaver parecia attrail-os e fascinal-os. Os olhos assimilhavam-se a dois globos de vidro; e quando os raios da luz lhe davam em cheio, parecia que d'aquellas pupilas sem mobilidade, saíam irradiações sinistras, como deviam ser as dos olhos do espirito das trevas.

— Antonio Pinto, disse fr. Rodrigo, nós não somos covardes; temos a intima consciencia do nosso dever, o animo tranquillo e não temos de que nos penitenciar; comtudo não devemos ir mais por diante, o contrario será temeridade.

O mancebo não lhe respondeu; fixava com tenacidade aquelle cadaver, que para elle era um problema...

Parecia-lhe que adivinhava n'aquelle acontecimento um futuro de lucta, de sacrificios e de gloria, mas alcançada á custa de grandes perigos.

— Que te poderei dizer, homem? Achas que este cadaver representa uma vingança brutal, ou um crime de roubo?

— Não sei, e cada vez mais me convenço, de que em tudo isto anda um braço occulto, uma vontade mysteriosa... Queres a prova? Repara no cabo d'esse punhal, cravado no peito... Não lhe differenças uma cruz vermelha?...

— Santo Deus! Tens razão, respondeu fr. Rodrigo; e agora me recordo das palavras do desconhecido que nos foi agradecer...

— Sim, homem, não admitte duvida, é caso averiguado: o nosso amigo correu um grande perigo, de que foi salvo.

— Que fazem por estes sitios, meus senhores? perguntou uma voz secca e metallica como a de um demonio.

Os mancebos voltaram-se admirados, e deram de cara com o sr. Aniceto Parreira, que lhes sorria de uma maneira singular.

— O sr. Aniceto! Disseram elles!

— Eu mesmo, sou o Aniceto Parreira, e que tem isso de extraordinario? E vossas mercês o que fazem a estas horas em frente de um cadaver?

Cada vez mais deslumbrados, não atinavam com uma resposta; o aguasil sempre frio, fixava-os, porém, com insistente curiosidade.

— Então respondem? Que dirão se os prender pelo crime de homicidio voluntario?

— Nós, assassinos! Isso é falso; se nos encontra aqui, é porque viemos em procura do nosso amigo e condiscipulo D. Raymundo da Gama... E vossa mercê, que sabe tanta cousa, poderá informar-nos do destino que elle teve? perguntou Antonio Pinto.

Mestre Aniceto encolheu os hombros, e respondeu:

— Eu sei lá o que é feito do seu amigo... Vamos, porém, ao que interessa, quem matou este homem?

— Não sabemos, chegámos ha pouco tempo, ainda não ha meia hora...

— Sim... Pois eu já cá estou ha mais tempo... Ouçam, vou dar-lhes um bom conselho:

— Vão para casa, calem-se, e não digam que me viram, nem que estiveram n'esta azinhaga... Percebem?

— Percebemos, mas o nosso amigo?

— Irra que são teimosos; já disse que não sei d'elle. E repito-lhes, não digam cousa alguma que ligue directa ou indirectamente com estes factos...

Os jovens, visivelmente impressionados, acceitaram o conselho de mestre Aniceto, intimamente convencidos de que aquelle homem, era mais um mysterio que se lhes apresentava n'essa noite fatal.

As quatro horas da madrugada, cançados do corpo e do espirito, chegaram a casa; grande, porém, foi a sua surpresa logo que entraram.

Sobre uma mesa viram uma folha de papel branco; no centro tinha uma cruz vermelha, por baixo estava escripto o seguinte :

«Os homens da cruz vermelha, protegem os homens de bem, mas castigam severamente os assassinos covardes. O seu amigo eatá salvo.»

CAPITULO III

Uma historia verdadeira

Os dois estudantes ficaram silenciosos por muito tempo; não podiam afastar os olhos d'aquelle papel, que lhes levantava a ponta de um véu mysterioso, que envolvia os acontecimentos d'aquella noite maldita.

Mas quem eram os protectores invisiveis que salvaram D. Raymundo? Aonde estavam elles? Onde residiam? E o Aniceto Parreira? Que papel desempenhava em tudo isto? E o seu amigo onde se achava?

Fazendo todas estas interrogações, o resultado era sem-

pre o mesmo: mysterio; sempre o mesmo mysterio em todo aquelle negocio.

— Homem, disse Antonio Pinto, parece-me que devemos arrecadar este papel. Quem sabe! É possivel que as circumstancias futuras nos levem a ter ligações com estes individuos, cujo poder não me parece illusorio ou chimérico...

— Sou da tua opinião; no entretanto, façamos o que nos aconselhou o Aniceto Parreira, guardaremos inviolavel sigillio, sobre tudo que respeitar a estes extraordinarios acontecimentos.

Concordaram plenamente, e deitaram-se, se bem que por muitas horas não podessem conciliar o somno; e se por vezes cerravam as palpebras por alguns momentos, acordavam sobresaltados; parecia-lhes que ainda viam o cadaver desconhecido escorrendo sangue, que os fixava com vista acerada, que os seguia, que se erguia para os deter e unil-os a si...

O dia despontou; o arrebol da manhã transpareceu através dos vidros de uma janella, que lhe ficava em frente, mas era muito cedo, e o socego da cidade proseguia inalteravel.

Ambos estavam pallidos, cadavericos, revelando um sofrimento cruciante.

— Às onze horas da manhã corria na cidade a noticia, de que fôra um homem assassinado n'uma azinhaga da estrada, que de Coimbra seguia para Condeixa.

Ninguém ainda reconhecera o cadaver; e o povo levado pela curiosidade, correu para o local do crime, onde o magistrado respectivo, acompanhado por um escrivão e dois aguisis, já se achava, para proceder ao auto de corpo de delicto directo.

— O Aniceto Parteira, fazia parte do acompanhamento jurídico, frio e tranquillo como sempre.

O juiz perguntou:

— Conhece este cadaver? Sabe alguma cousa do crime?

— Não sei nada; apenas me constou, por denuncia feita por uma mulher, que de manhã vinha para a cidade, que n'este local estava um homem morto. Em acto continuo, dirigime a sua casa, e dei-lhe parte; o resto sabe vossa senhoria tão bem como eu.

O juiz abanou a cabeça; meditou alguns momentos, ficou as turbas que o rodeavam, e perguntou:

— Está ahí alguém que conheça este cadaver?

A resposta foi negativa, e o juiz proseguiu:

— Vamos, senhor escrivão, declare no auto todas as circumstancias, especiaes que possam esclarecer este processo.

O escrivão tratou de cumprir as ordens recebidas, e mencionou quanto pelo chefe lhe foi indicado; e quando estava prestes a concluir, observou:

— Senhor juiz, com a devida venia, lembro a vossa senhoria, que bom será constar do auto, que a causa do assassinio commettido, não foi o roubo, visto que na algibeira do finado se encontraram tres peças em ouro, dezeseite cruzados novos, e cento e oitenta réis em cobre. Além d'isto, senhor, esta cruz vermelha, gravada no cabo do punhal, & com certeza um signal de convenção; e quem sabe? É possivel que seja uma vingança mysteriosa...

— Não digó que não. E que diz o sr. Aniceto?

— Que sou da mesma opinião que o senhor escrivão... Acho bastante judiciosas as suas observações. E a não ser a cruz que vejo n'esse punhal, diria que em tudo isto andava obra de Satanaz.

Benzeu-se devotamente, puchou de um rosario e beijou-o com fervor piedoso.

— Assim o deve dizer, respondeu o juiz, mas esta cruz indica-nos, que o assassino não foi o cão tinhoso...

Fez uma pausa e proseguiu:

— Ora, diga, seria este crime praticado por esses impios da Universidade? Quem me afiança que esses tres meliantes, que tanto protegiam os musicos ambulantes, que desapareceram, não são os auctores d'este assassinato? Sr. Aniceto, já me afiançaram que os taes estudantes são da seita...

O aguasil riu-se de uma maneira equivocca; guardou silencio por alguns momentos, e respondeu:

— Isso não pôde ser...

— Porque?

— Porque os encontrei, seriam onze horas da noite, em procura de D. Raymundo da Gama. E com que fim praticariam um crime inutil? Nada, os rapazes podem ser grandes estouvados, trocistas incorrigiveis, mas considero-os incapazes de attentar contra a vida do seu semelhante.

— Acha isso? Tem a certeza do que diz?

— Tenho, sim, senhor; e vossa senhoria sabe por experiencia, que quando afianço uma cousa, é porque tenho fundadas razões.

— Adiante, não fallemos mais em tal; senhor escrivão, o trabalho está concluido?

Sim, senhor, podemos partir quando determinar.

— É já; estes ares não me agradam.

Cinco minutos depois, estava deserta a estrada; a justiça tinha partido, e o cadaver foi conduzido para a sepultura.

Ora, os dois estudantes não estavam satisfeitos; o mestre Aniceto contou-lhes tudo, e mostrou-lhes o mau boca-

do de que os salvara, devido ao credito que as suas opiniões mereciam.

Que circumstancias, porém, levavam este homem a protegel-os? Se nunca lhes fôra hostil, tambem não se lhes mostrava afeiçoado. E quando lhe perguntaram pelo seu amigo, deu-lhes a mesma resposta:

— Eu sei lá onde elle se aninha! não m'o perguntem... Nada sei... Naturalmente está gosando boa companhia, e por essa razão não se lembra de vossas mercês... Passem muito bem, e tenham juizo... que o Aniceto, nem sempre pôde valer aos seus amigos.

— Muito lhe agradecemos, e o nosso pobre amigo, onde está? Devemos participar ás auctoridades o seu desaparecimento?

O Aniceto meditou antes de responder, e disse-lhes:

— Não gosto de dar conselhos a quem dispõe de mais conhecimentos do que eu; mas emfim a minha experiencia suppre soffrivelmente a falta dos estudos, comquanto nos meus tempos estudasse alguma cousa do latim e do grego... Deixemos, porém, estas pequices; actualmente sou o que sou: um simples aguasil, um pobre diabo, que apenas manda alguns quadrilheiros... Os senhores pedem a minha opinião?

— Sim, senhor, não desejamos outra cousa.

— Pois faça-lhes a vontade. Não digam uma palavra que possa ligar directa ou indirectamente com os factos da noite passada; já lhes recommendei isto mesmo; e para homens intelligentes, não é necessario mais nada; acrescento, todavia: Previnam-se contra os amigos traidores; livrem-se do marquez de S. Mauricio, e creiam que é peor do que Judas, e mais cruel do que Nero. Para chegar aos seus fins, não duvidará saltar por cima de um monte de cadaveres.

Comprimentou-os, e retirou-se como entrara.

Os dois amigos ficaram fulminados, e com a razão quasi perdida; n'esse dia não saíram de casa.

Dominados pelo terror, em vista do que lhes dissera o Aniceto, em tudo achavam uma causa que lhes avivava as dores moraes que experimentavam.

Seriam oito horas da noite, uma voz desconhecida perguntou :

— Estão em casa os srs. Antonio Pinto e fr. Rodrigo da Encarnação ?

— Sim, senhor, responderam elles.

Abriram a porta, e deram com uma especie de lórpa, que lhes sorria de uma maneira bonacheirona.

Era um typo original; mais baixo do que alto, com os cabellos emmaranhados e caídos para a testa; trazia uma vestia esverdehada, uns calções da mesma côr, e um capuçõ agudo na cabeça.

Apresentou-lhes uma carta e disse :

— Não tem resposta, meus senhores, visto serem as pessoas que procurava. Passem muito bem.

E sem esperar que lhe dirigissem qualquer pergunta, retirou-se.

Os dois estudantes fecharam a porta, correram os ferrolhos, e disseram logo que se affirmaram na letra :

— Esta carta é de D. Raymundo ! Vejamos o que diz :

Antonio Pinto abriu o sobrescripto e leu o seguinte :

« Meus amigos, estou salvo de um grande perigo, graças á intervenção generosa de dois desconhecidos; e a elles devo não ter sido assassinado. Estou em Condeixa a velha, n'uma casa, já bastante arruinada, que fica á esquerda, logo á entrada. Tenho muito que lhes dizer, e grandes revelações a fazer-lhes. . . Venham amanhã sem falta, que os espero. — D. Raymundo da Gama. »

— A letra é d'elle, disse fr. Rodrigo, e nós devemos partir sem falta, pelas seis horas da manhã. Que te parece, Antonio Pinto?

— Seu da tua opinião; e é possível que o nosso commum amigo nos dê a chave, de todo este complicado enygma.

No dia immediato, ao despontar da aurora, quando o sol com os seus raios dourados toucava as altas franças dos roblez e as cumiadas das montanhas, já os nossos dois sympathicos estudantes se tinham posto a caminho.

Para não darem que fallar aos curiosos, nem serem alvo de discussões grosseiras e de corollarios ridiculos, para que todos ignorassem o seu destino, resolveram jornadaear a pé; era mais economico, mais prudente, e não menos hygienico.

Um unico pensamento os guiava: darem um amplexo de sincera amisade no seu amigo, e felicitá-lo por se ter livrado das mãos assassinas, que procuraram dar-lhe a morte.

Tambem lhes não era indifferente saber as cousas extraordinarias, que o seu condiscipulo lhes queria communicar; e beliscados pela curiosidade, avançavam pela estrada com passo estugado.

As oito horas estavam em Condeixa; a casa que procuravam era a unica que se erguia na entrada, não tinham pois que errar.

Bateram n'uma porta carunchosa, e o mesmo sujeito que fôra portador da carta, vein recebê-los, dizendo-lhes:

— Entrem, meus senhores; o sr. D. Raymundo espera por vossas senhorias.

O homem soffrera completa transformação! Já não era o mesmo lorpa de maneiras acanhadas! Mas não obstante, a sua radical modificação foi conhecido.

Os dois amigos seguiram-n'o; atravessaram uma espa-

cie de vestibulo muito arruinado, e subiram uma larga escada de cantaria, ameaçando um completo desabamento.

Pelas paredes derrocadas saíam algumas plantas parasiticas, que cresciam e trepavam pelas vetostas abobadas.

Um silencio sepulcral reinava por toda a parte; e apenas se ouvia por vezes, o assobiar do vento, através das espaçosas fendas abertas na cantaria.

Depois de terem vencido tres compridos lanços de escadas, entraram n'um vasto salão, que em épocas remotas teria sido esplendido.

As janellas faltas de vidraças, com as portas carunchosas, e as paredes denegridas, apresentavam um aspecto lugubre e menos animador.

— Mas para onde vamos ? perguntou Antonio Pinto.

— Ao encontro do sr. D. Raymundo, que os aguarda com impaciencia. E eu já os esperava, tanto assim, que não lhes foi necessario bater mais de uma vez á porta. . .

— Pois vamos lá, redarguiu fr. Rodrigo, que comquanto fosse dotado de um espirito forte, nutrio o receio de tambem terem caído n'uma cilada.

Da sala passaram para um quarto, um pouco mais confortavel; na frente havia uma porta que dava para um corredor, que atravessaram em toda a sua extensão.

No topo estava um reposteiro, que o desconhecido correu, dizendo :

— Entrem, meus senhores, que sua excellencia está ahí.

Abriu a porta, convidou-os a entrar, e disse :

— Não tenham receio.

Ouviram-se tres gritos simultaneos.

D. Raymundo estava deitado n'uma cama, com a cabeça envolta em pannos manchados de sangue. Tinha um braço ligado e suspenso ao pescoço, por um lenço de seda es-

curo. Estava pallido, abatido, e revelava ter soffrido bastante.

— D. Raymundo, nosso bom amigo, até que te encontramos...

— Antonio Pinto, fr. Rodrigo, quanto tenho soffrido em menos de quarenta e oito horas!...

Foram estas as palavras que os tres mancebos pronunciaram, abraçando-se com estremecido affecto.

— Mas que significa tudo isto? perguntou fr. Rodrigo com o peito offegante, e ainda não de todo tranquillo.

— Desejam ter a explicação de tudo isto? Têm razão, se bem que pouca cousa lhes posso contar... Affianço-lhes que fui victima de uma traição ignobil, e do meu genio estouvado. Já era tempo de ter juizo. Fui salvo de um perigo terrivel, mas tudo é um mysterio, porque não posso comprehender como essas cousas correram.

— É celebre! É realmente estupendo o que dizes! Pois effectivamente não sabes quem foram os teus salvadores, nem os teus assassinos? perguntou Antonio Pinto.

— Acredita, proseguiu D. Raymundo, que se não tivesse a consciencia de que estou acordado, convencer-me-ia de que estou sonhando ha mais de trinta e seis horas...

Em seguida, os dois amigos contaram-lhe as singulares peripecias d'essa noite fatal, e quanto lhes acontecera no dia immediato; não omitindo o procedimento do Aniceto Parreira.

D. Raymundo prestou-lhes a maior attenção, e respondeu:

— A mim é que pertence agora contar-lhes o que me succedeu; e verão que tenho causas sufficientes para andar com a cabeça ás aranhas. Meus amigos, conhecem a Maria Rachel, uma bonita mocetona, que foi amante de D. Ignacio, marquez de S. Mauricio?

— Sim, conhecemos. Mas para que vem essa mulher aqui? Que representa n'este drama?

— Eu lhes digo. Não ignoram que sempre gostei muito d'ella; e até lhe fiz differentes propostas que regeitou.

— Não sabíamos, porque nunca o disseste. Mas o marquez devia ter grande ferro?

— Tinha.

— Diabo, disse Antonio Pinto. Agora já vou percebendo alguma cousa... Está claro como agua; a inimidade do marquez, não se fundava tão sómente na mystificação que lhe fizeste, outra era a causa...

— É como dizes, meu amigo; e preparem os ouvidos para ouvir o resto, que não é menos interessante. O marquez partiu, como sabem, cousa a que não liguei importancia alguma; e bastantes dias decorreram sem me lembrar da Rachel. Antes de hontem, porém, recebi um bilhete d'ella, em que me pedia uma conferencia, dizendo que me esperava proximo á ponte, das sete para as oito horas da noite. É ocioso dizer-lhes que não faltei, e que até recebi com satisfação o convite. E disse com os meus botões: «A pobre da rapariga, como o marquez se retirou, está a tinir, vamos a aproveitar as suas boas disposições.» Não lhes disse nada, e á hora que me indicara parti para a ponte. Lá estava, não me tinha enganado.

— Depressa, sr. D. Raymundo, venha d'ahi, olhe, vem lá adiante um senhor estudante...

— Estás muito recatada, pequena! Ora, vamos lá, fica certa que não mandarei dizer nada ao marquez.

— Póde mandar dizer o que quizer, porque tudo acabou entre nós.

— E assim proseguimos pela estrada, até que voltámos para uma azinhaga que fica á esquerda. A noite ia bastan-

te adiantada; estava escura e medonha, não se sentia cousa alguma, além do brando siclar das arvores. Parei e disse-lhe: Para onde me levas? Pois agora moras tão longe da cidade?

— Não, senhor; procuro um sítio ermo, onde possamos estar á nossa vontade...

— Como sabem, nunca fui medroso, e não nutri a menor suspeita; se bem que o caminho que seguíamos já era desconhecido, e eu ignorava onde estava; tornei a parar, e disse-lhe pela segunda vez: Mulher ou demonio, que intenção é a tua? A resposta foi uma gargalhada diabolica que me fez arripiar. Estava desarmado, e foi então que me reprehendi pela minha imprudencia; era tarde... A Rachel desaparecera! Sumira-se como por encanto, mas vi na minha frente tres homens armados de varapaus, que me disseram:

— Vamos, meu fidalgo, o logro não foi mau...

— Mas quem são? Que me querem?

— Boa pergunta... Queremos cumprir as ordens que recebemos, e ganhar o dinheiro que nos prometteram.

— Senti uma grande pancada na cabeça, que me fez vergar os joelhos. Atirei um pulo para trás; enrolei a capa no braço, e cobri-me como pude, para não ser barbaramente assassinado. Mas as pauladas choviam sobre mim; já tinha a cabeça rachada não sei em quantas partes... O braço esquerdo estava derreado, e eu escorrendo sangue; foi então que me considerei morto. N'este momento, porém, senti o galope fernetico de um ou mais cavallos... Mas como caí sem sentidos, ignoro o que succedeu depois...

— É singular! E não conheceste os teus salvadores?

— Não, e já lhes disse que perdera os sentidos.

— Mas ainda não sabes quem elles são?

— Sei e não sei.

— Ora essa ! Agora é que não percebemos nada.

— Vão perceber : os meus salvadores são os músicos ambulantes, que nós protegemos contra o corregedor com a celebre mystificação que lhe preparámos. Todavia, o que lhes afianço, é que não são pobres ; dispõem de grandes recursos, e parecem-me boas pessoas. Tenho fallado com elles, e sempre fico penhorado pela maneira por que se conduzem commigo.

— Dá licença, D. Raymundo ? disse um individuo que se achava entre portas.

Os dois amigos cravaram n'elle vista acerada, e reconheceram, que era o mesmo estrangeiro que lhes fôra agradecer.

— Entre, sr. D. Francisco Vellasco ; são os meus amigos que chegaram ; estavam cheios de cuidados.

— É natural ; nós já nos conhecemos. Agradeço ao Eterno, a occasião que nos proporcionou de lhe prestarmos um serviço. E hoje, como em tempo, digo-lhes que os Homens da Cruz Vermelha, nunca olvidam os benefícios que lhe fazem.

D. Raymundo, proseguiu elle, aguardava pela presença dos seus amigos, para lhe fazer algumas revelações importantes. . .

— Senhores, tomem nota do que lhes vou dizer, e lembrem-se no futuro d'aquelles, que comquanto calunniados, e mais de uma vez perseguidos, o seu lema é fazer o bem pelo bem.

Fez uma pausa e proseguiu :

— Fiquem sabendo, meus senhores, que quem mandou assassinar o sr. D. Raymundo, foi o marquez de S. Mauricio ; fez da Rachel um instrumento, e como a miseravel é dotada de uma alma torpe, acceitou o papel que o covarde indigno lhe distribuia.

— Mas como soube o senhor isso ?

— Sei, porque o sei ! Não me perguntem mais nada ; mas acreditem, que aos homens que vivem associados, e pelo mundo espalhados, nada se esconde . . . Constatou-me este crime, assim como tenho conhecimento de outros muitos . . . E se desejam que mais alguma coisa lhes diga do marquez, declaro-lhes que partiu para Lisboa, porque seu pae lh'o exigiu, ao participar-lhe que a marquezia, sua madrasta, estava gravemente enferma . . .

Os jovens, surpresos, maravilhados, offegantes e como suspensos, ao ouvirem as ultimas palavras de D. Francisco Vellasco, disseram em côro :

— Vamos, senhor, prosiga, pedimos que nos conte tudo, que no futuro nos possa servir de guia.

— Pois faço-lhes a vontade, e preparem-se que vão ouvir cousas extraordinarias : O marquez de S. Mauricio não ignora que sua madrasta fez um testamento cerrado que lhe não convém, se bem que mais tarde lhe pôde aproveitar. Não sabem isto, senhores ?

— Não, ignoramos completamente esse facto.

— Assim é, porque bem poucas são as pessoas que d'elle tem conhecimento. A marquezia morre, tem um padecimento que a ninguem perdôa, soffre de uma lesão organica, que em menos de quinze dias lhe abrirá a sepultura. D. Raymundo não tem um sobrinho, joven, que quando muito contará dezoito annos ?

— Pois conhece a minha familia ?

— Toda, respondeu D. Francisco friamente, pela mesma razão que não ignoro muitas outras cousas que respeitam a estes senhores : um é da provincia de Traz-os-Montes, o outro nasceu em Lisboa. Será isto verdade ? Não lhe parece que estou ao facto de tudo ?

— É, sim, senhor, responderam Antonio Pinto e fr. Rodrigo da Encarnação.

— Mas que principiou a dizer a respeito de meu sobrinho? perguntou D. Raymundo.

— Ah! já me esquecia, digo-lhe que talvez seja origem de grandes dissabores; e mais de que vossa excellencia, estou ao alcance de muitas cousas que ignora... O marquez é um espirito infernal, uma alma depravada, saturada de quanto é mau... Não sou propheta, meus senhores, nem tenho o dom da presciencia, porque esse attributo só a Deus pertence. Mas lembrem-se do dia de hoje e do que lhes disse; porque a prevenção é bom principio de defeza... Não descural-a, é dever de todo o homem sensato...

-- Mas o marquez, esse homem que se ergueu ante mim, e me feriu traiçoeiramente, que podemos esperar d'elle?

— Tudo que não for bom... Não lhe devo declarar mais do que isto, e oxalá que os senhores se compenetrem da verdade... Até logo, meus amigos, por hoje são meus hospedes, permittam-me, pois, que me retire, para dar algumas ordens indispensaveis.

D. Francisco retirou-se, depois de comprimental-os com soberana cortezia.

Os mancebos permaneceram silenciosos alguns minutos, não podiam comprehender aquelle homem extraordinario, especie de semi-Deus, que tudo sabia e previa!

Maravilhados, duvidando da realidade, debalde se lançavam em mil conjecturas, porque o resultado era sempre o mesmo mysterio... Permaneceram n'aquella casa quarenta e oito horas, e durante esse periodo, grandes segredos e altos mysterios profundaram.

Mas que fizeram? Que factos maravilhosos conheceram? Não sabemos. O que affiançamos aos leitores, é que os la-

ços de amizade com D. Francisco Vellasco e com os seus companheiros, foram apertados, e que desde aquelle dia deixaram de ser estravagantes e trocistas; e até completarem a sua formatura, os tres amigos foram modelo de moderação e seriedade.

Como se operou uma similhante transformação? Mais tarde o saberão os leitores, se tiverem a bondade de nos aturar.

CAPITULO IV

Regresso a Lisboa

Emquanto em Coimbra se davam os fataes acontecimentos, que fazem parte do ultimo capitulo, iremos occupar-nos do muito nobre marquez de S. Mauricio.

D. Ignacio deixara preparada a sua indigna vingança, e partiu para Lisboa, convencido de que em breve receberia o derradeiro suspiro de sua madrasta, cousa que em nada o incommodava.

E como tinha o seu plano traçado e reflectido, aguardava os acontecimentos, que no futuro obedeceriam á sua insistente vontade.

A marquez de S. Mauricio, D. Luiza, achava-se gravemente enferma, e não lhe restava duvida alguma, de que a sua existencia era um problema de immediata solução.

Seu marido, que a amava com estremecido affecto, sof

fria ao ver que a malaventurada senhora se definhava lentamente, que de dia para dia a vida lhe fugia, sacudida pela doença.

Ella todavia permanecia tranquilla e resignada; é certo, porém, que quando fixava sua filha, uma lagrima de dôr e de tristes presentimentos lhe rolava pelas faces, defecadas e de todo desbotadas.

E sempre n'essas occasiões exhalava um gemido plangente, dizendo para Deus e para si, no mais intimo da alma:

— Senhor! Porque me arrebatades a vida, deixando esta pobre filhinha sem amparo? Qual será o seu futuro? É rica, formosa, tem virtudes; mas será isto o sufficiente para ser feliz? Não me parece; porque o mundo é perigoso, e os homens são injustos e poucas vezes consideram o que é santo...

Depois d'estas e de outras reflexões, um pensamento lhe vinha, que em parte neutralisava as suas cruciantes reflexões, e uma voz lhe dizia:

— Socega, fica-lhe um pae estremoso, um homem de bem, um character leal, com um coração de ouro. Mas o marquez tem mais de sessenta annos, pôde morrer, e para isto succeder não é necessario muito...

— Meu Deus valei-me, voltava a pobresita a exclamar, e mais lagrimas lhe banhavam o rosto.

No meio, porém, d'estas longas e atrofiantes recordações, uma outra voz lhe segredava aos ouvidos um nome! Parecia-lhe que um anjo e um demonio lhe bradavam ao mesmo tempo:

— E D. Beatriz não tem um irmão, que ha de amal-a e protegê-la? Descança, socega coração afflicto, tem confiança n'esse moço, que lhe servirá de pae...

É certo, porém, que se estas palavras lhe soavam ridentes, outras bastante fatidicas lhe diziam :

— Livra a tua innocente filha da perniciosa influencia de seu irmão ! Acredita que é o seu mais implacavel inimigo ; e não duvidará appellar para o crime, se lhe for necessario, para chegar aos seus fins...

E então a malaventurada mãe, com o coração esphacelado, e o espirito abatido, levava as mãos ao peito, como desejando sustar a marcha veloz da doença, que a definhava ! Parecia-lhe que assim não deixaria avançar a morte, que desapiadada caminhava, com a certeza do triumpho...

Um grito afflictivo lhe saía então do peito ; faltava-lhe o ar, sentia os pulmões comprimidos, a circulação do sangue quasi paralizada, e o encephalismo embotado.

Uma tosse secca e cruel se lhe seguia, e nos labios decórados, resequidos pela febre, assomava uma escuma de negrida !

Levava o lenço á bôca, e ao retiral-o, vinha manchado de sangue...

Deixava então pender a cabeça, cerrava os olhos á luz, e recolhia o espirito, que queria voar para Deus...

A lucta da duvida e do receio que lhe inspirava o futuro de sua filha, recommençava com a mesma tenacidade ; tinha, porém, o mesmo limite fatal, porque a enfermidade recrudescia, roubando-lhe mais alguns minutos de existencia...

Dolorosa situação ! Triste condição humana, porque a intelligencia que de Deus recebeu, é o seu mais cruel castigo e o seu inimigo mais perigoso.

O marquez soffria com a enfermidade de sua esposa, e depois de consultar os medicos, não lhe restou esperanza alguma. Abraçou a innocente filha, e com os olhos rasos de lagrimas, disse-lhe :

— Minha filha, é necessario que te prepares para o cruel golpe que breve nos ha de ferir...

— D. Beatriz, teria quinze annos, era um anjo de belleza, tanto no phisico como no moral.

Era de estatura acima do mediano, com o corpo gentil, flexivel e delicado; o bem modellado dos seus contornos, mostrava, porém, que quando a creança fosse mulher, seria de admiravel formosura.

Tinha os olhos verdes-escuros, o cabello castanho-claro, a bôca pequena, os labios rosados, e uns dentes de alvura deslumbrante.

Possuindo uma intelligencia clara, a sua educação era superior á idade; e tudo que lhe ensinaram comprehendeu e utilisou. Sem ser orgulhosa, sabia respeitar-se; tinha um coração compassivo, e amava os pobres, como o Eterno as suas criaturas e a virtude.

A joven, ao ouvir as palavras de seu pae, comprehendeu todo o seu infortunio. Uma torrente de lagrimas lhe banhou as faces, e nos seus braços, associou-se á dôr que lhe cruciava o espirito.

— Pae, não chore, porque Deus é justo, e ainda não se esqueceu de fazer milagres...

— Assim é, minha filha; e seremos dignos d'essa preferencia? Devemos estar preparados para o peor, porque, infelizmente, as predições da sciencia hão de realisar-se...

A joven curvou a cabeça. Do peito saíu-lhe um gemido, que bem demonstrava o estado do seu coração.

— Mas que disseram os doutores?

— Que a senhora marquezia não teria quinze dias de vida...

— E a mamã sabe isso?

— É a primeira que não se illude... Vou escrever pa-

ra D. Ignacio, é necessario que regresse de Coimbra, em vista do estado em que se acha sua excellencia.

O marquez escreveu para seu filho, que recebeu a carta, como os leitores sabem, e poz-se a caminho no dia immediato para Lisboa.

D. Beatriz não aborrecia seu irmão, sem todavia lhe dedicar grande affecto.

N'aquelle espirito juvenil, docil e dedicado, não se albergava um pensamento bastardo, comtudo um presentimento vago, que não podia definir, lhe bradava no intimo da alma, que em seu irmão teria sempre um inimigo implacavel.

No dia em que estas cousas se passaram, a joven foi de tarde dar um passeio pelo jardim; e ali, mais desafogadamente, entregou-se á dôr cruel que lhe finava a existencia.

D. Beatriz fôra, por assim dizer, educada com seu primo D. Alvaro de Mascarenhas, filho segundo dos condes de Montealvo, fidalgo de velha raça, d'esses que quebram mas não torcem.

D. Alvaro, desherdado da fortuna, dedicava-se á nobre profissão marítima, pertencia á armada real; e como guarda marinha, completara n'aquelle anno o curso; e logo que fizesse a sua primeira viagem de instrucção pratica, seria promovido ao posto immediato.

O joven guarda marinha era dotado de um coração leal, de um espirito recto e claro.

Fizera todos os exames de uma maneira brilhante; e sendo respeitado pelos seus condiscipulos, merecia a estima de quantos o conheciam.

Recommendado por uma physionomia sympathica, e sem possuir uma belleza feminil, podia chamar-se-lhe um bonito rapaz.

— Era alto, trigueiro, e os seus olhos rasgados e negros, imprimiam-lhe um aspecto marcial, que muito bem lhe assentava.

Dotado de uma força herculea, tinha a coragem do leão, se bem que o coração fosse bom e sensível.

Acostumado a ver todos os dias a sua linda prima, consagrava-lhe um amor idolatra, como se comprehende aos dezoito annos. E se lhe perguntassem :

— Se tua prima, em vez de ser herdeira de uma fortuna colossal, fosse pobre, dedicavas-lhe o mesmo amor?

A sua resposta seria :

— Ainda havia de amal-a mais, se isso fosse possível. Oh ! então é que a minha ventura seria completa, porque quando conquistasse as dragonas de tenente, offerecer-lhe-ia o meu nome honrado pelo trabalho.

D. Beatriz pagava-lhe com o mesmo affecto ; e aquelles dois corações puros, immaculados, veavam um para o outro. Comprehendiam-se, amavam-se mutuamente.

Pobres creanças, que não adivinhavam o futuro ! Que não pensavam n'elle . . . ! É o que todos fazem na juventude, idade de ouro, onde só se vêem sorrisos, e se encontram flores, de aroma perfumado.

No dia em que D. Beatriz não via Alvaro, soffria, sentia um mau estar que não podia definir, pois lhe ignorava as causas.

Ao joven succedia o mesmo, sempre que não tinha a mesma ventura ; e não soffrendo menos, meditava mais.

No dia em que o marquez participou a D. Beatriz o estado de sua mãe, a joven, como dissemos, foi para o jardim ; e ahi, entregue á dôr, deixou correr as lagrimas.

Seriam quatro horas da tarde, D. Alvaro depois de com-

primenter o marquez, beijou a mão de sua tia, que lhe sorria como sempre, dizendo-lhe :

— Alvaro, vá ao encontro de Beatriz, e anime a pobre criança...

O moço retirou-se, a marqueza arrancou um suspiro plangente, e disse :

— Oh ! Meu Deus ! Porque me não concedeis mais tres annos de vida ? ! É tão pouco o que vos peço, Senhor ! Em tres annos este rapaz seria homem, e a minha filha teria n'elle um legitimo protector...

— Sim, D. Alvaro, ama Beatriz, e conheço que é correspondido ; é um joven de grande merecimento, e maiores virtudes...

— Morria assim descansada, não receiava pelo futuro da minha querida filha...

Alvaro, que não desconhecia o estado perigoso da marqueza, sentiu que as lagrimas lhe rebentavam dos olhos ; contrahiu-se, porém, para não lhe augmentar o soffrimento.

Dirigiu-se para o jardim, e encontrou sua prima debruço de um caramanchão ; ao vê-lo deu um grito, e lançou-se-lhe nos braços.

— Porque choras, minha querida Beatriz ?

— Pela mãã... Sabes, querido Alvaro, que não ha esperanças de salvação ?

— Ninguem, antes de ti, m'ô tinha dito ; todavia não me illudia com esperanças fallazes ! E teu irmão já foi provido ?

— O sr. D. Ignacio já deve estar no caminho de Lisboa ; porque o papé mandou-lhe dizer o estado em que a mãã se acha.

O joven cravou os olhos em sua prima, e perguntou-lhe :

— Saber-me-has dizer a razão porque fr. Leonardo, confessor da senhora marquezia, lhe aconselhou que fizesse um novo testamento?

— Que pergunta, meu primo, eu sei porventura alguma coisa a esse respeito? O que me preocupa e penalisa, é o seu estado; do mais não quero saber.

— Fazes mal... Emfim, és uma joven inexperiente, e na candidez poetica da tua alma, nunca entrou um pensamento reservado; mas eu que tenho mais idade, que me dedico ao estudo, que leio muito, penso por differente maneira...

— Em que pensas tu? perguntou a joven com curiosidade infantil.

— Penso... não te quero dizer... e para que te serviam as minhas confidencias?

— Se o teu coração está cruciado, o meu não o está menos; pois bem, reunamos as nossas dôres, e soffreremos ambos. Compartilharemos os mesmos dissabores, e lutarremos juntos...

— Assim é, mas...

— Mas o que? Estás hoje de uma reserva exquisita, quasi chimerica...

— Ouve, Beatriz, o que desejo dizer-te, só a nós interessa.

— Mais uma razão para seres expansivo; e não sei porque te mantens n'esse retraimento.

O mancebo cravou os olhos no chão; desejava confessar a sua prima, que sentia por ella um sentimento differente d'aquelle que dedicava a seus paes, e ás mais pessoas que amava; irresoluto, sem atinar com o que queria dizer, sem saber por onde havia de principiar, permaneceu silencioso alguns momentos.

D. Beatriz, conquanto fosse uma creança, era uma filha de Eva, e na sua inexperiencia teve um presentimento... Quasi que adivinhou o que seu primo lhe queria dizer.

— Ora vamos, meu querido Alvaro, então que pretendes declarar-me?

— Eu sei lá! desejo dizer-te, que quando não te vejo estou triste...

— Isso tambem a mim acontece; e o que não posso é explicar-te as causas... É certo, porém, que tenho vontade de chorar, quando me lembro que has de fazer uma viagem longa, e que estarei muito tempo sem te ver.

Nos olhos de D. Alvaro assomaram algumas lagrimas; a joven perguntou-lhe com affecto estremecido:

— Porque choras? Não és feliz? Tambem eu o não sou... Não sei o que me adivinha o coração... Ouve, vou fazer-te uma confidencia, mas reserva para ti o que vou contar-te.

— Sim, farei o que desejas; bem sabes que desde pequenito, nunca tive outra vontade que não fosse a tua.

— Pois vou dizer-te que tenho medo de meu irmão...

— Que lembrança! Porque has de recear d'elle?

— Não sei; e vou ainda declarar-te o que lhe ouvi dizer ha cinco annos, estando a conversar com fr. Leonardo, o confessor da mamã. Eu andava a brincar no jardim, por detrás das moutas de buxo, e ouvi-lhes dizer o seguinte:

— Então que lhe ha de fazer, querido marquez? Sua irmã é a herdeira universal de sua mãe, e não vejo meio de transtornar uma ordem de cousas estabelecidas por lei.

— Assim é, e se fr. Leonardo tem bastante influencia no animo de minha madrastra... Prepare-lhe a consciencia em meu proveito.

— Nada conseguirei, porque estremece a filha.

— Pois o demónio que a converta, visto que o reverendo nada pôde fazer...

D. Alvaro, não obstante contar apenas dezoito annos, possuia um caracter grave e reflexivo; prestou grande attenção ás palavras de sua prima, e admirou aquella creança tão joven e tão intelligente.

— Minha querida Beatriz, o que acabaste de contar-me é grave; e tens a certeza que ouviste bem, que não te enganaste?

— Afianço-te que ouvi estas palavras, e gravei-as no intimo da minha alma; já decorreram cinco annos, mas se eu vivesse mil, não as esqueceria.

— E porque não contaste isso ao tio?

— Não; sou uma creança, não tenho experiencia do mundo, se bem que não deixo de comprehender, que dizendo-lh'o, commettia uma grave imprudencia.

— Porque?

— É claro, o papá interrogava fr. Leonardo, que negava tudo, era acreditado, e eu ficava com a reputação de novelleira. Ora ainda isto não era tudo: se meu irmão não me é affeiçãoado, muito menos ainda o ficava sendo.

O joven curvou a cabeça, reconheceu que tinha rasão, e mais uma vez admirou a sua intelligência.

— Pois minha Beatriz, sou muito rapaz, mas hei de chegar a homem, e então, minha querida, se necessitares de um irmão, conta commigo.

Os dois jovens ficaram comprehendendo-se melhor desde aquelle dia, visto os seus corações terem affeições analogas e affectos reciprocos.

Emquanto os dois primos mantinham estas confidencias no jardim do marquez de S. Mauricio, que morava na

rua direita da Pampulha, pelas portas de S. Sebastião da Pedreira, entravam dois sujeitos.

Um vinha na frente, montava um cavallo rosilho, de raça de Alter legitimo; trazia vestuario de jornada, botas de canhão alto, chapéu de feltro, com a aba dianteira levantada; e ao lado pendia-lhe um grande espadalhão afforetado, que lhe apparecia por baixo de um amplo capote.

Atrás d'elle, seguia uma especie de laçao, trajando de uma maneira, que não sendo uma libré, tambem não era o vestuario de um campones. Vinha montado n'uma mula preta, de grandes orelhas, mas robusta, e de excellente andadura.

— Uma esmolinha pelo amor de Deus, meu nobre fidalgo, bradou com voz esganiçada um pobre velho apoiado n'umas muletas.

O viajante não parou, não lhe deu esmola, nem demonstrou prestar-lhe attenção. Seguiu para a frente, eram quasi cinco horas da tarde; e como corria o mez de novembro, não estava a noite muito longe.

O mendigo fez uma careta, esperou que passassem para diante, e disse com os seus botões:

— É o mesmo, não póde ser outro... Com estes signaes ainda não vi chegar pessoa alguma. Vejamos.

Puchou de um papel e leu:

«A pessoa que deve vigiar por ordem do nosso respeitavel irmão Confucio, tem os seguintes signaes:

Cabello ruivo, olhos azues, pouco sympathico, apresentando um aspecto mais orgulhoso do que nobre.»

— Está claro, é este com certeza; pois vamos saber o que faz.

Dito e feito; encostou-se ás muletas, dirigiu-se para a travessa do Pintor, e entrou n'uma estalagem e disse:

— Olá, amigo, abra a porta que deita para a cavallaria, que tenho pressa de me deitar.

O estalajadeiro abriu a porta, e o mendigo entrou.

Um quarto de hora depois, saía montado n'um macho cinzento, um almocreve, que seguiu na direcção do convento de Santa Joanna, levando o macho a trote largo.

Em frente da travessa da Natária, viu a pequena distancia os dois viajantes; regulou o passo do macho pela andadura que levavam.

Seguiram pela rua de Santa Martha, rua de S. José, Portas de Santo Antão, e chegaram ao largo de S. Domingos; pararam junto ao convento, e apearam-se.

O criado segurou no cavallo, enquanto que o amo batia á portaria.

— Quem está ahí? perguntou o irmão porteiro.

— O marquez de S. Mauricio, D. Ignacio.

O leigo abriu a porta e disse-lhe:

— Que pretende, excellentissimo?

— Está no convento o muito reverendo fr. Leonardo?

— Sim, senhor. Deseja fallar-lhe?

— Cheguei agora mesmo de Coimbra, e para isso é que estou aqui. . . .

— Entre, senhor marquez. E se não sabe onde é a cella do reverendo padre mestre, eu lhe ensino.

— Muito obrigado, não é, porém, a primeira vez que entro por estas portas.

— Então pôde seguir o seu caminho.

Enquanto o marquez atravessava os claustros em procura de fr. Leonardo, o almocreve que não o perdera de vista, apeou-se a pequena distancia, e guiando o macho pela redea, avançou até onde se achava o criado, e bradou-lhe:

— É, João dos Quintaes ! Que demonio fazes por aqui?...
Affirmou-se n'elle e disse :

— Oh ! perdão, amigo ! Enganei-me ! Diabo ! Ora esta !
Mas se você é tão parecido com um primo que tenho, e
que reside cá para a cidade... Desculpe se o offendi.

— Não, senhor. Vocemecê não me offendeu em nada,
um engano é sempre desculpavel.

— Tem você rásão ; e visto isso, se quer beber uma pin-
ga, vamos a isso, porque qualquer diabo lhe atira os olhos
para o gado...

— Pois vamos lá ; está mal dizer que não.

E na companhia do seu novo e improvisado amigo, en-
trou para uma taberna proxima.

Depois de enchugarem tres ou quatro quartilhitos de vi-
nho, o almocreve perguntou-lhe :

— O amigo é criado de algum fidalgo ?

— Sou, estou ao serviço do senhor marquez de S. Mau-
ricio, que chegou agora mesmo de Coimbra.

— Sim ! E porque veio ?

— Por estar a senhora marqueza a espichar a canella ;
mas o patrão antes de ir a casa, foi ter uma conferencia
no convento com o senhor reverendo Leonardo.

— Ah ! Então em vez de procurar o medico, leva-lhe o
confessor?... D'essa maneira conta com a morte como certa...

— Creio que sim, e até dizem, que não vive quinze
dias.

Ainda beberam mais algúas copitos; e como o desconhe-
cido sabia o que desejava, pagou a despeza e retirou-se.
Montou no macho, e ao trote tomou pelas ruas Nova da
Palma, da Mouraria, e dos Cavalleiros, até chegar á rua di-
reita da Graça.

Pelo caminho dizia :

— Já sei! Qual historia, não sei nada!... Mas porque desejará o irmão veneravel ser informado d'estas cousas? Emfim, elle que assim o quer, lá tem as suas razões.

Chegou junto de um portão largo, e bateu de uma maneira particular.

Sentiu ranger os quicios, se bem que não transpareceu um raio de luz.

— Quem está ahí? O que pretende d'esta casa? perguntou uma voz.

— Venho dar conta da commissão de que fui encarregado.

— Ah! É o irmão Annibal? Tem ingresso; o nosso veneravel está á sua espera, disse a mesma voz muito baixinho.

O homem subiu uma escada ingrime que lhe ficava á esquerda, e entrou n'uma sala allumiada por um candieiro de globo, onde se achava um sugeito, que teria sessenta annos, e escrevia a uma carteira.

Ao sentir passos, ergueu a cabeça, e cravou vista acera-da no bom do almocreve, que lhe disse:

— A pessoa que esperava esta tarde, chegou e entrou pelas Portas de S. Sebastião da Pedreira, ás cinco horas da tarde.

— E que signaes tem?

— Os mesmos que me foram indicados.

— E convenceu-se de que era elle?

— Sim, é o marquez de S. Mauricio.

— Para onde foi? Que destino tomou?

— Foi para o convento dos Dominicanos, creio que para ter uma conferencia com um tal fr. Leonardo.

— Tem a certeza d'isso?

— Tenho; foi o proprio criado que m'o declarou.

— Muito bem, irmão Annibal; é digno de louvor pela sua dedicação.

Reflectiu alguns momentos e proseguiu:

— Que significará isto? É realmente para estranhar, que fosse fallar com o frade antes de ir para casa... O testamento está feito, deixa-lhe metade da terça, para fazer parte da tutela... Diabo, n'isto ha necessariamente um pensamento reservado... É urgente prevenir D. Bonifacio de Alvellos, visto tanto se interessar por este negocio...

Depois d'este monologo, disse para o irmão Annibal:

— É conveniente vigiar o palácio do marquez, e saber as pessoas, que não sendo das suas relações, entram ou saem, percebe?

O homem retirou-se, o velho ficou entregue a uma serie de locubrações, e continuou:

— Não tem duvida, D. Bonifacio deseja saber todos os factos que podem segurar o marquez... Pois se elle é um renegado... Depois de ser iniciado nos nossos augustos mysterios, passou-se com armas e bagagens, se é que não era já um espião, combinado com a intendencia geral da policia... Fosse ou não, o caso é que nos atraiçoou, e só devido a um milagre, não fomos todos presos, incluindo D. Bonifacio. Pois é preciso pol-o ao facto da situação, vou escrever-lhe.

Puchou de uma folha de papel, e principiou a escrever, eram onze horas da noite.

CAPITULO V

Uma conferencia

Dissemos no capitulo findo, que o marquez de S. Mauricio atravessara os claustros em procura de fr. Leonardo. Chegou a uma porta e bateu; uma voz grossa e roufenha, perguntou :

— Quem está ahi ?

— Eu, fr. Leonardo.

Um jorro de luz transpareceu através das fendas da porta que se abriu, e um frade com um candieiro na mão, disse :

— Oh ! Ora ainda bem que chegou, meu querido marquez. Estava impaciente... Entre, temos muito que fallar sobre os nossos negocios, que não caminham, como era para desejar.

O frade que apresentamos aos leitores, teria quarenta e oito annos, era baixo, grosso, com um pescoço de touro, calvo e mal encarado.

Tinha a bôca grande, os beiços grossos, o nariz achata-do e vermelho como a crista de um gallo. N'aquelle focinho havia dois olhos pequeninos, vivos e maliciosos.

A moral d'este homem ainda era peor de que o phisico ; traíçoeiro, hypocrita e villão em todos os actos, era uma serpente tonsurada, um animal peçonhento, d'esses que

quando se encontram, esmagam-se debaixo do tacão da bota.

Os dois patifes não se abraçaram, nem deram reciprocamente o menor signal de que se estremeciam.

Para que? A estima e a amisade estava banida entre elles, que bem se conheciam.

Não se estimavam, nem se aborreciam! E se estavam ligados, era pelos interesses bastardos, pelos crimes que tinham praticado e projectavam levar a effeito.

Ora fr. Leonardo era um vulto importante na politica, dispunha de grande influencia, pelo zelo pharisaico com que defendia os interesses de Roma e as idéas absolutas, que se finavam de encontro á unidade dos principios liberaes, que a França levava a toda a parte.

A sua eloquencia estava a soldo; e do pulpito abaixo fulminava e calumniava todos aquelles, que commungavam idéas que não fossem as suas.

E sempre que o procuravam para uma infamia, achavam-n'o prompto.

Fr. Leonardo conduziu o marquez para uma cella onde trabalhava, e disse-lhe:

— Meu amigo, não ignora o estado de sua madраста, e pela minha parte, fiel aos nossos compromissos, fiz com que no ultimo testamento fosse contemplado com metade da terça. Ora depois d'isto, confesso-lhe que me assombrou ter-se mostrado menos satisfeito...

A physionomia do marquez ficou impenetravel! Cravou os olhos no frade, como se desejasse adivinhar o que se passava n'aquella alma... Conhecia o valor moral do seu cumplice, e por isso não acreditava na sua boa fé.

O frade supportou sereno aquelle olhar inquisitorial, e sorriu-lhe fazendo uma careta repugnante.

— Fr. Leonardo, cartas na mesa, e jogo franco.

— O senhor não é meu amigo, nem eu de si! Se temos caminhado unidos, é porque alvejamos o mesmo ponto; e no dia que os nossos interesses não sejam identicos, mandamos ao diabo a comedia que representamos, e cada um hostilizará como póder o amigo de hontem, e o adversario de hoje... Dito isto, é ocioso entrar em discussões improcedentes.

O padre comprimimentou-o e perguntou-lhe:

— Não me dirá a razão, por que lhe desagradou um legado que vale mais de dez mil crusados por anno? Sou da sua opinião em tudo que acabou de dizer; homens como nós, não se ligam pela amisade, porque só a conveniencia os faz marchar unidos.

— Ora, para que me pergunta a razão por que regeito o legado, se a comprehende tão bem como eu?

O frade encolheu os hombros, e respondeu friamente:

— É sublime de mais para a minha intelligencia...

— Sim! Ora para que são esses modos ingenuos? Que valem essas palavras?

— O que quizer; eu, porém, não posso adiantar mais.

— Percebo, o reverendo tem um fim: quer obrigar-me a declarar-lhe o meu pensamento... Faço-lhe a vontade.

— Pois acaba por onde devia ter principiado. E fazendo uso das suas palavras, digo-lhe tambem: Cartas na mesa, e jogo franco. Creio que nos vamos entendendo... Apresente a sua opinião.

O Marquez fez-lhe um signal com a mão e disse-lhe:

— Sr. fr. Leonardo, quando um homem nasceu nobre, mas pobretão, só tem dois caminhos a seguir, isto é: ou dá um tiro na cabeça, queima os miolos, e passa d'esta para melhor vida, se é que tal vida existe...

— Ora se é tolo faz isto, mas se tem juizo... o negocio é outro. Percebe o meu amigo?

— Vou percebendo, respondeu o frade, accommodando-se na larga poltrona e esfregando as mãos. Prosiga, querido marquez, vou tomando interesse pelo que me diz.

O marquez continuou:

— Ora eu estou exactamente collocado nas circumstancias especiaes que indiquei; nasci nobre, os meus pergaminhos são de velha data, mas a fortuna é demasiadamente exigua, para tão grande nobreza; e como não pertença á classe dos tolos, não me suicido, procuro, porém, a riqueza, que no fim de contas, é n'ella que reside a verdadeira fidalguia...

— Ainda não percebi onde quer chegar, nem vejo que isso justifique a sua recusa...

O marquez sorriu mephistophelicamente e respondeu:

— Acha isso? Quem o ouvisse e o não conhecesse, convencer-se-ia de que está fallando sériamente. Todavia, como quer os pontos nos *i*, digo-lhe que recusei o legado porque desejo mais... Ainda não digo bem: quero que toda a fortuna de minha madrastra passe para mim, como seu legitimo herdeiro...

O frade deu um pulo na cadeira, e disse-lhe com assombro:

— Que diz! Que diabo de lembrança é essa?... Como é que ha de tornar effectivo esse ideal?

— De uma maneira muito simples.

— Não sou da sua opinião... A marquezia tem uma filha, que é sua legitima herdeira, e não vejo meio de levar-a e persuadir-a a que a desherde; e quando o conseguissemos, não podia realisar isso, porque as leis do reino oppõem-se.

— Bem sei, e tudo podemos conseguir, se o reverendo me auxiliar. Previno-o, porém, que a marquezia não tem vida para muito tempo, e precisamos deliberar immediatamente.

— Pois explique-se, apresente a sua opinião.

— Póde, porém, contar, proseguiu o frade, que terá em mim um bom auxiliar, mediante a retribuição a que tenho jus pelo meu trabalho. Bem sabe que aquella querida Joanninha é de uma exigencia atroz...

O marquez sorriu e respondeu :

— Fique certo que não terá rasão de se queixar de mim. Ora diga-me : Sabe quanto rendem os bens vinculados da casa do Prado ?

— Entre oito e dez mil crusados por anno.

— Muito bem, e a quanto chegam os rendimentos dos bens livres ?

— A mais de noventa mil crusados.

— É uma conta excellente... Ora, diga-me, posso contar com a sua influencia no animo da marquezia ?

— Póde; sempre dominei aquelle espirito fraco e timido. Como sabe, fui eu que fiz o casamento com seu pae, que não me comprehendeu, e seguiu as suas idéas. Em vez de se prestar aos meus conselhos, repelliu-os ; e não tendo cabeça para governar cousa alguma, convenceu-se de que podia dispensar-me...

— Sim, e foi por isso que o senhor se voltou para mim...

— Assim é, para que lhe hei de negar uma cousa que o senhor conhece muito bem ? Vamos, porém, ao que interessa... Diga quaes são as suas idéas...

— É o que vou fazer. Poderemos confiar no tabellião João Anastacio ? É homem habil ? decidido ? D'estes que não se prendem com teias de aranha ?

O frade passou a larga e cabelluda mão pela cara, meditou um pouquinho, e respondeu :

— João Anastacio é um tratante de força maior, mas como todos os velhacos, tem a veleidade de querer passar por homem de bem. N'este seu procedimento, porém, não veja vossa excellencia o menor vislumbre de honradez ; o fim que mira, é vender os seus serviços por melhor preço. . .

— Mas podemos contar com elle ?

— Sim, temos porém que esperar alguns dias, até que se resolva. . . Todavia, é certo, que quem sabe esperar, sabe vencer. Póde contar com o homem.

— Visto tudo estar combinado, é conveniente que lhe trace o meu plano, para que faça justiça a esta cabeça, que sendo refractaria para os estudos do direito romano, tem excellentes concepções.

— Pois diga, já não é cedo, e creia que estou ancioso por ouvi-lo.

— Se diz isso por ironia, declaro-lhe que não tem razão.

— D'essa maneira, e appellando para tantas transversações, nunca chegaremos á solução logica do importante problema, disse o frade.

O marquez sorriu de uma maneira equivoca, cousa que lhe não passou desapercibida, e disse com os seus botões :

— És um grande patife, mas não me enganas. . .

O marquez proseguiu :

— A idéa que tenho, e que discuti reflectidamente, é muito simples. Fr. Leonardo dirá amanhã á senhora marquez, que lhe escrevi, declarando-lhe que não acceito o importante legado ; e que gratuitamente me presto da melhor vontade a fazer parte da tutela de minha estremecida irmã. Procure occasião de meu pae estar presente para

dizer isto; não tire corollarios, deixe que elle na melhor boa fé, se encarregue de o fazer. Todos louvarão o meu desinteresse, e o senhor insta com minha madrastra para fazer novo testamento. João Anastacio comparece com o seu livro de notas, apresenta-se no palacio, mas no livro vem já escripto um testamento, que terá a seguinte clausula : «Que é vontade da senhora marquezza, que todos os bens livres, direitos e acções que a estes respeitarem, fiquem a sua filha D. Beatriz, mas que se esta fallecer solteira, ou desejar entrar n'um convento para professar, passem para o seu muito amado esposo, o senhor marquez de S. Mauricio, e que seu filho será d'isto o seu legitimo herdeiro.» Percebeu agora o meu plano?

— Muito bem; na pratica, porém, tem algumas durezas...

— O senhor está difficil de contentar; então que inconvenientes lhe acha?

— Eu lhe digo: a senhora marquezza tem muita boa fé, mas não é tola; e como poderá o mestre Anastacio fingir que escreve, por maneira que não se denuncie?

— Mas elle escreve... Sim, em vez do testamento, faz uma escriptura, em que me confesso devedor ao muito reverendo fr. Leonardo, da quantia de cincoenta mil cruzados...

— Vou percebendo, e vae-me agradando a sua idéa. Conte que ha de realisar-a; precisamos, todavia, que seu pae ignore estas cousas; é necessario empregar um pretexto para affastal-o. E confesso-lhe, meu caro marquez, que a idéa é magnifica; porque enquanto a senhora marquezza dita a sua ultima vontade, mestre João Anastacio escreve no livro a escriptura de divida... Sim, depois metto-lhe a pena na mão, e ella assigna sem ler.

— Com que então agradou-lhe o meu pensamento?

— Sim, e seria muito mau de contentar, se exigisse mais. É certo que ainda nutro algumas duvidas, e como os nossos interesses são communs, discutiremos francamente, porque a discussão é a luz, e sem luz não ha razão....

— Diga e creia que não tenho a louca pretensão de me julgar infallivel.

— De que lhe serve o testamento nos termos que o concebeu?

— De muito: é o meu futuro de grandeza...

— Mas sua irmã? Tem a certeza que morrerá solteira, ou que entrará para um convento como religiosa? Parece-me que não tenciona nem uma nem outra cousa...

— Ha de mudar de opinião, respondeu o Marquez, com um sorriso medonho. Se não quizer um convento para viver, terá a sepultura para descansar eternamente...

— Ainda lhe faço outra observação: Sabe que sua irmã ama D. Alvaro de Mascarenhas?

— Sei, mas esse supprime-se facilmente.

— Irra, bradou o frade, o senhor não é de meias medidas, vae ás do cabó...

— Para os grandes males, os remedios energicos são a verdadeira therapeutica...

Fez uma pausa; cravou vista acerada no frade, e perguntou-lhe:

— De quantos dias necessita para resolver o mestre Anastacio?

— De tres; findos que sejam, ao senhor pertence affastar seu pae.

— Muito bem; não descure este negocio, lembro-lhe que sua excellencia, em menos de quinze dias será cadaver. E

se nada mais tem que me dizer, retiro-me, porque são quasi onze horas.

O frade não se levantou, olhou para elle fixamente e disse-lhe :

— Ainda não está tudo resolvido : Saiba que D. Francisco Vellasco, esse endemoninhado, que é chefe dos *franco-maçons*, escapou-se de Lisboa, e a policia perdeu-lhe a pista...

O marquez tremeu instinctivamente, empallideceu e disse com voz estrangulada :

— Mas isso é horrivel ! Que diabo faz então a policia n'esta cidade ? Pois ainda não prendeu nenhum d'elles ?

— Se isso tivesse acontecido, já lh'o teria mandado dizer. Ora o senhor intendente geral da policia, aproveitando a sua denuncia, ha seis mezes que anda atrás d'elles, mas sem o menor resultado.

— E a casa onde se reuniam, a Santa Isabel, não foi cercada ?

— Foi, nada, porém, se encontrou, e apenas algumas cruzes vermelhas se acharam pintadas pelas paredes.

— Diabo, isso é horrivel ! Aquelles malditos hão de estar furiosos contra mim... E o caso é, que quando juram qualquer vingança, não a esquecem facilmente. Mas para onde foi o tal chefe, que o diabo confunda ?

— A unica cousa que se poudo colher, foi que saíra para uma das provincias do norte.

O marquez, visivelmente aterrorado, perguntou :

— E como souberam isso ? Porque não o prenderam ?

— Essas palavras são facéis de dizer, mas diffíceis de executar : não foi preso porque não foi encontrado, nem visto em parte alguma, porque o diabo que protege a seia, dá-lhes poder para tudo...

— Mas ignora-se onde actualmente está ?

— A policia anda desnorteada, e n'uma noite que cercava uma casa no Bairro Alto, quando os soldados regressaram para o quartel, o commandante e dois soldados, ao despirem as fardas, acharam uma cruz vermelha nas costas.

— É isso ! É o seu emblema, porque a cruz vermelha nos mantos brancos é o distinctivo do grau mais elevado. Mas ouça, tive uma idéa, já sei para onde elle foi. . .

— Pois sabe isso e está calado ! Diga, que o interesse é tanto meu como seu.

— O homem foi para Coimbra, na companhia de mais seis. . .

— Que diz ? Isso é sério ?

— É, e agora comprehendo o resto. . . Os taes musicos ambulantes bem me pareciam perigosos. . .

Em seguida, contou ao frade quanto os leitores sabem, não olvidando a mystificação que os tres estudantes fizeram ao corregedor. E proseguiu :

— É certo, porém, que D. Francisco, segundo todos affiançam, é ainda moço, apenas terá trinta e seis ou trinta e oito annos, e o tal mestre da musica não teria menos de cincoenta.

— Essa duvida não parece sair da sua cabeça. Elles, para se escaparem á policia, mudam de cara, de feições e de idade ! São uns Prutheus, uma especie de duendes, peores de que os diabos, baptisados. Mas á parte, que ninguém nos ouve : eu não creio nos taes sortilegios que imputam aos maçons. Acredito tanto que fallem com o diabo, como eu que nunca o vi. . .

Ora, enquanto os dois santos varões se entregavam a esta larga conversação junto á portaria do convento, alguns casos se deram que têm bastante importancia.

Antonio Bernardo, por alcunha o Pileque, era o feliz criado do muito nobre marquez de S. Mauricio; e assentado nos degraus de uma porta, descansava tranquillo, segurando pelas redeas as alimarias, que de Coimbra os tinham cendusido para Lisboa; e o pobre diabo pensava n'uma bella rapariga da aldeia, em que nascera.

Era mais de uma hora da madrugada, e o seu amo não apparecera ainda! A noite estava escura, os lampeões davam uma luz escassa, porque metade do azeite que deviam levar, ficava nas almotolias dos accendedores.

Não apparecia uma patrulha da policia, e as bodegas proximas tinham fechado.

Não muito longe do logar, onde o bom do Antonio Bernardo se entregava ás suas longas locubrações, estava um lampeão, as suas irradiações envolviam o moço namorado, que já por vezes dormitara para sonhar no seu amor. Era um meio engenhoso para gosar-o da maneira mais innocente.

Quando menos o esperava, sentiu uma voz de mulher que lhe dizia:

— Que fazes aqui? Pobre rapaz! Aposto que esperas por um amo desalmado, que nem ao menos pensa em ti? Ouve, acceita um bom conselho que te vou dar: vem na minha companhia, que offereço excellente hospedagem.

O Pileque não era um santo, inteiramente tolo também não, mas era desconfiado, como são todas as pessoas que têm pouco trato do mundo.

Afirmou-se na mulher, e aos raios espalhados pela luz, viu que era moça, bem trajada, e que nada tinha de feia.

— Mas eu não te conheço...

— Ora, que tem isso? Se não me conheces, ficas conhecendo-me.

— E o meu amo que dirá, não me achando aqui ?

— Ha de ralar, mas depois cala-se.

— Não é tanto assim, é capaz de me bater.

— Pois bate-lhe tambem...

— Eu bater em meu amo, no senhor marquez ! Ai que lembrança teve vocemecê...

— Pois o direito é igual...

— Isso é que não. Elle nasceu para mandar, e eu para obedecer.

— Vou acreditando que és um grande lorpa... Um toleirão...

A rapariga foi chegando-se, mas o Pileque não fugiu... A tanto não chegava a sua virtude.

— Então vens d'ahi ou não ?

— Não posso, bem ves que espero por meu amo ; e não hei de deixar aqui estes pobres animaes.

— Que não valem menos de que tu, que és um bruto, um cabeçudo ridiculo.

Ao mesmo tempo agarrou-se-lhe ao pescoço, e tapou-lhe a bôca.

Dois braços herculeos o seguraram, e com incrível rapidez sentiu as mãos e os pés amarrados.

Quiz desembaraçar-se e sacudir os seus oppressores; sentiu, porém, a ponta de um punhal na garganta, e a mesma voz de mulher que lhe dizia :

— Está quieto ! Ninguem te faz mal, tem juizo, aliás vaes cear com os anjinhos, grande pateta.

O Antonio Bernardo não era covarde, mas vinha a Lisboa pela primeira vez e teve medo. Depois de amarrado, tiraram-lhe o capote e o chapéu.

Um homem, que elle conheceu ser o almocreve que lhe pagara o vinho, agarrou n'elle e levou-o ás costas para as

trazeiras do edificio da inquisição, que se erguia, onde actualmente se acha o theatro de D. Maria.

A rapariga embrulhou-se commodamente n'um chale, assentou-se junto do pobre diabo, e disse-lhe :

— Socega, ninguem te quer fazer mal ; passas um mau bocado, mas não será por muito tempo.

O malaventurado Antonio Bernardo, o Pileque, não lhe respondeu, tinha a bôca amordaçada, e apenas exhalou um pequeno gemido.

O almocreve improvisado poz o chapéu da sua victima na cabeça, embuçou-se no capote, pegou nas redeas das cavalgaduras, e esperou pelo senhor marquez, que appareceu seriam perto de duas horas da madrugada.

Ouvindo resonar o criado, applicou-lhe um pontapé, e disse-lhe com aspereza :

— Levanta-te, grande animal ; é assim que cumpre as minhas ordens ?

O criado não respondeu, ergueu-se ; conservando o chapéu carregado na cabeça, seguiu no estribo, para seu amo montar, e seguiu-o a pequena distancia.

O marquez não foi para casa, não lhe convinha isso ; tomou por uma das ruas lateraes do Passeio, seguiu pela calçada do Salitre, chegou ao largo do Rato, e parou junto de uma casa de modesta apparencia.

Batteu primeira, segunda e terceira vez, e uma voz de mulher perguntou :

— Quem está ahí ?

— Abra, Thereza.

A porta abriu-se ; o marquez atirou com as redeas para cima do cavallo e disse para o criado :

— Vae guardar as cavalgaduras na estalagem da rua do Sol.

Mas elle não se mecheu ; metteu a mão no bolso e deu-lhe um papel dobrado.

— Pegue, deram-me isso para lhe entregar.

O fidalgo desconheceu a voz, e teve um presentimento occulto ; pegou na carta e perguntou fremente :

— Mas quem é você ? Que fez do meu criado ? Que significa isto ?

— Pergunte-o aos homens da Cruz Vermelha...

Deu uma gargalhada mephistophelica, e sumiu-se na volta da esquina.

D. Ignacio ficou aterrado, estatico e tremendo, como se fosse victima de um insulto intermitente.

Entre portas estava uma velha, com um candieiro de metal amarello na mão, que, não percebendo nada de tudo aquillo, disse :

— Então vossa excellencia não entra ? A senhora já estava com cuidado.

Elle, porém, não lhe respondeu ; deu muitas voltas ao papel que o desconhecido lhe entregara, sem encontrar uma solução que lhe dêsse a luz !

A velha, vendo que não lhe respondia, perguntou :

— Mas que tem o senhor marquez ? Então o diabo do moço safou-se e deixou aqui os pobres animaes ? Ai que tratante.

N'esta occasião uma rapariga bastante formosa assomou junto á porta e disse :

— Então que é isso ? Entre, senhor marquez ; bem sabe que não me convém que o vejam proximo d'esta casa...

O fidalgo dispertou como se tivesse saído de um sonho ! Aquelle homem era um dos seus inimigos, ou delegado d'elles. E que continha aquelle papel maldito ? Seria mais algum malificio ? Cambaleando como um ebrio, sem atinar

com o que faria, subiu a escada, entrou n'uma sala e atirou comsigo para cima de um sophá.

A velha, compadecendo-se dos animaes que ficavam desamparados, tomou-os pela redea e guiou-os para a estalagem, que não ficava distante.

O marquez proseguiu no mesmo estado de assombro, até ser despertado pela joven, que em pé, cravava n'elle vista acerada.

— Que tem? Que lhe succedeu? Falle, que me está incommodando com esse silencio.

D. Ignacio tomou folego e disse:

— Maldito papel! São elles que me perseguem, para se desforrarem por os ter denunciado ao intendente da policia... Joanninha, veja o que tem esse bilhete mysterioso, que já lhe conto o resto.

O covarde receando que a carta estivesse saturada por algum veneno subtil, tentava escapar-lhe por aquelle meio!

A rapariga pegou n'ella, chegou-se á luz do candieiro, abriu e deu um grito de surpresa:

— Que é, querida amiguinha?

— Veja! Mas que quererá isto dizer?

Uma cruz vermelha estava no centro de meia folha de papel, por baixo via-se escripto em caracteres da mesma côr o seguinte:

«Nunca perdoamos aos traidores.»

O marquez exhalou um gemido e tornou a cair no sophá. A joven cravou n'elle os olhos e disse:

— Então não sabe a significação d'isto? Creio que o ameaçam; e se assim é, não será com certeza pelo que eu fiz...

— Tem razão, querida Joanninha; mas hoje não posso contar-lhe, amanhã é possível; não tenho cabeça para nada...

— Sim, menos, porém, para o mal...

— Hoje está de uma crueldade medonha...

— Dizendo que faço justiça ao seu character, senhor marquez, creio que é mais justo. Ouça o que lhe digo, e convença-se que a Joanninha terá muitos erros na sua vida: serei leviana, pouco modesta, mas traidora nunca o fui; e creio que não o serei em toda a minha vida. Percebeu?

— Percebi, e a que deseja chegar?

— É claro; á verdade dos factos; e acredite que não obstante reservar para si os mysterios da sua vida, estou ao facto de tudo, porque tive quem me informasse... Vossa excellencia e o sr. fr. Leonardo jogam com muito risco... Que lhes aproveite, com isso nada tenho.

O marquez, n'aquella noite fatal, estava pouco feliz; e grande foi a sua surpresa ouvindo as palavras de uma mulher, que sempre demonstrara ser-lhe afeiçoada, e não menos dedicada.

— Joanninha, creio que hoje está irritada... Fr. Leonardo não tem satisfeito aos seus caprichos?

— Tem, eu, porém, é que não lhe faço o mesmo; e quando solicita o meu amor, e me estafa com as suas estimadas declarações, a minha resposta é sempre uma gargalhada, que o faz desesperar.

Fez uma pausa e proseguiu:

— Ora, senhor marquez, explique a razão, por que em vez de ir para casa de seu pae, veio bater a esta porta... Seria intenção sua comprometter-me? Se assim é, permittame dizer-lhe que fez mal.

— Não, minha querida, não tive similhante idéa, e só se compromettam as pessoas que ainda não estão comprometidas... respondeu o marquez recobrando o seu modo zombeteiro.

Joanninha era, porém, uma rapariga original e capricho-

sa; amava tanto D. Ignacio, como o seu amigo fr. Leonardo; e comquanto ambos a requestassem, recebia quanto lhe offereciam, sem lhe ceder em cousa alguma.

Não era portugueza, pertencia á provincia da estremadura hespanhola; e tendo o caracter folgasão, proprio das mulheres d'aquelle abençoado paiz, não lhe faltava o orgulho nem o animo decidido que as distingue.

Desagradaram-lhe as palavras do marquez, franziu o sobrolho e respondeu:

— Pois, senhor marquez de S. Mauricio, faça de conta que não estou compromettida, e que tenho a pureza de uma vestal... Queira sair d'esta casa, e sem demora...

— Mas porque?

— Porque não o quero aqui, é claro...

O fidalgo levanton-se; e conhecendo aquelle caracter bravo quando se enraivecia, não instou, nem lhe respondeu, certo que todas as palavras seriam ociosas; e nem duvidaria appellar para o escandalo.

— Boas noites, Joanninha, está hoje de uma severidade aborrecivel.

Ella porém não respondeu, e deixou-o sair sem lhe perguntar para onde ia. Eram mais de tres horas da madrugada.

CAPITULO VI

Algumas explicações

O marquez saiu desesperado e humilhado; aquella mu-

lher com o seu altivo desdem, flagellava-lhe o coração, e zombava da sua raça patricia.

Ao sair da porta encontrou a velha Thereza que lhe perguntou :

— Então já se vae, meu senhor ?

— Vou, não quero comprometter a sua ama, que está hoje excessivamente melindrosa.

— Pois faça o que quizer ; os cavallos estão recolhidos na estalagem.

D. Ignacio não lhe respondeu, e proseguiu, dando ao diabo o seu amor e os caprichos da travessa e maldita rapariga, tão formosa, se bem que de um genio arisco, como qualquer bicho felino.

Ora, enquanto elle segue para uma hospedaria, e discute todos os estranhos acontecimentos d'aquella noite, especialmente o desaparecimento do criado, victima de alguma traição, vamos esclarecer os leitores, e demonstrar-lhes algumas pessoas que já têm figurado n'este romance, fundado na verdade dos factos ; e principiaremos pelo marquez, pae de D. Ignacio, e sua esposa.

O marquez de S. Mauricio, teria n'esta época sessenta annos ; era alto, robusto, e dotado de uma physionomia agradável e sympathica. Era um homem de bem, honrado, leal, e que sob pretexto algum, não faltaria aos preceitos da virtude.

Em tempo fôra official de cavallaria, e na campanha de 1764, sendo ainda joven, bateu-se como verdadeiro fidalgo portuguez.

Herdara de seu pae uma casa pequena e bastante empenhada ; e como o nobre titular não era d'aquelles, que mandavam pelos seus lacaios correr a chicote os credores que pediam o seu dinheiro ficou quasi pobre.

Pagou, todavia, pontualmente as dividas de seu pae; e até

algumas a que podia negar o pagamento, porque sendo sobre bens vinculados, não fôra ouvido. Mas não quiz, e pagou tudo integralmente.

O seu procedimento fidalgo alcançou-lhe o respeito e a consideração, todavia não augmentou um real aos seus exiguos rendimentos.

Casou em primeiras nupcias com D. Francisca de Miranda, uma formosa menina, de excellente character, que apenas lhe levou em dote a sua belleza e um mediocre enchoval; uma traquitana velha, dois cavallos magros com perto de vinte annos, e duas criadas septuagenarias, muito boas pessoas, mas rabugentas e teimosas, que diziam não, sempre que a sua nobre ama dizia sim!

Ahi têm os leitores o que D. Francisca de Miranda levou a seu marido.

E para completar a bicharia com que lhe invadiu a casa, dois dias depois do seu feliz consorcio, o velho commendador, pae da marquez, enviou-lhe de presente, mais um macaco, um papagaio, um piriquito e duas araras, já faltas de pennas; mandando-lhe dizer:

— Sustenta lá isso, minha linda filha, porque esses pobres animaes devoram tudo, e eu estou mais pobre do que Job...

O bom do marquez, que não tinha para ser generoso, disse para a esposa:

— Valha-me Deus, menina, seu pae faz d'esta casa um museu de animalejos! não satisfeito com as excellentes prendas que lhe deu em dote, ainda se lembrou de mais estas...

— Então que lhe havemos de fazer, respondeu a joven com um sorriso encantador, o dinheiro que destinares para vestidos, ou para quaesquer enfeites, applica-o para o sustento d'esses pobres animaes, que não podemos deixar morrer de fome...

O marquez encolheu os hombros e sorriu estoicamente; e se alguma vez se impacientava, era com os guinchos do macaco, e com os berros do papagaio, que pareciam apostar, qual dos dois faria mais bulha.

No fim de um anno veio ao mundo o marquez Ignacio, e nunca de uma mulher de tantas virtudes nasceu um ente mais mau.

O nascimento do marquezito, não alterou em nada os habitos d'aquelles espiritos singelos, que continuaram a gosar a mesma ventura no seio da paz domestica.

Mas n'este mundo tudo é contingente; e a felicidade dos dois esposos desapareceu: D. Francisca de Miranda deu a alma ao Creador, aos cinco annos de casada, contando seu filho apenas quatro.

O marquez deplorou a sua falta, e entregou-se exclusivamente á educação de seu filho, que desde tenra idade, demonstrou ter tão sómente alma para tudo que não fosse bom.

Foi crescendo na idade e nos defeitos, cousa que não pouco mortificava seu pae.

Ora por este tempo, o marquez estreitou as suas relações com fr. Leonardo, que se lhe mostrava muito afeiçoado; e como era confessor da morgadinha do Prado, herdeira de uma fortuna colossal, metteu-se a casamenteiro, no intuito de chegar aos seus fins.

Dispondo absolutamente da vontade da morgada, que a este tempo já contava trinta e dois annos, fallou-lhe na necessidade de tomar estado, para ter a quem deixar a sua immensa fortuna.

A boa da fidalga, que fôra educada no convento da Esperança, e lá se conservara até á idade madura, tinha o espirito recheado de preconceitos ridiculos, e a intelligencia

embotada ; e comquanto não fosse inteiramente idiota, não seria capaz de dizer a razão, porque dois mais dois são quatro.

Era todavia de condição boa, com um coração de ouro, e de uma virtude austera.

Nunca pensaria em casar-se, se o seu confessor a não aconselhasse ; e como foi elle que lhe demonstrou a necessidade de mudar de estado, acceitou o marido que lhe offereceu, com a mesma indifferença com que receberia um vestido ou um par de sapatos.

O frade, que se convencera, de que sendo elle o medianeiro n'aquelle consorcio, seria mais dono da casa de que o marquez, apresentou este á sua confessada ; e se não ficaram apaixonados, houve reciproca sympathia.

O que porém, é certo, é que a fidalga desde esse dia, mostrou-se mais garrida, e passou a fallar com enthusiasmo do seu noivo, e do futuro feliz que a esperava.

Ao frade não desagradou esta mudança, e como o seu fim era realisar o casamento o mais breve possível, arranjou as cousas por maneira, que um mez depois, a morgada do Prado era marquez de S. Mauricio.

Ora, não obstante o marquez ter quarenta e cinco ou quarenta e seis annos, era um homem perfeito e sympathico, e a sua esposa principiando por elle lhe ser indifferente, antes de ser apresentado, acabou por amal-o com estremeado affecto ; e como era dotada de muita virtude e de um espirito recto, disse a seu esposo tres dias depois do seu casamento :

— Meu amigo, não tenho tempo para pensar nos meus rendimentos, vou dar-lhe procuração bastante para administrar a minha casa. O senhor marquez é um homem de honra, e vê as cousas pelo prisma por que todos as deviam ver.

— Não quiz contracto antenupcial, o que me convenceu que casou commigo, e não com a minha fortuna ; e se bem que criada n'um convento, ignorante das cousas do mundo, calculo o que por ahi vae.

Por este exordio, já os leitores vêem, que estava longe de ser tola, que podia ter uma educação freiratica, muitos preconceitos, ter mesmo a intelligencia compromettida, mas o trato do mundo, e a convivencia com um marido illustrado e dotado de sentimentos nobres, deviam necessariamente limar algumas excrescencias moraes, que trouxera do claustro.

Desde aquelle dia o marquez achou-se senhor de uma fortuna principesca ; não modificou porém em nada os seus habitos ; continuou a ser economico e modesto, sem sordidez.

Foi então que fr. Leonardo reconheceu, que mal avisado tinha andado ; arrependeu-se, era tarde, mas continuou a dominar a marquezia, que acreditava n'elle como n'um oraculo.

O marquez, devendo-lhe a fortuna e a esposa, que era um thesouro de ternura conjugal, tinha para com elle todas as attenções.

Fr. Leonardo, sendo a primeira pessoa d'aquella casa, depois dos donos, não dispunha todavia dos cofres, que estavam repletos de ouro ; comtudo, se pedia ou manifestava desejos de qualquer quantia, era-lhe immediatamente offerecida com a melhor vontade, elle porém queria mais.

Um anno depois nasceu a formosa Beatriz, legitima e unica herdeira da grande riqueza de sua mãe.

Seu irmão contava já dezesete annos, e como n'aquelle coração felino nunca se albergou um sentimento nobre, odeou sua innocente irmã, porque nascera rica e elle pobre.

O frade estudava aquelle character traiçoeiro, hypocrita e cruel, e principiou a convencer-se de que melhor se entenderia com o filho do que com o pae.

Mas elle era um pobretão ! Possuia excellentes pergaminhos, muito bolorentos e mais nada.

E se o fizesse rico ? Se o auxiliasse. que faria elle ? Rominando estas idéas, foi ensinuando-se-lhe no espirito, para lhe captar a confiança. E como eram dois excellentes patifes, em breve se comprehenderam.

O marquez pae acceitando o frade pelo que lhe parecia, e não pelo que era, seria a ultima pessoa de quem podia desconfiar.

O procedimento do seu filho tornava-se cada vez mais reprehensivel, e o bom do pae queixou-se a fr. Leonardo que o desculpava sempre; auxiliado pela marquezia, que ao contrario de quasi todas as madrastras, tinha affecto estremecido pelo enteado, que lhe não retribuia com estima igual, e se mostrava respeit-a e ser-lhe afeiçoado, era por conveniencia.

D. Ignacio chegou aos vinte e cinco annos sem se dedicar a cousa alguma; e foi por este tempo que tomou conhecimento e estreitou relações intimas com um fidalgo inglez, que dizia andar viajando para se distrair.

As relações tomaram um grau de bastante intimidade, e já não tinham segredos entre si, e foi então que elle acreditando na sua boa fê, lhe propoz o ser iniciado n'uma associação secreta, que tinha por fim estabelecer os principios liberaes na sociedade, e dar-lhe um futuro de ventura e de progresso.

Fallar n'estas cousas a um cynico, a um egoista, sem crenças nem alma, era deitar perolas n'um lamelro.

Approvou as idéas, chamou-lhe santas e justas, mas

riu-se interiormente de uns fanaticos que tinham a louca pretensão de quarerem melhorar o futuro da humanidade...

O nobre inglez, encantado com as palavras lisongeiras do seu amigo, acreditando que n'elle residiam principios de honra, propol-o na primeira sessão, o chefe supremo, porém, e o conselho superior mandaram proceder a indagações, e as informações que obtiveram em nada o recommendavam.

Para não desagradarem ao nobre fidalgo britannico, foi resolvido que o neophito fosse introduzido, como é costume, com os olhos vendados, que fosse iniciado, mas até que dêsse provas da sua dedicação leal, nenhum irmão tiraria na sua presença a mascara, nem os mantos brancos em que se envolviam, e foi esta providencia que os salvou.

D. Ignacio estava mais intimamente ligado com o fr. Leonardo do que com o inglez, e antes de ser iniciado declarou-lhe tudo.

O frade meditou alguns momentos e respondeu :

— Se me dissesse isso d'aqui a quarenta annos, respondia-lhe que os nossos interesses estavam ali, porque são as idéas que hão de triumphar ; mas na época em que estamos, a conveniencia leva-nos para o campo contrario. E como não podemos ser amigos de uns sem ser inimigos de outros, façamos serviços áquelles que podem dar, em prejuizo dos que nada nos offerecem. Em theoria de interesses, meu amigo, não ha senão um principio. Tens poder para dar, pertença-te, se não tens, se és fraco, fica com a tua fraqueza ; não sirvo para muleta, encosta-te a qualquer tolo, que se contente com o reino dos céus, porque nós achamos mais solidos os proventos da terra. Aceíte, meu fi-

lho, a iniciação, porque havemos tirar d'isso excellentes resultados.

O frade fez uma pausa e proseguiu:

— Querido marquez, sabe que disponho de grande influencia no paço? E que o primeiro ministro deve me o logar que pessimamente desempenha, por ser um homem versátil? Não deve também ignorar que o nuncio de Sua Santidade me honra com a sua estima; e se enfeixar todas estas cousas, se reunir todas estas influencias, e se a sua intelligencia não for um mytho, os corollarios que tirar hão de ser seguros.

O marquez não pestanejou, ouviu com attenção aquellas prelecções de uma torpe immoralidade, e como estavam em harmonia com as suas idéas, respondeu:

— Fr. Leonardo, é necessario que se convença que a falta dos annos e de experiencia, em nada prejudicam a intelligencia d'aquelle que nasceu, para encarar o mundo pela sua verdadeira feição. A sociedade é o que é, e não o que devia ser. Ter preconceitos? Para que? Que se lucra com elles? Ser honrado, agarrar-se aos principios, são cousas muito boas em theoria, mas na pratica exprimidas não dão nada...

— Acceito o seu conselho, está em harmonia com o meu systema de pensar. E que utilidade tenciona tirar do mau passo que me aconselha? E note: chamo-lhe mau, por entender que não é bom. Mas adiante, acima de tudo os nossos interesses...

O frade cravou n'elle os seus olhinhos de cobra, e respondeu:

— Confesso-lhe, meu amigo, que com meia duzia de homens da sua tempera, era capaz de fazer da virtude mais austera, um instrumento do crime. Com a breca! Onde

irá o senhor, quando tiver mais dez annos? Acautele-se, que se a força não se fez para a nobreza, o garrote não é negocio mais commodo...

— Não pense n'isso... mas ainda não respondeu á minha pergunta...

— Tem razão; e se deseja saber o uso que farei dos esclarecimentos que me der, digo-lhe que vou ter com o primeiro ministro, conto-lhe tudo, e responsabilizando-me pela verdade dos factos, acrescentarei, que ao zelo piedoso de um bom fidalgo, se deve a descoberta importante do local da reunião dos pedreiros livres. Deprehendo que desejará saber quem é o prestante catholico, que levou a sua dedicação a não duvidar descer ao lodo, em que se revolvem os espiões...

O marquez achou dureza na phrase, e fez uma careta; o frade observou-lhe:

— É preciso dar ás cousas o seu verdadeiro nome; e os homens de espirito forte, que miram um fim unico, não se prendem com questões de palavras. E se quizer que por emquanto nada declare a seu respeito, faço-lhe a vontade.

— Sim, diga apenas ao ministro, que a pessoa que é tão dedicada ao serviço de sua alteza real, por algum tempo deseja conservar o incognito.

— Muito bem, acho até prudente que assim pratique...

Tres dias depois, o marquez de S. Mauricio, D. Ignacio, com os olhos vendados, era apresentado na sociedade secreta.

Havia reunião magna, e na sala achavam-se para cima de quarenta pessoas, todas estavam porém com as frentes veladas, e envoltos em amplos mantos brancos, com uma cruz vermelha sobre o hombro esquerdo.

Depois das provas rituaes prestou juramento; e foi só então que lhe desvendaram os olhos.

Mas grande foi o seu assombro ao ver tantos individuos reunidos, sem lhes poder devassar as feições!

Não poudé reprimir um movimento de despeito, que não passou desapercibido; e cada vez mais desconfiados, todos cravaram n'elle vista acerada; desejaram convencer-se das suas intenções, e uma idéa insistente os fez estremecer.

O presidente, sempre frio e sereno, erguen os olhos para o symbolo da Trindade, como pedindo-lhe um fanal que o guiasse nas trevas, que aquelle homem representava, e disse-lhe com voz grave e sonora:

— Marquez de S. Mouricio, pôde escolher um nome da historia antiga ou moderna, e por elle será conhecido entre nós.

— Adopto o nome de Perpena...

— Faz mal, é um nome execrando, por ser o de um traidor... Não queremos, porém, violental-o... Fique sabendo, que de hoje em diante, pertence mais a nós, do que a si.

— Somos um por todos, e todos por um; e seguimos esta regra invariavel, tanto para proteger, como para castigar...

— Não fica conhecendo nenhum dos nossos irmãos, mais tarde, quando as suas virtudes e zelo forem um axioma, poderá saber quem são, para os poder auxiliar, ou ser auxiliado.

A sala era uma casa vulgar, e o unico emblema mysterioso que viu, foi a esquadria, tendo no centro o olho da providencia.

— Está levantada a sessão, disse o presidente, estão por hoje encerrados os nossos trabalhos.

Todos aquelles homens desfilaram como se fossem uma longa procissão de espectros ; sumiram-se por uma porta que defrontava com uma especie de altar, detrás do qual se assentara o presidente.

Vendaram novamente os olhos a D. Ignacio, que sem saber onde estivera, foi conduzido para a rua ; e só depois de andar mais de meia hora, é que o fidalgo inglez que o propozerá, lhe arrancou a venda dos olhos.

O marquez perguntou-lhe :

— Onde estivemos ? Que casa é aquella ? Onde é a rua ?

— Mais tarde o saberá, redarguiu friamente o seu companheiro. Comprimentou-o e retirou-se.

Não ficou satisfeito com a resposta, que não pouco lhe desagradou. Tomou em seguida para o convento de S. Domingos, e contou tudo ao frade, que depois de ouvi-lo, disse-lhe :

— Se nunca souber mais do que isso, ignora o melhor, que é o resto . . . É necessario saber onde é a casa e a rua, para a policia cumprir com a sua paternal missão.

Decorreram tres mezes, todavia o fidalgo espião ainda não fôra mais feliz. Sempre que ia ás reuniões, encontrava-se com o inglez, que continuou a tratá-lo com toda a cortezia, mas friamente.

Satisfazia invariavelmente ao mesmo ceremonial para ser introduzido, e assim não adiantava mais nas suas descobertas.

Muitos homens reunidos, mascarados, e cobertos com os mantos brancos. Notou, porém, um dia, que o emblema da Trindade estava vellado ; não se animou, porém, a perguntar a causa.

Ora fr. Leonardo já dissera ao primeiro ministro, que em breve mostraria á puridade, que a seita dos illumina-

dos era uma realidade em Lisboa, e não uma cousa mythologica, e que lhe indicaria onde reuniam, e talvez lhe podesse denunciar as pessoas que estavam filiadas.

O ministro ouviu ebrio de alegria a lisongeira noticia, e calculou a vantagem que de tudo aquillo podia tirar.

O frade instava com o seu cumplice, mas este nada ainda devassara, e sempre que o deixavam livre na rua, commettia a imprudencia de se dirigir para o convento.

O traidor era seguido, e as suspeitas passaram a ser uma realidade. Fr. Leonardo disse-lhe um dia :

— Meu amigo, é necessario sair da posição equívoca em que nos collocámos. E para chegarmos á verdade, tive um pensamento que me parece exequível.

— Diga, respondeu o marquez.

— Vossa excellencia, na primeira noite que o acompanharem á tal reunião, mune-se de um frasco de tinta, e por um pequeno orifício, vae pelo caminho deitando alguns pingos até chegar á porta, e como estamos em tempo de estiagem, não ha receio de que a chuva os faça desaparecer. Percebe ?

O villão achou boa a idéa, e pôl-a em pratica tres dias depois, convencido de que por aquelle meio daria com a casa.

Enganou-se, era vigiado, e o nobre fidalgo inglez que sempre o acompanhava, empregava a maior cautela em lhe observar todos os movimentos, e como estava um luar claro, reparou nas manchas escuras que appareciam pelo chão.

Ficou desnortado, affirmou-se insistentemente, e differençou-lhe na mão um objecto. Sem poder descobrir a verdade, retraiu-se ; e assim que chegaram ao seu destino, procurou o chefe supremo e disse-lhe :

— Irmão, este homem é traidor, e o seu fim é descobrir a casa onde reunimos; e bem me pesa ter sido por mim proposto.

Em seguida contou o que observara pelo caminho.

O grão mestre meditou e respondeu:

— Em breve saberemos tudo.

Em seguida entraram para a sala, guardando o mesmo incognito.

— Irmão Perpena, disse o chefe, porque veio deitando pelo caminho signaes de convenção? Porque vae todas as noites ao convento dos dominicanos, depois de sair d'aqui? Responda, justifique o seu procedimento.

O fidalgo deu um pulo na cadeira, como se o tivessem picado com um alfinete, e não obstante ser audacioso, tremeu instinctivamente, atrapalhou-se e não soube responder.

— Vamos, com o silencio ninguem se defende. . .

— É falso! Nunca fui ao convento que dizem.

— Para que falta á verdade? Crê que somos tão inexperientes, que deixamos correr ao acaso os principios augustos que representamos? Irmão Pericles, diga o que sabe?

Um dos mascarados avançou dois passos e disse:

— Este homem vae todas as noites ao convento de S. Domingos. Sou eu que o digo, porque o tenho visto entrar.

O silencio, depois d'estas palavras, tornou-se sepulchral. A sala estava tão sómente allumiada por um pequeno candieiro, suspenso do tecto, que espargia uma claridade frouxa e incerta; e aquelles homens, frios, impassiveis, cobertos pelos mantos, com as fronteas velladas, pareciam phantasmas.

— Foi encontrado em flagrante mentira, disse o grão mestre. . .

— Que dois irmãos, proseguiu o chefe, passem revista a esse homem, e vejam se lhe encontram alguma cousa que justifique o facto de que é accusado.

O marquez estava como n'um brazeiro, e um gelido suor lhe banhava o rosto desvergonhado. Tentou oppor-se a que o revistassem, mas dois braços vigorosos o seguraram, e uma voz bradou :

— Eis a prova da traição !

— Ao dizer isto, mostrou um vidro que ainda continha um resto de tinta...

O grão mestre levantou os olhos, para a esquadria velada, e disse tranquillo :

— Que o Supremo Architecto do Univerno nos perdõe, por ter sido prophanado o symbolo da Trindade, com as vistas impuras de um traidor...

— Marquez de S. Mauricio, é réu de morte ! Mas em nome do Eterno, justifique-se se está innocente... Falle, queremos ouvil-o antes de o condemnarmos...

Elle porém não estava em estado de responder ! Tremia, fugia-lhe a vista dos olhos, e parecia-lhe que o chão se abria para engulil-o. O silencio era aterrador, o quadro magestoso, mas lugubre :

— Pois então, nem uma palavra diz em sua defeza ? Confesse a verdade, que nós modificaremos a pena.

O covarde alvejou a salvação, e respondeu com voz estrangulada pelo terror :

— Graça. Sim, sou um traidor, um infame...

Estas palavras desafiaram a colera d'aquelles homens, que tinham permanecido frios e silenciosos.

Quarenta e tantas espadas foram arrancadas e fulgiram terriveis :

— Morte ao traidor !



Os Homens da Cruz Vermelha

Typ.—Rua da Atalaya, 40 a 52.

O Marquez perante o tribunal da Cruz Vermelha

(GRATIS)



Foi o brado que unisono reboou por aquellas abobadas!

O marquez caiu fulminado, e rojou-se no chão... O grão mestre sempre inalteravel, vibrou um golpe de malhete, e disse com voz grave mas decidida:

— Embainhae as espadas, meus irmãos! Não derrame-mos o sangue d'este reptil peçonhento! Deixae-o com a sua infamia! Todos nós o conhecemos, mas a elle, felizmente, não succede o mesmo.

— Affastae-vos! Deixae o caminho livre a esse filho de Judas...

— Irmão cobridor, condusa esse homem á rua...

O marquez foi posto fóra, e levado aos empuchões, cambaleando como se estivesse ebrio...

No dia immediato a casa estava cercada pela policia, mas não acharam outros vestigios, alem de algumas cruces vermelhas pintadas nas paredes, e uma carta para D. Bonifacio Alvellos.

O fidalgo inglez ninguem mais o viu em Lisboa; quanto ao marquez, quinze dias depois foi para Coimbra.

CAPITULO VII

A Joannita

Dissemos que o marquez fóra despedido de casa da formosa Joannita, e que elle não se animara a invectival-a pelo seu procedimento menos ceremonioso.

E depois de termos photographado o character do nobre titular, é realmente para estranhar, que fosse tão condescendente com uma rapariga, que ninguém sabia ao certo ondenascera, e qual a familia a que pertencia.

Mas ella é que lhe conhecia o espirito, sabia quanto valia por dentro e por fóra; e a não se lhe mostrar activa, desapiedada e caprichosa, o procedimento do fidalgo seria bem differente; e a tyrannia com que o dominava é que a salvava do seu genio cruel e despetico. E por isso accetando o que lhe offerecia, não lhe cedia cousa alguma.

A desenvolta rapariga, era por vezes languida, poetica, e de inebriante voluptuosidade, mas duravam pouco estas disposições, e de repente amuava-se como qualquer creança teimosa.

Representava uma comedia; e o marquez que não ignorava que fr. Leonardo estava perdido de amores por ella, julgava-se com mais direito ao seu amor; e acreditando que só illudia o frade, não era mais feliz do que elle.

Saiu desesperado, mal dizendo a sua fraqueza, não se achava tambem pouco intrigado com o desaparecimento do criado.

Dominado por estas idéas; em vez de descer pela calçada do Salitre, seguiu pela rua do Collegio dos Nobres, atravessou o largo da Patriarchal Queimada, e entrou na rua larga de S. Roque e foi ahi que encontrou o criado que o acaso conduzira para ali.

— Que te succedeu? Porque em vez de ti estava um demonio segurando nos cavallos? perguntou o marquez com mau humor.

— Ah! Senhor! estou mais morto do que vivo! Esta cidade é peor do que um inferno! Estou moido, e cheio de medo por tudo que me aconteceu.

Em seguida contou-lhe os factos que são conhecidos dos leitores, acrescentando, que passado tempo vieram desamarral-o, que lhe deram o capote e o chapéu, e lhe disseram :

—Segue o teu destino, e dize a teu amo, que os Homens da Cruz Vermelha ainda o não olvidaram.

O marquez sentiu um calefrio pela espinha dorsal, e deu mais uma vez ao diabo a lembrança que tivera, de entrar para semelhante associação.

Convencido de que n'aquella noite fatal, ainda lhe aconteceria mais alguma desgraça, tratou de bater á porta de uma hospedaria, a fim de lhe darem pousada e ao criado.

Parecia-lhe que por toda a parte os temiveis *maçons*, mascarados e envoltos nos mantos brancos, o rodeavam, o aggreliam e lhe arrancavam a pelle !

Umas vezes lhe pareciam homens, n'outras espectros medonhos, de feições cadavericas, e que dançando ao som de uma musica infernal o arrebatavam, o attraíam, e o fascinavam ! E desejando fugir-lhe não podia, porque por toda a parte o seguiam.

Febriciante, receando apanhar alguma estocada na volta de uma esquina, com passo estugado venceu a distancia que o separava da primeira hospedaria.

Bateu á porta, e só se considerou seguro, quando se metteu na cama, tendo primeiro fechado a porta por dentro.

Ora enquanto elle debalde deseja conciliar o somno, fallaremos ainda de Joannita, que flagellava o frade e o fidalgo.

Era uma rapariga alta, flexível e esbelta, com a fronte alva, os olhos grandes, negros e formosos ; a bôca pequena, os dentes como perolas, e os labios rosados, sendo o inferior um pouquinho grosso.

As sobrancelhas eram perfeitamente arqueadas, e o nariz de correcção admiravel.

Os cabellos eram sedosos, oppulentos, e todos estes dotes reunidos, constituíam-n'a uma mulher encantadora e provocante.

Joannita tinha a belleza que seduzia e arrebatava, acompanhada de um espirito travesso e irrequieta.

Se lhe dava para ter ataques de ternura, fingidos ou reaes, ninguem a excedia em meiga dedicação, e a languida voluptuosidade a que se entregava, seria capaz de fazer peccar um eremita da Thebaida.

Se lhe dava para ser bacchante, nenhuma mulher apresentaria mais desenvoltura, ninguem como ella desenvolvia mais lubricidade e provocante luxuria. . .

Se porém se zangava e franzia o sobrolho, das pupillas irradiava um fogo satânico, e o anjo de amor poetico, a mulher lubrica, tornava-se um demonio temivel, capaz de praticar qualquer desatino!

Ora esta rapariga era realmente tudo isto? Não, senhores, possuía excellente alma, e o seu maior merecimento estava em ser uma excellente comediante.

Joannita era natural de Badajoz, filha de um sargento de infantaria, e de uma botequineira que morava junto do quartel, de um dos corpos da guarnição.

O coronel do regimento era um joven que, quando muito teria vinte e seis annos; e a primeira vez que a viu ficou perdido de amores por ella; a rapariga era, porém, recatada, o pae um militar brioso, que se o seu commandante lhe seduzisse a filha, seria capaz de lhe dar um tiro.

Quando a pequena, que então teria quinze annos, saía com o seu fatinho domingueiro, levava atrás de si todos os rapazes que a encontravam, mas não lhes prestava atten-

ção, nem auctorisava, com a mais pequena leviandade, um semelhante procedimento.

O coronel passava-lhe todos os dias pela porta, e nunca se esquecia de olhar para ella e de comprimental-a.

Ora estas cousas aconteciam em 1795, isto é, sete annos antes da época em que se passaram os factos que constituem este romance.

A rapariga já gostava de ver passar o bello commandante, e se o não via não ficava satisfeita.

O joven coronel tambem lhe não desagradava a pequena, que realmente era muito bonitinha, se bem que não podia casar com ella.

Se tivesse nascido no albergue de um rachador de lenha, ou na cabana de qualquer jornaleiro, ou se fosse um simples alferes, ainda mesmo assim duvidaria offerecer-lhe a mão e conduzil-a á igreja.

O commandante pertencia a uma familia das mais nobres do Aragão, d'essas que têm nos seus brasões de armas a legenda, de que antes de haver Deus e sol já elles existiam! Cousas de Hespanha, que é o paiz das maravilhas e dos exageros.

Ora o filho de uma familia mais antiga do que Deus e o sol, não podia baixar á vulgaridade; era necessario subir e não descer, perante aquellas velherias; e tendo a convicção de que os seus parentes a tomavam tanto a serio como elle, não pensava por isso em casar com a Joannita.

A este tempo já o canhão da republica franceza troava nas agruras dos Pyrenéus.

Uma divisão auxiliar portugueza marchara para Hespanha, e tanto portuguezes como hespanhoes batiam-se como leões. E porque? Porque se fazia a guerra?

Para castigar a França pela morte do infeliz Luiz XVI,

assassinado pelas turbas ignorantes e sanguinarias que cantaram, blasphemaram e tripudiaram em torno do cadafalso.

O regimento teve ordem para marchar, e a pobre pequena chorou muito ao ver desfilar os polotões ao toque da musica marcial.

Não sabemos se chorava pelo pae, se pelo coronel; o que é facto averiguado, é que desde esse dia ninguem mais a viu á janella.

Tres mezes depois recebeu a fatal noticia de que estava orphã, o velho sargento morrera como um bravo defendendo as suas bandeiras no ataque de um reducto.

A mãe da malaventura creança não poudo sobreviver áquelle fatal acontecimento, e um mez depois desceu á sepultura, levando por unico acompanhamento um ecclesiastico e as lagrimas da filha.

Só, abandonada, procurou no trabalho honrado os meios de subsistencia, mas isso mesmo não achou!

Viu-se perseguida pelos importunos, foi requestada, todavia a pobresita resistiu sempre!

Passou fome e cede! Chegou a não ter luz para se allumiar, nem cama para se deitar! Vendera tudo para comer! Já não parecia a mesma; estava pallida e defecada, mas ainda era formosa! No meio de tanto infortunio verteu rios de lagrimas, e como era intelligente principiou a odear o mundo.

Quantas noites a pobresita passou em vigilia? Quantas horas de isolamento, de dôr e de saudade passou, assentada n'um pequeno banco de pau, sem comer, e não tendo uma luz?

Supportou momentos de amargura infinda, desesperou da sorte mofina, tão cruel, tão despiadada!

Uma noite, seriam sete horas, a malaventurada creança

não podendo por mais tempo conter-se, tremula, abatida, com os olhos vermelhos e inchados pelas lagrimas, com a fome a finar-lhe a existencia, recorreu á caridade publica.

Pediú esmola, estendeu a mão aos transeuntes e pediulhes um bocadinho de pão!

— Vae ganhal-o, lhe diziam uns, e outros nem ao menos se dignavam responder-lhe... Entrou n'uma loja e disse para uma mulher retunda e nedia:

— Senhora, sou uma pobre orphã, ha vinte e quatro horas que não como! Dê-me um bocadinho de pão, se não morrerei.

A mulhar olhou para ella de uma maneira estupida, e respondeu:

— Sae d'aqui, serigaita! Se tens fome é por seres mandriona, porque trabalho nunca falta ás raparigas bonitas... Vae-te, em qualquer esquina acharás um protector...

A malaventurada era muito creança, e não menos innocente, para comprehender o conselho da megera, que lhe apontava para a vil prostituição, e respondeu:

— Já pedi trabalho, mas ninguem m'o quiz dar.

— Ora essa? Pois vae mais aqíante um pouquinho, a casa da Conrado, que não faltam lá rapazes estroinas, e frades ricassos: pede-lhe esmola, e verás que has de ser attendida...

Foi então que comprehendeu o valor moral do conselho que lhe davam, fulminou a infame com um olhar de despreso, e respondeu:

— Se vocemecê tivesse uma filha, dava-lhe conselhos iguaes? E assim se cospem injurias no infortunio de uma pobre creança! Ah! Se todes pensassem como a senhora, o mundo seria peor do que um covil de feras.

Com os olhos rasos de lagrimas, e o peito offegante, saiu

d'aquella casa maldita, onde residia uma mulher tão despresivel.

Ao virar de uma esquina, encontrou um frade franciscano, que a encarou e disse :

— Ai que rapariga tão formosa ; ouve lá, pequena, queres acompanhar-me para o convento ?

Tentou agarral-a, ella porém, não obstante achar-se debilitada, fugiu, assentando-lhe nas faces roliças duas valentes bofetadas.

Mas a fome esphacelava-lhe as estranhas, sentia a cabeça esvaída, fugia-lhe a luz dos olhos e a vida...

Morrer á fome, tão nova e tão formosa... Quasi louca, e sem ter a consciencia do que fazia, ao ver um rancho de senhoras que lhe pareceram ricas, estendeu-lhes a mão :

— Pobre rapariga ! Tão nova, e já entregue ao vicio da vadiagem ! Vae trabalhar, não te chegues para nós com esses farrapos que nos sujas !...

Desgraçada creança ! Mais uma illusão perdida... Encostou-se a uma parede, um bando de esturdios ia passando, e ao pedir-lhes esmola, responderam-lhe com uma gargalhada, acrescentando :

— Safa, que grande magrisella ! Saiste do hospital ? Bate a outras portas... Para cá não pega...

Considerando-se abandonada por Deus e pelos homens, reuniu as poucas forças que lhe restavam, e arrastou-se como poudes para casa ; faltou-lhe, porém, o animo, e deixou-se cair.

N'este momento, um homem encostado a um bordão, alquebrado pelos annos, disse-lhe :

— Que tem ? Está doente ?

Era a primeira voz amiga que se lhe dirigia, eram as

unicas palavras de affecto que ouvira n'aquella noite! E como não poudo responder, a pergunta foi repetida.

— Tenho fome, estou quasi a espirar. . .

O velho ergueu as mãos ao céu, e exclamou:

— Bemdito seja Deus! Vós, Senhor, dissestes, que quem dêsse aos pobres, era a vós que dava; e todavia ainda ninguém se lembrou do seu Deus, para soccorrer esta desgraçada. . .

— Levante-se, minha filha, eu lhe darei pão, e a salvaréi da fome.

Ajudou-a a levantar-se, abriu a porta, e perguntou:

— Tambem não tem luz?

A resposta foi um gemido cruciante.

Dos olhos do bondoso ancião rolaram grossas lagrimas; saiu, e minutos depois, n'aquelle pobre albergue, já brilhava luz.

Foi então que reconheceu que soccorrera uma creança.

— Coma, disse elle, de maneira, porém, que não lhe faça mal. Mas porque rasão, sendo ainda tão nova, se acha n'este desamparo?

A pobresita contou-lhe a sua vida de infortunios, as decepções por que passara n'aquella noite fatal, e concluiu dizendo-lhe:

— Vejo que é ecclesiastico, e a não ser a sua caridade, morreria.

O bom do sacerdote, que parochiava uma aldeia, disse-lhe que se deitasse, que elle vellava de noite.

— Não tenho cama, tambem a vendi para comer. . .

— Pobre orphã, tão joven, e tão pouco feliz. . . Ainda ha virtudes á prova de tanto infortunio! . . .

Ella, porém, momentos depois, assentada em um banco, gosou algumas horas de repouso.

Quando acordou não viu o seu bemfeitor, mas no regaço encontrou algumas moedas de prata. Deu louvores a Deus, e esperou.

Tinha decorrido quasi um anno, desde que o regimento marchara; nunca mais ouvira fallar do coronel, e convenceu-se de que a tinha esquecido.

Tres dias depois, seriam dez horas da manhã, sentiu musica; o coração deu-lhe um pulo e adivinhou, que os seus infortunios iam limitar.

A musica aproximava-se; chegou á janella, e viu ao longe muitos penachos, em seguida reconheceu um official que a cavallo rompia a testa da columna:

Era o coronel!

Pareceu-lhe que a não olvidara; olhou para a janella, admirado e custou-lhe a conhecê-la!

Não parecia a mesma creança, que deixara cheia de vida e de louçania. Já não eram os mesmos olhos meigos e formosos. Estremeceu, e um pensamento o assaltou:

A malfadada pequena estivera enferma.

O regimento passou. Joannita caiu de joelhos, chorou, não de fome, nem de desespero, mas sim de alegria... Nutriu um pensamento ridente, e confiou n'um futuro abençoado!

No meio da sua pobreza, salvara um vestidito de chita quasi novo, uma mantilha, e mais algumas peças de roupa. E para que guardara aquillo, e não poupava a cama? ella não o sabia, não o pensava, mas a razão dizia-lhe que fizera bem.

Acreditando que a sua existencia melhorara, vestiu o facto que tinha apresentavel e esperou.

Seriam quasi cinco horas, bateram á porta, correu e abriu. Recuou instinctivamente e tremeu; mas os olhos brilhavam, os labios sorriam:

Era o coronel D. Francisco que lhe disse tristemente :

— Pobre pequena ! Vejo que tem soffrido muito . . . Parece-me, porém, que não sei tudo . . .

— Entre, sr. D. Francisco, disse ella com a voz estrangulada pelos soluços.

O joven commandante estristeceu, em frente de tamanha pobreza ; e bem sabia que o sargento, se não era rico, vivia modestamente.

— Sua mãe ? Onde está ? . .

— Na sepultura ; e eu se ainda para lá não fui, devo-o a um piedoso ecclesiastico que me salvou da fome . . .

O coronel impallideceu, e perguntou offegante :

— Mas porque não me escreveu ?

— Eu escrever-lhe ? Por que ? Que tem de commum vossa excellencia commigo, pobre rapariga ? . . .

— Tenho tudo : seu pae morreu ao meu lado, como um bravo ; e a balla que o matou vinha destinada para mim. Já vê que tenho em aberto uma divida de gratidão.

— Mas seriamente, perguntou ella com a maior ingenuidade, vossa excellencia não se esqueceu de mim ?

O coronel sorriu de uma maneira equivocada, e respondeu :

— Eu não podia olvidar a filha de um valente soldado, que ao meu lado morreu, combatendo os inimigos da nossa bandeira ; alem d'isso, Joannita, eu tambem não podia deixar de me lembrar de uma creança, que quando me via, sempre me comprimentava com um sorriso encantador . . . Mas conte-me os seus infortunios ; de que morreu a sua boa mãe ? Não é apenas curiosidade, é o ardente desejo que tenho de protegê-la, e dar-lhe um futuro mais feliz.

A pequena amava sem saber aquelle homem, que lhe dirigia palavras affectuosas.

Contou o que lhe succedera, cousa que os leitores já sa-

bem. D. Francisco ouviu com a maior attenção a sua singela, mas dolorosa historia, e mais de uma vez se lhe humedeceram os olhos! Era um excellente comediante, um phariseu genuino, pela hypocrisia.

— Pois querida Joannita, terminaram hoje os seus infortúnios. . . Depois do toque da Trindade prepare-se para sair d'esta casa.

— Mas sr. D. Francisco, que dirão de mim?

— O que quizerem; deixe fallar o mundo, e não despreze o unico meio de salvação que lhe resta.

A pobresita curvou a cabeça; e não duvidando da sua boa fé, acceitou a protecção que se recommendava pelo amor, sendo offerecida pela traição.

- N'esse mesmo dia abandonou aquella casa que a vira nascer, mas onde o coração e o seu espirito foram horriavelmente atrofiados.

O coronel alugou-lhe uma casa, deu-lhe uma criada velha, e Joannita tres semanas depois voltara a ser o que sempre devia ter sido, isto é, a rapariga mais bonita de Badajoz; e o sr. D. Francisco Vellasco, para não perder o seu tempo e o seu dinheiro, fazia da malaventurada creança sua amante; e não duvidou, para chegar aos seus fins, lançar mão dos meios de seducção mais chatos e ignobis. . .

Prometteu-lhe casamento, um amor interminavel, e tudo que podia influir no animo da innocente creança, que acreditando, deixou-se arrastar pelas deslumbrantes miragens de um futuro de amor e de ventura.

Um anno depois, recebia um solemne desmentido!

- O amante desvelado, affectuoso, de alguns mezes, tornou-se intratavel, cruel e grosseiro; ella, porém, inalteravel, soffria com o serriso nos labios, os maus tratos do infame

que a despediu, fazendo-lhe ver que tudo entre ambos concluirá !

A joven cravou vista acerada no miseravel, que não poudo supportar aquelle olhar de soberano desprezo...

Esperou que lhe dirigisse uma censura ou uma supplica, mas enganou-se: não quiz gastar o seu tempo com elle, e apenas lhe disse :

— Sou uma creança, nada sei das cousas do mundo ; todavia, se duvidasse da existencia infame de algumas pessoas, não me restaria duvida tendo conhecimento do senhor.

Dito isto fulminou-o com um segundo olhar de desprezo.

D. Francisco sem lhe responder, instou para que levasse quanto lhe pertencia.

— Levo quanto possuo, porque quando entrei para esta casa não vinha mais rica. Vossa excellencia, porém, deve-me uma restituição, que não lhe peço ; porque quanto accettasse da sua mão, seria envilecer-me ainda mais.

Voltou-lhe as costas e saiu ; fizera todavia um esforço superior ás suas forças ; divagou ao acaso por algumas ruas ; á noite porém, foi encerrada no hospital : estava louca...

Só tres mezes depois, entrou n'um estado normal, voltou-lhe a razão e a consciencia da dolorosa situação em que se achava.

Á cabeceira velava um medico, que com a solicitude de irmão estremecido a tratara. Entre ambos trocaram-se algumas palavras de affecto e de reconhecimento ; Joannita mostrou-se grata, sentiu-se commovida, mas não obstante o seu salvador ter apenas uns vinte e oito ou vinte e nove annos, não lhe causou a menor impressão ; e a razão é obvia.

Tinha o coração cerrado para o amor ! O que, porém,

lhe dedicou foi uma sincera estima, uma gratidão illimitada.

Restabelecida safu do hospital; e a não ser ainda o bom do medico, a sua ruina seria completa!

Para onde iria, não tendo parentes nem amigos? Dado o primeiro passo imprudente, o segundo era uma consequencia necessaria, inevitavel. . . Mas D. Bonifacio Alvellos, disse-lhe:

— Aceite a protecção que lhe offereço, que não terá occasião de se arrepender.

A malaventurada depois de vacillar não recusou; e que recurso lhe restava alem d'este? Calculou que estando perdida e desamparada, devia aceitar.

E se o procedimento d'este homem fosse igual ao de D. Francisco Velasco, seria uma illusão de menos, e uma resolução insensata de mais; e que lhe restava? Deplorar a sua pouca fortuna.

Enganou-se. D. Bonifacio não a illudiu, era um homem de bem; e em compensação de quanto por ella fizera e faria, apenas lhe pediu o affecto de uma irmã estremecida.

E comquanto não fosse uma virtude em castidade, nem tivesse a austeridade de um eremita da Thebaida, era todavia dotado de sentimentos de honra, de um espirito superior, e intimamente ligado a uma serie de idéas, de que não se affastava sob pretexto algum.

Decorreram tres annos de ventura e de placidez para aquelle pobre espirito, tão saturado de dissabores; estava, porém, escripto no futuro da malaventurada rapariga, que attribulada seria a sua existencia.

D. Bonifacio despediu-se d'ella, e desapareceu, sem lhe dizer o destino que seguia.

A pobresita chorou, e mal se podia conformar com o aban-

dono em que ficava; e mais ainda soffreu ao constar-lhe que a casa onde o seu bem residira, fôra assaltada pela polícia.

Um mez depois recebeu uma carta d'elle, dizendo-lhe que partisse para Lisboa; cumpriu, e encontrou-se com D. Bonifacio, que lhe deu largas instrucções.

Quinze dias depois, Joannita tomava relações com fr. Leonardo, e o medianoiro fôra o confessorario... E a Joannita obedecendo a um plano reflectido, o seu caracter era muito differente do que realmente parecia.

CAPITULO VIII

O testamento

Dissemos que o marquez de S. Mauricio, seriamente preoccupado com os acontecimentos da fatal noite em que chegou a Lisboa, perseguido pelos seus mortaes inimigos, que não deixavam de lhe demonstrar quanto o detestavam, humilhado com os caprichos da Joannita, que sem a menor cerimonia o posera na rua, refugiara-se n'uma hospedaria, e que só se considerou seguro, depois de fechar e trancar as portas do quarto.

Duas horas depois d'elle ter saído, o improvisado almoceve, ou o cego que lamuriava ás portas de S. Sebastião da Pedreira, que os leitores tambem já encontraram n'a-

ma casa mysteriosa na rua direita da Graça, bateu á porta da hespanhola de uma maneira particular; e depois de lh'a abrirem, entrou na sala, onde era esperado.

— E então? perguntou ella.

— A mystificação d'esta noite não podia ter corrido melhor... Posso afiançar-lhe que D. Bonifacio ficará satisfeito logo que saiba quanto fizemos.

— E como se descartou d'elle?

— Da maneira mais simples do mundo: incommodavame, procurei um pretexto, e convidei-o a sair; é o que se faz aos importunos...

— N'esse caso não voltará?

— Sim, se eu assim o quizer... se, porém, nos convier o contrario, acredite que o terei aos meus pés...

E tua mulher auxiliou-te?

— Perfeitamente, foi ella que principiou a mystificar o lorpa do criado.

O homem despediu-se, dizendo:

— Não se esqueça de contar tudo isto a D. Bonifacio.

— Vá descansado; vigie bem o senhor marquez, pois precisamos saber o que faz ás escondidas... o resto a nós pertence...

O homem saiu; a Joannita assentou-se a uma secretária e poz-se a escrever.

Ora fr. Leonardo ignorava a serie de fatalidades que perseguiram n'aquella noite o seu amigo; e depois d'elle sair principiou a ruminar a sua idéa, na intenção de discatir e calcular as vantagens que podia auferir, do negocio em que ia empenhar-se.

Concluiu placidamente, que o marquez era um grande velhaco, que elle não lhe era inferior, mas que estando ligado dos para um fim commum, devia prestar-lhe o seu apoio

moral, porque só assim teria direito aos cincoenta mil cruzados que lhe promettera.

O frade sorriu, com a maior beatitude que um tratante pôde arranjar, e disse com os seus botões:

— Bom, d'esta vez conseguirei alguma cousa d'aquella endiabrada rapariga?

— Diabo, pois nem atirando-lhe aos pés com cincoenta mil cruzados, cederá? Se tal me acontecer, direi que tem o coração impedernido. Pois nem assim a dominarei? Qual historia, o dominado sou eu, e continuarei a sel-o... Malditas mulheres; depois de nos tirarem a pelle, ainda nos chamam tolos...

No dia immediato, ás dez horas da manhã, um frade leigo bateu-lhe á porta, e bradou:

— Irmão padre mestre, está aqui uma carta para vossa reverendissima. É urgente.

O padre recebeu-a, abriu e leu o seguinte:

«Meu caro amigo. — Estou n'uma hospedaria á praça dos Romulares, tenho muito que lhe dizer, prevenindo-o primeiro, de que hoje sem falta, deve dispor o animo da senhora marquez. Necessito estar em casa o mais breve possível, e bem sabe que depende da sua resposta eu apresentar-me. = *Marquez de S. Mauricio D. Ignacio.*»

N'esse mesmo dia, ás duas horas da tarde, fr. Leonar-do foi visitar o marquez; e usando dos seus privilegios, como director espirital da marquez, que proseguia no mesmo estado phisico e moral, perguntou-lhe:

— Então como está, minha senhora?

A malaventurada enferma, sorriu de uma maneira dolorosa e respondeu:

— Para que me faz essa pergunta, reverendo padre? O meu estado é inalteravel... O dia de hontem foi como o de

hoje, e o de amanhã, será como todos os mais, até que Deus se sirva chamar-me á sua divina presença.

— Para que desanima? não me parece que o seu estado seja desesperado...

A marquezia tornou a sorrir e respondeu:

— Para que falla por essa maneira? Se é para me animar, digo-lhe que não o consegue, por não ignorar o perigoso estado a que a doença me conduziu... Ah! A não ser a minha querida filha, creia, fr. Leonardo, que depois de preparada para a ultima viagem, aguardava com animo inalteravel os decretos do Altissimo. Quando, porém, me lembro que hei de deixar a minha innocente Beatriz desamparada, entregue aos caprichos do mundo, falta-me a coragem, sinto-me perecer de dôr...

— Para que está a pensar n'essas cousas? Que vantagens auferê? Deixe entregue á Providencia o futuro de sua filha, que possui dotes que não pouco a recommendam; acredite que tem dois muitos, que no mundo valem tudo: É muito rica e muito formosa...

A marquezia cravou no frade os seus grandes olhos azues, sem mobilidade, sem brilho, e quasi sem vida, tremeu interiormente, veio-lhe a tosse, e em seguida uma especie de espasmo; o frade acudiu-lhe, mas ella recuperara o pouco animo que lhe restava e disse-lhe:

— Fr. Leonardo, os dotes que tanto recommendam a minha filha, segundo a sua opinião serão, para o futuro, os seus mais implacaveis inimigos: a belleza pôde ser-lhe fatal, provoca os desejos da seducção; quanto á sua immensa fortuna, pôde alcançar-lhe inimigos... Creia que se fosse pobre, o seu futuro talvez fosse mais tranquillo e feliz.

— Ora, não pense assim, isso não tem fundamento. Vos-

sa excellencia vê sempre as cousas através de um prisma tenebroso ; é necessario ver em tudo um pouquinho mais côr de rosa . . .

— Sim, padre, na sua opinião pôde ser, lembro-lhe, porém, que as idéas de uma moribunda, são de inimitavel clareza.

O padre encolheu os hombros e respondeu :

— Mas em que funda essa insistente duvida, esses interminaveis receios sobre o futuro da sua formosa filha?

— Na sua pouca idade, e na falta de quem a proteja.

— Ora essa ! Então o senhor marquez não será um excellent tutor ?

— É, sim, o senhor marquez tem um coração de ouro, é um homem de bem, como ha poucos, mas . . .

— Mas o que ? minha senhora.

— Meu marido tem mais de sessenta annos, conheço o seu character, e sei que não me ha de sobreviver muito tempo.

— Minha senhora, o dom da presciencia, só a Deus pertence, tudo mais são chimeras improprias de um espirito christão como o de vossa excellencia.

— Não é tanto assim, e algumas rasões tenho para não me illudir.

— Pois minha nobre e santa senhora, não sei o que lhe possa fazer ; todavia parece-me que em sua vida, com o consentimento de seu marido, deve assegurar a sua filha uma tutella que lhe inspire confiança . . .

— Onde quer que vá buscar isso ?

— Na sua familia ; e visto o presentimento que tem, de que o senhor marquez não terá, depois de vossa excellencia, muitos annos de vida, entregue nas mãos da seu filho o sr. marquez D. Ignacio, o futuro de D. Beatriz . . . Acredite.

que não poderá fazer escolha mais acertada ; e dizer o contrario d'isto, será negar justiça ao character leal do seu entiado, que realmente é um homem de bem, e de admiravel bom senso.

A marquezia ouviu sem contrair um musculo a estirada ladainha de phrases laudatorias, que o frade dirigia ao seu amigo ; é certo, porém, que uma ligeira vermelhidão lhe assomou ás faces ; retraiu-se, deixou-o concluir, e respondeu :

— O sr. marquez D. Ignacio, será tudo quanto o meu confessor diz, mas...

— Mas o que ? É necessario explicar-se ; lembro-lhe que sou o seu director espiritual, e não admitto que seja reservada para commigo... Ao confessor diz-se tudo, pois só elle é o juiz competente para absolver ou condemnar. E lembro-lhe, minha senhora, que essas reservas para com o seu director espiritual, podem comprometter a sua salvação eterna. E não queira perder n'um momento, quanto ganhou no decorrer de tantos annos.

O frade sem consideração pela gravidade do seu estado, fallou-lhe com acentuada severidade, e bem sabia que quando assim se expressava, aquelle espirito acanhado e melindroso curvava-se.

A marquezia estremeceu, tornou-se livida, e respondeu :

— Não, meu padre, creia que a minha intenção não é ser menos sincera ; e como me impõe o dever de apresentar o fundamento das minhas duvidas, digo-lhe que não tenho confiança no meu enteado...

— Fez bem declarar a causa, só assim alcançará esclarecer o futuro. E porque lhe inspira limitada confiança o sr. marquez D. Ignacio ?

— Não lh'o posso dizer : é um presentimento, uma idéa fixa, que não me abandona momento algum.

— Isso, minha filha, é obra do espirito das trevas ; afaste de si esses preconceitos, e faça justiça ao nobre character do seu enteado ; exijo-lhe, isto em nome da sua salvação eterna...

— E todavia, que deverei fazer ?

— Restituir-lhe a sua confiança ; e convença-se que bem a merece ; ouça.

O frade fez uma pequena pausa e proseguiu :

— Vou provar-lhe quanto D. Ignacio é digno da sua estima, pelo seu character independente. Ora, diga-me, não será verdade, que no seu testamento o contempla com um legado importante ?

— É, sim, e fr. Leonardo muito bem o sabe, e foi até lembrança sua...

— Pois D. Ignacio ao constar-lhe a existencia d'esse legado, escreveu-me de Coimbra, e declarou-me o mais terminantemente, que não o accitaria sob pretexto algum ; e que qualquer encargo que lhe ficasse, quando não fosse puramente gratuito, seria offensivo para o seu character desinteressado. Ora, ahi tem, como elle, sem o saber, responde triumphantemente ás duvidas de vossa excellencia.

— É singular o que me acaba de dizer ! confesso-lhe francamente que bastante surpresa me causa tudo isso... E quem preveniria o meu enteado da existencia de um testamento, que até meu marido ignora ?

O frade ficou bastante atrapalhado com a pergunta, e sem saber ao certo o que havia de responder. Cravou, porém, os seus olhinhos de cobra na credula confessada, e disse-lhe com indifferença :

— Eu sei lá quem o informou ! Foi naturalmente o tabelião, por que mestre João Anastacio é por vezes imprudente... Sim, é possível que fosse elle. Mas em todo o caso, o que é facto indistructivel, é o sr. D. Ignacio possuir um coração de ouro.

— Não digo que não ; e todavia, em vista da sua recusa, que me cumpre fazer ?

— Annular o primeiro testamento com um segundo, e para dar plena satisfação ao character leal do seu enteado, deve nomeal-o segundo tutor de sua joven irmã.

— Sim, e meu marido ?

— O senhor marquez, a lei dá-lhe o direito de tutella para sua filha, mas por sua morte...

— Percebo, meu enteado substituirá o pae, caso Deus Nosso Senhor disponha da sua preciosa vida.

— É quanto deve fazer, para socego do seu espirito atribulado ; e em vista da sua resolução, direi a mestre João Anastacio, que venha ámanhã...

— Para que ? Acho demasiadamente cedo ; não lhe parece ?...

— Não sei, minha senhora ; creio, porém, que passando de ámanhã, será tarde...

— Pois tão pouco tempo me julga ter de vida ? perguntou a pobre senhora cobrindo-se de pallidez mortal.

— Não é isso, marquez ; o que lhe digo é, que regulando a sua ultima vontade, e dispondo os seus negocios, não accelera a morte.

— Pois seja como quer, respondeu ella exhalando um profundo gemido.

— Minha senhora, reste-lhe a consolação de que o futuro de sua filha, fica maravilhosamente garantido, e na pessoa de seu enteado encontrará : o que procura : um tutor

zeloso, um irmão solícito, amigo dedicado, e um pae estremo.

— Deus o ouça... Amanhã trate d'este negocio, para que fique concluido por uma vez; por hoje não posso mais, tenho as forças estancadas, e o espirito n'um cruel abatimento...

O frade tendo já triumphado, sem lhe custar muito, julgou prudente retirar-se; já não tinha ali que fazer, e disse-lhe:

— Amanhã, pelas duas horas da tarde, estarei aqui com o tabellião; e agradeça a Deus esta conferencia: felizmente assegurou o futuro d'essa formosa e interessante creança que tanto estremecemos...

No dia seguinte, seriam dez horas da manhã, o marquez de S. Mauricio D. Ignacio, apeava-se á porta do seu palacio na rua direita da Pampulha.

Vinha em trajo de jornada, como se tivesse chegado de Coimbra n'aquelle momento.

Correu para o quarto de seu pae, e caiu-lhe nos braços, como se realmente sentisse grande satisfação, e muito amasse o auctor dos seus dias.

— Diga, meu querido pae, como se acha a senhora marquezia? Estou n'uma posição especial, nada sei... a sua carta veio apenas aterrar-me; todavia puz-me a caminho, e creia que não tenho abusado do descanso. É grave o seu estado?

O hypocrita interrogou o velho fidalgo com um olhar de inexcédível curiosidade, em que transparecia o receio de receber uma triste novidade. Era um excellente comediante.

— A senhora marquezia está realmente bastante enferma, meu querido filho, e agradeço-lhe a promptidão; a sua pre-

sença vem auxiliar-me na dôr cruciante que me definha o espirito já de ha muito abatido...

— Mas então não haverá remedio, nem esperança alguma ?

— Infelizmente não ha, porque o mal é d'aquelles que só limitam com a vida das victimas. Salva-a só Deus podia fazel-o, os milagres porém, não se multiplicam.

— Que tem ? Qual é a sua doença ?

— Uma lesão no coração, e uma affecção pulmonar. Já vê o meu filho, que para lhe abrir a sepultura, bastava metade dos seus padecimentos.

D. Ignacio curvou a cabeça resignado. Momentos depois perguntou :

— E Beatriz, a minha querida irmã, onde está ?

— Ainda se acha recolhida a pobre creança... Vou porém mandar prevenil-a da sua chegada.

— Com sua licença, senhor Marquez, disse um sujeito entrando.

Era o medico, complimentou os dois fidalgos e disse :

— Não sei o que significam estes caprichos da senhora marqueza, se porventura outrem não tem a responsabilidade...

— Que ha de extraordinario ? perguntou-lhe D. Ignacio.

— Pouca cousa, a senhora marqueza ainda não ha vinte dias que fez um testamento, cousa que não pouco lhe aggravou os padecimentos; e achando pouco tudo isto, acaba de me declarar que ainda vae fazer outro !... Sabe o que isso quer dizer ? É que em vez de viver um mez, viverá só metade...

— O doutor faça-lhe porém ver quanto essa resolução a prejudica.

— Contrarial-a é muito peor... O mal está feito, mas como a responsabilidade não me pertence...

D. Ignacio desejou esbofetear aquelle homem, retrahiu-se e perguntou:

— E quem julga ser o culpado?

— Ora, quem ha de ser? Fr. Leonardo que lhe recheia a cabeça de uma ladainha de disparates, que não pouco êem contribuido para o desenlace fatal que todos esperamos.

A D. Ignacio destoaram as palavras do discipulo de Hypocrates, e respondeu:

— Creio que vossa mercê é bastante desapiedado com um religioso de grandes virtudes, alem de ser o amigo mais sincero da nossa familia.

— Pôde ser; não duvido da sua santidade, no que todavia descreio, é das suas intenções...

— Essas palavras envolvem uma insinuação, que devo repellir, em nome da santa amisade que nos liga a fr. Leonardo...

O medico encolheu os hombros, cravou vista acerada no marquez, e leu n'aquella physionomia um ou muitos crimes. Estremeceu e disse interiormente:

— É a primeira vez que me affirmo n'esta cara, que se não pertence a um grande miseravel, a sciencia é inepta.

E proseguiu em voz alta:

— Cumpri o meu dever de medico e de amigo, agora os senhores marquezes pae e filho, tomem a minha declaração na consideração que lhes merecer.

Comprimentou-os e retirou-se; o marquez pae disse para o filho:

— Acho que o medico tem alguma rasão no que diz...

— Ora, deixe-se d'isso, não ignora que este homem é

um atheu, um impio; como tal detesta todos os bons religiosos tementes a Deus, e que abominam a seita maldita em que se acha filiado.

— Muito bem, meu querido D. Ignacio, quanto folgo de o ver n'esta casa! A sua presença aqui, é mais uma prova da nobreza dos seus sentimentos, e do muito que estre-mece essa bemaventurada, a quem Deus reserva um lugar distincto no céu.

— Fr. Leonardo, meu santo amigo...

E os dois patifes deram um amplexo de affecto e de amizade hypocrita.

— Quando chegou, querido marquez? perguntou o fradalhão.

— Ainda não ha meia hora.

— Já esteve com sua excellentissima madraستا?

— Iria agora mesmo, se já lhe podesse fallar.

— A senhora marqueza manda dizer que já pôde receber, disse uma creada.

As duas horas da tarde fr. Leonardo não faltou; e apresentou-se no quarto da nobre, enferma acompanhado pelo tabellião; a marqueza na melhor boa fé dictou o seu testamento, deixando tudo a sua filha, e nomeando tutor, por morte de seu pae, a seu irmão D. Ignacio.

A malaventurada não lhe passava pela idéa, que emquanto dispunha da sua ultima vontade, que fr. Leonardo repetia em voz alta, para ser ouvido, o tabellião em vez de escrever o testamento, fazia uma escriptura de divida!...

Ora os leitores estarão lembrados do que foi combinado entre os dois velhacos; e já vêem que o pacto infame foi consummado! o tabellião depois de concluir, disse para a fidalga:

— Quer que leia, minha senhora?

— Para que, respondeu o frade, sua excellencia não ignora que o sr. João Anastacio é um homem de bem. Não está de accordo, minha santinha ?

— Sim ; e como é da confiança de fr. Leonardo, tambem é da minha, merecendo-me todo o conceito.

— Muito obrigado, minha senhora, respondeu o tratante, sou um homem de honra, e incapaz de abusar da estima em que me têm.

Fr. Leonardo agarrou no livro e no testamento falso, passou-os pela vista e disse :

— Assigne, minha senhora, não lhe reste duvida, acredite que acaba de assegurar o futuro de sua filha.

A marquezia agarrou na penna com mão tremula, e assignou um documento iniquo, precursor de muitos crimes e infamias.

Com a convicção firme de que confiava sua filha a um amigo dedicado, a um bom irmão, a um homem de bem, entregava a victima ao algoz que havia de sacrificar-a ás suas torpes ambições.

E quem era o principal motor de tantas infamias, e o primordial auctor da burla torpe em que se deixara cair ? Um frade maldito, um infame, que abusava da sua missão de paz e de verdade.

Fr. Leonardo tinha alcançado muito, restava-lhe porém uma duvida a resolver, e não a conseguindo, tudo ficaria perdido : quem arrecadaria aquelle documento ?

Se fosse para o poder de seu marido, podia nutrir suspeitas, não obstante a illimitada confiança que fr. Leonardo e seu filho lhe mereciam . . . E sendo lido pela marquezia, que podia abril-o, necessariamente reconheceria que tinham abusado indignamente da sua boa fé. E n'este caso tudo ficava perdido.

Conscio do imperio que tinha sobre a malfadada enferma, dobrou o testamento, metheu-o na algibeira do habito, e disse-lhe com admiravel tranquillidade de espirito :

— Eu me encarrego d'este testamento, e acreditará que fica bem entregue, affiançando-lhe que da minha mão vae ser arrecadado por baixo do sacrario da igreja do meu convento?... Ora que diz a esta lembrança, minha santinha?

A marqueza não lhe respondeu, entregue a uma dolorosa agonia, fôra assaltada por presentimentos, que não lhe satisfaziam o espirito.

O frade voltou-se para o tabellião e disse-lhe :

— Póde retirar-se, honrado homem. Vá para casa, e lá receberá o preço do seu trabalho...

Mestre João Anastacio, ao retirar-se, acercon-se de fr. Leonardo e disse-lhe :

— Cuidado, meu amigo, que ninguem veja esse testamento, emquanto esta pobre mulher conservar os olhos abertos...

CAPITULO IX

Ameaças revolucionarias

Tem decorrido trinta dias, os sinos da igreja de S. Francisco de Paula tocam a finados, o seu echo plangente e melancolico rebôa pelos ares, e perde-se através do espaço, entre os gemidos e as lagrimas de um grande numero de

pobres, que á porta do templo choram a infausta morte da nobre e virtuosa marquezia de S. Mauricio.

Os sacerdotes entoam canticos de morte, e encommendam a Deus a alma de uma santa, martyr dos soffrimentos que lhe finaram a existencia.

Junto aos altares de Deus, sobem as columnas de fumo alvacento, que em espiral se elevam magestosas.

E os sinos continuam a dobrar e a denunciar ao povo, que mais uma alma christã, trocou as illusões do mundo, as dôres da vida, e as suas duvidas, pela paz dos tumulos, pela realidade da morte, por um somno tranquillo e interrupto, até á consummação dos seculos.

A nobre marquezia antes de expirar, mandou chamar seu marido, o marquez D. Ignacio e sua filha, e já com a morte a suffocal-a, disse-lhes com voz cava e abatida:

— Marquez, e vós, D. Ignacio, ahi lhes entrego a minha pobre filha, sejam para ella o que eu desejava ser, mas Deus não quiz... Na mão de fr. Leonardo, meu santo confessor, está um testamento cerrado, cumpram a minha ultima vontade. E tu, minha innocente Beatriz, proseguiu a moribunda, tem coragem, supporta este golpe com resignação christã. Obedece aos teus tutores, e emquanto fores de menor idade, e depois mesmo, se assim te aprouver, faz o que elles te disserem, cumpre a sua vontade, que será a minha, no lugar que Deus me destinar... Marquez, e vós, D. Ignacio, promettem proteger e vellar os interesses de minha filha?

O bom do marquez respondeu-lhe com a voz estrangulada pelos soluços, seu enteado com animo placido e reflectido:

— Juro-lhe, minha senhora, que hei de amar e proteger minha-querida e estremecida irmã.

— Obrigada, D. Ignacio, Deus lhe pague as suas rectas intenções... Agora, deixe-me por alguns minutos, necessito estar só com o meu santo confessor.

As criadas levaram desmaiada D. Beatriz, o marquez velho saiu com o coração esphacellado pela dôr, apoiado ao braço de seu filho.

Uma hora depois, a marqueza entregava a alma ao Creador, e tres horas mais tarde era lido o seu testamento.

E as disposições extraordinarias e nefastas, passaram desapercibidas, devido ao estado moral do velho marquez e de sua filha, que era uma creança.

O frade e D. Ignacio alcançaram uma grande victoria, se bem que uma lucta cruel e desapiedada em breve principiaria, escondida todavia entre as dobras do manto, que vela a repugnante hypocrisia.

Decorreram dez dias sobre estes acontecimentos, D. Ignacio teve uma larga conferencia com fr. Leonardo.

Mas que fim os guiava? Que mais traições criminosas preparavam? Pois não tinham conseguido os seus desejos?

Em parte, sim, faltava-lhes todavia a conclusão, que era negocio mais arduo e difficil.

Fr. Leonardo foi o primeiro a fallar, dizendo para o seu digno cumplice:

— Meu caro D. Ignacio, sabe que toda a cidade de Lisboa e a côrte, andam sobresaltadas e irrequieta?

— Não, bem sabe que pouco me tenho relacionado, depois da morte de minha madrastra.

— Percebo, não tem perdido o seu tempo; está calculando os proventos da tutella que tão bem imaginou e eu lhe preparei... No entretanto, meu amigo, é necessario que o tempo lhe chegue para tudo; e é indispensavel entrar na apreciação das cousas publicas. Não lhe basta ser

rico, ter importancia; porque occupar um logar distincto no governo do estado, não é cousa para desprezar.

— Não digo que não, meu amigo, mas que cousas extraordinarias são essas que tanto impressionam a cõrte e a cidade?

— Pois ainda não sabe que as sociedades secretas, essas monstruosas instituições creadas pela traição, ousaram ameaçar o senhór principe regente, que Deus guarde?

— Que diz! falla seriamente?

— Não tenho por costume brincar com cousas serias. Fique sabendo que os Cruzes Vermelhas não o perseguem só ao senhor, já entram nos paços dos nossos reis, acompanhados de ameaças de regicidio...

O marquez não poudé dominar a má impressão que lhe causou ouvir fallar dos Cruzes Vermelhas, e perguntou:

— E por onde soube isso?

— Que pergunta! Ignora porventura, que eu no fundo da minha cella sei tudo que desejo saber? E o confessorario não será um poderoso auxiliar? Alem d'isto, o primeiro ministro é meu particular amigo, e o intendente geral da policia consulta-me amiudadas vezes...

— Mas que disseram, ou mandaram dizer a sua alteza?

— Eu lhe digo, hontem, o primeiro ministro mandou-me chamar e disse-me:

«Fr. Leonardo, acabo de ser prevenido por sua alteza, que sobre a secretária, onde se entrega aos preciosos labores da sua elevada intelligencia, foi encontrado um papel mysterioso, dobrado na fôrma de esquadria, e que tendo aberto o tal bilhete ou carta, encontrara apenas uma cruz vermelha, tendo por baixo as seguintes palavras:

A morte com que o tyranno Lutz XVI foi punido pe-

los seus crimes, é a sorte que está reservada para todos os tyrannos da terra. . . »

Ora, o primeiro ministro, proseguiu elle, está furioso, desesperado, e sua alteza seriamente preocupado, pois é sabido geralmente, que em Lisboa ha differentes clubs de jacobinos, maçons, traidores, que tratam de introduzir n'este reino fidelissimo, as depravadas instituições que tem ensanguentado a França.

O marquez que perdia a cabeça sempre que ouvia fallar nos Homens da Cruz Vermelha, prestava grande attenção a fr. Leonardo, e perguntou :

— Como poderemos combater o mal que nos ameaça ? Estes Homens da Cruz Vermelha, são uma especie de Prutheus, ou de vampiros, que nem mesmo onde estão se vêem, se isso lhes convém. . .

O frade surriu de uma maneira maliciosa, e respondeu :

— Ouça, e tome nota do que lhe digo, e não perca a cabeça por tão pouca cousa. É necessario prestarmos um serviço importante ao ministro e a sua alteza, d'isto depende a nossa futura salvação. . . Não se convença que tudo ha de correr como até aqui, não pense n'isso, e conte que os condes de Montalvo hão de associar-se aos nossos inimigos; porque seu filho Alvaro ama D. Beatriz, e seu avô empenha-se n'isso, que muito brilho dará á sua casa, que não prima pela riqueza. D. Raymundo da Gama, proseguiu o frade, não é seu amigo, e lembro-lhe que é tio de D. Alvaro, e irmão da condessa de Montalvo; ora para fazer face a estas influencias, temos a sua e a minha, que são deficientes.

O frade fez uma pausa e continuou, vendo que o marquez lhe prestava a maxima attenção :

— Ora, meu caro D. Ignacio, nós estamos no principio da tragedia, e antes de chegarmos ao fim, resta-nos muito que fazer, e visto que encetámos o caminho, não podemos recuar, nem trepidar; caminharemos sempre, seguiremos o nosso destino, tendo porém que afastar da nossa frente, aquelles que fatalmente se nos antepozerem. Já vê que precisamos firmar o nosso poder com boas e efficazes relações; crear dependencias, estabelecer compromissos, porque a fortuna que ambicionamos é importante, e não a levaremos sem grande luta. Percebe?

— Percebo, mas ainda me não disse o que nos cumpre fazer.

— Não tenha pressa, lá chegaremos. Como lhe disse, carecemos de esteios fortes, e para alcançal-os, é indispensavel que façamos alguma cousa que nos dê consideração, por exemplo, denunciarmos o chefe dos clubs jacobinos, e das lojas maçonicas, devassar-lhes os segredos, e acompanhá-los nas trevas em que conspiram, para os denunciarmos á luz do dia nos tribunaes de justiça; e conto comsigo para realizar este pensamento.

O marquez deu um pulo na cadeira e mudou de côr.

— De que se assusta? perguntou o frade.

— Ora essa! Pois ainda pergunta porque me assustei? Como quer o senhor que volte a encontrar-me com aquelles excommungados, que juraram tirar-me a pelle?

— Eu não lhe digo que vá provocá-los aos antros onde se reúnem; seria uma grave imprudencia, sem nos dar nenhum resultado bom; mas o senhor pôde arranjar um homem, que segundo me disse, é um prodigio para estas cousas... E tenho que prevenil-o mais, de que hoje havemos de ter uma conferencia com o primeiro ministro, e com o intendente geral da policia, que o esperam anciosos...

— A mim ! Porque ?

O frade tornou a sorrir de uma maneira equívoca, e respondeu :

— Para lhes dar os importantes esclarecimentos que esperam, e receberem a luz que ha de guiar a policia, que tanto ás escuras anda . . .

O pasmo do marquez tomou proporções mythologicas, e disse com os seus botões :

— Este homem tem um pensamento reservado ; o seu fim é armar-me alguma cilada. Vejamos e ponhamo-nos de prevenção . . .

Depois d'este prudente monologo, proseguiu em voz alta :

— Pois meu amigo, fez mal em comprometter o meu nome, porque realmente nada sei ; e nem tão pouco conheço essa preciosidade policial de que me fallou ha pouco.

O frade fez uma careta e franziu o sobr'olho ; ficou carrancudo por alguns momentos e disse-lhe :

— O senhor é um covarde, não merece que um homem de acção como eu, gaste o seu tempo em coadjuvar-o . . . Com que então parece-lhe que tem feito muito, porque redigiu com soffrivel habilidade um testamento, em que aproveitava tudo ? Engana-se, é necessario fazer mais, aliás . . .

— Aliás o que, fr. Leonardo, perguntou o fidalgo despeitado.

— Deixo-o ficar com as suas ambições, que não poderá realisar, volto-me para aquelles que reconhecem as vantagens que auferem com o casamento de D. Alvaro com D. Beatriz ; porque elles me darão quanto dinheiro eu quizer, e alcançar-me-hão a mitra que ambiciono.

D. Ignacio estava nas mãos d'aquelle homem, pertencendo-lhe, necessitava d'elle ; transigiu e reservou a sua desforra para mais tarde, se podesse, ou lhe conviesse . . .

— Ora vamos, fr. Leonardo, não me ralhe por tão pouco. Farei o que quizer, e o que me disser; mas separar-se dos meus interesses, deve concordar que não convém a mim nem a si.

— Diga o que quer e o que deseja.

— Assim é possível que nos entendamos; ouça: não me fallou de uns musicos ambulantes que appareceram em Coimbra, e de uma mystificação que os estudantes fizeram á justiça?

— É verdade.

— Muito bem, os auctores da tal brincadeira não foram D. Raymundo, um frade trino, e um estudante de direito?

— Sim, e foi o que constou na cidade.

— Pois ahí tem materia sufficiente para architectar uma historia de arripiar, uma lenda de conspiradores jacobinos, e finalmente, um meio engenhoso de se iniciar nas boas graças do ministro e do principe regente; e a melhor maneira de ir indispondo a familia de Montalvo com a côrte...

— Não diga ao ministro o que sabe; proseguiu o frade, affirme-lhe o que não souber... sim, que fizeram reuniões e alcançaram adeptos, percebe?

— Vou percebendo, e admiro a sua excellente imaginação.

— Ora ainda bem... Ouça, não me fallou tambem de um empregado muito intelligente, e excellente farejador policial?

— Bem me lembro, é o Apiceto Parreira.

— E realmente esse homem possui a finura que me disse?

— Com certeza, e não sei quem o exceda n'estas cousas da policia.

— Recommande-o ao intendente, e chame-o para o nosso partido, pois é possível que tenhamos n'elle um bom auxiliar. Agora, vamos procurar o ministro, disse o frade levantando-se, e diga-me primeiro o que foi fazer a casa da Joannita na noite em que chegou. . .

D. Ignacio não esperava por aquella pergunta á queima roupa; ficou atrapalhado, e respondeu ao acaso :

— Ignorava que soubesse isso.. e visto saber-o, sim, fui, mas saí logo. . .

— Percebo, respondeu o frade com modo picaresco, o senhor saiu, porque foi posto na rua sem cerimonia. . . Ora vamos, que não foi muito feliz. . . Mudemos porém de assumpto, vamos para casa do ministro, proseguiu elle, rindo de uma maneira mephistophelica.

Partiram, e pelo caminho D. Ignacio foi tirando corolarios e concluiu, que fr. Leonardo não podia por fórma alguma ser seu amigo, e que muito caro venderia os serviços que lhe prestava. . .

Na rua larga de S. Roque, morava n'um esplendido palacio, o conde de Miragaya, primeiro ministro assistente ao despacho.

Era um homem baixinho, um pouco rotundo, de maneiras graves e manhosas, usava de luneta, era surdo quando lhe convinha, e mais cego de que uma vibora, se os negocios politicos lh'o exigiam.

Acostumando-se a mentir, perdera o habito de fallar verdade, e quando dizia sim, nunca cumpria; mas se dava uma resposta negativa, era certo que o pretendente ficava mais tarde satisfeito.

Quando instavam com elle sobre qualquer negocio que lhe não convinha, punha em posição a temivel luneta, fazia-se mais surdo de que um defuncto, não comprehendia

cousa alguma, ouvia muito menos; e a sua impertinente falta de vista, era a fatal origem de todos os males....

E depois de cansar a paciência dos requerentes com respostas disparatadas, devidas á sua terrível surdez, ria-se quando os via sair desesperados, dando ao diabo um ministro cego e surdo, que não sabia fallar verdade.

O conde de Miragaya tinha particular estima por fr. Leonardo, que influira bastante no animo do geral dos franciscanos, que o recommendou ao principe regente para nomeal-o seu primeiro ministro.

O conde estava no seu gabinete particular entregue ás longas locubrações do seu espirito, quando lhe annunciaram o frade e D. Ignacio. Ordenou que entrassem, e foi recebê-los á porta, cousa que não fazia a muita gente boa.

Como ia tratar de negocio que lhe convinha, deixou de ser miope, surdo muito menos, e disse-lhes :

— Meus senhores, esperava com impaciência a sua visita, porque enfim os tempos caminham perigosos, e a um ministro não sobeja o tempo, cercado como se vê de revolucionarios estrangeirados, que insistentes e audaciosos conspiram contra o throno e o altar.

O ministro fez uma pausa, cravou vista acerada no Marquez D. Ignacio, e perguntou-lhe :

— Diga, meu primo—permitta-me este tratamento familiar, porque ainda somos parentes—quando chegou de Coimbra ?

— Haverá um mez, pouco mais ou menos.

— Muito bem, e que noticias me dá dos revolucionarios ? Constatou-me, por fr. Leonardo, que vossa excellencia está altamente informado sobre os planos tenebrosos dos jacobinos... e que se transformou, para elles, em espada de Damocles ; não lhes concede treguas, persegue-os de dia e de noi-

te... Affianço-lhe, senhor meu primo, que tenho summa pena que não completasse o curso de direito, porque o nomearia intendente geral da policia. Possui todos os dotes que recommendam um bom funcionario policial: arrojado, infatigavel, intelligente e audacioso... Finalmente, encontraria em vossa excellencia, um poderoso auxiliar...

O ministro tornou a cravar n'elle os seus olbinhos redondos e vermelhos, como se fossem de perdiz, e esperou a sua resposta.

D. Ignacio estava como n'um braseiro, ao ouvir os encomios que o ministro lhe desfechava á queima-roupa.

Debalde procurava encontrar um signal de intelligencia por parte de fr. Leonardo, que ao contrario approvava entusiasmado as palavras do conde de Miragaya, que proseguiu:

— Vamos, porém, meu querido amigo, diga-nos o que sabe; e creio que a sua estreia, quando pela primeira vez se introduziu entre os pedreiros livres, foi de um effeito magico, deslumbrante...

O marquez collocado entre a espada e a parede, conscio de que se não tomasse uma resolução arrojada, perdia o seu futuro, tomou animo e respondeu:

— Senhor conde, o meu mais ardente desejo é ser util ao throno e ao altar; e comoquanto reconheça que da minha dedicação hão de surgir-me grandes perigos e dissabores, com a consciencia do dever, caminharei até ao fim sem trepidar.

— Muito bem, prosiga, estimavel primo, não tenha medo, porque para protegê-lo dos seus inimigos, cá estou eu e sua alteza.

— O marquez cumprimentou-o e proseguiu:

— Os jacobinos estiveram em Coimbra, apresentaram-se

como músicos ambulantes; e as justiças da cidade desconfiando d'elles, deram-lhes uma assalada; mas gozou, graças á escandalosa protecção dada por alguns academicos já filiados na seita, dirigidos por D. Raymundo da Gama, por fr. Rodrigo, estudante de canones, e por um tal Antonio Pinto, que completa este anno a sua formatura em direito...

— Sim? respondeu o ministro; e esses estudantes estão filiados na seita?

— Estão.

— Tem a certeza d'isso?

— Tenho, pelas suas idéas liberaes; e alem d'isto, têm dado constantes provas de immoralidade, de serem uns ímpios sacrilegos, que nunca vão á igreja.

— Ora, esse D. Raymundo da Gama, não é irmão da condessa de Montalvo?

— É, sim, excellentissimo.

O ministro reflectiu um momento, e respondeu:

— A coisa de que nós mais carecemos, é devasar os actos dos revolucionarios: consta-me que alem da maçonaria, há tambem clubs de jacobinos afraquecidos, que desejam trocar o paternal governo de sua alteza real, pelas instituições por que se governa a França, que tem salpicado de sangue o sagrado e o profano. Necessito saber quem são os adeptos, os que dirigem a seita, e onde reúnem; e a pessoa que me conseguir isto, tem direito á real protecção de sua alteza, e á consideração de todos os homens devotados á boa causa... Diga, não ha em Coimbra um empregado que se recommenda pela sua intelligencia e dedicação?

— Ha, sim, senhor, é o Aniceto Parreira.

— Dou-lhe carta branca, meu querido primo, para po-

der vigiar esse tal D. Raymundo, e os seus amigos; porque desejo saber o que são, e um tal D. Bonifacio Alvellos, que me dizem ser o actual grão mestre da *franco-maçonaria*.

— Empregue n'este serviço todas as pessoas que lhe possam prestar esclarecimentos. O intendente geral da policia vae receber ordem para mandar vir para Lisboa o Apiceto, e vossa excellencia disponha dos meios que lhe faculta a sua intelligencia e character audaz. Lembro-lhe que o conde de Montalvo esteve por muito tempo em Paris, e não me inspira muita confiança.

O primeiro ministro levantou-se, e despediu o frade e o seu querido primo, dizendo-lhe:

— Não tema os seus inimigos, caminhe, senhor Marquez, que sua alteza lhe demonstrará o seu real agrado.

O Marquez saiu acompanhado por fr. Leonardo, que lhe disse:

— Muito bem, D. Ignacio, foi de um arrojado sublime! Coragem, porque o futuro é nosso. Para chegarmos onde queremos, é necessario não vacillar; e acredite que nos condes de Montalvo não encontrará amisade devotada.

CAPITULO X

O homem mysterioso

O marquez D. Ignacio foi para casa, e encontrou seu pae que saíra pela primeira vez, depois da morte de sua esposa.

D. Ignacio não primava pelo amor filial, mas como lhe convinha demonstrar o contrario, usava da mascara hypocrita que distingue os phariseus, mostrando-se-lhe affectuoso.

Assim que chegou ao palacio, perguntou por sua irmã, e responderam-lhe que passeava no jardim com D. Alvaro de Mascarenhas.

D. Beatriz ainda deplorava a fatal morte de sua estremeçada mãe; e o golpe desapiedado que recebera imprimira-lhe no character uma constante melancolia; e a creança desconfiada desaparecera, ante as dores cruciantes que lhe finavam o espirito.

Mais de uma vez se lembrara das disposições testamentarias de sua mãe: desejara fazer sciente a seu pae das apprehensões que n'ella se davam, mas por um sentimento de delicadeza e respeito, para com a memoria d'aquella que ainda tanto amava, abstinha-se de quaesquer manifestações sobre aquelle facto, de grande gravidade.

Ora, n'este dia, tendo saído seu irmão com fr. Leonardo e seu pae, ficou entre a saudade e o isolamento, que é seu irmão gêmeo e congenere; soffria, mas resignava-se com piedade christã; e sem querer, meditava detidamente sobre as extraordinarias clausulas do testamento...

Achava-se entregue a estas locubrações, quando lhe annunciaram que um personagem estranho lhe desejava falar.

Perguntou quem era, e o criado respondeu:

— Não sei, minha senhora, é um sujeito bem trajado, de physionomia sympathica, e de maneiras polidas.

— Manda entrar, respondeu ella.

O criado complimentou-a e retirou-se.

D. Beatriz apresentou-se na sala e disse para o desconhecido:

— Sei que me procurou, e como necessariamente alguma idéa o dirige, rogo-lhe a especial bondade de dizer o que pretende, não obstante ignorar a quem tenho a honra de falar.

— Minha senhora, o pensamento que me guia, é justo e santo; conheço que a minha posição n'esta casa é equívoca, mas quando vossa excellencia souber a causa, desculpár-me-ha e...

— Prosiga, senhor, e em face das suas declarações.

— Sim, minha senhora, creio que será absolvido por me annunciar sem previa apresentação, e guardando o incognito...

A joven complimentou-o; elle proseguir:

— A excellentissima mãe de vossa excellencia era uma santa, um espirito puro e um coração de ouro; dominada, porém, pela nefasta influencia de um homem, a todos sur-

prehenden as disposições testamentarias com que se firmou...

— Senhor, sou uma criança, mas a minha pouca idade não o auctorisa a irrogar censuras aos actos de minha mãe. Se para isso me procurou, pôde dar a sua missão por concluída...

D. Beatriz levantou-se, o desconhecido exhalou um gemido; o rosto cobriu-se-lhe com as sombras de uma grande melancolia, e respondeu com voz commovida:

— As mais santas intenções, são quasi sempre mal interpretadas... O fim mais justo é regularmente prejudicado pelas prevenções da inexperiencia... Não venho irrogar censuras aos actos de sua virtuosa e innocente mãe; venho tão sómente prevenil-a, que se guarde do uso que podem vir a fazer d'essa ultima vontade, se...

A joven tinha uma rasão clara, um espirito superior e uma educação esmerada.

As palavras d'aquelle homem fizeram ecco no seu coração, porque lhe diziam, o que já ella pensava por muitas vezes.

Cravou os seus grandes olhos no estranho, que se conservou tranquillo. Uma idéa lhe passou rapida pela imaginação, um pensamento a dominou insistente, uma voz lhe segredou aos ouvidos dizendo-lhe:

«Attende a voz da amizade! Ouve os conselhos da virtude...»

Tudo passou rapido! Reflexionou alguns momentos, e erguendo a cabeça disse-lhe com voz decidida:

— Prosiga, senhor, queira concluir.

— Minha senhora, pouco me resta a dizer-lhe, é resumido, mas significativo. Livre-se dessa excellencia de uma tutela, que deverá degenerar em tyrannia... Acautele-se dos

conselhos perdidos, e das imposições insidiosas ! Ceda aos impulsos do coração, mas afaste para longe o que lhe for imposto em nome do serviço de Deus...

— Mas, senhor, o testamento de minha mãe...

— Sim, o testamento parace ser a sua última vontade... E se não for? Se em vez da verdade, existir n'elle a traição torpe? E se a sua virtuosa mãe morresse ignorando o conthendo d'aquelle documento?

— Oh ! senhor, isso não pôde ser ! O testamento é feito por um tabelião, e está assignado por minha santa mãe...

— Sei tudo isso, senhora, mas...

D. Beatriz tornou a flectir o estranho personagem que lhe calra em casa como um aerolite, e redarguiu :

— Não sei quem o senhor é ; desculpe a franqueza com que lhe fallo ; e se não me está mystificando, a sua intenção será peor... Diga, que interesse lhe inspire, ou que circumstancia o auctoris, para se ingerir nos negocios da minha familia?

— Eu não represento a minha vontade, outrem, que mais alto está, me enviou perante vossa excellencia... Não se rá verdade, que no testamento da senhora marquesa, se acha a clausula de que quando vossa excellencia morra sem successão, ou que prefira professar n'um convento, todos os bens não vinculados na importancia de tres ou quatro milhões, passara para seu irmão o sr. D. Ignacio?

— É verdade ! E como consta isso, sendo o testamento serrado, e tendo sido lido apenas na presença de tres pessoas?

O desconhecido sorriu e respondeu :

— Aos invisíveis nada se lhes esconde ! Tudo sabem, sem todavia dispoarem de confissionario... Lembro, porém, à vossa excellencia, que lhe hão de armar siladas, hão de

impelil-a para o claustro, hão de feril-a nas suas mais caras afeições, e perseguir o homem que escolher e amar; ambos serão victimas, por que se nada de vossa excellencia conseguirem, não duvidarão appellar para o assassinato covarde! Para o veneno, ou para o punhal...

A joven ficou offegante, tremeu atterrada, e com os labios frementes perguntou:

— Que terrivel predição é essa? Que futuro de agonias cruciantes me annuncia? Oh! meu Deus! Valei-me, Senhor! Creio que principia a justificação das graves apprehensões de minha santa mãe... Ouça, senhor enviado por Deus ou pelos homens, em que rasão funda as suas prophecias? Quem é, e qual é a sua missão na terra?

A joven curvou a cabeça; o pranto caía-lhe abundante e o seu espirito soffria.

O desconhecido sempre frio e impassivel, sentiu todavia uma grossa lagrima rolar-lhe pelas faces pallidas.

— Não me pergunte quem sou, não lh'o posso dizer... Não interrogue o meu passado! É longo, é uma extensa peregrinação... Não me pergunte o paiz em que nasci; nem os annos que tenho vivido! Nada lhe posso dizer do que me respeita; e todavia aqui estou para prevenil-a do mal que lhe pôde acontecer. A minha missão na terra está-me prescripta pelo dever; não pertenço a mim, mas sim áquelles que nas trevas são obreiros da luz... E mais tarde a sociedade lhe fará justiça... Não sou um enviado de Deus, mas represento quem pelo seu santo nome, defende e pugna pelo bem da humanidade. As rasões em que fundo as minhas predições são obvias: fundo-as na experiencia, no conhecimento que tenho do mundo e dos homens...

Fez uma pausa; a joven estava como suspensa dos labios do desconhecido, que lhe fallava de uma maneira mys-

teriosa, de missões que ignorava, de entes que trabalhavam nas trevas, e de direitos e princípios de que nunca ouvira fallar.

Aquelle homem seria um louco, um visionario ou um velhaco?

A sua intelligencia respondia-lhe negativamente; e a consciencia affiançava-lhe que fallava a verdade.

— E como poderei conjurar a tempestade? Como alcançarei defender-me quando o raio estallar? Sou uma creança, uma pobre mulher indefeza...

O desconhecido tornou a cravar na joven vista acerada e respondeu:

— Quando vossa excellencia se considerar abandonada, quando o seu coração esphacellado necessitar de consolação, e a sua vida, ou a de alguma pessoa que estremeça, estiverem ameaçadas, recorra para aquelles que, seguindo as maximas do Divino Mestre, dizem como Elle: «O maior no reino dos céus, é o mais humilde na terra...» Recorra para elles, peça-lhes o seu auxilio, que serão com-sigo.

— Quem são porém esses entes mysteriosos e potentes? Onde residem? Como poderei encontral-os quando precisar do seu auxilio?

— Aquelles que lhe podem prestar o seu apoio, são os Homens da Cruz Vermelha! A maneira de os achar ou de prevenil-os é facil.

Ao dizer isto guardou silencio alguns momentos e proseguiu:

— D. Beatriz, jura pela memoria de sua santa mãe, não divulgar a pessoa alguma o segredo que lhe vou confiar?

— Juro.

— Muito bem ; se um dia necessitar do nosso apoio, mande esta carta ao seu destino, que será salva.

Entregou-lhe uma carta. Era meia folha de papel, com uma cruz vermelha ao centro, tendo por baixo apenas o seguinte :

«Aquelles que erguem altares á virtude, e cavam masmorras ao vicio, pedimos auxilio.»

A joven deu algumas voltas ao papel, e perguntou ingenuamente :

— É só isto ?

— Sim, e não carece de mais para ser attendida.

— Onde hei de envial-a ? Que destino lhe darei ?

— Por si, ou por pessoa da sua confiança, mande entregar essa carta na rua dos Remedios, n.º 73, 2.º andar. Pergunte por Valerio Thimoteo.

- Comprimmentou-a e retirou-se da sala.

- A joven puchou o cordão de uma campainha, e um criado compareceu.

— Acompanhe o senhor que d'aqui saíu até ao vestibulo, é natural que não saiba os cantos da casa, disse ella com voz alterada.

— Já se foi, encontrei-o na escada . . . E quem entrou foi o sr. D. Alvaro de Mascarenhas.

As faces da donzella tomaram uma ligeira vermelhidão ; metteu o mysterioso papel no seio, e disse para o servo que respeitoso, entre portas, esperava pelas suas ordens :

— Diga a meu primo, que tenha a bondade de me esperar no jardim, que já vou ao seu encontro.

O criado comprimmentou-a e desapareceu.

Ora, D. Beatriz, comquanto não tivesse um espirito romanesco, nem tendencia alguma para as cousas sobrenatu-

raes, não ponde resistir á corrente que a impellia para aquelle homem, envolto nas densas dobras do mysterio.

Estaria realmente acordada, ou tudo aquillo fôra um sonho? Mas o desconhecido fallara-lhe em acontecimentos reaes, em factos acontecidos no seio da sua familia; e se bem que se abstinhesse de fazer accusações individuaes, nas suas palavras transparecera o sufficiente, para calcular d'onde lhe podia vir o perigo.

E se tudo aquillo fosse uma mystificação, e o estranho personagem não passasse de um louco?

Tambem não lhe parecia que fosse assim. Quem eram, porém, os invisiveis que viviam incognitos, constituindo uma vasta associação? Absorta n'estas apreciações, disse comsigo:

— Alvaro tem grande conhecimento do mundo, e sem faltar ao juramento que prestei, hei de saber d'elle se realmente existem os homens de que me fallou o Valerio Thimoteo.

Em acto continuo desceu para o jardim, e achou-se em frente de D. Alvaro, que presentindo-a, correu ao seu encontro.

D. Beatriz tinha um ceracter energico e decidido; o terror não era o melhor meio para a fazer mudar de opinião; ao vel-o disse-lhe:

— Estimo bastante que se lembrasse de vir hoje mais cedo, estava n'um isolamento atroz; e assim passo as interminaveis horas dos dias... Nunca lhes vejo alteração, são sempre as mesmas.

— Minha linda prima, o meu mais ardente desejo era passar todos os instantes ao seu lado, bem sabe quanto a estimo, e...

A joven cravou n'elle os olhos, ruborizou-se, e respondeu:

— Sabe, querido primo, que sou essencialmente franca, e por isso lhe afianço que os melhores momentos da minha vida, são os que passamos juntos.

— Oh! meu Deus que ventura, querida Beatriz; se me fosse possível nutrir uma esperança...

— Diga, e porque não ha de nutril-a? A esperança é o refugio dos que soffrem.

— E eu soffro bastante.

— Porque? Que causas tem para esses soffrimentos?

— Porque fundo a minha esperança n'um sonho abençoado, e receio que o despertar seja cruciante.

— N'esse caso continue a dormir, se mais lhe agrada...

— Eu sonho estando acordado...

— Agora é que não percebo nada do que diz, se é que não está brincando.

— Nunca brinquei com cousas serias; e o que lhe estou dizendo é o mais sisudo do mundo.

— Pois então explique-se; não gosto de logogriphos, de enygmas muito menos, disse a joven rindo.

— Pois minha querida prima, visto ordenar que me explique obedeço, mas não se ha de zangar commigo, sim?

— Ai, primo, o senhor está fazendo de mim uma especie de papão! Pois já me viu alguma vez zangada?

— Não, mas receio que se zangue.

— O primo tenciona offender-me, dirigindo-me palavras imprudentes?

— Deus me defenda de semelhante cousa.

— Pois diga o que deseja...

O mancebo vacillou ainda alguns momentos, assumiu um modo serio e disse-lhe:

— Estou a completar dezenove annos, e a prima deseseis; a minha familia é honrada, e em nobreza não cede ás mais

antigas d'estes reinos ; riqueza não tem, mas vive modestamente. A prima é immensamente rica, cousa que bastante deploro.

A joven perguntou :

— Para que me falla d'essas cousas ?

— Ouça, e visto que me mandou fallar, ha de ouvir, tenha paciencia. Se a prima fosse tão pobre como eu, podia dizer-lhe : Logo que complete os meus estudos, e ponha as dragonas de tenente, peço a sua mão, porque a estremeço, como os anjos estremecem a Deus, e Deus a virtude...

.. A joven córou como uma romã, sentiu que o coração lhe batia com violencia, e a creança tornou-se mulher ao ouvir as primeiras palavras de amor.

Com o peito offegante, e os labios frementes, respondeu :

— D. Alvaro, acaba de me fazer uma declaração, que não discuto, lembro-lhe porém que sou menor, e que também o é. Repellir as suas palavras não posso, é contrario aos meus sentimentos ; mas digo-lhe, que a minha riqueza nunca poderá servir de obstaculo aos seus desejos, se outro se não levantar.

O joven caiu-lhe aos pés.

— Oh ! meu Deus, disse elle, abençoado momento é este ! E abençoadas são as palavras que pronunciou ! Para a vida e para a morte serei seu, seu eternamente.

A joven sustentava uma lucta cruel, mas era mulher, amava ; e se ainda não o tinha adivinhado, já lhe não restava duvida.

.. — Levante-se, D. Alvaro, por hoje peço-lhe que não pronuncie mais uma palavra sobre este grave assumpto ; e se continuar, retiro-me...

Ao dizer-lhe isto, apertou-lhe ligeiramente a mão, e sor-

riu-lhe de uma maneira encantadora. Em amor estavam trocadas as primeiras declarações.

Os seus corações compreendiam-se, voavam um para o outro nas azas da ventura.

Aquelles dois espiritos uniam-se pelo amor, viviam de doces illusões, de pensamentos inebriantes, e de sonhos ridentes, que os constituiam felizes.

Não lhes transparecia um ponto escuro no horisonte, que para elles despontava.

Tudo lhes parecia côr de rosa, e saturado pelo aroma perfumado das flores. E se lhes perguntassem pelo futuro, acreditariam piamente, que seria de uma felicidade infinita!

Era a juventude com as suas illusões e esperanças! Esperanças que o perpassar dos annos, erisol que tudo depura e decompõe, torna em crueis realidades... E mais de uma vez em dôres acerbadas e desapiedadas...

D. Alvaro assentou-se ao lado da joven, e cumprindo os seus desejos, não lhe dirigiu mais palavra alguma sobre o seu amor; mais tarde tiraria a desforra da abstinencia que ella lhe impunha.

D. Beatriz disse-lhe :

— Primo, sei que tem bastante conhecimento do mundo, e por isso lhe vou fazer uma pergunta.

O mancebo comprimontou-a e respondeu :

— Se souber, com todo o gosto a informarei.

A joven guardou silencio alguns instantes, e disse-lhe :

— Meu primo, tem ouvido fallar de uma sociedade de homens, que trabalham em beneficio da sociedade e do genero humano?

— Por essa pergunta tão vaga, permita-me dizer-lhe que não me habilita, para lhe poder responder. Queira dar-me

mais alguns esclarecimentos, dados restrictamente positivos...

— Não me fiz comprehender, e todavia pouco mais poderei adiantar. Os homens de que lhe fallo só reúnem de noite e ás escondidas das auctoridades; tenho ouvido dizer d'elles muitos absurdos, e não creio em metade do que os seus inimigos proclamam. Segundo me consta, a sua divisa é fazerem o bem pelo bem, e castigarem o mal com o mal.

O joven cravou olhares perspicazes em D. Beatriz, reflectiu alguns momentos e respondeu:

— Agora já sei o que lhe hei de responder, os homens de que me falla, são geralmente conhecidos pelos nomes de illuminados, ou de *franco maçons*, será isto?

A donzella sacudiu ligeiramente a cabeça, e não se mostrou satisfeita.

— Não, meu primo, com esse nome ainda os não ouvi classificar; e além de meu irmão e fr. Leonardo, é o senhor a primeira pessoa que pronuncia esses dois nomes. E os que nomeou, também usam de cruz vermelha?

— Creio que sim; e segundo me consta, é um dos emblemas dos graus mais distinctos...

— Sim! E que idéa faz d'esses homens, no todo ou em parte? São maus ou bons? Justos ou injustos? Cruéis ou compassivos? Virtuosos ou viciosos? São poderosos ou fracos? Sabios ou ignorantes?

D. Alvaro já não se dava bem com tantas perguntas desfechadas á queima-roupa; e não querendo denunciar-se, respondeu:

— Os invisíveis...

A joven interrompeu-o e bradou offegante:

— Ora até que lhe acertou com o nome... prosiga, que tenho bastante interesse em ouvir o resto.

— Diabo, disse elle interiormente, esta minha linda prima tem caprichos extravagantes... É como todas as mulheres que tem um coração de ouro, e uma carinha bonita.

Depois d'este pequeno monologo, disse em voz alta:

— Creio que os invisiveis são tudo quanto me perguntou...

— Não percebo, queira explicar-se melhor.

— Minha querida priminha, toda a medalha tem um reverso, e tudo n'este mundo é, conforme o prisma por onde se observam as cousas. Ora é assim que succede para com os objectos envoltos n'uma penumbra, que não poucas vezes influe sobre a sua apreciação.

— Cada vez percebo menos, nem sei mesmo a que deseja chegar.

— Mais claro, linda Beatriz, os invisiveis ou *franco-maçons*, são maus para os despotas, viciosos, para os hypocritas, e fracos para os que ignoram o seu poder... Para os humildes e perseguidos, para os pequenos e oprimidos, são, porém, potentes, como a grandeza dos principios que representam. Têm virtudes, abnegação e humanidade; e a verdadeira religião, a do Divino Crucificado, é para elles um dogma de fé viva e de esperança consoladora.

— Basta, primo, disse a joven, levantando-se com impeto vertiginoso, com os labios frementes, e as faces purpureadas, basta, a idéa que me dá d'esses invisiveis, martyres dos principios de eterna justiça, satisfazem-me, estão em harmonia com as disposições do meu espirito.

D. Alvaro tambem se erguera admirado pelo enthusiasmo da joven, que dos olhos irradiava um fogo divino! Parecia que uma aureola lhe coroava a fronte de belleza irreprehensivel.

— Ora porque me fez todas estas perguntas, e porque tanto se enthusiasma? animou-se elle a perguntar.

— Não lh'o posso dizer por emquanto, é um segredo que me não pertence, e que talvez ligue bastante com o nosso futuro...

A joven transfigurara-se, arrebatava, arrebatando-se ás altas regiões dos grandes mysterios.

— Alvaro, proseguiu ella, tenho presentimentos terriveis! A creança de hontem, desapareceu hoje, mas saiba que tenho fé no seu amor; acredite que teremos de atravessar crises calamitosas, e...

Não poudo proseguir, porque uma criada lhe veio dizer, que o sr. D. Ignacio desejava fallar-lhe, e a estava esperando.

A joven cambeou um olhar de intelligencia com o primo e retirou-se.

D. Alvaro ficou reflexionando sobre as perguntas que D. Beatriz lhe fizera, que por assim dizer envolviam um mysterio.

Elle ouvira muitas vezes seu avô fallar da visita dos *franco-maçons*, dos seus trabalhos insistentes a favor dos direitos do homem, e dos principios politicos que apostolavam.

Seu avô, que elle respeitava, sempre tecera elogios á instituição e áquelles que lhe dedicavam o vigor da sua intelligencia; acrescentando que mais tarde as idéas, que não saíam das trevas, seriam proclamadas á luz do dia, entre as freneticas acclamações dos povos emancipados.

Mas que ligações podiam ter estas cousas com sua prima, que nunca d'ellas lhe fallára? E as disposições testamentarias da marquezia, que tinham indignado sua mãe e seu avô?

D. Beatriz ainda nada lhe dissera a este respeito; elle porém não perderia o ensejo de perguntar-lh'o...

Ora os leitores, enquanto o mancebo se entrega a estas locubrações, e D. Beatriz tem uma conferencia com seu irmão, fiquem sabendo que elle não olvidara as prevenções da joven, em relação ás suspeitas que nutria sobre o procedimento de D. Ignacio, e safu na firme intenção de fallar a seu avô, cuja intelligencia elevada muito respeitava.

D. Beatriz entrou no gabinete onde seu irmão a esperava, e n'uma extensa conferencia este lhe testemunhou um affecto illimitado, amor estremecido, fazendo-lhe ver que o seu mais ardente desejo era vel-a feliz; e conduziu a conversação por maneira, que lhe deu a entender, não ignorar a sympathia que consagrava a seu primo, ao qual teceu innumeros elogios.

A joven guardou todavia uma reserva impropria da sua idade, e a não estar prevenida, o seu procedimento seria differente.

O marquez Ignacio não ficou satisfeito, e desejando convencer-se da verdade para chegar aos seus fins, n'esse mesmo dia fez de uma das criadas de sua irmã, uma espia, que no futuro o poz ao facto de quanto ella dizia ou praticava.

CAPITULO XI

A seducção

O marquez de S. Mauricio Ignacio e fr. Leonardo não repararam n'um pobre diabo aleijado, que ao sairem do palacio do primeiro ministro lhes estendeu a mão, dizendo com voz esganiçada e grande lamuria :

«Uma esmolinha meus senhores, ao pobre aleijado.»

Ora este mesmo pobre, que mudava de cara e de farrapos como lhe convinha, que era aleijado por fóra, mas são escorreto por dentro, tambem pedia esmola á porta do palacio dos nobres marquezes de S. Mauricio, no dia que fr. Leonardo e mestre João Anastacio, prepararam a infame comedia do testamento falso.

Os leitores já o conhecem : é o celebre almocreve que mystificou D. Ignacio e o seu criado, no dia em que chegaram a Lisboa.

O aleijado, por conveniencia, assim que viu entrar para o palacio o frade e o mestre João Anastacio, disse com os seus botões :

— A menina Joanninha e o nosso velho veneravel, que ainda estou para saber quem é, porque sempre o vejo com a cara encaixada nos formidaveis oculos, e com um barrete

preto que lhe cobre a cabeça até ás orelhas, ordenou-me que vigiasse a casa do marquez, e tomasse nota das pessoas que entram ou saem.

— Muito bem, proseguiu elle, estamos de accordo, e quem será este figurão que acompanha o celebre fr. Leonardo? Será algum intrujão? Ora vamos lá, sr. Ricardo Casquilho, vossa mercê foi em tempo um importante gatu-no, um farcista de grande força, mas um dia teve uns pe-cadilhos com a policia e zas, iam pregar comsigo no Li-moeiro... E ainda lá estaria este pobre e malfadado cada-ver, a não ser a protecção dos nobres condes de Montalvo. Dois fidalgos de lei; mas tem graça, quando fallo com o irmão Confúcio, parece-me sempre que estou tratando com o senhor conde avô... Mas qual historia, não póde ser... o facto é que o tal velhinho veneravel, tem a mesma altu-ra; é pena que nunca lhe veja bem a cara...

Achava-se entregue a este precioso monologo, quando viu sair o frade e o individuo que o acompanhava; o men-digo cravou n'elles vista acerada, e bradou-lhes com a sua habitual voz esgançada:

— Uma esmolinha, meus devotos, para o pobre aleijadi-nho, que não póde ganhar o pão de cada dia.

O frade atirou-lhe com uma moeda de cobre, que elle agarrou com mãos tremulas, apurando o ouvido:

— Deus lh'o pague, meus santos devotos.

N'esta occasião passavam junto d'elle, e o desconhecido ia dizendo para o seu companheiro:

— A marquezia enguliu a pilula maravilhosamente...

Voltaram á esquina de uma travessa, e desapareceram.

O aleijadito ficou a ruminar uma idéa:

— Diabo, aqui anda negocio encoberto... Vamos, gran-

de estafermo, é pôr as patas ao caminho, e chegar quanto antes ao largo do Rato...

Dito e feito, encostou-se ás muletas, e elleahi vae arrastando-se com a velocidade de uma tartaruga, a caminhar pelas areias.

Um quarto de hora depois, batia á porta de Joannita, bradando com voz fanhosa :

— Esmola para o pobre Ricardo Casquilho...

— Entre, disse uma velha abrindo a porta ; a senhora está lá em cima.

O bom do Casquilho, que já estava em paiz amigo, atirou com as muletas para o canto, e galgou de um pulo o lanço das escadas, e entrou na sala como uma bomba :

— Menina Joanninha, temos mouro na costa.

— Que dizes, homem ? Então que descobriste ?

— Nada, e muita cousa.

— Não percebo.

— Mas vae perceber.

Em seguida contou-lhe o que tinha visto e ouvido do homem que não conhecera.

Joannita franziu o sobr'olho e perguntou :

— Que signaes tinha esse homem ?

— Era mais baixo do que eu, teria quarenta annos, é amarelento e mal encarado.

— Que levava vestido ?

— Calções pretos, casaca e chapéu tricornéo.

— E que mais ?

— Mais nada... Espere, eu ainda lhe notei mais alguma cousa... ha, sim, levava um livro debaixo do braço.

— Um livro ! exclamou a Joannita, então era necessariamente algum tabellião...

— Eu sei lá, póde ser que sim...

A rapariga, porém, não lhe respondeu, e disse em voz baixa :

— Um livro... sim, e as palavras que disseram não deixam duvida. Ergueu a cabeça e disse :

— Ricardo, és um rapaz estimavel, continúa a vigiar todos os passos d'esses homens; agora, retira-te, porque a mim é que cumpre saber o resto.

Ricardo saiu, e Joannita disse para a criada :

— Thereza, vae alugar uma sege.

A velha saiu.

As oito horas da noite mettia-se n'uma traquitana, embuçada n'um amplo manto escuro, que a envolvia toda.

— Para o largo da Graça, e depressa, percebe?

— Sim, minha patrão.

O boleiro saltou para cima do cavallo, e partiu a trote largo.

Ao chegar proximo do largo de S. Domingos, mandou parar, apeou-se e correu com passo ligeiro para a portaria do convento, bateu, e perguntou ao irmão porteiro :

— Está no convento o muito reverendo fr. Leonardo?

— Sim, minha senhora; elle porém não lhe póde agora falar... É contra a regra do convento...

— Bem sei, entregue-lhe esta carta.

— Tem resposta.

— Não, senhor.

— Pois póde ir descansada, que eu lh'a entregarei pessoalmente.

A joven deu-lhe as boas noites, e foi metter-se na traquitana, que partiu com a mesma rapidez.

Ao chegar ao largo da Graça, mandou parar em frente da rua do Sól. Apeou-se pela segunda vez, e disse ao boleiro.

— Espere aqui por mim.

— Tem muita demora ?

— Não lh'o posso dizer, mas enquanto esperar, está ganhando dinheiro.

— Basta, *minha patrão*, estou ás suas ordens.

A joven metteu-lhe na mão um crusado novo, que brilhou ao pallido clarão de um candeeiro:

— Um caído, disse elle, isto é de certo alguma ricassa que vae ver o amante ás escondidas do marido...

Accendeu o cachimbo, e poz-se a passear pela rua.

Joannita seguiu pela rua direita da Graça; e na porta de uma casa á esquerda, já bastante velha, bateu de uma maneira particular, e esperou impaciente.

A porta abriu-se mysteriosamente, e uma voz perguntou:

— Quem está ahí?

— Sou eu, sr. Valerio.

— Póde entrar, menina, suba, que o sr. D. Antonio de Mascarenhas está só.

Os leitores já tomaram conhecimento com este sr. Valerio, que mais tarde diremos quem é; por hoje basta que saibam que não era portuguez, e ninguem poderia dizer a que nação pertencia; era homem muito illustrado, de vastos conhecimentos, de indole boa.

Era dedicado do coração aos principios liberaes, á causa da humanidade e á seita dos *franco-maçons*, que considerava como a principal alavanca das idéas que defendia.

Este homem tinha relações intimas com um velho titular; era-lhe inteiramente dedicado, todavia se o procurava, entrava no palacio por uma porta particular, ia para o seu gabinete de trabalho, e ninguem procurasse então o fidal-

go, que não recebia. E se lhe perguntavam quem era aquelle ente mysterioso, respondia :

— É um amigo meu ; um pobre maniaco, que me esta-
fa com innumeradas utopias ; mas como reconheço n'elle um
caracter recto, ouço resignado as suas theorias ; e o contra-
rio seria abreviar-lhe a existencia.

E com esta resposta tapava a bôca aos perguntadores.

Joannita subiu a escada e entrou no mesmo gabinete se-
creto, onde os leitores já viram o irmão Annibal, ou Ricar-
do Casquilho, participando delidamente que o marquez D.
Ignacio tinha chegado ; parou em frente de uma mesa, on-
de escrevia um ancião, com a cara encaixilhada n'uns ocu-
los com aros de ouro ; na cabeça tinha um barrete preto
que lhe descia até ás orelhas.

A joven conservou-se respeitosa, e esperou que a inter-
rogasse.

O velho ergueu os olhos e perguntou-lhe :

— Que novidade a trouxe aqui, minha formosa menina ?

— Creio que em casa dos marquezes de S. Mauricio al-
guma cousa ha, ou está para haver de extraordinario.

— Sim ! Não me admiro d'isso, D. Ignacio nunca viria
para Lisboa por cousa boa... Mas que razões tem para
deprehender isso ?

— Hoje, seriam duas horas da tarde, entrou para o pa-
lacio fr. Leonardo, na sua companhia ia um sujeito que o
Ricardo Casquilho não conheceu, e levava um livro debaixo
do braço.

— Só isso ? Não ponde colher mais nada ?

— Ricardo disse que lhe ouvira apenas estas palavras :
«A. marqueza enguliu maravilhosamente a pillula.»

O velho meditou dois ou tres minutos, em seguida er-
gueu a cabeça e respondeu :

— O desconhecido era necessariamente mestre João Anastacio : que signaes tinha esse homem ?

Joannita repetiu-lhe as palavras de Ricardo.

— É isso mesmo, é o tabellião Anastacio ; todavia como poderemos saber o que se passou ? Quem nos pôde auxiliar é a menina, comtudo repugna-me pedir-lhe que se aproxime do infame frade, porque o contacto d'aquelle reptil peçonhento é mortifero, peor do que uma peste mal-dita.

A joven sorriu de uma maneira mephistophelica, e disse-lhe :

— Já estive em contacto mais intimo com outro miseravel, mas não me contaminou. Vossa excellencia sabe que uma unica idéa me guia... rehabilitar-me, tornar-me digna d'aquelle que é o meu duplo salvador. Ordene, sr. D. Antonio, que da minha parte farei o que podér.

— Não, minha filha, indagarei por outro lado...

— Pois faz mal, sou eu que lh'o digo ; e tanta certeza tenho de obter os esclarecimentos desejados por fr. Leonardo, que lhe deixei uma carta, convidando-o para amanhã me procurar.

— Sabe, Joannita, que não transijo com certa ordem de idéas ? Reprovo o seu procedimento. Repugna-me que vá representar uma comedia nogenta.

— Com velhacos e infames, todos os meios são bons para os vencermos. Ora, diga-me : enquanto nos conveiu, não fiz de D. Ignacio quanto quiz ? E que alcançou elle de mim ? Nada ; e quando o despedi, saí com os mesmos triumphos com que entrou. Socegue, meu senhor, Joannita succumbiu um dia por inexperiencia, e não por leviana. Creia que não será o frade que ha de triumphar... A mulher cede por amor, por innocencia, por falta de juizo, co

por interesse; e acredite que nenhuma d'estas hypotheses hão de aproveitar a fr. Leonardo.

— Basta, minha filha, que o Eterno a proteja, e lhe dê a ventura a que tem direito. Tem tido noticias de D. Bonifacio?

— Sim, ainda hoje.

— Quando volta?

— Creio que breve.

— É um mancebo de grandes recursos, fez em Coimbra excellentes aquisições, sobretudo a dos estudantes amigos; são tres cabeças importantes, tres corações de ouro, e outras tantas vontades energicas. Ah! se chegamos ao fim, se vemos os nossos trabalhos coroados de resultados lisongeiros!... Desconfio porém que a lucta ha de ser cruel... D. Ignacio é uma alma depravada, fr. Leonardo um homem temivel; e ligados com o conde de Miragaya, dispondo de grandes influencias no paço, o triumpho será difficil.

— Temos a vantagem do nosso campo ser o da justiça.

— Assim é, minha filha.

Joannita saiu, e meia hora depois apeava-se e entrava em casa.

No dia immediato, ás onze horas da manhã, reforçava a sua esplendida formosura com os recursos da garridice. Um vestido de seda azul claro, guarnecido de rendas, deixava admirar os contornos do seu bem modellado corpo.

Os cabellos cedosos e opulentos, estavam penteados com assentado bom gosto, e espargiam aromas delicades.

Estava realmente deslumbrante, de arrebatat até ao delirio, e era isso mesmo que ella pretendia.

Ao meio dia fr. Leonardo não faltou, e ao vel-a parou fascinado; a joven dirigiu-lhe um sorriso encantador, e disse-lhe:

— Ora, ainda bem que o vejo n'esta casa ! É realmente maravilhoso ! Com que então é necessario que eu saia para o procurar ? E para que ? para ouvir um leigo estúpido dizer-me : « O sr. fr. Leonardo não lhe póde fallar, é contra as regras do convento . . . » Isto quer dizer, que é para mim que vigoram as regras monasticas, mas para outrem . . . Eu sei lá ! O que o senhor quizer . . .

O frade que rarissimas vezes era tratado com tamanha amabilidade, desejando sorrir, fez apenas um esgar medonho ! Aquella cara gordalhuda e chata, não se animava facilmente, parecia a tromba de um elephante.

Contraía-se, estendia-se, mas não lhe transparecia um raio de luz . . .

Avançou aos pulinhos, rebolando e não andando, e querendo mostrar-se espirituoso, escancarou a bôca e mostrou uma caverna de Caco, guarnecida de uns dentes agudos e amarellentos ; a joven a custo reprimiu o tédio que o monstro tonsurado lhe inspirava ; tomou todavia animo e sorriu-lhe.

— Ora, minha formosa tyranna, não me ralhe por não ter vindo, bem sabe que muitos e complicados são os trabalhos que me cercam . . . Sim, de manhã digo missa, e antes de ir para o altar, estou no confissionario duas ou tres horas, aturando as tolices de quantas beatas estupidas ha, e se lembram de ir ali despejar todas as besbilhutices que pensam ou lhes consta . . .

— Só isso ? Não faz mais nada ?

— Muito, porque nunca me falta que fazer.

— Isso serve para provar o seu grande merecimento . . .

O fradalhão tornou a sorrir e respondeu :

— Está hoje muito amavel . . .

Tentou beijar-lhe a mão que retirou.

— Acha que estou amavel? Pois creia que não o devia estar... Fique sabendo, e não esqueça o que lhe vou dizer: sou por vezes atacada pelos ciumes, percebe?

— Pois tem ciumes de mim! Oh! que ventura! O ciume é o emblema mais caracteristico do amor... Oh! então ama-me... Ora, até que descerrou esses formosos labios, para me conceder a ventura, que sempre me tem recusado...

— Mais devagar, disse a joven envolvendo-o n'um olhar de fogo, que ainda mais o desnortou; mais devagar, repito; não lhe disse ainda que o amava...

— Mas então porque tem ciumes?

— Não sei, é um capricho de mulher. Mudemos porém de assumpto.

— Para qué? Este é o que mais me agrada.

— Não lhe digo que não, mas sempre me ensinaram, que não é bom brincar com o fogo ao pé da estopa...

— Como é amavel... Enfim, não quero contrariar-a, a sua vontade é a minha; que ordena, minha senhora, a este seu escravo devotado?

— Sim! Pois entende que é meu escravo, e commette a inqualificavel falta de me desobedecer? Diga em que consiste a sua devoção? Em estar oito dias sem apparecer n'esta casa? Ora, deve concordar que a um escravo fugidico, applica-se-lhe um castigo severo, rigoroso, percebe?

— Aqui estou, meu amor, para receber contricto a implacavel penitencia...

— E o senhor a tratar ainda de amor!... Já lhe disse que não se falla mais d'isso por hoje; n'outro qualquer dia que me sinta menos fraca, veremos...

Fez uma pausa, cravou os seus bellos olhos na selvagem cara do frade, e disse com os seus botões:

— Se este animal ainda é mais feio da alma que do corpo, é peor de que o diabo...

Depois proseguiu em voz alta :

— Já lhe disse, que em vista da gravidade da sua falta, vou punil-o sem piedade : hoje janta commigo, é a expiação que lhe imponho...

O frade deu um pulo na cadeira, e disse interiormente :

— Ora esta ! vou acreditando que algum diabo bemfazejo hoje inspirou esta travessa mulher, que me infeitiça, que me prende e arrebatata... Porque preço me venderá esta amabilidade ? Veremos... Acceitar-lhe-hei as disposições benéficas, sem me comprometter...

— Em que pensa ? Porque não responde ? Que significação hei de dar ao seu embaraço ? Bem me parece que sou horriavelmente traída, suplantada por outra...

O frade caiu-lhe aos pés, e tentou beijar-lhe as mãos, que ella retirou com arrebatamento febril ; levantou-se com impeto, e disse-lhe com gesto sacudido :

— Para que é essa comedia ridicula, sr. fr. Leonardo ? O senhor não me ama, nem nunca em tal pensou...

— Não diga isso, que me esphacella o coração ! Amo-a com delirio, com enthusiasmo vertiginoso... Pelo seu amor, por um simples sorriso dos seus labios divinos, deixar-me-ia fazer em postas... Trocaria o céu pelo inferno...

Mas a diabolica rapariga recuava sempre, obrigando o frade a caminhar de joelhos, que se arrastava como um reptil...

Era uma scena comica e altamente burlesca, ver aquelle amouco, com os olhos esgasiados, as ventas dilatadas, e a suffocar uns suspiros, que pareciam os miados de um gato assanhado.

— Ora tenha dó d'este malfadado coração, conceda-me

apenas a ventura de lhe beijar as pontas dos dedinhos, a fimbria do seu vestido ! Pize-me com os seus pésinhos encantadores, encha-me estas faces de bofetadas com essas lindas mãosinhas, mas não seja cruel... Oh ! Dê-me a ventura por alguns momentos...

Joannita triumphara d'aquelle character felino, estendeu-lhe as pontas dos dedos, que elle beijou sofregamente, e disse-lhe :

— Levante-se, fr. Leonardo, por hoje convenci-me do seu amor. Assente-se, e fallaremos como bons amigos. Mas aceita jantar hoje commigo ?

— Isso não se pergunta ! Pois podia recusar a ventura que me offerece ?

— É consuante á consideração que lhe merecer.

O frade ebrio de alegria, assentou-se n'uma larga cadeira, e devorando a joven com os seus olhos pequeninos e vermelhos, disse-lhe :

— Minha querida, tenho entre mãos um negocio, que realisado, poderei offerecer-lhe uma grande fortuna ; que diz a isto ?

— Não digo nada, lembro-lhe, porém, que a riqueza não me seduz ; e o que não alcançar de mim por outro sentimento, pela cobiça não será mais feliz...

— Percebo, minha filha, aprecio o seu character independente e desinteressado ; todavia não devemos repudiar o util, que sempre dá mais realce ao agradável...

— Não lhe digo que não ; mas que riqueza é essa que vê em perspectiva.

O frade sorriu de uma maneira maliciosa, piscou os olhos de cobra, e disse :

— Ora, vamos, sempre deseja saber a natureza da fortuna que projecto offerecer-lhe... Ah ! As filhas de Eva

podem ser de animo desinteressado, arrebatadas, amáveis, seductoras, formosas, inebriantes, candidas, poeticas, heroínas, mas deixarem de ser curiosas, é que nunca...

O frade passou a mão grossa e cabelluda pela cara e proseguiu:

— É segredo por enquanto, mais tarde lhe direi de onde espero os muitos mil crusados que sonho offerecer-lhe.

— Ah! Pois isso não passa de um sonho? Então dou pouco pela realidade... Acorde e verá que não acha cousa alguma...

— Sempre travessa e espirituosa; socegue, que não estou sonhando; a importante quantia de que lhe falei, em breve será realidade; mas até lá não me pergunte cousa alguma, porque n'este ponto serei intransigente.

— Como quizer; e n'esse caso mudaremos de assumpto. É verdade, como está a marquezia de S. Mauricio? Ouvi dizer que proseguia muito mal...

— Não lhe disseram nada que assim não seja; e creio que o bom do marquez breve ficará sem esposa... o que é realmente pena.

— E sua filha dizem-me que é uma menina muito formosa.

— E, mas não menos orgulhosa e sufficientemente caprichosa. N'aquella cabeça andam encaixadas idéas tão disparatadas, que realmente não sei onde foi adquiril-as.

— Por morte da marquezia, o pae fica sendo tutor da filha?

— Sim, e por morte d'este é a tutella confiada a D. Ignacio, que ficará administrando uma fortuna principesca.

— Sim! Pois a marquezia é como todos dizem, tão rica e opulenta?

— Se é; os bens vinculados são insignificantes, mas os allodiaes valem mais de tres ou quatro milhões.

— Pois isso é verdade?

— E, e o marquez, por morte de seu pae, e se este morrer durante a menoridade de D. Beatriz, fica sendo o arbitro supremo da maior fortuna de Portugal.

— É D. Ignacio recebe algum provento pelos encargos da tutela?

O frade sorriu de uma maneira singular, guardou silencio por alguns instantes, e respondeu:

— Socegue, que D. Ignacio não é homem para perder o seu tempo...

— Sim... E a marquezia fez testamento?

— Pois se o não fizesse, nada se sabia ainda, no que respeita á tutela...

— Pouco sei ou nada d'essas cousas, meu querido fr. Leonardo... Sou uma completa ignorante.

O frade não pôde resistir ás palavras de—meu querido, e tornou-se mais expansivo do que estava.

— Ouça, minha linda fugitiva, chamo-lhe assim, porque sempre me foge, quando me considero em vespas de ser feliz...

Fez uma pausa e proseguiu:

— O marquez D. Ignacio tem largas vistas, e eu não deixo de acompanhá-lo, porque o meu interesse para ahi me conduz... Ora, a marquezia fez ha dias o seu ultimo testamento, e não lhe podendo dizer mais nada, previno-a tão sómente, que as cousas ficaram maravilhosamente combinadas... Contenta-se com isto por hoje, mais tarde lhe direi o resto...

O frade caíra na rede que a ladina rapariga lhe armara. Joannita não sabia nada, mas era o sufficiente para um

espírito claro tirar corollarios; e o que não admittia duvida é que o frade auxiliava uma grande patifaria, e que o alvo era a importante fortuna da marquezia de S. Mauricio.

Tambem lhe parecia que a victima das infamias projectadas, seria D. Beatriz.

E aproveitando as boas disposições do frade, não duvidou ir mais longe nas indagações a que se resolvera proceder. Reflexionou sobre o partido que podia tirar, e disse:

— É verdade, fr. Leonardo, que me diz d'essa temivel seita que tanto se vae desenvolvendo n'esta cidade?

— Se falla dos illuminados, digo-lhe que são traidores, jacobinos convictos, que só aspiram a derribar o throno e o altar.

— Mas de que recursos dispõem esses fanaticos paraprehenderem obra tão agigantada?

— Não se persuada, minha queridinha, que são fracos; têm alcançado muita força n'estes ultimos annos; e segundo me informam, a alma de todas as traças e das intrigas mysteriosas, é um tal hespanhol. E até me affiançam que elle é que ficou substituindo uns francezes, que estiveram n'esta cidade hávêr oitos annos, que desnortearam a policia, com innumerables mystificações...

A Joannita fez um gesto de surpresa ao ouvir fallar do hespanhol; conteve-se e respondeu:

— Ora, tudo isso pouco vale... E a policia já descobriu onde reúnem?

— Ainda não; temos recebido differentes denuncias, mas todas infundadas.

— E se descobrirem os traidores, que lhes succede?

— Serão entregues ao santo tribunal da inquisição, que os ha de julgar; depois ficam á disposição do carrasco.

— Credo, e não acha demasiado rigor ?

— Qual historia, não se lhes pôde fazer por menos...

— Disseram-me que D. Ignacio tambem se tinha filiado, é verdade ?

— Chegou a filiar-se, mas como bom catholico, foi com a intenção de entregal-os ao cadafalso...

— Bem haja elle, respondeu a joven desejando esbofetear o frade, que lhe sorria estupidamente.

A rapariga tomou nota das respostas, e ficou convencida de que por enquanto os furões da intendencia nada ainda tinham adiantado, todavia, perguntou :

— Pelo que vejo, a policia pouco tem sabido ?

— Assim tem acontecido, mas breve chegará a Lisboa um homem que vale por muitos, e depois veremos... É uma preciosidade policial, que na provincia tem feito maravilhas.

Eram horas de jantar, o frade foi mais a joven para a mesa, e como já sabia o que desejava, mostrou-se menos amavel, e o devasso não teve um repasto tão feliz como esperava...

Estes factos tiveram logar dois dias depois do memoravel testamento arranjado pelo frade e pelos seus amigos.

CAPITULO XII

D. Bonifacio Alvellos

Joannita depois de se ver livre de fr. Leonardo, não pôde suffocar um brado de satisfação ; a presença d'aquelle homem causava-lhe terror ; e não sabia se mais o temia de que o aborrecia.

Chamou a criada, e disse-lhe :

— Thereza, perfuma estas casas com alecrim, creio piamente que ficaram impestadas...

— Oh ! Meu Deus ! E ter que supportar um semelhante demonio ! Ter que tolerar as suas palavras e attendel-as, quando o meu mais ardente desejo é vel-o dançar n'uma corda ! Que genero de infamias premeditam aquelles malvados ? Só Deus o sabe.

Depois d'este monologo, assentou-se a uma secretária, e principiou a escrever n'uma cifra particular ; mas que nós traduzimos :

«Sr. D. Bonifacio. — As cousas n'esta cidade vão complicando-se. Fique sciente que fr. Leonardo e D. Ignacio prepararam e realisaram uma farça testamentaria ; não lhe posso dizer o seu conteúdo, mas não offerece duvida que D. Beatriz, e talvez mais alguém, serão as victimas.

Apresse a sua vinda para Lisboa, creia que está fazendo

falta ao sr. D. Antonio de Mascarenhas; acautele-se dos espiões e das ciladas que lhe hão de armar, porque já é conhecido e perseguido. Desconfio que já não ignoram o seu verdadeiro nome; e na minha opinião, o sr. D. Antonio está sendo vigiado e mais todas as pessoas da sua familia. Se os tres amigos que ahí filiou são homens de confiança, creio que será conveniente illucidal-os. Tome nota do que vou dizer. Fr. Leonardo acaba de me certificar que na intendencia geral da policia, estão esperando um empregado que deve chegar da provincia, homem de toda a confiança. Será o celebre Aniceto Parreira, cujas maravilhas o têm admirado? Toda a reserva é pouca.»

Depois de escrever, fechou com obreira, e sobrescriptou para o sr. Francisco de Assis Bolina, em Condeixa a Nova.

Em seguida mandou alugar uma traquitana, e partiu para a rua direita da Graça; teve uma larga conferencia com D. Antonio, e voltou para casa eram mais de onze horas da noite.

Iremos agora fallar de um individuo que os leitores já conhecem, se bem com differentes nomes, incluindo o verdadeiro.

Vamos apresentar-lhes o sr. D. Bonifacio Alvellos, medico hespanhol, que encontraram em Coimhra dirigindo uns musicos ambulantes; e sob o nome de D. Francisco Velasco, é que se apresentou aos tres estudantes.

Porque usava o nome de um ignobil seductor, de um miseravel traidor? A razão é obvia.

O nome que adoptara era um nome fidalgo, que não pouco se recommendava; e passando com os seus socios por um bando de estudantes, que durante as ferias percorriam as povoações, usando de um nome tão conhecido, não inspirava suspeitas.

D. Bonifacio parecia ter cincoenta annos !

É verdade, declarava, porém, a toda a gente, que tinha tanto amor á vida de estudante, que depois de deixar de sel-o, não podia abandonar os habitos de rapaz extravagante ; e como era só e immensamente rico, cercava-se de estudantes pobres, que soccorria, e que como elle, amavam com delirio a musica.

Ora, como os leitores deprehendem, nada d'isto era assim ; e a verdade estava bastante longe da fabula que elle impingia aos curiosos.

Fôra, é verdade, estudante, se bem que os seus companheiros não o eram ; e já lá ia bastante tempo que o tinham sido . . .

Todos elles possuiam graus distinctos na *franco-maçonaria*, todos conspiravam contra um systema decrepito, fundado em leis bastardas, e em privilegios absurdos, que pediam reformas radicaes.

Devotados á causa que tinham abraçado, estremeciam-n'a ; e a sua dedicação era mais de que abnegação sublime !

D. Bonifacio atravessara a fronteira portugueza com o nome de D. Christovão Cisneros ; viveu em Lisboa alguns mezes ; findos, porém, foi-lhe necessario abandonal-o, por ter que sair para a provincia, e foi esta a razão por que em Coimbra foi conhecido por D. Francisco Velasco.

Quem era este homem ?

Era velho ou moço ? nobre ou plebeu ? Rico ou pobre ? Sabio ou ignorante ? Onde nascera ? A que familia pertencia ? Porque se espatriara ? É o que os leitores vão saber.

D. Bonifacio Alvellos era filho unico de um cavalheiro respeitavel, que foi toda a sua vida alcaide de Merida, ou

de nasceu, foi creado, e recebeu a primeira instrucção, tão necessaria ao homem civilisado.

Aos dezeseite annos completara triumphantemente os estudos preparatorios, e foi para a universidade de Salamanca estudar medicina.

Ali, o joven estudante, pelo brilhantismo do seu talento, alcançou corôas gloriosas, que o tornaram distincto entre os seus condiscipulos. Os lentes admiravam a sua palavra facil, inspirada; e os vãos d'aquella intelligencia privilegiada, eram outros tantos florões que o laureavam.

D. Bonifacio era todavia modesto, amigo dedicado e condiscipulo leal.

Andava no terceiro anno academico, quando em França rebentou a revolução de 1789; o joven recebeu com enthusiasmo febricitante a nova ordem de cousas, que ali se iniciara.

A sua imaginação ardente voava para a revolução; e dizia elle que revolucionar é aperfeiçoar! Que para se chegar á perfeição é necessario cortar pelos abusos, que isto traz a reacção, e a luta insistente dos principios oppositos.

Para elle as idéas de liberdade eram um preceito sagrado; e não admittia que uma nação composta de muitos milhões de homens fosse o apanagio de um só.

E pelas suas theorias demonstrava a necessidade de inverter as causas, em que se fundava o velho direito das monarchias.

Escusado é dizer, que teve inimigos que despresou, julgando-se superior a elles e ás idéas que defendiam.

Completoou o curso; regressou á terra da sua naturalidade, mas seu pae e sua mãe já tinham fallecido, e o joven achando de menos aquelles que tanto estremecia, aban-

donou Merida, que achava muito acanhada para a sua intelligencia.

Foi para Badajoz; ali o seu talento foi devidamente apreciado, e entregaram-lhe a direcção do hospital civil.

Foi então que o seu genio medico, alto e muito alto se ergueu. A cabeceira dos enfermos fez curas maravilhosas em differentes casos pathologicos; mas a sua especialidade eram as doenças nervosas, os ataques de loucura; e foi por esta occasião que salvou Joannita, como os leitores sabem.

D. Bonifacio estudou as causas da loucura da malfadada creança; depois de se possuir d'ellas, iniciou a cura, e o resultado não podia ser mais lisongeiro.

Com o uso das faculdades intellectnaes, voltou á joven a sua deslumbrante belleza; e aquelle coração grande e generoso amou a pobresita, que nada tinha para lhe offerecer! Nem mesmo a virgindade do corpo, por ter sido victim de uma infame seducção.

Mas a alma da pobre louca ainda estava pura; era grande, engrandecera-se no infortunio.

Reconhecendo a sua posição, retrafu-se; fez-lhe ver que o seu coração estava fechado para o amor. Era uma expiação para as suas faltas involuntarias! Penitenciava-se com o sacrificio que fazia, violentando o seu espirito e reprimindo os impetos do amor que lhe saíam da alma!

Abnegação sublime, que no martyrio do coração encontrava linitivo para as dôres moraes que a cruciavam! E esta mulher não estaria virgem? Uma alma de tanta virtude não se acharia purificada? Assim o acreditamos.

D. Bonifacio adivinhou o que se passava n'aquelle coração tão joven, e já tão experimentado pelos dissabores. Admirou a sua coragem heroica e o melindre que sabia guardar.

.. Appreciou a delicadeza d'aquelle espirito elevado, que tão bem comprehendia as conveniencias; e que acatando a legitimidade dos direitos, não olvidava o cumprimento dos deveres...

Para ella não havia só principios a respeitar, nem desejos a realizar! Havia mais, muito mais: havia distancias a vencer, e faltas a lembrar; e ella não as olvidava um instante...

Erguiam-se-lhe envoltas no sudario do crime, do vicio hypocrita, que a tinham redusido á condição em que se achava! Perdera n'um momento de illusões, o que no prepassar dos annos, não mais alcançaria.

D. Bonifacio tinha uma grande alma, um coração de ouro, e não inferior intelligencia; e quem dispõe de semelhantes dotes, atira para o canto com os preconceitos que a sociedade creou, mais por orgulho, de que por virtude.

Para elle a mulher era sempre pura, se pura conservasse a alma, e disse-lhe:

— Joannita, duas cousas nobilitam a mulher: é não saber cair, e se cáe saber levantar-se. Nenhuma consideração me inspira a mulher, que estando pura no corpo, está prostituida na alma; e comquanto não tenha peccado de facto, um só pensamento com insistencia a domina; e se não é hoje, será amanhã, ou no dia immediato, arrastada para o vicio, por ser ella que o procura. Depois d'isto, aceite uma amizade sincera, tão estremecida como se fosse seu irmão. Mais tarde as opiniões mudam, e então teremos tempo para tratar de outras cousas...

A joven accitou com reconhecimento, na firme convicção de que se absteria de manifestar o sentimento que lhe brotava do coração. Baldadas intenções, ambos eram jovens, e dois mezes depois declaravam o seu mutuo amor.

Tinham decorrido tres annos de ventura inebriante para ambos; amavam-se e admiravam-se.

Ora o sr. D. Francisco Velasco, sempre que tinha occasião de provocar D. Bonifacio, não a perdia; e mais de uma vez as cousas chegaram a tomar sérias proporções.

D. Bonifacio era valente, jogava admiravelmente as armas, mas como verdadeiro philosopho, não se encolerisava facilmente. E esta virtude foi considerada covardia pelo fidalgo villão.

Joannita não ignorava a existencia d'aquellas provocações; como porém, D. Bonifacio nada lhe dizia, ella retraía-se, soffrendo todavia bastante, e receando sempre consequências mais fonestas.

Era uma noite do mez de março, estava fria e brumosa; no café central, na praça da cidade, estavam diferentes individuos, seriam oito horas ou perto das nove.

Entre as pessoas que ali se achavam reunidas, via-se D. Bonifacio, que pacificamente saboreava uma chavena de excellent chocolate.

N'uma mesa mais adiante, estava um sугeito, que quando muito teria vinte e quatro ou vinte e cinco annos; era de estatura meã, magro, tinha porém um rosto varonil, sympathico e formoso.

Trajava uma especie de casaca de panno verde escuro, calções da mesma côr, botas de canhão alto, e na cabeça tinha um chapéu tricornio, com a aba dianteira levantada.

Entregue aos cuidados de enchugar uma garrafa de vinho de Malaga, lá trincando uns biscoitos, que enchugava amiudadas vezes com um copito de vinho.

Este homem fumava cigarro, o que pouco o recommendaria n'uma época, em que para se prevar quanto qualquer individuo se achava estragado, dizia-se:

«Fulano é um homem perdido, um libertino : usa bigode e fuma cigarro!...»

Credo, anjo bento, e com semelhante informação, ficava perdida para sempre a melhor reputação do mundo.

Ora este estranho personagem, parecia ser ou ter sido militar, não obstante não trazer cousa alguma que o denunciasse como tal, a não serem as botas de canhão, e um formoso bigode que lhe cobria o labio superior.

Parecia não prestar atenção ás pessoas presentes, e tão sómente entregue aos cuidados de resolver o importante problema de ver o fundo á garrafa ; e a este piedoso exercício dedicava a maxima atenção.

N'este momento a porta do café abriu-se com violencia, e quatro officiaes de um dos regimentos de infantaria da guarnição da praça, entraram. Na frente vinha um que tinha as dragonas de coronel, se bem que ainda fosse bastante joven ; assentaram-se a uma mesa e mandaram vir chocolate e licôres.

O desconhecido não lhes prestou atenção, e continuou a fumar pacificamente o seu cigarro, mas D. Bonifacio ao vel-os estremeceu instinctivamente.

Os quatro esturdios depois de beberem e de rirem muito, pagaram a despeza ; e foi então que o coronel olhou desolado para D. Bonifacio, e disse para um dos officiaes em voz alta :

— Quando vejo um lanceta, ter a audacia de entrar onde deviam tão sómente reunir os homens distinctos, tenho desejos de lhe esfregar a cara com um chicote.

Os officiaes deram estrepitosas gargalhadas, mas o joven permaneceu sereno, e até pareceu não lhes prestar atenção.

— Ólá, senhor lanceta, ou mestre barbeiro, então ain-

da não acabou de tomar esse chocolate? Quer que vá ajudá-lo?

O desconhecido ergueu a cabeça, e tão distraído estava, que apenas ouviu as ultimas palavras; e como era estrangeiro, acreditou que fosse com elle; franziu o sobr'olho e perguntou:

— É a mim que se dirige? Se assim é, previno-o que não estou para o aturar.

— Nada, não é com usted, disse um dos officiaes, é com aquelle villão que está na sua frente.

D. Bonifacio, impallideceu, e respondeu com tranquillidade aterradora:

— Villões são os senhores, que em vez de vestirem a farda honrada do soldado, deviam trazer a libré dos la-
caios... A lanceta nas mãos de um homem de bem, vale muito mais do que a espada, quando é empunhada por misera-
veis bulrões, que nem ao menos têm uma educação vulgar.

— Bem respondido, disse com os seus botões o homem das botas e do bigode.

Continuou a beber e a fumar com a sua habitual serenidade.

O coronel tremeu de colera e ergueu-se, os seus camaradas fizeram o mesmo.

D. Bonifacio deixou-se ficar assentado. Quando, porém, menos esperava, sentiu que pelas costas lhe assentavam nas faces uma chicotada!

Deu um grito medonho! Ergueu-se de um pulo, voltou-se, e deu de cara com o coronel, que era o sr. D. Francisco Velaseo, como os leitores já terão adivinhado; e sem lhe dar tempo, deitou-lhe as mãos, levantou-o ao ar com a força de um gigante, e arremeçou-o ao chão. Saltou-lhe em cima, e tel-o-ia esmagado, a não ser aggreddido pelos

tres officiaes, que desembainharam as espadas e caíram sobre elle.

Sentiu-se atacado e ferido; a defeza era-lhe todavia difficil, por se achar desarmado. E seria victima se não fosse soccorrido.

O joven desconhecido, ao ver a injustiça com que aquelle homem fôra provocado, e a maneira covarde porque o feriram, bradou:

— Ah! Covardes, que assim atacam um homem pelas costas e desarmado! Esperem, infames, que eu os ensino.

Salvou de um pulo a mesa, e como tambem não trazia arma alguma, agarrou n'um banco, e n'um momento rachou a cabeça a um dos officiaes; atirou um outro para o chão com dois valentes pontapés; e o torceiro deitou a fugir.

Quanto ao coronel ergueu-se estonteado e derreado; e ao ver-se só, fulminou D. Bonifacio com um olhar terrivel disse-lhe:

— Eu tirei a minha desforra, sr. D. Villão...

O desconhecido deu uma gargalhada mephistophelica e disse:

— Que covardes! Em vez de espada, deveriam usar de uma roca de canna! Que diabo! Estes homens não têm sangue nas veias...

D. Bonifacio voltou-se para elle e disse-lhe:

— Vejo que é estrangeiro e um homem de honra. Foi testemunha da maneira indigna por que fui provocado; espero que me dará a honra de ser no futuro meu amigo... E assim deve ser, porque os caracteres honestos auxiliam-se mutuamente. Sou D. Bonifacio Alvellos, doutor em medicina pela universidade de Salamanca.

O joven cumprimentou e respondeu :

— Tenho a maior satisfação em lhe ter prestado este pequeno serviço ; sinto, porém, ter sido testemunha da brutal e grosseira provocação de que ia sendo victima. Sou Francisco Pinto, capitão de infantaria dos exercitos de sua magestade fidelissima.

D. Bonifacio estendeu-lhe a mão, que o mancebo apertou com affecto.

As pessoas que se achavam no café todas condemnaram o procedimento injusto dos militares, e elogiaram a maneira leal e cavalheirosa por que o official portuguez interviria, auxiliando o menos forte.

Desde este dia uma cordeal estima ligou os dois mancebos ; as suas idéas ligavam-se, e uma certa affinidade de principios os impellia para uma franca e leal amisade.

Depois d'isto, as confidencias intimas deviam dar-se necessariamente, e assim foi ; ambos se reconheceram e comprehenderam ; e ficaram scientes, que antes de se approximarem já eram amigos e irmãos pelas crenças que professavam, e pelos ritos em que se tinham filiado.

Ora tres mezes depois d'este acontecimento, o capitão Pinto foi procurado por um desconhecido que lhe perguntou :

— E ao senhor capitão Francisco Pinto que tenho a honra de fallar ?

— Sim, senhor.

— Está só ?

— Bem vê que sim.

— Muito bem ; tem a bondade de me dizer se não é casado com uma senhora franceza, D. Luiza ?

— Sim, senhor ; é duas vezes minha parenta, por ser esposa e prima.

— É isso mesmo. . . Meu caro amigo, tenho a honra de lhe apresentar esta carta, é de Mr. de Mongireau, creio que conhece. . .

— Muito bem, é o melhor amigo de meu tio.

— Sei perfeitamente, é o sr. Estevão Pinto de Moraes Sarmento.

— Vejo que conhece a minha familia.

— Não tenho essa honra, mas estou perfeitamente informado. . .

— Quem é porém o senhor? Permitta-me fazer esta pergunta, visto esquecer-se de dizer o seu nome.

— Essa carta lh'o dirá.

Francisco Pinto abriu-a, e leu o seguinte:

«Meu querido Pinto. — Sei que tens saúde mais a tua linda esposa e minha sobrinha. Não pergunto por teu tio, porque ainda hontem recebi uma carta d'elle. Vamos ao ponto capital, e que mais me interessa. Sei que tiveste uma pendencia com alguns patifes, que indevidamente vestem a farda de uma nação briosa; e que como homem de honra auxiliaste o mais fraco, que é um irmão nosso. É necessario que o previnas, de que estão passadas ordens de captura contra elle, comquanto seja o offendido; e como nenhum dos nossos amigos d'essa cidade pôde avisal-o sem grave comprometimento, tu na qualidade de estrangeiro melhor o podes fazer; mas previno-te que tambem deves acautelar-te. Teu do coração. — *Mongireau.*»

Francisco Pinto respondeu:

— Fique certo que hoje mesmo será avisado. Mas não pôde informar-me da razão por que se passaram essas ordens de captura contra D. Bonifácio?

◊ O desconhecido sorriu tristemente, e redarguiu:

— Bem sabe que os homens livres e pensadores, são o

alvo das maiores intrigas e calumnias ridiculas; e o nosso bom amigo foi denunciado como pedreiro-livre. A denuncia partiu d'esta cidade; depois d'isto tire-lhe os corollarios que quizer, e sejam quaes forem, não abonarão muito o character fidalgo do sr. D. Francisco Velasco, cuja nobreza é de tão longa data, que antes de haver Deus e sol, nos penhascos da sua provincia, já os Velascos existiam!...

Francisco Pinto deu uma gargalhada; a ridicula pretensão do fidalgo hespanhol, não merecia outra cousa; e deplorou o seu procedimento villão.

O desconhecido comprimontou-o e saiu, depois de se affirmar que não era vigiado.

O honrado portuguez saiu e foi procurar D. Bonifacio, que encontrou no passeio publico da cidade.

— Tenho que lhe fallar, meu amigo, para negocio urgente.

Afastaram-se para um canto retirado, e disse-lhe:

— Meu caro senhor, quando um homem de bem encontra na sua frente um infame, só lhe resta dois caminhos a seguir: ou o mata como um cão, ou afasta-se, para não ser victima das suas intrigas insidiosas.

— Mas porque me diz isso?

— Para o prevenir, de que o sr. D. Francisco Velasco, em vez de lhe propor um pleito de honra, que só devia terminar com a sua ou a morte d'elle, faltando-lhe a coragem para desembainhar a espada e para se desaffrontar, trabalhou nas trevas como a toupeira... De nunciou-o ás justças de Madrid como revolucionario temivel. Sei mais, que talvez em quarenta e oito horas esteja encarcerado n'uma prisão, para nunca mais ter a liberdade. Acredite que muito lhe convém mudar de ares sem perda de tempo.

D. Bonifacio impallideceu e disse :

— Esta noticia ser-me-ia indifferente, a não ser essa mal-fadada pequena, que a mim tem só no mundo. Todavia é necessario partir para salva-a, salvando-me.

Apertou-lhe a mão e deu-lhe um amplexo de leal reconhecimento.

— Vou partir para o seu paiz, é possível que lá nos tornamos a encontrar.

D. Bonifacio foi para casa, e tres horas depois montava a cavallo e seguia para a fronteira portugueza, levando uma carta de recommendação para o conde de Montalvo.

Os leitores já sabem que a casa fôra cercada, mas que elle felizmente já estava muito longe.

Ora, o desaguizado que houve no café, teve grande publicidade em Badajoz ; fidalgos e plebeus apreciavam desfavoravelmente o procedimento do coronel e dos officiaes que o acompanhavam ; e o nome de covardes foi-lhes geralmente applicado.

Todos perguntavam quem era o *portuguesito* que lhes infligira tão severa lição, e o velho sangue hespanhol revoltou-se contra os infames que provocaram conflictos de leão, para retirarem como sendeiros.

Ao general constou como as cousas se tinham passado, e ao seu caracter ativo repugnou a covardia d'aquelles homens. Mandou chamar o coronel e disse-lhe :

— Sr. D. Francisco Velasco, se a nobreza dos seus maiores se afferisse pelos seus actos, dizia-lhe que antes ser filho de um aguasil, que de tal gente ! Se vossa excellencia não provocar esse official portuguez, visto que D. Bonifacio desapareceu, prohibo-lhe que desembainhe a espada em frente das bandeiras do seu regimento. Nos exercitos hespanhoes não se toleram covardes . . . Se apparecem, re-

habilitam-se; e se o não fazem, são expulsos por infames...

O coronel curvou a cabeça ante a severa reprehensão, e não se animou a justificar o seu procedimento. Comprimen-tou o general e saiu.

Ao chegar, porém, ao quartel, os officiaes fizeram-lhe a continencia e afastaram-se. Foi para a secretaria do regi-mento, mas o tenente coronel quando elle ia para entrar, disse-lhe :

— Commandante, está ali uma ordem do general, pro-hibindo-lhe que entre na casa das bandeiras...

O coronel não respondeu, voltou as costas e retirou-se, comprehendendo a necessidade de provocar a um duello o official portuguez, mas sob que pretexto?

Ora o individuo que o metterá debaixo dos pés tinha desaparecido, e elle bem sabia as causas; todavia, dese-jando sair da pessima situação em que se collocara, man-dou chamar dois officiaes que lhe mereciam mais con-fiança.

Compareceram, e propoz-lhes que da sua parte se dirigis-sem ao capitão Francisco Pinto, portuguez, que estava no hotel dos embaixadores.

Os officiaes acceitaram a difficil missão, e procuraram-n'o. Ouviu a proposta, mas a sua primeira idéa foi recu-sar; repugnava-lhe crusar a sua espada com a de um mi-seravel denunciante, se bem que não lh'o podesse provar... Não lhe restava duvida de que assim era, e todavia neces-sitava de mais alguma cousa para acceitar, e disse-lhes :

— Sou estrangeiro, senhores, não conheço aqui pessoa alguma, e por isso não tenho em quem delegue os poderes necessarios para regular esta pendencia.

— Se usted acceita como suas testemunhas dois officiaes

nosso camaradas, pedimos-lhes que tenham amanhã uma conferencia consigo.

— Aceito, disse friamente o capitão portuguez, com a condição porém, de que não sejam os companheiros do coronel, n'essa noite deploravel.

Os dois officiaes hespanhoes sentiram-se humilhados ; que podiam porém responder ? Não seria justa a condição que o capitão lhe impunha ?

— Fique usted certo que não verá esses homens na sua presença.

Cumprimentaram-n'o e saíram.

Francisco Pinto deu ao diabo os hespanhoes, porque lhe repugnava bater-se com um infame. Mas era um infame dourado, como muitos que para ahí temos, que não valem uma carga de chumbo.

Sabia onde morava Joannita, a pobre pequena que ficara abandonada ; e desejou procural-a para lhe offerecer os seus serviços, mas por um sentimento de delicadeza, como D. Bonifacio nunca lh'a apresentára, desistiu.

Decorreram tres dias, e no immediato devia bater-se á espada com o illustre fidalgo, de mais velha nobreza do que o sol... Seria uma grande honra, se bem que elle não a considerava assim.

À noite, porém, recebeu uma carta. Abriu-a e leu o seguinte :

« Como é possível que seja violentado a bater-se com o denunciante Velasco, remetto-lhe a inclusa publica fórma da denuncia que mandou para Madrid. — *O desconhecido que de ordem de Mr. de Mangireau ahí o procurou.* »

Francisco Pinto leu o documento, sorriu com desprezo e metteu-o na algibeira.

No dia immediato, ás seis horas da manhã, acompanhado

pelos officiaes que lhe serviam de testemunhas, seguiu para o campo, onde devia verificar-se o duello, que só podia concluir ficando um ou ambos impossibilitados.

— Chegaram, as testemunhas verificaram as espadas e entregaram-n'as aos adversarios.

O joven portuguez voltou a ponta da espada para o chão e disse :

— Batto-me com qualquer dos senhores, ou com todos, se isso lhes aprouver, mas com este homem, não, por ser duplamente infame... Peguem, leiam, faço-os juizes, e julguem a minha causa.

Tirou o papel da algibeira e apresentou-o, dizendo :

— Vejam, meus senhores, e decidam.

Um dos officiaes pegou no papel, e leu em voz alta a denuncia.

Voltou-se para D. Francisco, e disse-lhe :

— Coronel, em vista d'este documento, se ainda tem alguma idéa de honra, resta-lhe tão sómente queimar os miolos com um tiro.

Voltaram-lhe as costas e disseram :

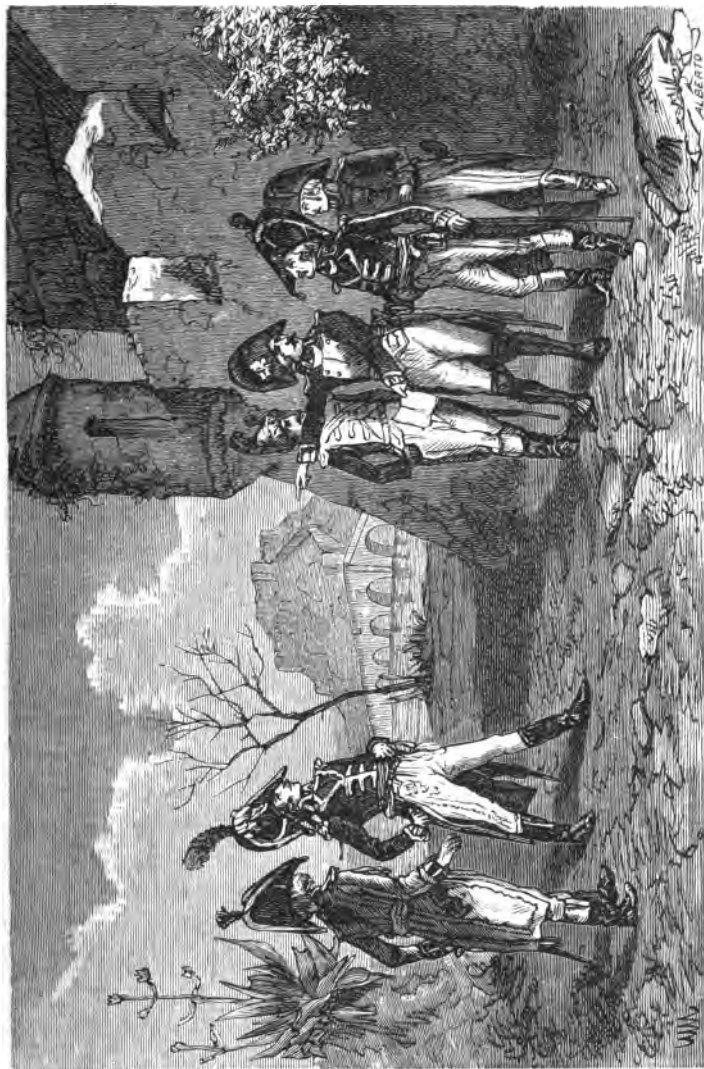
— O senhor é portuguez, mas ainda não ha muitos annos que nos battemos como amigos leaes; a sua nação é briosa, e para que usted não diga que não encontrou em Hespanha com quem se bater, escolha um de nós.

— Para que? Eu não me bato por capricho, mas sim para salvar ou desafrontar a minha honra; se porém, insistem, não escolho, qualquer dos senhores me convém.

— N'esse caso tiremos sortes.

Dito e feito: tiraram sortes que saíu a uma das testemunhas do coronel.

— Em guarda, senhor, disse elle para Francisco Pinto, que pegou na espada.

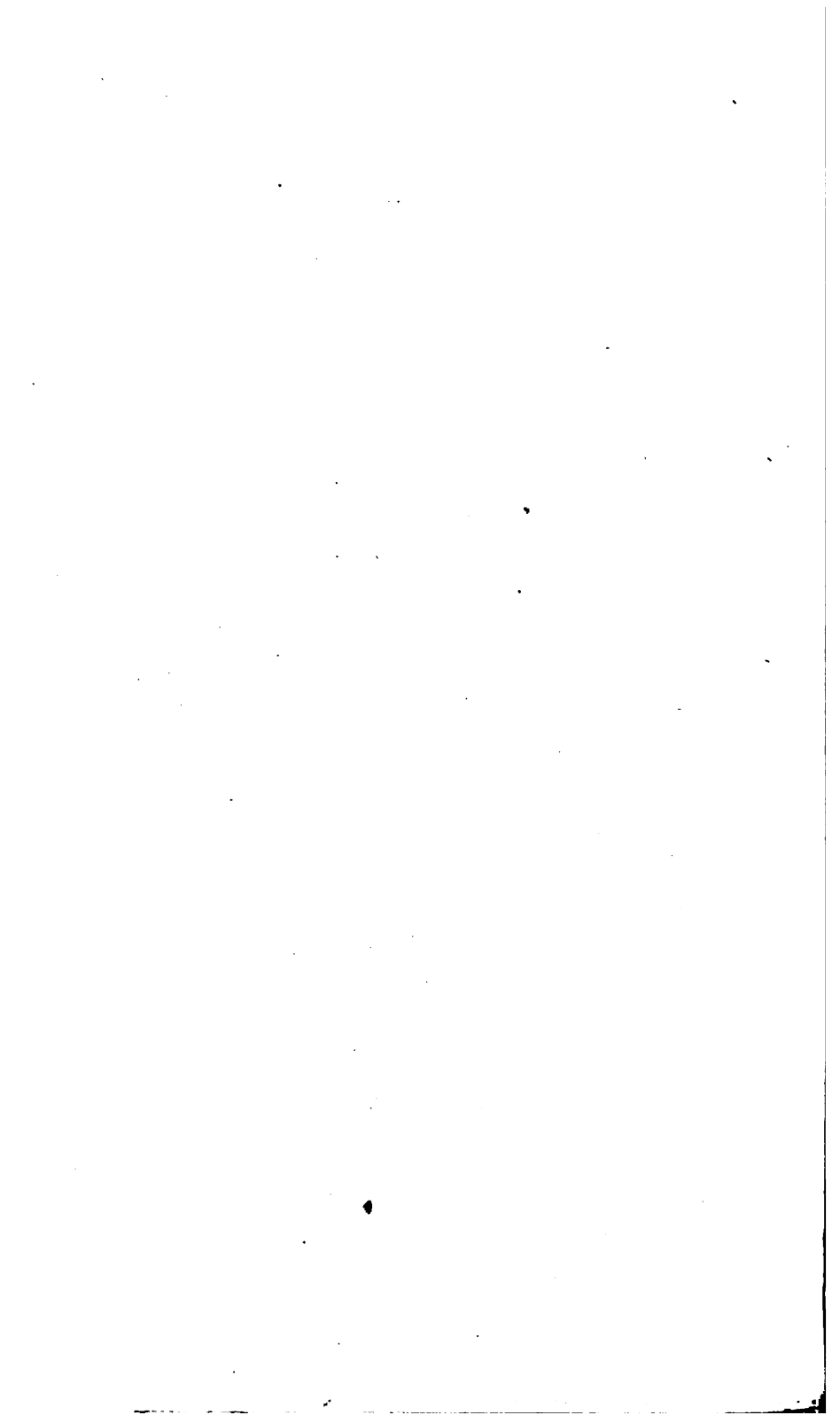


Os Homens da Cruz Vermelha

Peguem, leiam e façam os juizes...

(GRATIS)

Typ.—Rua da Atalaya 40 a 52.



O combate não foi porém muito longo, porque o joven portuguez era uma espada experimentada; e quem leu o romance dos conspiradores, bem se deve lembrar d'isto.

O official hespanhol não faltava aos preceitos da arte, todavia, estava tão longe do jogo do seu adversario, como o principiante do mestre da esgrima.

Poupou-o alguns minutos, mas não lhe convindo prolongar aquella scena, acabou com as contemplações, e disse-lhe friamente :

— O senhor é um valente, deve, porém, habilitar-se mais, para no futuro se bater com maior vantagem. Não quero matar-o, mas sim inutilisal-o, para acabar com isto.

Caiu a fundo, atirou-lhe alguns golpes de pouco effeito, e com admiravel mestria atravessou-lhe o braço esquerdo. O official arrancou um grito, e proseguiu defendendo-se.

— Bem, visto querer continuar, vejo-me na necessidade de lhe rachar a cabeça...

Não teve, porém, tempo para isso; exausto de forças, pela perda do sangue, caiu no chão. O seu vencedor atirou com a espada para o lado, soccorreu-o e disse:

— Está salva a honra de ambas as partes. Isto não é nada, senhores, em quinze dias estará restabelecido.

Uma hora depois chegou á hospedaria; e no fim de oito dias, tendo concluido os seus negocios, partiu para Portugal, onde chegou sem novidade.

E o coronel acceitou o conselho do official? Qual historia, pediu a exoneração e desapareceu de Badajoz. E que faria no futuro o importante villão? Mais tarde o sabermos.

CAPITULO XIII

Declarações

Tem decorrido quatro mezes, depois da morte da marquez de S. Mauricio. O velho marquez sente-se gasto e doente; sáe poucas vezes, come pouco, e as forças vitaes vão-se-lhe estancando.

Seu filho mostra-se solícito, affectuoso; e todos dirão que não ha filho melhor, nem mais dedicado. Para com sua irmã é igualmente admiravel, o carinhoso affecto, o amor estremecido que lhe dedica.

A joven, depois da morte de sua mãe, e pelo muito que tem meditado, já não é a creança de alguns mezes anteriores, é uma senhora completa, bondosa, de admiravel bom censo e animo reflexivo.

Em vista do estado de seu pae, limitadas relações sustenta; e alem da condessa de Montalvo, que a visita algumas vezes, na companhia de sua filha unica, D. Sophia de Mascarenhas, poucas mais senhoras a procuram.

Um dia seu irmão disse-lhe:

— Minha querida Beatriz, é necessario sair d'este isolamento systematico, deve concordar, que não é isso que convém a uma menina da sua idade, posição e fortuna.

— O mano bem sabe a causa por que não frequento a sociedade...

— Se é pela melindrosa saude do senhor marquez, não me parece que o seu estado seja por emquanto grave.

A joven abanou tristemente a cabeça, e respondeu:

— Não sou da sua opinião; está mais enfermo do que julga; além d'isto, D. Ignacio bem sabe que não sou amiga de bailes, e que detesto o burburinho.

— Quando não queira frequentar os saraus, visite as suas amigas e parentas; por exemplo, a condessa de Montalvo, e sua formosa filha. Creio que lhe dará gosto a companhia d'estas senhoras...

D. Beatriz cravou os seus formosos olhos em seu irmão, e desejou adivinhar-lhe o pensamento, mas n'aquella fronte assentava uma mascara impenetravel, onde não reflectiam os sentimentos que lhe iam na alma.

— A casa dos condes de Montalvo inspira-me tanto interesse como outra qualquer.

— Ora vamos, minha adoravel Beatriz, é necessario ser mais franca para um irmão que a estremece, e que pela sua idade tem um pouco mais de experiencia do mundo e das cousas; lembro-lhe que podia ser seu pae. Creia, porém, que eu não olvido os meus deveres, nem desconheço os seus desejos; e o que mais ardentemente ambiciono é vê-la feliz; e para alcançar-lhe ventura, nunca pouparei sacrificios...

— Obrigada, meu querido irmão, respondeu commovida ante a maneira convicta porque elle lhe fallara.

N'aquellas palavras affectuosas, transparecera tanta lealdade e boa fé, que ficou duvidando das suas prevenções.

Tornou a fitar-o com vista acerada, mas nas suas feições só leu bondade, amizade fraternal e dedicação illimitada.

Sorria-lhe com a beatitude de um santo, e com a abnegação de um martyr...

que como é de ventura, vivifica-lhe o amor, é como os orvalhos do arrebol da manhã... Adeus, não quero vel-a chorar, nem mesmo de alegria...

Beijou-lhe a mão e retirou-se, rindo de uma maneira mephistophelica, que se fosse visto pela inexperinte donzella, arrepiar-se-ia, mudaria de opinião, nem duvidaria um momento das prevenções que lhe fizera o sr. Valerio Thimoteo, por parte dos invisíveis.

— Dá licença, minha querida menina, disse uma voz fahosa.

A joven deu um pulo na cadeira, enchugou os olhos, e respondeu.

— Póde entrar, minha querida ama.

Correu para a porta, abraçou uma mulher que teria quarenta annos, gorda, anafada, roliça, e com uma cara bonacheirona, que a recommendava; era a sr.^a Rita da Piedade, boa mulher, mas muito falladora.

— Ai, minha querida menina, que tem? Está com os olhos tão vermelhos... Chorou? Ora valha-me a Virgem Santissima! Então porque se afflige? Soffre?

E a boa da mulher desatou a chorar como uma Magdalena arrependida.

D. Beatriz, não obstante o estado lacerante em que se achava, deu-lhe vontade de rir, se bem que conhecesse a fundo o coração da sua ama.

— Ora vamos, minha querida ama, as suas lagrimas são pouco consoladoras...

— Mas se eu não posso vel-a triste? Bem sabe que a estimo mais do que as meninas dos meus olhos.

— Eu não estou triste, nem tenho causas para isso...

A sr.^a Rita da Piedade enchugou os olhos, e respondeu:

— Pois então porque vive constantemente afastada de tudo? Não vae a um sarau, não apparece n'um theatro... Valha-me Deus, não sei para que lhe serve tamanha riqueza.

A joven suspirou, e disse-lhe:

— Melhor talvez me fôra ser pobre! Quem sabe? É possível que a riqueza seja para mim uma grande infelicidade.

— Ora, ahí está a menina com as mesmas idéas de sua mãe, que Deus tenha em santa gloria! Deixe-se d'isso, possuir uma fortuna de tres ou quatro milhões, não é cousa que faça a desgraça de ninguém.

— Consoante; e tambem pôde ser o contrario do que pensa; mas mudemos de assumpto, a minha ama janta hoje commigo?

— Vim com essas tenções, e até ficarei de noite se assim o desejar. Bem sabe que estou só desde que o meu Ricardo se casou; agora está um rapaz de juizo, graças aos conselhos do senhor conde Montalvo, que o protege. Não parece o mesmo. Pois acredite que foi um grande vadio, e bastantes desgostos deu ao meu pobre marido, que era um santo homem.

Enchugou uma lagrimasita que lhe veio aos olhos, e proseguiu:

— Agora, como está empregado, entrega-se tão sómente aos seus deveres, e poucas vezes lhe ponho a vista.

Ainda conversaram mais algumas horas, até serem prevenidas de que o jantar estava servido.

Decorreram tres dias, e a sr.^a Rita da Piedade, viuva de André Mamede, conservara-se no palacio dos marquezes de S. Mauricio.

D. Ignacio mostrava-se cada vez mais affectuoso para

com sua irmã ; e por delicadeza, para não melindral-a, abstinha-se de lhe fallar de D. Alvaro, que nunca estava dois dias sem lhes fazer uma visita.

Era todavia para estranhar, que o conde velho, seu avô, poucas relações sustentasse com uns fidalgos ainda seus parentes. Parecia que os evitava, que não queria aproximar-se, guardando com insistencia uma reserva systematica.

Porque seria ?

A condessa, porém, e sua filha visitavam D. Beatriz ? Haveria outras causas que obrigassem a este procedimento ? Parece que sim, se bem que deviam datar de tres ou quatro annos. Isto é, desde que D. Ignacio se introduzira na associação secreta dos Homens da Cruz Vermelha, para denuncial-os á justiça.

E D. Ignacio teria conhecimento da rasão de semelhante retraimento ? Cremos que não ; e considerava o seu procedimento devido ao genio particular do velho fidalgo.

Ora a sr.^a Rita da Piedade, gostava muito do ar livre da noite, e de gosar o aroma perfumado das flores, para se desferrar das horas de aborrecimento, e dos efluvios desagradaveis que aspirava na rua das Gallês, onde morava, e todas as noites ia para o jardim, onde disfructava algumas horas de indolencia e do ocio patricio.

O jardim do marquez era vasto, orlado de robles seculares, cujas altas franças pareciam topetar as nuvens ; tinha bellos caramanchões e grandes moutas de bucho.

Assentada n'um banco, ouvia com enthusiasmo enebriante o brando ciciar dos arvoredos, e aspirava o perfume delicado dos arbustos.

Era uma noite de março, estava serena e bella ; as estrellas refulgiam com inimitavel brilhantismo, e as flores impellidas pela suave brisa oscillavam meigamente.

A sr.^a Rita da Piedade, assentada n'um banco de verdadeira, contemplava com inalteravel beatitude a belleza da noite, que proseguia serena.

De repente sentiu passos, e ouviu vozes varonis que falavam; apurou os ouvidos como verdadeira filha de Eva, e reconheceu a voz de D. Ignacio; e como era summamente curiosa, não lhe desagradou saber o que tratavam.

Passaram a pequena distancia d'ella, e assentaram-se n'um banco que ficava nas costas da alta mouta de bucho, onde se achava, e a não ser surda, havia de necessariamente ouvir o que diziam.

D. Ignacio proseguiu:

— É como lhe digo, meu amigo, já me não resta duvida, de que D. Beatriz ama D. Alvaro.

A boa da ama, assim que ouviu as primeiras palavras, já não era uma simples curiosidade que a impellia, era um interesse verdadeiro.

— Mas por onde se convenceu d'isso? perguntou uma voz aspera, que não poudo conhecer.

— Que pergunta! convenci-me, porque provoquei uma explicação, representei o meu papel, e a resposta forada lagrimas e suspiros...

— Não me agrada a noticia...

— Porque?

— Porque será mais um attrito que teremos de remover.

— Engana-se; vem maravilhosamente aplanar quaesquer difficuldades...

— Não percebo.

— Ha de perceber.

— E que tenciona fazer, sr. D. Ignacio?

— Auxiliar o amor dos dois pombinhos...

— Está louco? Que diabo de lembrança é essa?

— Acha isso? Pois digo-lhe que está enganado...

— O senhor tem por vezes magníficas idéas, sou o primeiro a confessal-o; mas d'esta vez, declaro-lhe que não percebo nada.

D. Ignacio sorriu e respondeu:

— Para chegarmos ao complemento dos nossos planos, creia que o meu systema é o melhor.

— Diga, redarguiu o desconhecido; todo eu sou ouvindo.

— Qual é o fim que miramos? Não será obrigarmos Beatriz a entrar para um convento, professar, morrer sem successão? Ora acredite que o pensamento melhor é...

— Fale com cautella, que pôde ser ouvido.

— Ora! Por quem? No jardim, depois das Trindades, ninguém apparece...

— Mas, como lhe ia dizendo, o meio mais seguro e menos perigoso, é obrigar-a a entrar para um convento...

— Sim, não digo que não; auxiliando porém, o amor que tem por D. Alvaro, não me parece que seja o melhor caminho.

— Está enganado, é o contrario do que diz... Nunca ouviu dizer, que a mulher é estopa, o homem fogo, e que o diabo assopra?

— Sim, mas depois?

— Depois será o que nós quizermos...

— O senhor não é capaz de me convencer, de que a sua idéa é boa.

— Pois creia que vae mudar de opinião.

D. Ignacio fez uma pausa, a boa da ama estava como n'um brazeiro; escorria-lhe da fronte um gelido suor e tremia, como se fosse victima de um insulto intermittente.

Reconhecia, porém, quanto era perigosa a sua situação, e o muito que lhe convinha ouvir o resto; tirou forças da sua fraqueza, e conservou-se quieta, para lhe não passar desapercebida uma palavra d'aquelle importante dialogo.

Mas quem ero o estranho companheiro do marquez? Quem seria o cumplice de tamanha infamia? É o que a boa mulher não sabia, e talvez para sempre ignorasse.

D. Ignacio proseguiu:

— Ouça, meu amigo, e tome nota do que lhe vou dizer, depois me dará a sua opinião.

— Pois diga, e veremos se merece a minha approvação.

— Ha de merecer, sou eu que lh'o digo. Vamos entrar na materia.

— D. Beatriz é uma creança, tem algum talento, excellente educação, e se a estudarmos, havemos de reconhecer-lhe um temperamento de fogo, com uma imaginação ardente. Toda a mulher n'estas condições, se hoje repelle as doçuras do amor, arrepende-se ámanhã... Volta uma outra provocação; e como ama pela primeira vez... E verdade, verdade, que não tem mau gosto, porque D. Alvaro é um bonito rapaz, muito sympathico...

— Ainda não percebo nada.

D. Ignacio fez um gesto de impaciencia, e respondeu:

— O senhor está hoje insupportavel! Espere, que já vae comprehender. Ouça até ao fim, e depois apresente as reflexões que quizer.

Dito isto, proseguiu:

— Como lhes disse, D. Alvaro é um bonito rapaz, e ama apaixonadamente Beatriz. Acredito que o seu amor não é fundado no platonismo; e não deixará fugir qualquer occasião em que possa ser feliz... Percebe?

— Vou percebendo.

— Ora ainda bem, mas custou-lhe...

— Não digo que não, e depois?

— Irra! O senhor está incommodativo com as suas intermináveis perguntas...

— Póde ser, mas quem pergunta, é porque deseja saber.

— Pois faço-lhe a vontade: ahí vae o meu plano. D. Beatriz ama e é amada; n'aquelles corações, se não pululam as paixões ardentes, alimentam-se desejos; pois é necessario facilitar-lhes os meios de sacial-os, proporcionando-lhes todas as occasiões de se aproximarem, que se tornem inseparaveis, que estreitem os laços do amor, que se solidifiquem tanto, que a consequencia seja o escandalo... Realisado isto, cá estou eu para interpor a minha auctoridade de segundo tutor e de irmão offendido...

— E depois?

— Depois, será Beatriz que ha de solicitar a entrada para um convento...

— E seu pae? Que fará elle?

— Ha de recusar-lhe a licença primeira e segunda vez, mas por fim, aconselhado por mim, não duvidará conceder-lh'a.

— Muito bem, o plano parece-me magnifico, mas creio que terá algumas ligeiras alterações... Vamos fallar claro. O seu fim é levar sua irmã a esquecer os seus deveres, como donzella e grande fidalga; todavia, não ignora, que para as faltas d'esse genero, ha uma reparação que ninguém engeita, quando as familias pertencem á mesma plana. E como hão de recusar o casamento que ambos lhe pedirão?

— Dando a maxima publicidade ao escandalo, tornando-o

bem patente; e para obtermos isso, basta-nos querer... Não lhe reste duvida; se Beatriz succumbir, nunca mais se animará a entrar no mundo. Ainda me lembro de outra cousa, D. Alvaro é um moço honrado, muito proprio para não abusar das liberdades que lhe dêr... Para obviar a sua toleima, ao senhor pertence doutrinal-o e aconselhal-o... Faça d'aquelle espirito outro. Encaminhe-o de maneira, que fique á imagem e semelhança do seu. Creia, meu amigo, proseguiu D. Ignacio com voz metallica, que este é o melhor systema, o que nos póde conduzir ao fim, pelo caminho menos perigoso... O odioso pertencerá tão sómente ao seductor e á sedusida; que se arranquem com o mundo como quizerem, que soffram o seu despreso, que com isso nada tenho... O nosso campo é o melhor, é o que sempre succede a quem não é tolo.

— Dou-lhe os parabens, meu amigo, pelo seu plano; é soberbo! Faz-lhe honra... Vou vendo as cousas pelo mesmo prisma... Deixe D. Alvaro por minha conta; acredite que hei de conseguir d'elle quanto quizer.

— E se nutrir escrúpulos?

— Eu lh'os tirarei, em nome da minha auctoridade sacerdotal. Ora o rapaz tem dezenove annos, não é um visionario, nem idiota, deve pois, necessariamente, comprehender-me... e se não quizer, peor para elle...

— Não disse bem: peor para ambos, porque o futuro decidirá quaes são os mais fortes...

— Agrada-mé a resposta; recuar seria um erro manifesto, de que nos havíamos de arrepender... Mas seu pae?

— Meu pae poucos mezes lhe restam de vida, e quando assim não fosse, bem sabe que a intelligencia nunca foi n'elle cousa que o recommendasse... A minha vontade ha de triumphar, não lhe reste duvida...

O frade, não obstante ser de uma torpeza sem exemplo, cobriu-se de pallidez mortal, e de suores frios; sentiu um estremecimento nervoso ao ouvir a maneira tranquilla por que aquelle homem fallava...

Teria elle em mente outro crime ainda maior? É o que os leitores hão de saber.

Levantaram-se e seguiram para o palacio, onde entraram por uma porta particular.

D. Ignacio foi para o salão onde se achava o marquez na companhia de sua irmã: quanto a fr. Leonardo, tomou por um corredor e saíu. N'essa noite não quiz passar algumas horas com os nobres titulares. Foi para casa dos condes de Montalvo, na firme intenção de principiar com as suas nefastas prelecções.

Entrou n'uma cocheira, alugou uma traquitana, e disse ao boleeiro:

— Para casa dos srs. condes de Montalvo, a Entre-muros. Anda ligeiro, que apanhas boa gorgeta.

— Prompto, meu reverendo, disse elle, cavalgando e atirando uma formidavel chicotada nos pobres sendeiros que romperam n'um trote largo.

Pelo caminho, o frade entregou-se a largas locubrações, e disse com os seus botões:

— D. Ignacio é o maior patife que tem nascido n'estes ultimos cem annos... Verdade, verdade, que apresentou um plano magnifico! Confesso que aquelle malandro tem por vezes excellentes concepções... Todavia não me convém elogiar-lhe os recursos intellectuaes, nem tão pouco fazer-lhe conhecer que tem cabeça e mais dotes para dirigir uma boa intriga. Se caísse em similhante asneira, atirava commigo para o canto, resolvia as cousas sem o meu concurso, e eu ficava codilhado! E sei lá o mais de que

elle seria capaz! Não seria mais misericordioso com o seu amigo fr. Leonardo, do que tenciona ser com sua irmã...

Entregue a este precioso monologo, chegou a casa dos condes de Montalvo seriam dez horas da noite.

CAPITULO XIV

No confissionario

Dissemos no capitulo findo, que fr. Leonardo e D. Ignacio, depois da sua importante conferencia, foram para o palacio, e que a sr.^a Rita da Piedade ouvira quanto elles disseram, tendo a coragem de se conservar quieta, sem se denunciar pela mais simples imprudencia.

A pobre da mulher soffrera torturas horriveis! Sentiu calefrios pela espinha dorsal, zumbido nos ouvidos, teve falta de vista, estava desorientada e quasi louca!

Pelo que tinha ouvido, não lhe restava duvida, que D. Ignacio era um monstro, um infame sem crenças nem consciencia; que identificado com o crime, levaria os seus planos tenebrosos a effeito. E depois, quaes seriam as consequencias?

A pobre da mulher estava reduzida á condição de uma estatua, sem flacidez nos membros! Fulminada pelo terror, nem ao menos podéra ainda verter algumas lagrimas, cousa que lhe era tão facil, que se lh'o pedissem, não duvidaria chorar vinte e quatro horas ininterruptas...

Que podia ou devia fazer em tão perigosa conjuntura? O seu mais ardente desejo era correr para o palacio, gritar em altos berreiros, arrepelar-se, e contar quanto ouvira... E seria acreditada? D. Beatriz acceitaria uma similhante denuncia contra seu nobre irmão?

Nada, por este caminho não vou bem, dizia ella comsigo, já depois de ter recuperado mais animo.

Não posso deixar caminhar as cousas, nem guardar reserva, sem commetter uma falta, que póde prejudicar a minha querida menina, que tão amiga é da sua velha ama. E se tudo isto não passar de palavras, e o sr. D. Ignacio nada fizer?

E quem me affiança isto? Ora, valha-me a Virgem Nossa Senhora das Dôres, o anjo da guarda me illumine, para sair d'esta embrulhada. Se não digo nada á menina, póde acontecer-lhe alguma desgraça, se a previno, é possível que não me acredite. E depois como fico considerada? Chamam-me novelleira, uma mulher intrigante, sem brios nem vergonha.

Estarei eu a dormir? Perderia o juizo? Oh! meu Deus, disse a pobresita caindo de joelhos atterrada, e se estou doida? Nada. não póde ser, não estou doida nem a dormir...

A malfada mulher em má hora fôra para o jardim, e do estado febril em que se achava á loucura, não ia muita distancia.

Sem atinar com uma idéa aproveitavel, com a cabeça em desalinho e tremendo de susto, poudo finalmente chorar. Chorou, resou, encommendou-se a Deus, e ficou um pouco mais socegada.

Proseguiu toda a noite a pensar e a discutir o que convinha fazer.

Devia denunciar o que ouvira, ou calar-se e vigiar?

Depois de muito meditar, concluiu que não podia dizer cousa alguma do que soubera n'aquella noite fatal...

A sr.^a Rita da Piedade resolveu o peor, e o que sobretudo é para estranhar, é que sendo uma tagarella de primeira força, que nunca na sua vida conseguiu reservar uma cousa pelo espaço de meia hora, fosse pela primeira vez tão retraída!

Quasi restabelecida da impressão dolorosa que atravessara, um genio mau, um demonio, segredou-lhe aos ouvidos uma idéa nova.

Batteu duas palmadas na testa, e disse com o coração alliviado da dôr que o cruciava:

— Achei uma cousa rasoavel, que me salva de tudo, e me tira de cuidados; está decidido, nada direi directamente á menina... Amanhã, assim que o sol fôr nado, ponho pés ao caminho, e deito até ao convento de S. Domingos; procuro o muito reverendo fr. Leonardo, e na confissão conto-lhe quanto ouvi, e peço-lhe o seu valioso conselho. Ora até que deparei com uma feliz solução, disse a pobre mulher um pouco resignada. Ora vamos, proseguir ella, comquanto não tenha muito conhecimento com elle, ha de attender me, porque é um santo homem, e muito amigo da menina.

Inteiramente tranquilla, com a consciencia de que tinha alcançado um bom pensamento, foi para o palacio, e deitou-se, sem lhe passar pela idéa, que aproveitara um expediente tão mau, que só o diabo lh'o podia aconselhar.

Passou uma noite cruel; teve pesadellos horribes, e acordava sobresaltada com a fronte alagada em suores frios.

Parecia-lhe ver uma longa procissão de espectros, que tripudiavam em torno d'ella, que a fitavam com olhos ameaçadores, que se riam e faziam esgares medonhos.

A pobre mulher sentia-se doente, abatida, defecada; ti-

nha os olhos inchados, a cutis amarellada e cheia de rugas, e em torno das orbitas, viam-se-lhe sulcos profundos, rocheados; finalmente, tocara o limite de uma decrepitude precoce, desde que ouvira aquellas fataes confidencias.

Dispontou o arrebol da manhã, tão desejado para a mal-aventurada victima. Antes de nascer o sol, já estava na rua com o peito offegante.

Dirigiu-se para a igreja do convento de S. Domingos, olhou para todos os confissionarios, mas viu-os desertos. Não ficou satisfeita, e disse com os seus botões:

— Vou procural-o ao convento, para não estar mais tempo n'este martyrio.

Cinco minutos depois batia á portaria, e perguntava por fr. Leonardo.

— Que lhe quer, perguntou o frade leigo?

— Fallar com elle, confessar-me, e pedir-lhe um conselho.

— Espere, já lhe vou dar o recado.

O leigo retirou-se; voltou um quarto de hora depois, e disse-lhe:

— Boa mulher, o sr. fr. Leonardo não lhe póde agora fallar, mas vá para a igreja, que elle não tarda uma hora.

Bateu-lhe com a porta na cara sem a menor cerimonia, e deixou-a ficar de queixo caído.

Não lhe restando outro recurso, foi para a igreja. Esperou mais de duas horas, até que finalmente viu chegar o desejado frade, que ao vel-a teve um presentimento desagradavel; assentou-se no confissionario e fez-lhe signal para que se aproximasse.

Ora fr. Leonardo dava grande importancia ao confissionario, por ser ali que fazia as suas mais importantes descobertas. Por aquella via sabia muitas cousas de que tira-

va toda a vantagem que podia ; e mais de uma vez teve conhecimento de segredos, que a policia mais bem organizada, não seria capaz de adivinhar.

Conheceu a mulher que o procurara com tão grande empenho ; não ignorava que era ama de D. Beatriz, e havia tres ou quatro dias que ficava no palacio dos marquezes de S. Mauricio ; e tudo isto não o intrigava pouco.

A sr.^a Rita ajoelhou frementé ; o frade cravou n'ella vista acerada, e pasmou do estado em que a via.

Não parecia a mesma mulher gorda e nedia, sempre tão prompta para rir, como para chorar. Envelhecera em pouco tempo, e ou se achava gravemente enferma, ou um soffrimento moral de grave responsabilidade a cruciava.

— Benza-se e rese o acto de contricção, disse elle com voz um pouco alterada.

Resou com voz estrangulada, e esperou que a interrogasse, não se animando a fallar.

O frade disse-lhe:

— Vamos, minha devota, é no tribunal da penitencia que se encontra o linitivo para os males do espirito. Principe a sua confissão, e diga os seus peccados, que aqui estou para ouvil-a e absolver-a, como ordena a Santa Madre Igreja.

— Não sei por onde hei de principiar, meu padre ; é tão extraordinario o que tenho a dizer-lhe, que só em pensal-o me arripio, fallecem-me as forças...

Fr. Leonardo disse com os seus botões :

— Que diabo de peccadilho faria este estafermo ? Querem ver que com esta idade, e com o carão que tem, deixou-se arrebatar nas azas de Cupido ? Pois é fresco aquelle que a fez peccar... Se foi para perder o costume, não podia tomar melhor expediente.

Depois em voz mais alta, proseguiu :

— Falle, boa mulher, bem vê que não posso adivinhar o que deseja dizer... É grande peccado o que pretende confessar? Seja qual for, creia, minha filha, que Deus é misericordioso, e os anjos festejam mais a salvação de um peccador, de que a entrada no reino dos céus de um justo.

— Meu padre, o peccado que lhe quero confessar é medonho, creio até que para elle não haverá absolvição...

— Agora é que não percebo nada, vou acreditando que esta mulher matou alguém, ou roubou alguma igreja... Então que peccado é esse? perguntou elle; falle, não se envergonhe de confessar uma cousa que teve coragem para praticar; pois se offendeu a Deus, é pedindo-lhe perdão e arrependendo-se, que pôde conquistar a sua absolvição. Vejo que é uma grande peccadora, mas para os grandes erros, também ha as grandes penitencias...

A sr.^a Rita da Piedade, com os olhos sem mobilidade e com a cabeça perdida, respondem:

— Tem razão, senhor padre, grande e monstruoso é o peccado que aqui me trouxe; e por tal fôrma medonho, que nem tenho coragem de confessal-o.

— Ora essa! Vocemecê é impenitente, e como tal fecham-se-lhe os thesouros das graças celestiaes... Se morrer com um peccado mortal reservado, vae direitinha para o inferno, e soffrerá grandes torturas n'essa terrivel caldeira, em que os demonios flagellam as almas condemnadas.

— Ai, senhor padre, isso é horivel, tenha compaixão de mim, d'esta alma que tanto tem soffrido desde hontem á noite. Só Deus sabe as dôres porque tenho passado.

O frade fez um gesto de surpresa, e os presentimentos que o tinham assaltado, voltaram mais vigorosos.

— Então foi hontem á noite que commetteu esse grande peccado? Diga a que mandamento da lei de Deus faltou?

Foi no sexto mandamento? Com essa idade, é realmente para estranhar... E se não foi por esse que offendeu a Deus, foi pelo quinto ou setimo? Responda, que com isso, tem tudo a ganhar e nada a perder...

A pobre da mulher ouviu, sem responder uma palavra; e fixava o frade através dos ralos do confissionario com vista desvairada; de repente voltou a si, como se acordasse de um violento pesadello, e respondeu:

— Deus e a Virgem Santissima me valham, eu não sou criminosa, não pequei, só se foi por ouvir essa conversação maldita, que me tem reduzido ao estado em que estou...

O frade deu um pulo no confissionario, cobriu-se de suorres frios e tremeu:

Fizera-se-lhe a luz, adivinhara tudo...

Estava perdido! Chegara-lhe a sua vez, o juiz tremia em frente do penitente! E em vez de absolver, era elle que necessitava de absolvição... Com a cabeça quasi perdida, sem atinar com o que devia dizer, cobrou todavia animo, e fez um breve raciocinio:

— Se ella me tivesse conhecido, e me considerasse cúmplice de D. Ignacio, não viria por certo consultar-me; logo tinha ouvido, sem nada ter visto.

Mais senhor de si, perguntou-lhe:

— Que conversação foi essa que ouviu? Que cousas extraordinarias soube para lhe causarem tamanha sensação?

— Ah! senhor padre, o que ouvi não se acredita, e até chego a duvidar que estivesse acordada... Mas não dormia, tenho a certeza d'isso, porque estava no jardim.

— No jardim? perguntou elle com voz estrangulada.

— Sim, no jardim dos srs. marqueses de S. Mauricio, e foi lá que soube o que desejava não saber.

— E conhecer as pessoas que disseram essas cousas?

— Um conheci-o pela falla ; quanto ao outro, não pude saber quem era, porque a voz não me era conhecida...

Fr. Leonardo respirou com a força de uma baleia, e considerou-se salvo.

— Finalmente, minha santa devota, diga o que ouviu, para lhe dar um conselho qualquer.

— Foi para isso que o procurei, por não duvidar da sua virtude, e do muito amor que tem á minha querida menina.

— Creio que falla de D. Beatriz ?

— Sim, porque quanto ouvi, é a ella que mais interessa.

— Pois conte como as cousas se passaram ; é necessario saber, para avaliar a sua gravidade.

Fr. Leonardo socegara ; a mulher ignorava que elle sabia tão bem ou melher do que ella o que se passara ; e n'estas circumstancias a vantagem estava do seu lado.

A sr.^a Rita da Piedade contou quanto os leitores sabem, e concluiu :

— Agora, meu padre, dê-me um conselho, dirija-me, porque não acerto com o que hei de fazer.

— Mas quem é o infame que pensa atraiçoar a virtuosa D. Beatriz ?

— Ah ! senhor ! não se acreditará, mas é seu irmão, o sr. D. Ignacio, não sei com que intenção...

— Oh ! mulher, tem a certeza do que ouviu ? Não se enganaria ?

— Oxalá que em vez de estar acordada, tudo fosse um sonho, mas não é assim infelizmente, respondeu ella tristemente.

— Quem lhe diz que tudo isso não é obra do espirito das trevas, inimigo acerrimo do genero humano ? Bem sa-

be que Satanaz não perde nenhuma das occasiões, em que pôde cevar a sua ira contra as almas christãs.

Rita da Piedade abanou a cabeça, e disse :

— Sr. fr. Leonardo, se o demonio entra n'este negocio, não foi commigo que se metteu, mas sim com D. Ignacio, e o seu companheiro, porque idéas como aquellas, só o inferno as pôde vomitar.

Não gostou da resposta ; fez algumas contracções, que passaram despercebidas á penitente, e respondeu :

— Seja como pensa ; tambem me parece que o tal sr. D. Ignacio é peor do que o diabo ; mas que tenciona fazer ? Que usa fazer d'essa terrivel confidencia ?

— Eu sei lá ! Sou uma pobre mulher, amo com affecto estremecido a minha santa menina, e não quero que seja victima de traições infames.

— Tem razão, minha filha, é justo o que diz ; e n'esse caso tenciona prevenil-a ?

— Pois já se vê, se o senhor padre approvar . . .

Fr. Leonardo atravessara uma crise perigosa. Engolira um mau bocado, mas em vista da declaração que acabava de ouvir, disse com os seus botões :

— Ainda não está tudo perdido ; é necessario ganhar tempo, depois resolveremos pelo melhor.

Dito isto em voz baixa proseguiu :

— Ouça, minha filha, o que acabou de me contar é segredo de confissão ; não deve pois communicar-o a pessoa alguma . . .

— E a minha menina que pôde ser victima ? Quem ha de salvar-a das traições indignas que contra ella seu irmão urde ?

— Eu !

— O sr. fr. Leonardo ? !

— Sim, minha boa Rita da Piedade, eu me encarrego de salvar-a dos laços infames, que um irmão desnaturado lhe prepara; necessito porém do seu auxilio. percebe?

. — Percebo; e que hei de fazer?

. — Por enquanto mais nada do que guardar inviolavel segredo; e mais tarde, depois das cousas preparadas, eu lhe direi o que lhe cumpre fazer.

. — Pois sim, senhor, farei o que me diz. E affiança-me que nenhum mal poderá acontecer á sr.^a D. Beatriz?

. — Respondo por tudo, se por ventura vocemecê cumprir as minhas ordens, o que lhe imponho debaixo de juramento. Jura nada dizer do que ouvia, enquanto não receber ordem minha?

. — Assim o juro.

— Muito bem, faça o que lhe digo, porque o resto é a mim que pertence. Vá descansada, e agradeça a Deus a boa idéa que teve, confiando-me essa tenebrosa historia.

— Mas que tenciona fazer? Porque não havemos de prevenir immediatamente a menina, ou o senhor marquez velho?

— Ora, valha-me Deus, vocemecê parece-lhe que as cousas fazem-se como as entende? Pois digo-lhe que está enganada... Ouça e responda, minha santinha, ao que lhe pergunto. Alem do seu testemunho, tem mais alguma prova?

. — Não, porém, toda a gente sabe que sou uma mulher verdadeira.

— Bem sei, sou o primeiro a conhecê-lo; ora imagine que vai fazer essas imprudentes declarações a D. Beatriz, que póde fazer uma joven, que ainda não tem dezeseite annos?

— Eu sei lá o que ella fará...

— Não faz nada, sou eu que lh'o digo ; e as cousas hão de passar-se como lhe vou expor ; tome nota, e convença-se de que tenho razão. D. Beatriz ou não crê, nem percebe uma palavra do que a senhora lhe communica, ou então acredita em tudo ; e sabe qual será a consequencia logica d'isso ? Eu lh'a digo ; mortifica-se, chora, e recorre á auctoridade paterna. Ora, o marquez pae manda chamar seu filho e reprehende-o asperamente pelo seu insolito procedimento ; e sabe o que elle faz ?

— Não sei, disse a pobre mulher tremendo de susto.

— Pois en lh'o declaro : mostra-se indignado, chama-lhe embusteira, e não duvidará dizer-lh'o mesmo na sua cara... E como fica vocemecê collocada ? Pense bem n'isto, e creia que lhe dou um conselho sensato.

A sr.^a Rita da Piedade, que não tinha menos respeito por D. Ignacio, de que pelas penas eternas, principiou a convencer-se que fr. Leonardo fallava com acerto, se bem que ao mesmo tempo uma voz lhe segredava aos ouvidos a palavra traição !

Parecia que o coração lhe adivinhava uma desgraça, que não estaria longe ! Um presentimento lhe dizia que se acautelasse e tivesse menos confiança.

Mas aquelle homem não fôra o confessor da defunta marquezia ? Não era o amigo mais assiduo e dedicado d'aquella familia ?

— Pois sr. fr. Leonardo, faça o que melhor lhe parecer, eu por mim não direi cousa alguma por enquanto, mas...

— Em não dizer nada, faz muito bem, porque a senhora é impotente para levar a cabo este negocio. D. Ignacio está muito acima de si, e quanto mais alto estão as pessoas, menos se lhe póde chegar... Commigo mudam as cousas, porque o meu fim é confundil-o, arrancar-lhe a mascara e

demonstrar com a minha auctoridade quanto vale aquelle caracter satânico.

— Pois sim, meu padre, faça isso, que eu cá estou para o auxiliar, se bem que ao primeiro perigo, ponho tudo em pratos limpos.

— Não ha de ter esse trabalho, respondeu elle, cravando n'ella os seus olhos de cobra de uma maneira tão ameaçadora, que se a malventurada os visse, fugiria atterrada.

A confissão tinha concluído, fr. Leonardo estava como n'um brazeiro, o seu mais ardente desejo era ver a boa da mulher pelas costas, e assim que se retirou, ergueu-se do confissionario e disse:

— Irra! Ha muito tempo que não apanho um tão mau bocado! E esta! Se não fosse o confissionario, não estava compromettido! Não via desabar o excellente edificio architectado por D. Ignacio? Safa, que d'esta me livreí eu... e que diabo havemos de fazer? A mulher sabe mais do que nos convém, e está na convicção de dar á lingua ao primeiro perigo que ameace a sua querida menina... Pois eu te taparei a bôca com terra, grande tola... Mas tantos crimes... E a justiça de Deus a pedir-me contas? Ora, historias velhas e estafadas; acredito tanto n'isso, como nas chinellas do Grão Lama da Tibet...

E com esta blasphemia concluiu o frade o seu monologo, indo em seguida para a cella, a fim de encher o estomago, que de ha muito lhe pedia o almoço.

Quanto á sr.^a Rita da Piedade, mais um pouquinho descansada, tomou a direcção do palacio dos marquezes de S. Mauricio, onde chegou uma hora depois.

Guardou todavia a maior reserva; e sempre que via D. Ignacio sentia o coração opprimido e um mau estar, que não

podia definir. E sem querer, seguia-lhe os passos, dizendo com os seus botões :

— Veremos se volta a ter segunda conferencia...

Ora, enquanto estas cousas se passavam, iremos até Coimbra, a fim de nos encontrarmos com os tres estudantes que deixámos n'aquella cidade.

CAPITULO XV

Uma surpresa

Os tres estudantes, como dissemos, deixaram de ser trocistas, já não se associavam a merendas, nem a ceias de espalhafato. Apenas os viam passear, evitando, porém, a companhia de estranhos.

Corria o mez de fevereiro, a noite estava escura e medonha, o vento soprava rijo do sul, a chuva caía torrencial, e a rua da Couraça de Lisboa, onde moravam, parecia um rio caudal.

Seriam dez horas da noite, o sino tocava ás alegres, havia bastante tempo, annunciando que as horas do estudo tinham limitado.

Os tres amigos estavam sentados a uma mesa de pinho tosca, que nem ao menos era pintada.

N'uma palmatoria de barro grosseiro ardia uma véla de cebo, que espalhava um frouxo clarão na casa, já bastante velha e com as paredes denegridas.

demonstrar com a minha auctoridade quanto a caracter satânico.

— Pois sim, meu padre, faça isso, que o auxiliar, se bem que ao primeiro perigo pratos limpos.

— Não ha de ter esse trabalho, re n'ella os seus olhos de cobra de çadora, que se a malventurada rada.

A confissão tinha concluido n'um brazeiro, o seu mais mulher pelas costas, e as confissionario e disse:

— Irra! Ha muito

bocado! E esta! Se comprometido! N chitectado por D e que diabo ha

que nos con primeiro pe mira, bem sabes, que no dia immediato ao da eu te tapinação, partiu para o Porto. crimes. Elle ficou porém de nos escrever...

histor. E se não poder, observou Antonio Pinto; e ficaram chindo que meu irmão antes de partir para Hespanha, mandou dizer, que me escreveria, mas ainda estou á espera da carta.

D. Raymundo não respondeu, ficou silencioso alguns momentos, ergueu a cabeça, flectiu os seus amigos e disse-lhes:

— Vocês conhecem o meu character, sabem que não sou visionario, affianço-lhes porém, que ando ha dias com o coração opprimido...

— Ora deixa-te d'essas cousas...

— Pensas, perguntou fr. Rodrigo, estás por-
por te teres ligado á associação dos in-
fantes mal, porque ninguém te obrigou;
a não ser D. Francisco e os seus
amigos á lista dos vivos ; finalmente,
mas D. Ignacio era-te bem pouco
em dedicação pelos seus inte-
reses não dirás a rasão por que o
tinha tanta antipathia por D.
— Que D. Francisco quan-
to ao peito e um certo ran-
do procedimento ?

— De minha irmã, o con-
de não se lembra de ter conhecido tudo isso ; e antes de
se conhecerem ainda era amigo de D. Ignacio. Já
sabes que os desuniu, parece não ter longa
memoria, mas que porém é mais para notar, é o conde de Mon-
tanbanham lhe chamar Judas e traidor como D. Fran-
cisco . . .

— Assim é, disse Antonio Pinto ; e nas ultimas ferias, quan-
do contigo estive em Lisboa, não me passou despercebi-
do isso mesmo ; estou porém ás escuras, e não posso adian-
tar mais.

— Ólá, rapazes, disse fr. Rodrigo, estou de semana, vou
tratar da ceia, que são horas ; e a barriga de um frade,
tem exigencias como outra qualquer.

Ao levantar-se, reflectiu e disse para os seus companhei-
ros :

— Escutem ! Não se fazem gritos ao longe ?

— Parece-me que sim, responderam elles levantando-se.

— E assim era, ouvia-se, não muito distante, bastante al-
gazarra, gritos confusos, e os latidos da canzoada.

A mobília era simples: na casa do estudo, onde se achavam, havia tão sómente a mesa que dissemos e cinco mochos de pau, uma ruma de livros a um canto, e uma botija com tinta.

No unico quarto de cama, viam-se tres barras de madeira com enchergas e magros colxões, dois cabides, tres pequenas caixas de madeira e alguns sapatos velhos.

Na cosinha figurava apenas uma bilha de barro, um alguidar acanhado, uma panella de ferro, uma caçarola, uma trempe, e n'uma prateleira uns seis pratos de pó de pedra, já muito denegridos, tres colheres de pau, uma de chifre, dois garfos e uma faca hollandeza.

Na cosinha tambem havia uma janella que deitava para um pateo, com duas estreitas portas para uma viella.

Os tres amigos tinham acabado de estudar, e conversavam; fr. Rodrigo da Encarnação disse para D. Raymundo:

— Que será feito de D. Francisco? Nunca mais o tornamos a ver...

— Não admira, bem sabes, que no dia immediato ao da nossa iniciação, partiu para o Porto.

— Elle ficou porém de nos escrever...

— E se não poder, observou Antonio Pinto; e fiquem sabendo que meu irmão antes de partir para Hespanha, mandou dizer, que me escreveria, mas ainda estou á espera da carta.

D. Raymundo não respondeu, ficou silencioso alguns momentos, ergueu a cabeça, flectiu os seus amigos e disse-lhes:

— Vocês conhecem o meu character, sabem que não sou visionario, affianço-lhes porém, que ando ha dias com o coração opprimido...

— Ora deixa-te d'essas cousas...

— Mas em que pensas, perguntou fr. Rodrigo, estás porventura arrependido por te teres ligado á associação dos invisíveis ? Se assim é, fazes mal, porque ninguém te obrigou; lembro-te, porém, que a não ser D. Francisco e os seus amigos, já não pertencerias á lista dos vivos ; finalmente, meu amigo, aquelle querido D. Ignacio era-te bem pouco afeiçoado . . . Creio que só tem dedicação pelos seus interesses . . . Ora, D. Raymundo, não dirás a rasão por que o velho conde de Montalvo mostra tanta antipathia por D. Ignacio ? E todavia o mais notavel é que D. Francisco quando falla n'elle, não pôde retrain o despeito e um certo rancor . . . Que significará um similhante procedimento ?

— Eu sei lá . . . Quanto ao sogro de minha irmã, o conde velho, para mim é um mysterio tudo isso ; e antes de eu vir para Coimbra, ainda era amigo de D. Ignacio. Já vêem que a causa que os desuniu, parece não ter longa data . . . O que porém é mais para notar, é o conde de Montalvo tambem lhe chamar Judas e traidor como D. Francisco . . .

— Assim é, disse Antonio Pinto ; e nas ultimas ferias, quando contigo estive em Lisboa, não me passou desapercebido isso mesmo ; estou porém ás escuras, e não posso adiantar mais.

— Ólá, rapazes, disse fr. Rodrigo, estou de semana, vou tratar da ceia, que são horas ; e a barriga de um frade, tem exigencias como outra qualquer.

Ao levantar-se, reflectiu e disse para os seus companheiros :

— Escutem ! Não se sentem gritos ao longe ?

— Parece-me que sim, responderam elles levantando-se.

— E assim era, ouvia-se, não muito distante, bastante algazarra, gritos confusos, e os latidos da canzoada.

— É talvez desordem com os futricas ; aposto que o padre Pedro fez alguma das suas partidas, e provocou pancadaria...

Os gritos ouviram-se mais de perto ; sentiram um tiro, e em acto continuo a porta foi aberta com violencia, e um estranhe entrou como uma bomba, com os cabellos em desalinho, o fato manchado de sangue, e a ponto de rebenotar pelo cansasso.

Os estudantes ficaram surpresos e perguntaram :

— Quem é o senhor ? Que fez para assim fugir ?

— Pelo amor de Deus, senhores, valham-me, aliás estou perdido... Sou perseguido pela justiça, mas juro-lhes que não sou assassino, nem ladrão. Mais tarde saberão quem sou...

E sem lhes dizer mais nada, acrescentou :

— Podem dar-me fuga pelas trazeiras da casa ?

Os mancebos trocaram um olhar de intelligencia, e sem descerem a explicações tinham-se comprehendido ; a mocidade póde ser leviana, mas é sempre generosa.

Antonio Pinto disse-lhe :

— Não sabemos quem o senhor é, nem o que fez, vemos porém que é perseguido e recorre á nossa protecção... Era seguido de perto ?

— Sim... ouçam, disse elle, estão proximo d'aqui...

E assim era, os aguasis ouviam-se não muito longe, e caminhavam com passo estugado.

Antonio Pinto foi ao quarto, e trouxe uma capa e um gorro.

— Pegue, com este disfarce mais facilmente os illude.

O homem poz a capa, encaixou o gorro na cabeça, e seguiu o estudante que lhe apontou para a janella da cozinha, dizendo-lhe :

— Salte por ali, o pulo não será perigoso, porque a altura é pequena; no pateo ha duas portas, abra uma e fuja para a viella.

O desconhecido apertou-lhe a mão de uma maneira mysteriosa, o mancebo estremeceu.

Dois minutos depois estava salvo, e os tres estudantes conversavam placidamente.

Antonio Pinto dissera-lhes :

— Meus amigos, salvámos um irmão; ao despedir-se deu-me o toque mysterioso...

Na rua ia grande burburinho, os furões da justiça batião em todas as portas, e perguntavam pelo fugitivo.

Os bons dos estudantes já a este tempo não se lembravam de cear, e convictos de que não deixariam de ser incommodados, prepararam-se pacificamente para bem receber as visitas.

D. Raymundo da Gama observou :

— Não lhes parece que entre a voz do desconhecido, que acabámos de salvar, e a de D. Francisco Velasco, ha assentuada similhaça?

— Com certeza; e até na altura e na maneira de fallar, mas não póde ser elle. D. Francisco terá cincoenta annos, os seus cabellos são grisalhos, e aquelle homem, quando muito, apenas terá trinta e quatro ou trinta e tres annos.

— Ora, deixem-se d'isso, redarguiu Antonio Pinto, sabem por experiencia que elle muda de cara e de idade como lhe convém, se bem que com isto não affirme que é uma e a mesma pessoa.

N'este momento sentiram vosear proximo á porta da rua, pareceu-lhes que muitas pessoas subiam pela escada, e que fallavam com muita animação.

Trocaram um olhar de intelligencia, e disseram em vez baixa :

— Elles ahi estão.

Abriam os livros, collocaram-n'os sobre a mesa, e esperaram. Bateram á porta com força, e uma voz aspera bradou :

— Abram de ordem das justiças de sua alteza o principe regente.

Antonio Pinto fez signal aos seus condiscipulos, para que ficassem quietos, levantou-se e foi abrir a porta.

Sete ou oito esbirros, tendo na sua frente o sr. Aniceto Parreira, entraram.

— Que pretendem, meus senhores ? perguntou o estudante com animo sereno.

— Queremos que digam se foi por aqui que se escapou um homem que perseguiamos, e temos ordem para prender.

— Por onde querem que elle entrasse ? Bem vêem que a porta estava fechada.

— Não é com essas que me enganam ; os senhores já são useiros e veseiros nas intrugices que fazem todos os dias á justiça, bem os conheço, proseguiu o Aniceto Parreira com mau humor.

— Ora essa, responderam os tres estudantes em côro ; o senhor póde passar revista á casa, que não tem muito que ver, mas não tem direito algum de nos insultar ; e se continúa, amanhã queixamo-nos ao senhor reitor.

— Façam o que quiserem, que eu hei de cumprir o meu dever ; percebem ? Digo-lhes, porém, que ha mais de uma hora que damos caça a um maldito que temos ordem para prender por jacobino ; é um traidor, um afrancesado que o diabo confunda ; e quando julgavamos tel-o seguro, es-

capa-se-nos, deita a fugir, e nós a correr atrás d'elle...

—E o sr. Aniceto Parreira, tem a certeza que veio para esta rua?

— Ora essa! Isso não se pergunta, porque o vimos voltar á esquina; e só o perdemos de vista nas proximidades d'aquí.

Os estudantes tremeram interiormente, não lhes agradou a noticia, mas não fizeram manifestações imprudentes.

O Antonio Pinto que tomara a palavra, perguntou com admiravel tranquillidade:

— Vossa mercê viu entrar para a nossa escada o homem que perseguia com a sua gente?

— Não, senhor, e se assim fosse, já os teria prendido como cúmplices do traidor.

Os esbirros que faziam parte da comitiva de mestre Aniceto permaneciam calados e serénos, encostados aos chuchos ou aos chanfalhos ferrugentos com que vinham armados. O seu chefe, porém, empunhava uma pistola de dois canos.

— Nada de contemplações, proseguiu elle, vamos, meus amiguinhos, passamos revista á casa d'estes senhores estudantes, que cheiram a revolucionarios a vinte leguas de distancia. Chuços em guarda, mão na partasana e olho aberto, porque estes cordeirinhos revolucionarios têm dentes de lobo.

Os estudantes não lhe responderam, pegaram na palmatoria de barro e alumiaram os agentes da justiça de Coimbra.

A revista foi minuciosa, o Aniceto Parreira abriu as arcas, viu se debaixo das barras estaria alguém escondido, foi á cozinha, examinou todos os cantos, e como não visse

cousa alguma que lhe denunciasse ter por ali passado o temível revolucionario, disse para os seus homens :

— Rapazes, vamos procural-o n'outra parte. Desculpem, meus senhores, o mau bocado que lhes fiz passar, mas não ignoram os deveres que temos de cumprir.

Os homens saíram ; o mestre Aniceto Parreira, sempre de pistola em punho, fechava o couce da sua brilhante escolta ; antes porém de sair, voltou-se e disse para os estudantes :

— Tomem cautella, senhores estroinas ; acreditem que em mim têm um inimigo desapiedado ; não me pagam para ser indulgente, isso já lá vae... Os bons tempos sumiram-se, acabaram as contemplações...

Os tres amigos depois de verem os esbirros pelas costas, deram uma gargalhada.

D. Raymundo disse :

— Não estranharam o Aniceto ? Creio que o homem modificou as beneficis intenções que tanto o recommendavam...

— Sim, redarguiu fr. Rodrigo, não nos pareceu o mesmo que n'aquella noite fatal nos disse, quando nos viu juntos ao cadaver :

«Vão-se embora, não fazem aqui nada, mas não digam que me viram e me fallaram.»

— Sim, e se elle representar uma comedia ? observou Antonio Pinto... Veremos, o futuro o dirá...

O resto da noite passou-se sem novidade ; e os estudantes no dia immediato foram para a universidade.

As tres horas da tarde, porém, um ecclesiastico de batina e chapéu tricornéo, abriu a porta e entrou, dizendo-lhes :

— A paz do Senhor seja convosco.

— Amen, responderam elles admirados e cravando vista

curiosa no estranho personagem que lhes sorria com bonhomia, e os analysava detidamente, olhando por cima de uns grandes oculos com aros de prata.

— Que pretende, senhor padre, perguntou Antonio Pinto,ambeando um olhar de intelligencia com os seus companheiros.

— Desejo fallar-lhes em particular; estão sós?

— Bem vê que sim.

O clérigo voltou-se, fechou a porta com o maior cuidado, e disse-lhes:

— Meus senhores, venho agradecer-lhes o leal apoio que hontem me prestaram...

— Pois o senhor é o fugitivo que auxiliámos? perguntaram elles surpresos.

— Sim, senhores; e devido á sua leal protecção, pude escapar ás unhas dos furões da justiça.

— Mas hontem não estava ferido? perguntou D. Raymundo.

— Estava, e hoje ainda o estou; felizmente, porém, não é cousa de gravidade.

Fez uma pausa como se desejasse conciliar diferentes idéas, meditou alguns instantes, e proseguiu:

— Hontem affiancei-lhes, sob a minha palavra, em como não era assassino nem ladrão; hoje venho explicar-lhes a causa por que era perseguido; e como estou tratando com tres homens de coração de ouro, de caracteres nobres, a tres irmãos, porque os conheço, digo-lhes que o meu crime é pertencer a uma associação secreta, á mesma em que os senhores foram iniciados... Tive a infelicidade de ser reconhecido por um traidor; e abi têm a rasão por que fui perseguido.

— Nós, porém, não o conhecemos, nem sabemos que

sociedade é essa de que nos falla, responderam elles re-
ceando cair n'alguma intriga grosseira.

O desconhecido sorriu, arrancou a cabelleira, tirou os
olucos, e a bella physionomia de um joven de trinta e tres
annos appareceu.

Os estudantes ficaram maravilhados, e disseram offegan-
tes:

— Excellente transformação ! E a não ser a idade que re-
presenta, diriamos que o senhor é D. Francisco Velas-
co...

O mancebo sorriu-lhes e respondeu :

— Enganam-se, mas acertaram...

Os estudantes fizeram um gesto de surpresa, elle pro-
seguiu:

— É como lhes disse, senhores, não acertando acerta-
ram ; não sou D. Francisco Velasco, porque nunca o fui,
nem mesmo desejo sel-o, mas em compensação, digo-lhes
que sou D. Bonifacio Alvellos, o mesmo que conheceram
sob o nome de D. Francisco...

Os tres amigos achavam-se debaixo de uma estranha in-
fluencia, produsida pelo pasmo que lhes causara as pala-
vras que acabavam de ouvir !

D. Francisco Velasco teria pelo menos cincoenta annos,
e aquelle não excederia a trinta e tres !

Mas a voz era inteiramente similhante, o fogo que irra-
diava das pupillas, sempre que fallava, era igual ; e os
gestos e a maneira de se expressar eram identicos aos de
D. Francisco.

O joven continuava sorrindo-lhes, e proseguia :

— Bem fundada é a surpresa que revelam ; todavia fi-
quem scientes, que o D. Francisco Velasco, com os seus
cabellos grisalhos, cutis amarellenta e sulcada de rugas, é

o mesmo que têm na sua presença; e assim é depois de ter atirado para o canto com o disfarce.

Aos jovens já não lhes restava duvida, e abraçaram-n'o com estremecido affecto.

— Ora diga, não tinha ido para e Porto?

— Fui, e voltei; regressei ha mais de um mez; tenho visitado differentes terras, e como sabem, em Condeixa, na casa mysteriosa sempre tenho pessoa de confiança para me receber a correspondencia e mandal-a ao seu destino. Meus amigos, desculpem-me de ter conservado o incognito, depois da sua iniciação, mas não pertenco só a mim, pertenco a todos que estou ligado. É certo, porém, que depois do seu procedimento de hontem, a reserva seria uma prevenção indigna, ociosa; e por isso me apresentei tal qual sou, e com o meu verdadeiro nome.

— Muito bem; e agora parte para onde?

— Para Lisboa, ha grandes crimes preparados, e maiores infamias em embrião, que brevemente terão o devido complemento... Previno-os, que conto em Lisboa com o seu concurso, logo que completem a formatura. Carecemos de muitos braços, e de não poucas intelligencias. A lucta será insistente, porque os interesses particulares, as ambições villãs, alliam-se com as conveniencias dos homens de estado, e perseguindo os individuos, sob o pretexto de que são jacobinos e illuminados, o fim especial, unico, é deixar o campo livre á torpe cobiça d'aquelles que, nascendo pobres, querem chegar á opulencia, sacrificando as pessoas a que estão ligados pelos laços mais sagrados. Fallo de D. Ignacio, e do seu inseparavel amigo, confidente e cumplice, o frade Leonardo...

— Que faz porém esse homem em Lisboa? A marquezia ainda não morreu?

— Já falleceu ; e creio piamente que antes d'aquella alma bemaventurada voar ao ceio do Creador, foi victima de uma mystificação grosseira ; as consequencias já principiaram a transparecer, e o desfecho dos seus planos tenebrosos mais tarde o veremos.

— Mas qual é o fim que esse homem procura ? perguntaram os tres amigos.

— Acho bastante curial a pergunta, e vou pôl-os ao facto das cousas que ignoram.

— Se nos pôde dar a luz, prestar-nos-ha um importante serviço, porque em dois pontos capitaes assentam as nossas duvidas, e as constantes apprehensões que nos intrigam.

— Digam, meus senhores, quaes são os factos que desejam esclarecidos ?

— Eu lhe digo, disse Antonio Pinto, ha pouco estranhavamos que o velho conde de Montalvo tivesse, por assim dizer, cortado as suas relações com o marquez de S. Mauricio D. Ignacio ; porque não conhecemos causa alguma que justifique o seu procedimento.

— E ha que tempo existe essa frieza entre as duas casas ?

— Segundo os esclarecimentos dados pelo nosso amigo D. Raymundo, não haverá mais de tres annos ; e do que mais sobretudo me admiro, é que o conde de Montalvo sempre que falla de D. Ignacio, chama-lhe Judas e traidor como o meu amigo...

— E sabem o que isso significa ?

— Não.

— É que tanto eu como o sr. conde de Montalvo, temos identicas rasões para assim tratarmos esse infame fidalgo.

— Acredito que não tem relações com o conde de Montalvo...

— Está enganado : somos até muito amigos, temos intimas relações...

— Que diz ? perguntou D. Raymundo admirado.

— A verdade ; e fiquem sabendo, que o conde de Montalvo é o nosso grão mestre ; e o que tão sabiamente dirige a nossa associação ! Devemos-lhe muitos serviços ; e não pôde haver um verdadeiro *maçon* que não sinta por elle respeito e a mais alta veneração... D. Antonio de Mascarenhas tem excellentes qualidades ; é o espirito mais forte, o animo mais resolutivo, e o coração mais bem formado que tenho conhecido ; devotado á causa da liberdade que mais tarde deve dispor no horisonte das nações, tem-lhe dedicado a sua intelligencia, e parte da sua fortuna. Para elle, meus amigos, não ha difficuldades, nem perigos ; caminha audaz, convicto da sua alta missão, e com a fé viva no futuro, arreda os attritos, destroe as duvidas, vence quasi o impossivel ; e se lhe disserem : Ali ha um perigo, mas tambem ha gloria em affrontal-o ; se isto lhe asseverarem, caminha placidamente e vence ! Para elle os espinhos têm tanto valor como as folhas avelludadas das mais ridentes flores. Eis, meus amigos, o que é esse nobre fidalgo, mais nobre do que os proprios reis.

Os jovens estavam frementes, maravilhados, e não se animavam a interromper aquelle homem que lhes fallava com as crenças da alma.

D. Raymundo não poudo conter-se, ergueu-se e deu-lhe um apertado amplexo...

— O que acabei de ouvir, disse elle, tem para mim um merecimento inextinguivel. D. Antonio é sogro de minha irmã!

— Sim, meu amigo, e tambem é avô de D. Sophia...

O joven corou ligeiramente e respondeu :

— Guardar reserva entre amigos é um crime injustificavel, para que hei de negal-os? Sim, meus amigos, amo minha sobrinha, essa bella e formosa menina, que tem menos seis annos de que eu.

— Já o sabiamos, responderam fr. Rodrigo e Antonio Pinto.

— Tambem eu, acrescentou D. Bonifacio, mas acautele-se de D. Ignacio...

O mancebo ergueu-se com impeto violento, e com os olhos sem mobilidade; agarrou-lhe na mão e disse:

— Diga o que sabe, meu amigo... não me esconda a verdade.

— Socegue, D. Raymundo, não tie intenção de provocar uma scena de ciúmes... Confie em D. Sophia, em sua familia, em si, e por ultimo nos seus amigos...

— Voltemos ao assumpto, proseguiu o joven medico sorrindo, não me affirmaram ha pouco que lhes seria agradável saber porque o conde de Montalvo se affastou de D. Ignacio?

— Sim, respondeu Antonio Pinto.

— O marquez D. Ignacio, proseguiu D. Bonifacio, que nunca comprehendeu um preceito de honra combinado com fr. Leonardo, abusou da boa fé e inexperiencia de um irmão nosso que é inglez, com quem tomára intimas relações; e tão bem soube insinuar-se-lhe no animo, que acreditou n'elle e propol-o. Nós, porém, não admittimos pessoa alguma sem procedermos a indagações, porque entre homens de bem, não se admittem infames da condição de D. Ignacio. Ora, as informações colhidas não lhe foram favoraveis; todavia, para não desgostarmos o padrinho, o sr. conde Antonio, teve a providencia de ordenar que todos se apresentassem mascarados e cobertos com os mantos bran-

cos do ritual, com a cruz vermelha sobre o hombro esquerdo. Assim nos viu sempre, e devido a isto não fomos conhecidos, presos e talvez condemnados a uma pena infamante...

D. Bonifacio fez uma pausa, os jovens prestavam-lhe a maior attenção. Elle proseguiu passados alguns instantes:

— Decorreram alguns mezes, não foram muitos, e fomos prevenidos de que o traidor depois de sair de entre nós, ia sempre para o convento de S. Domingos; e que em certo dia tivera uma conferencia com o intendente geral da policia. As nossas apprehensões recrudesceram, e n'uma noite fomos prevenidos pelo fidalgo inglez, que D. Ignacio viera deitando pelo caminho pingos de tinta...

— Para que fazia isso? perguntaram os estudantes.

— Para ficar sabendo a rua e a casa onde reuniamos, visto vendarem-lhe os olhos a grande distancia; e esta providencia tambem foi devida ao nosso grão mestre. O infame foi accusado, negou miseravelmente, mas ao ver a indignação de todos, ante o brilho das espadas que fulgiram fóra das bainhas, perdeu a coragem e confessou tudo! Foi necessario ao conde impôr a sua auctoridade para salvá-lo; porque a intenção de todos era mata-lo ali mesmo... Foi expulso, e n'essa mesma noite fizemos desaparecer da casa tudo que nos podia comprometter; não foi de mais; porque no dia immediato foi cercada e as portas arrombadas; mas a policia não encontrou cousa alguma que lhe desse a luz... Ah! têm a razão porque odeamos aquelle homem, que nos persegue, e nos deseja fazer mal. Agora, mais de que nunca, por não ignorar que, para realisar as suas ambições, para obter influencia na côrte, carece de saber quem somos e onde reunimos.

— E elle sabe que D. Antonio é o grão mestre?

— Se o soubesse, já aquelle nobre character estaria apodrecendo n'uma prisão do estado.

— Mas qual é o pensamento d'elle, em que funda as suas ambições?

— Não lhes posso responder com exactidão; mas affianço-lhes que ha um testamento da marquezia, que estabelece o seguinte: «Por morte do marquez velho, fica com a tutela D. Ignacio; e se D. Beatriz entrar para um convento, ou morrer donzella, todos os bens não vinculados passam para elle!» Ora esta disposição testamentaria, é uma arma terrivel nas mãos de semelhante homem, porque os bens livres da marquezia valem para cima de quatro milhões...

Os jovens estremeceram e bradaram indignados:

— Isso foi uma infamia por parte da marquezia...

— E se foi enganada? Se em vez de escreverem o que dictava, escreviam outra cousa?

— Sabe isso?

— Não sei, deprehendo, todavia, que as cousas passaram-se pouco mais ou menos como lhes disse; e o tempo dirá se me engano.

— O marquez pae é por enquanto o tutor; e se morrer, depois de D. Beatriz chegar á maioridade, ou de ter casado, a disposição do testamento de nada vale, disse Antonio Pinto.

D. Bonifacio sorriu tristemente; cravou os olhos nos tres mancebos e disse-lhes:

— São muito jovens, têm pouco conhecimento do mundo, ainda vêem tudo côr de rosa, ou pelo melhor prisma; quando tinha a sua idade, e estudava na universidade de Salamanca, tambem pensava assim. Mas a experiencia, a escola da adversidade, opéra grandes transformações no espirito humano... Acham que D. Beatriz nada tem a recear?

— Sim, dados os casos que indicámos.

— Vejo que não conhecem D. Ignacio e fr. Leonardo ! Se melhor os comprehendessem, em vez de dizerem isso, diriam : «É necessario vigiar, seguir de perto aquelles dois homens, que no prepassar de alguns annos, hão de chegar aos seus fins. . . » Convençam-se, senhores, que o marquez velho ha de morrer antes de sua filha chegar á maioridade, que se não entrar para um convento, irá dormir o sono eterno dos mortos. . . Se algum joven desejar desposal-a, se for amado, ai d'elle, não lhe dou muito pela vida, ou pela liberdade. . .

Os jovens tremeram, como se fossem atacados por um insulto intermittente, impallideceram e ficaram momentaneamente sem flacidez nos membros !

As ultimas palavras de D. Bonifacio soaram na sala como o lugubre tanger da campá funeraria ! Com os cabellos hirtos e a voz estrangulada, bradaram :

— Basta, D. Bonifacio, não diga mais, comprehendemos o resto, conte com o nosso auxilio. Para o anno futuro todos estaremos em Lisboa, e com a ajuda do Eterno, havemos de neutralisar o mau effeito d'esses planos, se não podermos anniquilal-os, reduzil-os a pó. Mas o conde de Montalvo ignora esses projectos tenebrosos, ou tem conhecimento d'elles ?

— Creio que não sabe mais do que eu ; treme todavia por D. Beatriz e por seu neto D. Alvaro, que a estremece e é amado com igual affecto.

— Meu sobrinho. . . disse D. Raymundo.

— Seu sobrinho, sim, que a não pormos um dique á torrente das iniquidades, será necessariamente uma das victimas de D. Ignacio.

— E minha sobrinha D. Sophia ?

— Essa, meu amigo, se não quizer ser marquezia de S. Mauricio, por ter dado a outrem o seu coração, não sei o que succederá... É certo, porém, que sobre este ponto não tenho por emquanto dados alguns, é possível que sejam desacertados os meus pensamentos.

Depois de um breve silencio, que não foi interrompido, Antonio Pinto perguntou :

— Mas de que meios potentes dispõe D. Ignacio para levar a effeito essas cousas ? Não me parece que tenha força para tanto...

— Acha isso, meu amigo ? Pois digo-lhe que tem e terá força para muito mais, se lhe convier. Deseja saber os meios de que dispõe ? Eu lh'os digo : As armas de que usará serão a hypocrisia, a intriga e a denuncia villã. A côrte, os ministros e a policia andam assustados e ás aranhas... Em toda a parte vêem jacobinos, maçons e revolucionarios. Ora o marquez está combinado com o primeiro ministro, com o intendente, e com fr. Leonardo, dispõe portanto da influencia da côrte, da policia, e do illimitado poder de algumas ordens religiosas. Acredite, que as pessoas que desejar perder, hão de ser denunciadas como jacobinos e revolucionarios ; e os denunciantes não lhe hão de faltar, tenha a certeza... Em vista d'isto ainda achará pouco ?

O joven curvou a cabeça, os dois condiscipulos fizeram outro tanto, ante a logica d'aquelles argumentos.

— Por onde sabe essas cousas, creio que não vae a Lisboa ha mezes ?

— Sei por pessoa que dispõe de fr. Leonardo ; a quem elle descobre parte dos seus pensamentos ; o fraco d'aquelle monstro são as mulheres ; ama com delirio uma joven e formosa hespanhola que o domina, que o tolera, mas que o

detesta ; e só por nos prestar serviços, faz o sacrificio de recebê-lo em casa. Escusado é dizer-lhes que o frade ainda não alcançou cousa alguma, nem nunca ha de alcançar... Respondo pela virtude da minha patricia. Seu irmão, Francisco Pinto, conhece-a de Badajoz, desde que tive a satisfação de encetar relações com elle. É um grande coração; um homem brioso, valente e leal, que faz honra á nação a que pertence.

Antonio Pinto não poudo reprimir a sua admiração, e perguntou :

— Pois conhece meu irmão Francisco !

— Conheço, tenho a honra de me considerar no numero dos seus amigos ; devo-lhe um obsequio que nunca lh'o poderei retribuir ; é uma divida de tal ordem, que ficará eternamente em aberto.

— Conte-nos isso, e como tomou relações com elle ?

— N'um momento solemne, n'uma noite fatal em que me salvou de ser assassinado ! E confesso-lhes, senhores, que nunca na minha vida encontrei, nem espero encontrar, um homem mais valente e brioso.

Em seguida descreveu-lhes a scena do café central, e o procedimento villão dos officiaes hespanhoes.

Os estudantes trocaram olhares de intelligencia e disseram :

— Em verdade lhe diremos, que nos admira como os factos se combinam para um fim commum. O senhor é um homem de relações universaes, e não nos causará pasmo, se ainda nos surprehender com outras quaesquer confidencias.

— Meus senhores, creio que lhes ha de acontecer o mesmo quando contarem trinta e quatro annos ; o que porém não lhes desejo é que atravessem as deploraveis crises por que tenho passado.

— Ainda porém não nos disse a maneira por que foi reconhecido e perseguido pela justiça. Como ha de explicar o procedimento do Aniceto Parreira que vinha á frente dos esbirros? Ora nós ouvimos um tiro, e o unico que trazia armas de fogo era elle... Não nos disse que aquelle homem era nosso? Foi elle que o feriu? Dê-nos a luz, meu amigo, porque as trevas em que laboramos, são detestaveis.

O joven medico fez um gesto doloroso, sorriu e em seguida disse-lhes:

— Vou já demonstrar-lhes quanto D. Ignacio val. Haverá um mez, recebi uma carta de Lisboa, em que me preveniam de que fôra recommendado ao intendente geral da policia, um empregado de justiça, celebre pela sua intelligencia, zelo e inquebrantavel actividade. E a pessoa que me prevenia acrescentava:— Acautele-se, tome conta comsigo, porque essa tal maravilha, como empregado, é possivel que seja o Aniceto Parreira, de quem tem fallado... Saiba isso. — Ora eu tenho por systema não desprezar conselho algum, especialmente quando não duvido da lealdade da pessoa que me previne; todavia, como não tinha rasões para desconfiar do homem, aguardei os acontecimentos; são elles sempre que com a sua inflexivel logica nos tiram as duvidas, e tornam em realidade o que é problematico. Cheguei hontem a Coimbra ao toque de Trindades, e ainda não tinha dado sessenta passos, encontrei o Aniceto, que para mim correu de braços abertos; não tendo ainda dados sufficientes para me afastar d'elle, para despresal-o, ou fugir d'elle, fallei-lhe. Abstive-me porém de lhe dizer para onde ia; tambem reparei que não estava só, que era acompanhado por um sujeito que não conheci. Ao despedir-me, procurei lôr n'aquellas feições alguma cousa que o deaunciasse, mas

ficou impenetravel como se tivesse uma mascara. O meu fim era procural-os para me despedir, e sabendo que merecera as attentões da justiça d'esta cidade, desfizera-me dos cabellos grisalhos e das rugas que me viam no rosto. Ora o Aniceto conhece-me pela idade que realmente tenho, porque ha cinco annos estando em Almeria, foi ali que travámos relações, e foi iniciado. Era então negociante. Não lhe passei desapercibido, fallou-me e tratou-me pelo meu verdadeiro nome. Ainda não tinha, porém, decorrido meia hora, conheci que era vigiado, e quando cheguei a esta rua, foi então que elle correu para mim e disse: — O senhor está preso. . . — Lancei-me na fuga, voltei a uma esquina, corri ao acaso, e atravessei differentes viellas; e foi então que reconheci ter voltado ao mesmo local onde me tinham dado a voz de preso. Continuando a ser perseguido de perto, cansado, exausto de alento, lembrei-me que não estava longe da sua casa, e enfiei pela escada. O resto sabem os senhores.

— É singular o procedimento do Aniceto! Nós tambem o estranhámos; tudo isso quer dizer que se vendeu aos nossos inimigos, e não podemos contar com elle. . .

— É uma infamia de mais, e uma illusão de menos; todavia. . . proseguiu Antonio Pinto, ainda me parece que no procedimento d'elle ha uma incognita que não podemos adivinhar. . . Acho realmente extraordinario o seu procedimento, e até me parece que se não o prendeu, foi porque não quiz. . .

— Póde ser; no entretanto previnam-se, que eu farei o mesmo. Meus amigos, com o disfarce que adoptei, não receio ser conhecido. Já os puz ao facto da situação perigosa que nos rodeia; a minha presença em Lisboa é necessaria, e hoje mesmo parto para aquella cidade.

Os tres mancebos levantaram-se e abraçaram D. Bonifacio, que n'um amplexo de leal amisada, lhes reiterou os seus agradecimentos.

Ao despedir-se disse-lhes, entregando-lhes um papel:

—Ahi lhes deixo a nossa cifra particular, podem usar d'ella sempre que me escreverem ; por este meio não tenham receio de compromettimento, porque a policia não é capaz de decifral-a.

Saiu, depois de pôr a cabelleira, o chapén tricorneo e os oculos.

Uma hora depois seguia chouteando pela estrada, montado n'uma mula, com a batina arregaçada e entregue ás locubrações do seu espirito irrequieto e aventureiro.

CAPITULO XVI

Projectos criminosos

Deixámos fr. Leonardo, depois da confissão da sr.^a Rita da Piedade, dissemos tambem que fôra almoçar, pois é verdade que não se esqueceu d'esse preceito, para elle mais piedoso do que a missa que dizia, em que não acreditava.

O frade era athen, e mais hypocrita de que qualquer dos phariseus, que no cynedrio maldito, votaram pela cruxificação do Salvador do mundo.

Fr. Leonardo depois do repasto matutino, assentou-se

com a beatitude de um justo, n'uma larga cadeira, crusou as mãos cabelludas e volumosas como um pé de elephante, sobre o bojudo obdomen, e entregou-se a largas cogitações.

— Ora abi está como são as cousas ! E eu a reear que D. Ignacio me dispensasse, e que fazendo negocio, só por sua conta, tivesse eu de me contentar com as migalhas que por favor me quizesse dar ! Ora esta !... E agora ? Está nas minhas mãos, tenho-o seguro... E só assim fará alguma cousa... D. Ignacio é tão meu amigo como eu d'elle, no dia que poder dispensar o meu apoio, dá-me com a porta na cara, e diz-me sem a menor cerimonia : Passe muito bem, sr. fr. Leonardo ; os nossos compromissos acabaram, nada de commum entre nós existe... E conseguidos os fins, atira-me com cincoenta mil crusados á cara, e chama-me tratante e velhaco, por lhe pedir uma quantia que me deve pela usura... Sim, ha de chamar-me usurario, judeu, e... o que elle quizer... Mas as cousas mudaram... Ah ! o confissionario é uma grande instituição ! Sabemos mais n'um dia por elle, de que n'um mez pela policia... Ora, a policia ! A policia é tola, anda ás aranhas. e não sabe nada... Que devo, porém, fazer ? Ora essa ! Abrir-me de prompto com D. Ignacio?... Não me parece... Devo experimental-o, sondar-lhe as intenções a meu respeito e convencer-me se é tão velhaco como o julgo. Lá isso é, não me resta duvida... E sobretudo a experiencia é util e necessaria. Se vir que vangloriado pelo plano que concebeu, pensa em atirar commigo para o canto, descarrego-lhe então um golpe mortal, e faço-lhe ver que nada póde nem vale, sem o meu concurso. Hei de então segurar-me, ha de fazer outra escriptura, e em vez de cincoenta mil crusados, hão de ser cem mil.

Entregue a este piedoso monologo, ruminando estas idéas, foi distraído por um frade leigo, que lhe disse :

— O sr. marquez de S. Mauricio D. Ignacio, deseja falar a vossa reverendissima.

O frade, que fingia estar dormitando, abriu apenas um olho, e disse ao irmão leigo :

— Mande entrar para aqui esse senhor . . . Valha-me Deus, não me deixam com as suas interminaveis consultas e escrupulos de consciencia . . .

O leigo tomou ao sério as declamações piedosas do grande bulcão ; sorriu de uma maneira bonancheirona, e disse com os seus botões :

— É mesmo um santo este fr. Leonardo, todos querem e desejam consultal-o . . .

Saiu e D. Ignacio entrou.

O frade mudára ; já não dormitava, estava perfeitamente acordado, e ao ver o seu cumplice, disse-lhe :

— Oh ! meu querido marquez, a estas horas por aqui ? Diga, ha novidade ?

— Não, meu amigo ; mas como acabei de ter uma conferencia com o intendente geral da policia . . .

— Sim ! E então ? Que lhe disse elle ?

— Pouca cousa, participou-me que de Coimbra lhe mandaram dizer, que o Aniceto Parreira, esse prodigio policial, a nata dos homens espertos, accitou vir para Lisboa . . .

— Estimo bastante ; mas diga, tem devéras confiança n'esse homem ? Elle vale tanto quanto afirma ?

— É um prodigio ; pegue, leia essa carta.

O frade leu-a detidamente, e depois de dobral-a, entregou-lh'a, dizendo :

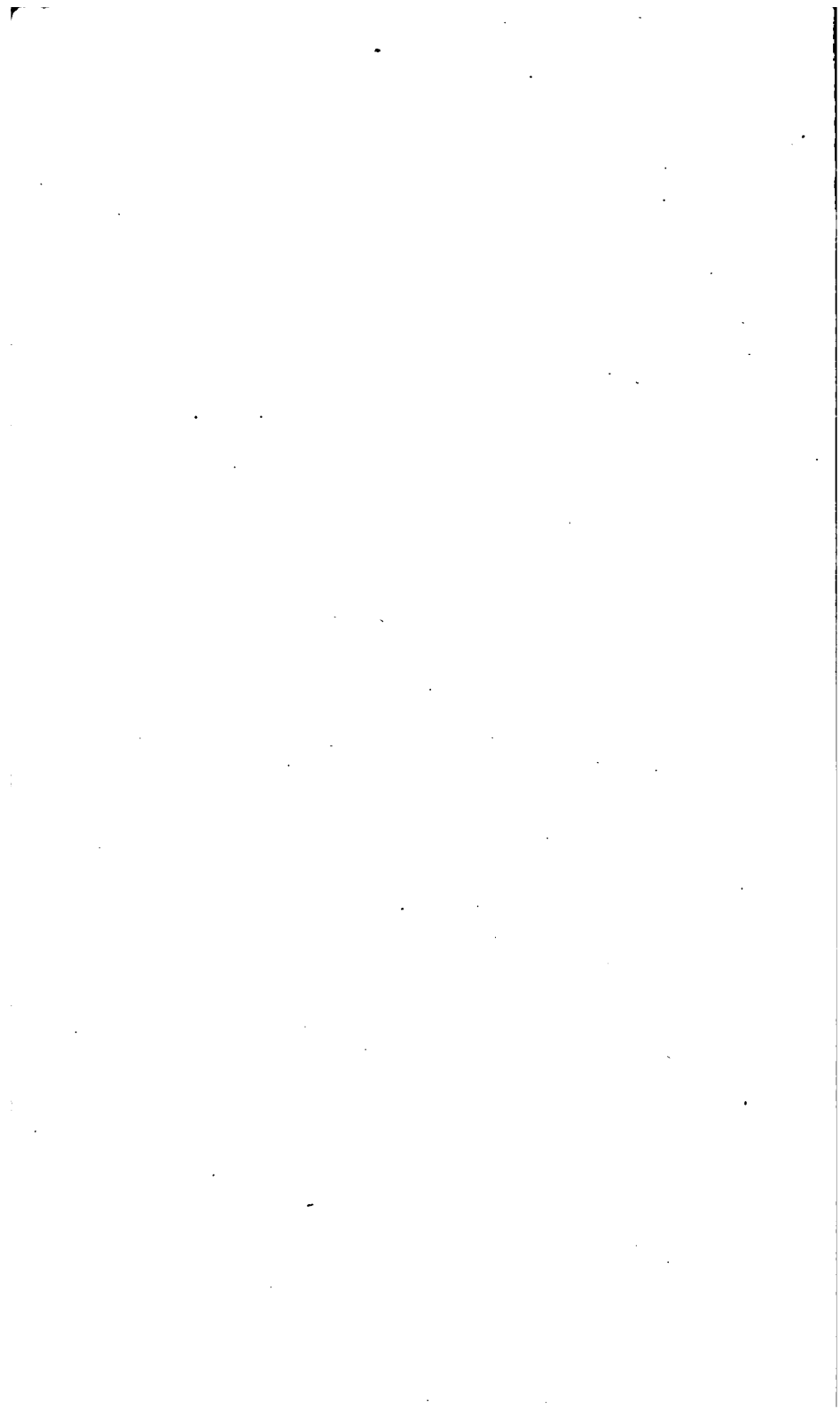
— Com que então, não obstante ter combinado com o primeiro ministro, tratou directamente com o homem . . .



Homens da Cruz Vermelha

Typ.—Rua da Atalaya, 40 a 52.

Fr. Leonardo e o marquez



— Poderá ; quando posso resolver as minhas cousas sem auxilio de estranhos, costume dispensal-os...

O frade rio de uma maneira equívoca e respondeu :

— Faz muito bem, os socios são quasi sempre impertinentes... Mas que tenciona fazer d'essa preciosidade ?

— Apresental-o ao primeiro ministro, leval-o para o meu palacio, e pôl-o em actividade por minha conta ; e em vez do ministro ou sua alteza saberem as cousas pela intendencia, é por mim que no futuro serão informados ; e assim terei uma policia minha, que apenas fará e dirá o que eu quizer.

— E depois ? Que serviços lhe promette esse Aniceto ?

— Creio que leu a carta ; e por ella devia ter visto, que se obriga a entregar-nos os chefes da maçonaria, e dar-nos a conhecer os seus tenebrosos planos.

— Só isso ? E que mais ?

— O primeiro ministro ficará na minha dependencia ; ha de ouvir pelos meus ouvidos, ver pelos meus olhos ; e a consequencia necessaria da grande importancia que vou ter é fazer o que quizer ; e posso desfazer-me dos meus inimigos, sob o pretexto de que são jacobinos e revolucionarios ; as provas não me hão de faltar... Hei de de tel-as, no numero de que carecer.

Fr. Leonardo ouviu com admiravel tranquillidade a estirada ladainha de tantas esperanças ; e sem se mostrar despeitado, notou todavia que D. Ignacio fallava sempre no singular, e que não metterá em linha de conta a sua importante pessoa.

E das suas palavras deprehendeu, que elle abdicava tacitamente o seu concurso. Não muito satisfeito, disse interiormente :

— Pois sim, grande pecoro, bem te conheço, não é com

essas... Deixa estar que eu te arrancarei aos sonhos idyllicos...

Depois d'isto, proseguiu em voz alta e com admiravel placidez:

— Ora meu bom D. Ignacio, tenho que me penitenciar da má idéa, que n'um momento fiz de si! O senhor possui a melhor cabeça que tenho encontrado! Tem recursos de intelligencia, rasgos audaciosos, e concepções inimitaveis! É um portento, uma capacidade mirifica, digna de entrar nos conselhos da corôa. Meu querido, proseguiu o frade, mystificando sempre o seu presado amigo, dou-me por vencido e convencido, não valho nada ao seu lado, sou uma nulidade, uma excrescencia ridicula, que nem para fazer o mal sirvo...

D. Ignacio era velhaco, traidor e infame, mas tolo, estava tão longe de sel-o, como da probidade de que sempre vivera afastado.

Leu nas palavras do frade um pensamento reservado, que não pouco o intrigou; como o conhecia, modificou o seu plano, e absteve-se de lhe desfechar á queima-roupa as idéas independentes que o acompanhavam quando o procurou.

Cravou n'elle vista acerada, e desejou ler-lhe no fundo da alma os pensamentos que alimentava, mas encontrou apenas um sorriso de interpretação equivocada, e ficou no mesmo estado.

— Ora vamos, fr. Leonardo, não digo que peque absolutamente por inexperiente; deve porém concordar, que se pensasse em retirar-me o seu apoio, poderia fazer alguma cousa...

— Sim, não digo que não, creio até que podia arranjar os seus negocios perfeitamente...

— Ah! Pois as cousas caminham assim; disse D. Ignacio com os seus botões, pois meu velho raposo tonsurado, fica certo que não me apanhas, isso te prometto, eu com certeza... Não ganhaste nada com a tua rede, estou na defensiva...

O frade olhava para elle de soslaio e ria-se, D. Ignacio proseguiu:

— Meu amigo; quando o procurei, não foi tão sómente para lhe dizer, que brevemente os destinos da politica hão de depender de mim, devido aos serviços que hei de prestar, porque um outro assumpto não menos grave me trouxe aqui; desejo otvil-o sobre o que fallámos ultimamente no jardim...

Fr. Leonardo não lhe respondeu, sorriu, e disse mentalmente:

— Chegaste onde eu queria... Estás servido, as tuas idéas podem valer muito, mas carecem de quem as salve... meu amigo, falta-te o confissionario, estás ás escurras, acreditando que jorros de luz te alumiam o bestun-to...

— Então não responde?

— Eu! que quer que lhe diga, depois do que acabou de dizer?

— Ora essa! o senhor está hoje de uma reserva admiravel...

— E vossa excellencia de uma loquacidade pasmosa... tocamos os extremos; mas que deseja de mim? Se é para perguntar se concordo com o que tenciona fazer, ou promover a sua irmã, já tive a honra de lhe dizer que achei admiravel a sua lembrança, que todavia tem suas difficuldades...

— É verdade, mas acha que é exequivel?

— Pôr certo; e dizer o contrario, seria faltar á verdade...

— Ora deve concordar, que tem em mim um poderoso auxiliar...

— E o senhor em mim um ente inutil, um associado impertinente...

— Não digo isso, todavia quando necessitar de boas idéas, bata a esta porta, que não deixará de ser servido.

Fr. Leonardo era orgulhoso, não menos intelligente, sentia-se beliscado com as palavras de D. Ignacio, ergueu-se, e dos olhos irradiava-lhe um fogo sinistro.

— Com que então o sr. D. Ignacio acha que do pensamento á realidade, não vae a menor distancia? Pois está enganado! Pelo que tenho deprehendido, o senhor considera-me um fardo inutil, d'estes que se atiram facilmente para o canto...

— Não digo isso, fr. Leonardo, o que penso, é que quando me retirasse o seu apoio, ainda não julgava a minha causa perdida.

— Acha isso? Pois digo-lhe que não; o senhor sem mim não é nada, não pôde fazer cousa alguma com acerto, e se teimar, estende-se para ahi como um sendeiro, para nunca mais se levantar...

— Ora essa! Depois de tanto elogiar o meu plano de ataque, e julgar-o bom, fallar por essa maneira, é realmente cair em flagrante contradicção.

— Engana-se, nunca me contradigo; não nego que pensou bem, mas á realisação? Que vale um pensamento que nunca safu dos limites da possibilidade?...

— Muito, porque a idéa é tudo.

— Essa philosophia, meu senhor, é muito allemã, se bem que pouco coherente...

— Dê vossa excellencia que a idéa é tudo, pois seja assim. O que fica porém valendo se for inexecuvel? E sendo assim, o que vale? Tanto como a poeira, como um zero cortado. Acredite o contrario, que a pratica é tudo, com quanto seja um acto subordinado ao pensamento.

— Mas que pretende provar com esse jogo de palavras?

— Pouca cousa, que o seu plano é muito bom, mas não presta para nada.

— Não percebo, peço que se explique.

— Não tenho outro fim; ora que dirá o senhor, se lhe provar que tudo quanto disse foram palavras lançadas ao vento, e que não adiantou cousa alguma?

— Por enquanto não, mas quando passarmos á pratica...

— Percebo, agora incluiu-me, associou-me á gloria dos seus triumphos, quando realisados... Mas ha pouco apenas fallava em si! E fr. Leonardo já não existia... Meu amigo, tenho muita vida, e não me deixo matar facilmente.

O marquez deu um pulo na cadeira, e disse friamente:

— Essas palavras exigem da minha parte uma explicação.

— Faço-lhe a vontade: ha pouco lisongeado com um futuro prospero que lhe sorria, esqueceu-se de mim! Considerou-se um Hercules, um gigante, quanto a mim, desceira ás proporções de um pygmeu... Mas agora que pelas minhas palavras anteviu difficuldades, mudou de diapação! Finalmente, sr. D. Ignacio, quando me procurou, um pensamento o dominava, quer que lhe diga qual era?

— Pois sim, estamos aqui para nos entendermos.

— Vossa excellencia meditava em se afastar de mim, convencido que só, chegaria melhor aos seus fins. . .

O marquez não ponde dominar um gesto de surpresa ! Fr. Leonardo adivinhara-lhe as intenções ! Era o mais forte. . .

— Engana-se, nunca tive semelhante idéa, serei tudo, menos desleal. . .

— Deixe-se de comedias, marquez, o senhor é e será tudo, para realizar as ambições que sonha. . . E para que ha de representar um papel d'esse genero commigo ? Ora, guarde a hypocrisia para outras pessoas. . .

O marquez mordeu os labios, e mais uma vez ficara derrotado.

— Ainda porém me não disse a razão por que não prestava para nada o que comsigo combinei ?

— Porque ainda não me deixou explicar ; e já é tempo de entrarmos na materia.

Fez uma pausa e proseguiu :

— O seu pensamento é bom, mas está a ponto de não sair do estado de incubação ! Ha mais, é possivel que alguém mate para sempre os seus mais ardentes desejos, se não lhe fizer peor de que isso. . .

— Que significam essas palavras ? Que embaraço pôde surgir ? Que difficuldades transpareceram ?

O frade sorriu, abanou a cabeça, e poz-se a roer nas unhas como qualquer urso aninhado na sua caverna ; e olhava de soslaio para D. Ignacio, que estava visivelmente preocupado. O homem descera do alto pedestal em que se collocara.

— Deseja saber quaes as difficuldades que surgiram e a sua força ? Não duvido contar-lhe tudo ! acrescentando que o senhor é o unico culpado.

— Eu! Isso não pôde ser.

— Pois é como lhe digo; e devido à sua imprudencia, por pouco não diz um eterno adeus aos seus projectos de futura riqueza... Felizmente posso dizer que nada tenho com essas cousas, fique com os seus brilhantes planos, que se somem como o fumo.

O marquez inteiramente intrigado com as palavras do frade, não podia atinar com a verdade.

— Pelo que me tem dito, não posso tirar corollarios, nem chegar a uma conclusão logica.

— Pois tire á vòntade os corollarios que quizer, logo que saiba que a sua conversação foi ouvida, e se não foi denunciada a sua irmã, a mim o deve...

D. Ignacio tremeu até á medula dos ossos, arripiaram-se-lhe os cabellos, e perguntou offegante:

— Como se passou isso? Quem foi o imprudente que devassou os meus segredos?

— A sr.^a Rita da Piedade, ama de D. Beatriz, que estava gosando o aroma das flores, assentada n'um banco de verdura, por detrás de nós, que nos não viu, mas conheceu a sua voz... A minha foi-lhe desconhecida...

— E essa mulher ainda vive depois do que ouviu? Mas conte como soube isso, diga como chegou ao seu conhecimento o que acabou de declarar?

— No confissionario! A mulher não tendo felizmente reconhecido a minha voz, recorreu a mim, pediu-me um conselho, jurando-me que sob pretexto algum consentiria, que a sua menina fesse victima de machinações infames.

— Que o inferno a confunda, disse D. Ignacio com voz estrangulada pela colera; essa mulher sabe mais do que convém; necessitamos tapar-lhe a bôca...

— É a minha intenção; e para ganhar tempo obriguei-a

por juramento, a não dizer nada sem minha ordem; já se vê, mostrei-me indignado, e fiz-lhe ver que a mim cumpria vingar as affrontas que se tramavam contra sua nobre irmã... Ora, depois d'isto, diga que valor tem o seu tão bem combinado projecto? Quaes serão as consequências da sua imprudente conversação no jardim? Devem ser frescas... Se D. Beatriz, que é inquestionavelmente uma senhora de juizo e de admiravel bom senso, fosse informada das suas intenções, acha que se limitaria a chorar como qualquer creança?

— Não sou inteiramente da sua opinião; minha irmã é ainda muito nova, e o mais que faria na presente conjunctura, era queixar-se a meu pae, que nada deliberava por estar dominado por mim.

— Engana-se, conhece menos sua irmã de que eu. D. Beatriz é uma creança, mas n'aquella cabeça entrou mais cedo o juizo de que na sua.

O frade vingava-se da vaidade do seu cumplice, e tratava-o sem piedade; em seguida proseguiu:

— Sua irmã não chorava, nem diria nada ao senhor marquez, entendia-se com D. Alvaro, e nós tinhamos que lutar com o conde de Montalvo, que é um velho raposo, incapaz de commetter uma leviandade.

D. Ignacio fez uma careta e perguntou:

— Mas que devemos fazer?

— Tapar a bôca d'essa tagarella, por maneira que não possa dar á lingua, e para isto eu lhe mandarei pessoa competente. Agora ouça, se quer que continue a vigiar os seus planos, e a prestar-lhe o meu concurso, é preciso que modifique a base do nosso primitivo convenio.

— Diga o meu amigo, as modificações que propõe.

— Em vez de cincoenta mil crusados, careço de mais...

Pouca cousa, limito-me a exigir-lhe que me passe um documento que invalide o primitivo, pela quantia de cem mil crusados...

— Cem mil crusados! Pois fr. Leonardo, não fica satisfeito com os cincoenta mil?

— Não, senhor, e acredite que sou bastante modesto; outro qualquer queria metade...

— N'esse caso, a importante fortuna de minha irmã, quasi que passa para o senhor...

O frade encolheu os hombros e respondeu seccamente:

— Não junte a usura aos mais defeitos que tem; a fortuna de sua irmã, que o senhor ambiciona, é um capital em propriedades no valor de quatro milhões; é uma fortuna principesca, que fará do marquez D. Iguacio, que nasceu um pobretão, o fidalgo mais opulento d'estes reinos; e eu pedindo-lhe cem mil crusados, contento-me apenas com dois e meio por cento... Ora já vê que não pretendo arruiná-lo.

Depois de reflectir, e calcular o valioso apoio que o frade lhe prestava, que com uma palavra podia atirar para o limbo com as suas pretensões, ruminando a idéa, de que mais tarde poderia desfazer-se d'elle, D. Ignacio respondeu:

— Estou de accordo, faremos uma outra escriptura.

— Ora ainda bem que nos entendemos; não pense, porém, que mais tarde se ha de desfazer de mim, pagando-me com dois palmos de aço, os taes cem mil crusados...

— Este homem terá pacto com o diabo? Ora esta! E não adivinha sempre os meus pensamentos, disse elle com os seus botões.

Depois proseguiu em voz alta:

— Fr. Leonardo, é necessario que acabemos por uma vez com este tiroteio de invectivas! É indispensavel que a

confiança renasça entre ambos, aliás todos os esforços serão paralisados pela interminável duvida que se ergue entre nós, e muito particularmente no seu animo... Que tenho feito para lhe merecer esse conceito? Diga, accuse-me para me poder justificar.

Estas palavras foram pronunciadas com tanta convicção e boa fé, que d'esta vez o frade deixou-se illudir e acreditar no que ouvia.

— Pois meu bom D. Ignacio, pela minha parte fenece-ram todas essas cousas; é negocio concluido... Cartas na mesa e jogo franco. Nem eu posso fazer cousa alguma sem o seu apoio, nem o senhor poderá realizar as suas ambições sem mim. Dito isto deve ficar restabelecida a mutua confiança.

— Melhor seria nunca ter deixado de existir; mas é negocio passado, pertence á historia e á critica; não o façamos resuscitar, e mudaremos de assumpto: que tenciona fazer á mulher?

— Por mim nada, mandar-lhe-hei quem nos sirva ás mil maravilhas... Agora, careço demonstrar-lhe a causa por que lhe peço mais dinheiro... Não é para mim, é por causa d'aquella travessa rapariga que me desnor-teia a cabeça... Sabe que já se mostra menos caprichosa e mais accessivel? A ultima vez que estive com ella, dispensou-me até muita amabilidade... Verdade, verdade, que a pequena estava zangada e com ciúmes, por ter deixado de la ir quatro dias... E saiba mais, que até me foi procurar ao convento...

O frade atirou com todas aquellas palavras para o vento, com a consciencia de que era azulado com estremecido affecto pela formosa Joannita.

D. Ignacio disse interiormente:

— Este demonio não terá um espelho na cella? Pois não vê que com aquella carranca, é preciso ter muito mau-gosto, a mulher que sympathise com semelhante demonio? É inteiramente impossivel, que uma formosa rapariga se apaixonasse pelo carão d'este estafermo, disforme como um hy-popotame. Nada, proseguiu D. Ignacio, o homem é mystificado, ou... quem sabe, se outra cousa peor?

Depois d'isto proseguiu em voz alta:

— Dou-lhe os parabens, meu amigo, porque Joannita é uma formosa rapariga...

— Assim o deve dizer, sem lhe fazer favor.

— Não digo que não, mas...

— Mas o que? explique-se...

— Aquella rapariga é um mysterio, e desconfio d'ella; acautele-se com a sereia...

O frade olhou de soslaio, sorriu de uma maneira maliciosa, e respondeu:

— Ora vamos, D. Ignacio, quando lhe andava no encalço, pensava por differente maneira, mas depois que o despediu... Sim, da sua parte ha um pequeno despeito...

— Não é como julga; confesso que lhe fiz a côrte; logo que, porém, soube que ao meu amigo assistia o direito de antiguidade, desisti. Agora responda ao que lhe vou perguntar. Essa rapariga já lhe acceitou alguma cousa?

— Não.

— Muito bem; de que vive ella? D'onde veio? Que estrellá benefica a protege? Qual é o seu fim? Não sabe, está como eu... Sim, confesso-lhe que ali reside um mysterio... e repito, acautele-se com a mulher, creia que é intelligente, audaz, e presistente nas suas idéas.

O frade não teve que responder ás sensatas considera-

ções do seu amigo, e pela primeira vez na sua vida, principiou a nutrir suspeitas da Joannita.

— Mas ella é tão formosa, dizia elle, não lhe posso resistir... e se m'o pedisse, sinto que até seria capaz de mandar para o diabo este querido D. Ignacio... O caso era ella ceder... fazer-me feliz algumas horas...

CAPITULO XVII

Uma reunião familiar

Vamos apresentar aos leitores alguns personagens de quem temos fallado, sem os ter apresentado pelo que são, foram e continuarão a ser: fallamos dos condes de Montalvo, velhos fidalgo s da mais seleta aristocracia.

E como no decorrer d'esta historia veridica, alguns hão de desempenhar papeis de bastante importancia, como os leitores terão occasião de ver, se tiverem a bondade de nos acompanhar, vamos dar-lhes uma idéa do character d'aquella familia.

O conde velho, D. Antonio de Mascarenhas, teria n'esta época setenta e dois ou setenta annos; era alto, secco, apurcado, e dotado de um coração de ouro.

Possuidor de uma intelligencia clara, acompanhada de uma instrucção completa, reunia a estes dotes uma vasta experiencia do mundo, e um perfeito conhecimento do coração humano.

Em rapaz, pagara á mocidade o tributo de algumas extravagancias proprias de um espirito irrequieto, de uma imaginação ardente, como são todas até aos vinte e cinco annos, exceptuando as rombas e chatas.

D. Antonio, porém, aos trinta annos, era um homem completo.

Na lucta que o grande marquez de Pombal sustentara com as familias fidalgas e com as casas religiosas, as primeiras pelo seu illimitado orgulho de raça, e as segundas pelo costume em que estavam de ha muito governarem tudo, acompanhou sempre lealmente o immorredouro estadista; guardou-lhe a mais severa lealdade, e prestou-lhe não pequenos serviços.

O ministro immortal teria defeitos, mas dois nunca ninguém lhe notou: ser tolo e ingrato; e em compensação do leal procedimento usado por D. Antonio no decorrer de alguns annos, dedicou-lhe a maior estima e consideração, e mais de uma vez lhe disse:

— Meu caro conde, sei que tem mais nobreza de que riqueza; e por isso penso seriamente em lhe dar uma commissão qualquer, onde possa melhorar as suas condições economicas, sem quebra dos preceitos da honra, a que vossa excellencia não sabe faltar.

— Obrigado, meu amigo, redarguiu o distincto titular, não acceito, e a razão é obvia: Se com essa commissão, pelos meios mais licitos do mundo, podesse tapar os rombos que fazem sossobrar a minha casa, todos diriam que o conde de Montalvo acceitara um emprego lucrativo para se locupletar com proventos menos legitimos.

— Mas que lhe importam as apreciações de intelligencias acanhadas, e só rasgadas pelas ambições villãs?

— Deixe-se d'isso, marquez, e comquanto muito deseje

deixar a meu filho uma fortuna, mais e bem mais ambiciono poder legar-lhe um nome immaculado.

—Atire com esses preconceitos para a rua, respondia o marquez, quando um homem está quite com a sua consciencia, nada mais tem a desejar.

O honrado fidalgo não se dava por vencido nem convencido, e continuava a recusar.

E o marquez de Pombal dizia muitas vezes :

—Na minha longa carreira politica tenho conhecido muitos tolos e não poucos velhacos, mas homens da tempera do conde de Montalvo, ainda não encontrei nenhum.

Em 1775, o primeiro ministro pediu-lhe para se encarregar de uma missão extraordinaria junto á côrte da Allemanha; acceitou, e partiu depois de ter recebido as devidas instruções.

Ora D. Antonio nunca alimentara as idéas exageradas e asceticas, que n'aquella época dominavam a alta e baixa sociedade portugueza.

Pensara sempre livremente, e sem ser atheu, ou mesmo falto de crenças religiosas, não era um fanatico, um hypocrita muito menos.

Na Allemanha predominava o septicismo ridiculo e exagerado da escola de Voltaire.

Ora o bom do fidalgo portuguez, em vez de abraçar as sinicas e estultas doutrinas que as cabeças estouvadas proclamavam por toda a parte, ficou com as opiniões que tinha, e deixou-os gritar.

Todavia, se assim praticou, quanto ás idéas religiosas, não succedeu o mesmo com as doutrinas liberaes, que diferentes europeus tinham trasido dos Estados Unidos; e o eterno e justo principio—que a lei deve ser igual para to-

dos—não lhe destoou, e até se lhe tornou euphonico. E mais de uma vez disse consigo :

— Estas idéas são boas, fundam-se na justiça e na verdade, não são porém novas, têm muitos seculos de existencia ; porque o Deus homem, aquelle que não podia enganar-se, proclamou-as, e por ellas morreu crucificado no Golgotha. E foi ali que os phariseus lhe cuspiram mil injurias. É certo, porém, que os phariseus de hoje, como lhes falta o Christo para crucificarem, crucificam os seus divinos preceitos nas aras da tyrannia. . .

E assim concluia as suas apreciações ; e para elle o bom e o bello, que na França e na Allemanha proclamavam novo, tinha na sua opinião muitos seculos. Acreditamos que pensava bem.

Travara intimas relações com dois homens de grande saber, de talento pouco vulgar, e de virtude austera, e pela apreciação logica que fazia das suas brilhantes qualidades, concedeu-lhes a sua estima.

Ambos eram lentes n'uma universidade ; e quantas mais vezes discutiam, mais se apreciavam ; e os laços de uma amisade sincera eram apertados.

N'um dia, um dos lentes disse-lhe :

— Senhor conde, vossa excellencia é um homem de bem, de principios sãos, e de virtudes inconcussas ; e n'uma época em que a torpeza dos costumes campeia com altivo desassombro, quasi que não se acredita, que um fidalgo que vive na côrte, não esteja eivado de vicios.

— É que a côrte de Portugal é severa nos principios da boa moral ; e os nossos reis são espelho dos vassallos.

— É porque no seu paiz não houve felizmente uma regencia como em França, nem um reinado como o de Luiz

XV; se houvesse, os homens bons teriam que fazer crusada contra o vício.

— Ha associações secretas, que nas trevas estygmatisam e perseguem insistentes os defeitos, que nas côrtes crescem e medram á luz do dia.

— E que dirá vossa excellencia, proseguiu o lente, de uma associação que tem a coragem de praticar assim? Que se compõe de uma pleiade de homens honestos e resolutos, que não duvidam praticar o bem, quando o mal é o emblema de umas sociedades corruptas. E não se lhe daria de conhecê-la?

— Não, se sob a sua palavra de honra me affiançar, que essa associação caminha para a pureza dos costumes.

— Aceite vossa excellencia a minha palavra de honra, como penhor da verdade que lhe digo.

Oito dias depois, n'um vasto subterraneo, onde se achava estabelecida a séde das sociedades secretas da Allemanha, havia reunião magna.

Quatrocentos e tantos filiados estavam reunidos, cobertos com mantos brancos, com cruz vermelha e mascarados.

Da porta do templo saíam jorros de luz, ouviam-se os sons vividos e harmoniosos de um orgão, e o conde de Montalvo era recebido com as formalidades liturgicas.

Deslumbrado com um espectáculo tão extraordinario, e para elle ignorado, sentiu-se commovido. Respondeu todavia a todas as perguntas que lhe fizeram, com o animo sereno. E desde aquella noite, ficou pertencendo do coração aos principios a que se associara.

Voltoou para Portugal; e como o seu nobre amigo marquez de Pombal, victima de uma camarilha ignara e truculenta, comia o pão do exilio na villa do Pombal, deu conta

da sua missão, e afastou-se de uma côrte, onde governava um tolo, uma rainha boa, mas de pouco juízo, e uma coorte de fidalgos, mais excellentes foliões ou palhaços de arlequins, de que homens serios.

Em Lisboa, estava n'esta época um fidalgo francez, que organisara algumas sociedades secretas, a que chamavam dos illuminados; e quando regressou para França, foi ao conde de Montalvo que coube a honra do poder supremo, logar que desempenhou com inexcedivel zelo e intelligencia.

Ora, D. Antonio casara com uma senhora, em tudo e por tudo, digna d'elle; d'este consorcio nasceu um filho, que era digno do pae que lhe dera a vida.

D. Francisco casou com D. Elvira da Gama, que lhe deu dois filhos e uma filha.

O mais velho, o morgado, era tolo, estava-lhe em caracter a primogenitura; era idiota e grande velhaco. Se lhe explicavam o bem, não o comprehendia, mas para o mal tinha tanta vocação, que o fazia com requintada perversidade, sem lh'o ensinarem...

Chamava-se José, o atoleimado morgadito; e para nada lhe faltar, para complemento do mal, até odiava os seus irmãos; e rindo com cara de alvar, dizia que se morressem, não lhes resaria por alma...

D. Alvaro, filho segundo, era a antithese de seu irmão; como os leitores já o conhecem, nada acrescentaremos, ao que dissemos d'elle.

D. Sophia, sua irmã mais nova, era uma formosa donzella; de muita capacidade, mas dotada de um génio alegre, satyrico e não distituido de espirito.

Não sabia o que era melancolia, nem como se passavam horas de aborrecimento, o seu character era porém nobre e

ativo; repugnando-lhe tudo que não fosse justo, curial, e de indistinctível clareza.

Não odiava seu irmão mais velho, não o aborrecia, despresava a sua estupidez, a sua maldade, e as estultícias que dizia, sempre que fallava.

Mas se o morgado lhe merecia a consideração, que não podia deixar de patentear, devida ao mau character d'elle, para com seu irmão Alvaro, era meiga, affectuosa, consagrando-lhe uma dedicação estremecida.

Sua mãe, D. Elvira da Gama, era uma senhora de virtudes completas; e refugiada na dôr ingente, que lhe atrophiava o espirito, vivia isolada, e poucas relações tinha.

Seu marido, o conde D. Francisco, morrera em 1801, repellido os hespanhoes na provincia da Beira, sob as ordens do malaventurado Gomes Freire de Andrade.

O talento e vastos conhecimentos d'este nobre general, provocaram mais tarde a inveja do marechal Bresford, que combinado com um governo miseravel e impotente, mais tarde o assassinaram, em vez de lhe offerecerem uma corôa civica pelo seu merito.

Mas quando é que n'este malfadado paiz, foi premiado ou reconhecido o merecimento de qualquer cidadão?

Nunca!... As vantagens, as honrarias, são para os charlatães ridiculos, bulrões encartados, intrigantes mesquinhos, invejosos do talento alheio. Nascidos nas altas regiões têm occupado immerecidamente os mais altos cargos; se porém, vissem a luz no albergue do proletario, nunca pelo merito de lá teriam saído.

O que se fez hontem, faz-se hoje, e ha de fazer-se amanhã, porque os vícios não estão n'estas ou naquellas instituições; residem na educação, nos usos, nos costumes e

na indole d'este povo. E quem sabe? Talvez que até existam na atmosphera...

Vamos ao nosso romance, e proseguiremos dizendo, que a familia do conde de Montalvo, era a todos os respeitos illustre, e contava no numero dos seus avós homens distinctissimos, de grande talento, probidade, e de inquebrantavel lealdade, salvo algumas insignificantes excrescencias, como a do morgadito José, que reunia á toleima todos os defeitos que tornam desprezivel o genero humano.

Depois do que fica dito, levaremos os nossos leitores a uma vasta sala do palacio de Montalvo a Entre-muros, mobilada modestamente, como se viam todas n'uma época em que o luxo e a sumptuosidade dos moveis e ornamentações, não tinham tocado o estado febril e opulento que actualmente conhecemos.

No salão sobresaía uma mobilia de nogueira estofada com forro de lã, dois espelhos de mediocre valor, uma esteira não muito nova, tres mesas de jogo, duas maiores com pedras de marmore branco, e dois relógios antigos, mas bons.

Para complemento d'esta simplicidade, notavam-se umas bambinellas de cassa da India com remates de côr escura, e dois ou tres jogos de umas classicas taboinhas nas janelas.

Eis a riqueza sumptuaria d'aquelle palacio solarengo, honrado pela virtude, e distincto pelo merecimento dos proprietarios.

Estamos em 1804. Na sala que descrevemos ha uma reunião de familia. Poucas são as pessoas, não passam de dez, o maximo doze. Mas que fazem? Conversam, jogam, cantam e tocam n'um piano.

E se os leitores desejam saber quem são os felizes mor-

taes, que compartilhavam aquella semsaborona reunião, como diriam alguns fofos de espirito estafado, da tempera do morgado D. José, dizemos-lhe que são o marquez D. Antonio, a condessa viuva, sua formosa filha, D. Luiza Pinto, seu marido Francisco Pinto, capitão de infantaria, D. Alvaro e um cavalheiro que constava ser italiano, e medico distincto.

Para o vulgo era o cavalheiro Asthol, natural de Napoles, mas para as pessoas mais bem informadas, chamava-se D. Bonifacio Alvellos...

A conversação era pouco animada; D. Luiza Pinto, comquanto fosse uma senhora casada, ainda não contava vinte e quatro annos.

Era perdida por musica; amava os seus esplendores, e deixava-se arrebatado pelas dôces harmonias d'essa arte divina. E acompanhada por D. Sophia, entregava-se com enthusiasmo á sua mais dilecta distracção.

Seriam dez horas da noite, o conde disse para Francisco Pinto:

— Meu amigo, que dizem para ahi os pragueiros das cousas de França? A ordem do dia é a proclamação do imperio francez, e apesar da muita confiança que me inspira o genio maravilhoso do general Bonaparte, não me parece que tenha força para fazer entrar a sociedade franceza no regimen da ordem e da legalidade.

— Está enganado, conde, respondeu o joven capitão, ha de fazer tudo isso e muito mais, até creio que ainda nos ha de incommodar, porque vastissimas são as suas ambições.

— Parece-lhe isso?

— É a minha opinião, fundada na logica dos factos; aquelle homem extraordinario, creando uma realza nova,

ha de necessariamente querer que tambem nos hombros dos seus irmãos assente a purpura que mereceu; e se a republica guerreava as monarchias para as destruir, Bonaparte fará o mesmo; e se não para supprimil-as, para substituil-as.

O conde cravou n'elle os seus olhos de admiravel vivacidade, e respondeu:

— Pensa o meu amigo como eu; e o tempo dirá se nos enganamos...

— Ora eu, meus senhores, proseguiu o velho titular, depois de uma pequena pausa, podem chamar-me revolucionario, pedreiro-livre, illuminado, o que quizerem, mas traidor nunca, porque nunca os houve na familia dos condes de Montalvo...

— O mesmo que vossa excellencia diz, digo eu, e dizem todos os homens de bem, observou Francisco Pinto, mais um sugeito que tambem estava presente, e era desembargador da casa da supplicação; homem de character nobre, leal, e dedicado ás idéas liberaes.

— Ainda bem que os ouço fallar por essa maneira, nem o contrario podia acontecer; somos homens de bem, obreiros dedicados do progresso, da illustração e da liberdade, queremos novo regimen, novas leis e novos principios de direito civil, em harmonia com as idéas que se desencadeiam.

— Queremos, porém, que tudo isto seja feito por nós em nome do povo portuguez, e nunca implantado por estrangeiros.

— E se vierem sob esse pretexto, respondeu o capitão Pinto, ou por outro qualquer, serão recebidos a tiro; e guerra de morte aos estrangeiros, aos invasores, porque n'este abençoado solo, só deve mandar gente portugueza...

— Sim, e se tanto fôr necessario, caso se lê o deplora-

vel facto de uma invasão, a maçonaria portugueza, dará as mãos aos seus inimigos internos, redarguiu o conde; nós o que necessitamos primeiro de que tudo, é ter casa, assegurar-lhe estabilidade e independencia...

— Depois, não nos ha de faltar tempo, para bem a governarmos.

Um criado entrou e disse:

— Senhor conde, está lá embaixo um rapaz que deseja fallar a vossa excellencia.

— Quem é? Disse como se chamava?

— Parece-me que se chama Ricardo Casquilho.

O conde trocou um olhar de intelligencia com os seus amigos, e respondeu:

— Manda entrar para o meu gabinete de trabalho.

O criado saiu, e o fidalgo disse para Francisco Pinto e para o desembargador:

— Creio que teremos alguma novidade, Ricardo é um rapaz incansavel, de uma actividade pasmosa; segue os nossos inimigos, como a sombra o homem, e o homem o seu destino. Vejamos, entremos para o gabinete, e ouçamos o que nos vae dizer.

O conde entrou para o gabinete, mais D. Bonifacio, Francisco Pinto e o desembargador, ficando tão sómente na sala a condessa, a esposa do magistrado e as duas jovens; D. Alvaro já tinha saído.

O gabinete estava fracamente allumiado por um candieiro, que espalhava uma claridade frouxa e incerta; o conde assentou-se, ficando com o candieiro na frente; os seus companheiros collocaram-se-lhe dos lados.

Tocou uma compainha.

Appareceu um criado.

— Onde está Ricardo?

— No corredor.

— Manda entrar para aqui.

O criado retirou-se.

O mancebo apresentou-se.

N'esta noite não era o aleijado que pedia esmola com voz esganiçada, nem o almocreve que mystificara o criado de D. Ignacio; era o garoto do Terreiro do Paço, vulgo da caixa do assucar.

Trazia uma vestia bastante gasta, uns sapatos sem fivella, usados, uns calções de côr duvidosa, e um carapuço na cabeça, caindo-lhe as melenas do cabello sobre os olhos vivos e brilhantes como dois carvões acesos.

Parou, coçou a cabeça, deu duas voltas ao carapuço e esperou.

O conde perguntou-lhe:

— Então que novidades nos trazes, meu bom Casquilho?

O rapaz estremeceu ao ouvir aquella voz, cravou vista acerada no fidalgo, mas como estava envolto na penumbra, nada descobriu, mas disse com os seus botões:

— Diabo, esta voz é a do veneravel! Cada vez me convenço mais, que o senhor conde e elle, são a mesma pessoa; em seguida proseguiu em voz alta:

— Meu senhor, creio que vamos ter alguma cousa de extraordinario, que não deve ser boa.

— Então que viste? Em que fundas as tuas apprehensões?

— Eu lhe digo, senhor conde... Sim, posso fallar com desafoço, porque todos que estão presentes são bons de lei; antes de hontem vigiava a casa dos senhores marqueses de S. Mauricio, com o meu predilecto disfarce de aleijado, quando vi sair, seriam dez horas da manhã, o sr. D.

Ignacio. Ora não ha nada mais simples de que sair para a rua um homem que está em casa; todavia, senhor, cá o meu bestunto adivinhava que havia alguma cousa... Esperei talvez mais de tres horas; e ruminando sempre a mesma idéa, dizia com os meus botões: Diabo, o fidalgo não costuma sair cedo! Para onde iria? Já estou arrependido por não o ter seguido. E assim o tempo ia correndo, e elle sem voltar. Seriam perto de duas horas, quando a traquitana despontou ao longe, fui-me chegando para a porta, para melhor ver a cara ao sr. D. Ignacio, e ao apear-se, gritei-lhe com a minha voz esganiçada:—Uma esmolinha ao pobre aleijadinho, senhor marquez, tenha compaixão de quem o não póde ganhar.—Fiz a minha choradeira do costume, mas em vez de apanhar alguns cobres, recebi um valente pontapé. Seja pelo amor de Deus, lamuriei eu, valham-me as sacrosantas chagas de Christo Senhor Nosso; e ao mesmo tempo olhava para elle fixamente. Conheci que vinha por força muito zangado, e comquanto aquella cara nunca seja boa, n'este dia trazia as feições mais carregadas e uma pallidez cadaverica nas faces. Que sairá d'aqui? perguntei eu a Deus e ao meu anjo da guarda, mas nem Deus nem o anjo me responderam, e fiquei no mesmo estado, sem saber nada, já se vê... Ora hontem vi entrar para o palacio de sua excellencia o Martinho Cabeça e...

—Mas quem é o Martinho Cabeça? perguntou o conde.

—É uma alma damnada, um furão que foi da policia, um infame, um intrujão, um covarde, que denunciára qualquer alma christã, pelo preço de uma corda; mas na corda deve acabar os seus dias o maldito...

—E depois? perguntou o conde.

—Depois esperei que saísse do palacio, onde estive talvez duas horas.

— Não sabe mais nada ?

— Hoje de manhã entrou outra vez o nosso homem... Esperei por elle, vi-o sair, e para não ficar como estava, bradei-lhe:—Ólá, amigo Martinho, falle aos desgraçados, que não perde nada com isso... O homem parecia estar satisfeito, e respondeu com modo prasenteiro :

— Ora vamos, meu pobre carrapato, que fazes aqui a estas horas ?

— Que pergunta essa ! Ora valha-me a Virgem, peço uma esmolinha pelo amor de Deus. Ah ! se eu tivesse pernas como vossa mercê, tambem podia ganhar o pão de cada dia.

— Tens razão, homem, e a não teres essas pernas que parecem mesmo uns ganchos de candeia, já de ha muito estarias na policia, porque és um diabo esperto.

— Oxalá que eu podesse, porque não me faltariam protecções como a d'este bom fidalgo, que me parece ser muito boa pessoa...

— Assim é, homem...

— Com que então o amigo Martinho está nas boas graças da gente grauda ?

— Ora, venho procurar sua excellencia para negocios da policia...

— Pois elle é agora o intendente geral ?

— Não, é mais de que isso, porque dirige a policia, e só dá contas do que faz ao primeiro ministro e a sua alteza.

— Então actualmente ha negocios chegadinhos, ein ?...

— Se ha, os malditos jacobinos não deixam de conspirar, e nós andamos á caça d'elles...

— Então que fazem esses malditos ?

— Essa pergunta é de pacovio... Ora, que hão de fa-

zer aquelles endemoninhados ? Fazem guerra de extermínio ao throno e ao altar ; e até querem entregar aos estrangeiros o reino, e levar ao cadafalso o nosso principe regente, como fizeram os francezes ao seu virtuoso monarcha . . .

— Pois pensam n'essas cousas os almas de Satanaz ! Ah ! quem me de dera ter pernas, que me offerecia para os enforcar a todos . . . E quem lhe disse essas cousas, amigo ?

— O senhor marquez que sabe tudo ; e não penses que fazem só isso, proseguiu o homem com enthusiasmo, de noite, nos antros onde reúnem, dão tiros na imagem de Christo Senhor Nosso, cospem nos vasos sagrados, e fazem cousas do arco da velha . . .

Benzi-me devotamente e respondi :

— Que monstros, que malvados ! Aperte com esses almas do diabo, que Deus lhe compensará os seus serviços . . .

— Deixe estar o negocio por minha conta e do sr. D. Ignacio, que não hão de perder ; e temos actualmente um plano excellentemente combinado para caírem na rede, e só esperamos por um companheiro que deve chegar da provincia, uma maravilha para estas cousas . . . Hão de ser filados os taludos, para se acabar por uma vez com essa peste maldita.

— Amen, respondi eu, com unção evangelica . . . O homem, depois d'estas declarações, despediu-se de mim e sumiu-se na volta de uma esquiva.

— Mais nada ? perguntou o conde.

— Mais nada, meu senhor.

— Muito bem, Ricardo, recebe os meus encomios, que merecidos são ; és uma perola, possues grandes dotes de intelligencia e actividade ; não canças nem descansas, condição essencial para combater os velhacos.

— Estou satisfeitiſſimo comtigo. Vae, meu filho, para o teu posto, e não deixes passar desapercebida a menor circumſtancia.

— Muito obrigado, senhor conde, mas...

— Mas que? Explica-te; e ainda tens mais alguma coisa para nos dizer?

— Tenho, sim, senhor conde, é uma coisa que ha muito tempo me intriga; e com o devido respeito a vossa excellencia, vou fazer uma pergunta, para sair da duvida em que estou ha bastante tempo...

— Pois falla, homem.

— Pois lá vae: parece-me que vossa excellencia e o velho veneravel, que tenho encontrado na casa da rua direita da Graça, são uma e a mesma pessoa...

O conde sorriu e respondeu:

— Fazia melhor idéa do teu espirito, acreditando que não seria para ti novidade o que é velho...

— É verdade, mas vossa excellencia com aquelles olhos e o barretinho na cabeça, parece outro...

— Pois tu, com essas duvidas, é que não me pareces o mesmo...

Ricardo Casquilho retirou-se para o seu posto, satisfeito e convencido de ter prestado um grande serviço, com as declarações que fizera.

CAPITULO XVIII

A caixa mysteriosa

Ricardo Casquilho era realmente um rapaz esperto, dera exuberantes provas da sua intelligencia e dedicação; e o conde dizia muitas vezes, que para enganar tres garotos, bastava um como Casquilho, mas que para o enganarem, eram necessarios tres garotos...

Ora, antes de tratarmos dos factos que constituem este capitulo, é necessario dizermos alguma coisa do sr. Ricardo Casquilho, que já tem desempenhado um papel não pouco importante.

Quem atravessasse em 1790 pelo Terreiro do Paço, havia de necessariamente ver um gaiato, que teria os seus quinze annos, que á frente de uma cohorte de vadios, se entregava a toda a casta de gatunice.

Era um rapaz endiabrado, mais alto de que baixo, magro, olhar vivo, nariz aquilino, bôca regular, e com uns cabellos mais pretos de que a aza do corvo.

Ninguem como elle mandava uma pedra mais certa, nem o excedia nas partidas que fazia aos gallegos, aos fra-des, e ás beatas rabujentas.

Sempre que empunhava uma temivel espada de pau, e encaixava na cabeça um chapéu tricorneo, o unico recurso

que havia, era fugir das suas iras, e dos garotos do seu commando.

Excellenté farcista e melhor burlão, mudava de cara e de figura como queria.

Se lhe dava na cabeça fazer-se corcunda, arranjava um saliente volume nas costas, e uma cara estirada, que deixava todos em duvida, se realmente era ou não defeituoso do corpo.

Se n'outro dia a sua phantasia lhe suggeria o pensamento de fingir-se coxo, cego, ou paralytico, engendrava umas pernas tortas ou derreadas, que illudiam maravilhosa-mente.

Mas no meio de tantas gentilezas e folias, não era mau, nem traiçoeiro, e se algum dos seus companheiros de galhofa praticasse qualquer traição, estava servido, o Ricardo Casquilho não lhe perdoava, e, quando menos esperava, apanhava uma seva monumental.

Ora este rapaz, bom por dentro, e grande gatuno por fó-
ra, fazia do Terreiro do Paço e das suas avenidas, o seu campo de operações.

Se passava um aguadeiro, podia ter a certeza que na volta de uma esquina ficava infallivelmente sem suspiro no barril.

Se corria atrás do endiabrado rapaz, fugia, e depois de o ter cançado, esperava-o, atirava um pulo, e assentava-lhe dois outros pontapés, deitava a fugir que parecia uma ventoinha, e surgia n'uma esquina a fazer esgares, que desesperavam o malaventurado lorpa.

Se qualquer frade libertino ia á noite passear com a sua dalcinea para o Terreiro do Paço, podia estar certo que seria toureado, gritando-lhe:

— Olha o frade com uma rapariga! Mas que mocetona!

Larga, larga, que isso não te pertence! Vae para o convento resar grande masmarro, deixa as pequenas para os rapazes...

Se porventura caia na tolice de reagir, estava servido, uma chuva de pedradas lhe acertara no lombo; e ao retirar-se era sempre apupado.

Não o deixava, perseguia-o insistente, desapiedado, brandando com toda a força dos pulmões:

— Oh! fradalhão, larga a rapariga...

Outras vezes variava de divertimento; escarranchava-se na janella de qualquer escada, de anzol em punho, e quando os casquilhos da época seguiam pela rua aos pulinhos, com o chapéu debaixo do braço, para não amarrutarem o penteado da cabelleira, zás, atirava-lhe o anzol e pescava-lhe o topete, que o desgraçado sentia arrebatar, sem lhe valer ter deitado as mãos á cabeça para segural-o.

O gatuno ria, fazia grande algazarra, e se era perseguido, fugia, mostrando de longe ao paciente as emmaranhadas guedelhas, que já não pareciam as mesmas.

Mais adiante, se encontrava um corcunda, armava um pulo, saltava-lhe por cima da cabeça, e caía-lhe na frente, dizendo:

— Não se assuste camarada, nós somos collegas...

Arranjava n'um momento a mais bem acabada máscara, collocava-se-lhe ao lado, e gritava aos ouvidos do pobre homem:

— Ora vamos a ver qual de nós tem maior corcunda e é mais feio...

Se via uma beata a resar na frente de um nicho, podia ter a certeza que ao levantar-se encontrava a roda de capote cosida ao cabeção, e que ouviria o intransigente garoto dizer-lhe com modo pícaro:

— Oh! beata falsa, vae reaar para casa, deixa-te de intrigas...

Se um malfadado judeu lhe passava á mão, vendendo tamaras, tambem não duvidava dizer-lhe :

— Oh! judeu, queres mais toucinho.

E se o desgraçado commettia a imprudencia de responder, então é que era o bonito, atirava-lhe com o cesto das tamaras ao chão, arrancava-lhe o barrete, e só o largava depois de o ver fugir.

- Ora já vêem que o sr. Ricardo Casquilho era um grande tonante, que não poupava pessoa alguma ás suas travesseiras.

Se fazia porém todas estas gentilezas estando só, pôde inferir-se o que succederia quando se punha á frente do seu batalhão de gaiatos, que o reconheciam como chefe.

Ora entre os gatunos que faziam parte do bando do temível Casquilho, havia um de quem elle era sincero amigo, e mais de uma vez dividia com elle o almoço e o jantar que sua mãe lhe dava.

A sr.^a Rita da Piedade era a feliz creatura que dára á luz aquella maravilha, o maior de todos os gatunos. E quantos defectos o bom do rapaz possuía, devia-os á sua condescendencia, e ao muito mimo que lhe dava.

- Nunca o mandou á escola para não vel-o chorar, e se o pae pensava em apresental-o a um mestre, a fim de aprender qualquer officio, a mãe interpunha a sua auctoridade, e o rapaz ao dia seguinte em vez de ir aprender um officio ou para a escola, ia para o Terreiro do Paço fazer toda a casta de extravagancia.

A sr.^a Rita da Piedade, morava no bairro de Alfama, e tinha por visinho um fanheiro, que se tornava notavel pelo grande nariz que lhe saía de um socinho chato e acanhado;

além d'esta importante recomendação, possuía os olhinhos mais pequeninos e vesgos que têm apparecido em almas christãs.

Ao valido, ao amigo intimo de Ricardo Casquilho, chamavam-lhe o José da Neta, e sendo tão garoto como elle, estreitaram laços de amizade...

Os dois rapazes embirraram com o nariz e os olhos do funileiro, que tinha por alcunha, o rei Francisquinho, e sempre que lhe passavam pela porta bradavam:

— As armas, que está ali o rei Francisquinho, o narigão com olhos de perdiz.

O homem principiou a dar cavaco, e das palavras mais ou menos apimentadas, passou a vias de facto.

E sempre que lhe chamavam o rei Francisquinho, o narigão com olhos de perdiz, atirava-lhes com as cafeteiras, com as panellas, e com tudo que encontrava á mão.

Ainda não satisfeito com este despropósito, corria atrás dos dois garotos que se lhe esgueiravam na volta de uma esquina.

Um dia, tanto correu e gritou, que cançou, caiu e feriu-se, e para se vingar principiou a gritar:

— Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei, que me mataram.

A policia acudiu, quiz prender os rapazes, mas alguns visinhos fizeram ver aos agentes da auctoridade que nenhum mal lhe tinham feito, e que o ferimento fôra a consequencia de uma queda; os soldados applicaram ao funileiro, para remedio dos seus males, meia duzia de sapapos.

Ora o pobre do narigão, depois de mystificado, não lhe agradou a therapeutica que os policas lhe applicaram, e como não podia tirar desforra dos soldados, jorou que se vingaria dos dois meliantes.

Uma tarde vestiu o fato domingueiro, e foi passear para o Terreiro do Paço; os rapazes, porém, não lhe perdoaram, e o Ricardo Casquilho principiou a gritar :

— Olha o narigão de olhos de perdiz! As armas que ali vem o rei Francisquinho.

O homem correu para elles, e atirou uma valente bordada ao José da Neta, que ficou derreado.

O seu amigo não quiz ver mais nada, atirou-lhe com uma pedra e quebrou-lhe a cabeça. Foi preso e conduzido para a guarda.

O official commandante era o conde Francisco de Montalvo, morto mais tarde por uma bala hespanhola, quando se batia pela patria na provincia da Beira, na campanha de 1801; já tivemos occasião de dizer isto aos leitores.

O bom do garoto contou a sua historia, e tanto lamuriou, que o joven official compadeceu-se d'elle; e á noite, quando seu pae o conde velho o visitou, contou-lhe a sua historia.

O fidalgo desejou vel-o e sympathizou com aquelle typo de garoto mas intelligente; e como tinha grande conhecimento do coração humano, não duvidou de que n'aquella alma residia mais uma educação estragada, do que malda-de instinctiva, e perguntou-lhe :

— Queres entrar para o meu serviço, e seres um rapaz honesto?

— Honesto sou eu, meu fidalgo, pois nunca roubei nem matei; e se quebrei a cabeça ao narigão, foi por aleijár o José da Neta com uma paulada.

O conde gostou da resposta e disse-lhe :

— Muito bem, não me desagradou a tua resposta; como te chamas, e quem são os teus paes?

— Meu pae é André Gaveta, trabalha na ribeira das naus,

e minha mãe é a sr.^a Rita da Piedade, foi ama da menina Beatriz, filha do sr. marquez de S. Mauricio.

— Então queres entrar para o meu serviço?

— Sim, senhor.

N'esse mesmo dia foi para casa do conde de Montalvo; aprendeu a ler e a escrever; o padre capellão deu-lhe noções de historia sagrada e profana; tambem desejou ensinar-lhe o latim, mas quando principiou a traduzir a selecta primeira, aborreceu-se e declarou que já sabia o sufficiente para bem servir o senhor conde.

E verdade, verdade, Ricardo Casquilho affeição-se ao conde, e dedicou-lhe amizade sincera; tinha por elle o affecto estremecido, que um bom filho tem por seu pae; e para agradar ao bom do fidalgo, seria capaz de se deixar matar.

Nunca quebrou as suas relações intimas com o José da Neta, que tambem deixara de ser gatuno; é certo, porém, que tanto era o amor que tinha ao Terreiro do Paço, que não quiz abandonal-o.

Todos os dias lá o viam, mas como um pacifico e honrado moço de fretes.

Na época em que se passaram as cousas que temos narrado, já o Casquilho tinha casado com uma afilhada do conde, que convicto da sua lealdade e dedicação, tanta confiança lhe merecia, que não duvidou confiar-lhe os mais importantes segredos, tanto politicos como particulares.

Não lhe declarou, porém, que era o chefe supremo da franco-maçonaria, iniciou-o, e assistiu com a fronte velada, envolto no manto da ordem.

No futuro recebia as suas confidencias na casa da rua direita da Graça, e ria-se sempre que o via sair sem o ter conhecido.

E enganava-se; se não tinha a convicção, nutria supostas, como lhe fez ver.

Ora, quarenta dias depois, em Lisboa apenas se fallava n'um facto medonho, crime monstruoso que fazia arripiar os cabellos e as carnes dos pacíficos habitantes da capital!

Lisboa estava assombrada, indignada, e em todos os estabelecimentos publicos e nas casas particulares era a ordem do dia.

Todos disentiam o deploravel acontecimento; formavam milhões de conjecturas, estabeleciam hypotheses, tiravam corollarios, mas nada de positivo inferiam do estupendo crime que se perpetrára.

Estava envolto em tanto mysterio, e entenebrecido por tal fórma, que pessoa alguma se animaria a dizer: «As cousas passaram-se por esta ou por aquella maneira.»

A policia farejava por todos os cantos; e em toda a parte lhe parecia que encontrava os criminosos.

Animada com a gratificação de quatrocentos mil réis, offerecida por um poderoso titular a quem descobrisse o auctor ou auctores do extraordinario crime, emvidava todos os meios possiveis para chegar á verdade dos factos; todavia o resultado era o mesmo, e inalteravel!

Trevas e mais trevas, sempre o mesmo mysterio; e nem um raio de luz que pudesse guiar as diligencias policiaes.

Já tinham sido capturadas diferentes pessoas por suspeitas, mas foram mandadas pôr em liberdade, por não se lhes acharem vestigios alguns de criminalidade.

Mas que fôra? Que crime era esse, que tanto prendia as atenções do publico? É o que os leitores naturalmente desejam saber, e nós vamos contar-lhes.

Como dissemos, quarenta dias depois da confissão da sr.^{ta} Rita da Piedade, seriam oito horas da noite, um moço de

festes atravessou o Terreiro do Paço com uma caixa de madeira, pintada de azul, fechada com chave e cadeado.

Foi direito ao caos das columnas, collocou-a sobre a cortina de cantaria, e esperou pouco mais ou menos um quarto de hora, como quem aguardava mais alguma coisa. A sentinella passeava a pequena distancia; e o homem disse-lhe:

— Camarada, peço-lhe o favor de tomar conta n'esta caixa, que eu já venho, para a conduzir n'um bote, que não pôde tardar.

O soldado respondeu-lhe:

— Vá descansado, que eu a vigiarei enquanto estiver no meu posto.

— Muito obrigado, sr. soldado, respondeu o desconhecido em mau portuguez; e o soldado ficou convencido de que era um filho da Galiza.

O homem não voltou; a sentinella foi rendida, e depois de entregar ao companheiro as obrigações que no posto lhe pertenciam, acrescentou:

— Está ali uma caixa de madeira sobre a muralha do caos, que um homem desconhecido deixou, pedindo-me para tomar conta n'ella.

O soldado perguntou:

— Que signaes tem esse homem? Preciso que m'os dê, para saber quem é o dono.

— Eu sei lá os signaes que tem! É um homem alto, grosso, parece moço de fretes e gallego pela maneira porque falla.

— Bem, isso já me habilita para o reconhecer.

O soldado, duas horas depois, também foi rendido, e como ninguém ainda apparecesse para levar a caixa, depois de entregar o posto, fez ao camarada igual recommendação.

As horas decorreram, e no dia immediato a guarda foi substituida; e ás onze horas da manhã, um cabo de esquadra disse para o commandante, que era o capitão Francisco Pinto:

— Meu commandante, está no caes das columnas uma caixa de madeira, pintada de azul, fechada com chave e um cadeado, que hontem um desconhecido deixou, pedindo á sentinella que a vigiasse, pois não tardaria em vir buscá-la. Até hoje ainda não veio pessoa alguma reclamá-la; é bastante pesada; e se entender conveniente, mando buscá-la por dois soldados.

O capitão approvou a proposta do cabo, e cinco minutos depois foi a caixa conduzida para o quarto do commandante.

Notou elle que, minutos depois, no quarto se desenvolvia um cheiro pouco agradável; procurou a causa e conheceu que da caixa mysteriosa é que saía. Sem atinar com a verdade, desconfiando da maneira singular por que fôra abandonada, mandou chamar o juiz do crime, que compareceu, acompanhado do escrivão e de dois aguazis.

— Que manda, senhor capitão? perguntou o magistrado.

— Senhor juiz, esta caixa foi hontem abandonada por um desconhecido, seriam oito horas da noite, e nunca mais vieram reclamá-la; tenho notado que exhala um cheiro nauseabundo, e como não está nas minhas attribuições arrumá-la, receiando que haja n'isto um crime, reclamei a presença de vossa mercê, para resolver como julgar mais conveniente.

O juiz ouviu com attenção as palavras do official, dirigiu-se para a caixa, observou-a e disse:

— Aqui está cousa morta!...

Sacudiu a cabeça em signal de duvida, ou de menos confiança, e proseguiu:

— Senhor escrivão, mande um d'esses aguazis em procura de um mestre serralheiro.

O empregado cumpria, e o juiz perguntou:

— Sabe a qualidade de homem que conduziu isto? disse o juiz apontando para a caixa.

— Não sei, porque foi hontem abandonada, e hoje é que entrei de guarda ás nove horas da manhã.

A este tempo, já se achava bastante gente reunida debaixo da arcada, porque a presença do juiz do crime chamára a attenção dos curiosos, que aguardavam impacientes a chegada do mestre serralheiro, que não podia tardar; chegou momentos depois, e o juiz disse-lhe:

— Senhor mestre, de ordem da justiça de Sua Alteza Real, arrombe essa caixa.

O serralheiro principiou a trabalhar.

O juiz collocou-se-lhe do lado esquerdo, o escrivão em frente, os aguazis por detraz do seu chefe.

O capitão Pinto, um pouco mais afastado, mandou postar um cordão de soldados, a fim de evitar que os curiosos se approximassem demasiadamente.

Ninguém sabia o que ali estava; em todas as frentes transpareciam a duvida e a surpresa; e o estrugimento dos golpes de martello na madeira imprimia-lhes impressão dolorosa. Revelavam um mau estar; e a idéa de um grande crime estava na mente de todos; não discutiam o facto, não tiravam corollarios, mas se lhes perguntassem a sua opinião, diriam:

— Nada sabemos, mas dentro d'estas quatro tábuas ha um crime, que em breve se verá.

O mestre serralheiro proseguia tranquillo, vibrando repetidos golpes sobre a fechadura e no cadeado; tres minutos depois ambos foram arrancados e a tampa levantada.

Ouviu-se um grito, um brado de horror, de indignação! Todas as pessoas presentes empallideceram e tremaram instinctivamente! O cadaver de uma mulher apparecêra, frio, com a rigidez da morte...

Não se ouviu uma palavra! O assombro emmudecêra o juiz, os officiaes de justiça e quantos presencêavam aquelle quadro de morte, que sem a menor duvida era em representava um grande crime.

O cadaver achava-se tão sómente vestido com roupas brancas. As pernas tinham sido fracturadas e os ossos deslocados, para ter facil accommodação na fatal arca.

Os cabellos estavam empastados e manchados de sangue; duas largas feridas se lhe notavam, uma sobre o peito esquerdo, a outra na garganta.

Tinha os olhos e os labios cerrados; e a cutis, de uma pallidez tirante a denegrida, revelava que a morte não fôra muito recente.

O juiz, aterrado, febricitante, disse com voz estrangulada:

— Eu bem me parecia que vinha ao encontro de um crime celebre!

Abanou tristemente a cabeça e proseguiu:

— Este cadaver é de mulher que não teria menos de quarenta annos! Devemos pôr de parte a idéa de um suicidio ou de uma scena de ciúmes; e se o motor do assassinato não foi o roubo, uma outra causa ignorada o promoveu. Olá, senhor escrivão, mande chamar um medico; desejo ouvil-o.

Voltou-se para as pessoas que cercavam aquelle quadro de morte e perguntou-lhes:

— Entre vossas mercês ha porventura alguma pessoa que reconheça este cadaver?

Todos ficaram silenciosos, offegantes, mas ninguem respondeu!

Aquelle cadaver parecia attrail-os, fascinal-os; e inspirando-lhes terror, faltava-lhes a coragem para o fixarem com attenção.

O juiz repetiu a pergunta; e foi então que se ouviu um voz dizer:

—Dêem licença, deixem-me passar; o senhor juiz perguntou se havia quem conhecesse o cadaver; e como ainda o não vi... sim, preciso vel-o.

O juiz ergueu os olhos e differençou, por entre o redemoinhar de muitas cabeças, uma que sobresaía a todas, e ordenou com voz imperiosa:

—Deixem passar esse homem; é possível que dê alguma luz á justiça.

Um homem vestindo á maneira dos ganhões, avançou, curvou-se sobre o cadaver, analysou-o detidamente e deu um grito afflictiuo; cobriu a cara com as mãos e grossas lagrimas lhe rolaram pelas faces.

Todas as vistas convergiram para elle, todos respeitaram a sua dor; e até o proprio juiz, só depois de findos alguns minutos, lhe perguntou:

— Conhece este cadaver?

O homem não respondeu e continuou a chorar. O juiz repetiu a pergunta, e foi então que respondeu, com voz cortada pelos soluços:

— Conheço, senhor juiz.

— Quem é?

— É a tia Rita da Piedade...

— Mas quem era essa mulher?

— Uma boa alma, uma creatura de Deus que sempre fez o bem!

— Onde morava? Era rica ou pobre? casada ou solteira?

— Residia na rua da Galé, no bairro de Alfama; era viu-

va; e não sendo rica, tambem não se lhe podia chamar pobre; vivia de uma pensão que lhe dava o senhor marquez de S. Mauricio, por ter sido ama da menina Beatriz.

O juiz prestára grande attenção ás declarações d'aquelle homem. Francisco Pinto estremeceu visivelmente logo que ouviu as suas ultimas informações.

— É seu parente? perguntou o juiz.

— Não, senhor, mas fui creado de pequeno com o Ricardo Casquilho, filho d'esta boa mulher, que muitas vezes me matou a fome, quando na companhia d'elle bregueiravamos por esse Terreiro do Paço e pelas ruas convizinhas.

— Como se chama?

— Sou o José da Netta, toda a gente me conhece.

— Em que se occupa?

— Sou moço de fretes.

O juiz abriu muito os olhos, tornou a sacudir a cabeça, cravou n'elle vista acerada, e disse para os aguzais:

— Prendam esse homem.

O pobre diabo ficou fulminado e perguntou:

— Mas por que me manda prender, senhor juiz?

— Para averiguações; no entretanto responda. Esta mulher tinha fama de ter dinheiro? Ainda frequentava a casa dos senhores marquezes de S. Mauricio?

As perguntas foram repetidas, mas o malaventurado não poudo responder. A dôr, o terror que lhe inspirava a justiça, tinham-lhe roubado a voz.

Tremia como um vime, impalidecera, não sentia flacidez nos membros, e com os olhos sem mobilidade, não parecia ter mais vida de que o cadaver que estava patente.

Francisco Pinto conhecia o pobre do homem, compadeceu-se d'elle e disse para o juiz:

— Senhor magistrado, sem querer interferir nas suas al-

tas funções, tenho a dizer-lhe que conheço este rapaz ; tem-me servido bastantes vezes, e merece-me o conceito de ser muito honrado. Hontem, ás oito horas da noite achava-se em minha casa, e acompanhou minha mulher, que me foi visitar ao quartel onde estava de serviço, e só depois das dez horas é que saia.

O juiz reflectiu, e como a sua opinião não ia de encontro ás recommendações que o capitão lhe fizera, tornou a cravar os olhos no pobre diabo, e leu-lhe nas feições tanta magua, uma tão grande dor, que se convenceu da sua innocencia. Reconsiderou e disse com os seus hábitos :

— Este homem está innocente ! E se não revogo a ordem, não dirá cousa alguma . . . Sim, e eu careço de luz.

Voltou-se para o capitão e observou-lhe :

— Não tenho a honra de conhecê-lo pessoalmente, mas parece-me que vossa mercê é um homem de bem. Dá-me a sua palavra de honra sobre a defeza que fez d'este homem ?

— Senhor juiz, dou-lhe a minha palavra de honra, como soldado brado, que me préso de ser, de que só disse a verdade. E não obstante não me conhecer, fique sciente, que o capitão Francisco Pinto é incapaz de faltar á verdade, nem mesmo para se defender, se porventura fosse accusado.

O juiz cumprimentou-o e respondeu :

— A sua palavra é para assim deplamente honrada ; já o conhecia pelo nome, e tenho a satisfação de conhecer seu pai, o sr. corregedor Manuel Castano Pinto.

Voltou-se para os agnais e disse-lhes :

— Larguem o homem. Estás livre, mas esclareça a justiça.

O desgraçado deu um grito de satisfação, não ponde porém fazer mais nada! E só findos alguns minutos conseguiu recuperar o uso da voz...

— Diga mais alguma cousa, proseguiu o juiz, ganhe animo, bem vê que já dei ordem para o soltarem.

Foi só então que ponde fallar, e disse:

— Muito obrigado, senhor capitão, fui garoto nos meus tempos, mas desde que sou homem, ninguém tem nada que dizer á minha probidade; além d'isto, senhor juiz, sou amigo como irmão do filho d'esta infeliz, que, repito, muitas vezes me deu de comer.

— Responda, porém, ao que lhe pergunto...

— Que me perguntou vossa mercê, desculpe, sou um estúpido, e a ordem de prisão que lhe ouvi dar, ainda me tornou peor.

— Sabe se esta mulher tinha fama de possuir dinheiro?

— Não sei.

— Com quem residia?

— Só, porque o filho é casado, e está ao serviço do sr. conde de Montalvo.

— E ella ainda frequentava a casa dos srs. marquezes de S. Mauricio?

— Creio que sim, pois até vivia de uma pensão que elles lhe davam.

— Como sabe isso?

— Pelo filho e pela finada, que em vida algumas vezes m'o disse.

O juiz reflectia, estabelecia differentes raciocinios, mas nenhum lhe dava a luz, nem lhe esclarecia a causa d'aquelle crime.

Voltou-se para o capitão e disse-lhe:

— Crelo que vossa mercê me arranjou um mau bocado!

É um crime celebre, que me fará suar o topete... Mas repare, capitão: a causa motriz d'este assassinio, não foi por certo o roubo... Ora veja... O cadaver conserva nas orelhas umas arrecadas de ouro...

Francisco Pinto pela segunda vez estremecem; e as apprehensões que tivera voltaram mais insistentes.

N'este momento chegou o escrivão com um medico.

— Aqui está o senhor doutor, disse elle.

O juiz disse-lhe:

— Senhor medico, queira analysar este cadaver, e dar-me informações medicas, para melhor esclarecer o auto que vou levantar.

O medico procedeu a uma severa analyse com a fria impassibilidade que distingue os discipulos de Esculapio, familiarisados como estão com a morte; examinou as feridas, verificou minuciosamente a profundidade dos ferimentos, e reparou sobretudo no estado geral do cadaver.

Depois disse para o juiz:

— Estou ás ordens de vossa mercê, para lhe dar os esclarecimentos que deseja.

Entraram para a casa da guarda; o escrivão empunhou a penna e principiou o auto pelas palavras sacramentaes: Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, etc.; e quando chegou á descripção do cadaver, e ao estado geral em que se achava, o juiz perguntou ao medico:

— A mulher succumbiu aos ferimentos que apresenta?

— Sim, respondeu elle, e para a matar bastava-lhe um: examinei as feridas; a do peito esquerdo atravessou-lhe necessariamente o coração; sondei-a e achei-lhe duas e meia pollegadas de profundidade. A da garganta, esphacelou-lhe a larynge, e cortou-lhe uma das carotidas. Já vê que qual-quer dos ferimentos lhe dava uma morte instantanea.

— Muito bem, e pôde determinar a qualidade da arma usada pelo assassino ?

— Foi o punhal, devia, porém, ser de tres quinas, o que se reconhece pela fôrma dos ferimentos. Mas senhor juiz, esta desgraçada foi morta estando a dormir.

— Ora essa ! Porque diz isso ?

— Porque não vejo no cadaver signal algum que indique lucta, e não é para acreditar que uma mulher robusta, como ella devia ser, se deixasse assassinar sem a menor resistencia...

O magistrado reflectiu e convenceu-se de que sensatas eram as palavras do medico.

Francisco Pinto pela terceira vez foi assaltado pelas mesmas apprehensões.

O juiz proseguiu :

— Acho curiaes e judiciosas as suas considerações.

Volton-se para o escrivão e disse-lhe :

— Exponha no auto a opinião do doutor, é uma circumstancia que talvez possa dar alguma luz no andamento do processo.

— Pois então deve escrever mais alguma cousa, observou o medico...

— Que mais ? perguntou o escrivão.

— Que a mulher foi narcotizada para perpetrarem o crime, revelando isto que o assassino não é um homem vulgar...

O juiz recuou admirado, o capitão avançou um passo para o medico, e disse-lhe offegante :

— Conclua, senhor doutor, diga o resto...

Sim, e sempre tranquillo, apontou para o cadaver e disse friamente :

— Esta mulher foi narcotizada antes de a matarem, e

se os senhores querem saber as causas em que me fundo, declaro-lhes: Primó. Foi assassinada estando a dormir, o que se prova pela ausencia dos signaes que deviam comprovar uma lucta desesperada, se a houvesse... Já tive a honra de declarar isto mesmo, e as razões em que me apoiava. Senhores, proseguiu elle, não ha somno que resista a duas punhaladas como estas! A morte comquanto fosse instantanea, não o seria tanto que não lhe dêsse tempo para acordar! Acordando abria os olhos e morria com elles abertos fixando o assassino; e as contracções por uma morte violenta d'este genero, não lhe cerravam as palpebras como estão...

O juiz seriamente impressionado, mandou escrever as declarações medicas.

— Senhor escrivão, vamos a casa d'esta mulher, sabe onde morava? perguntou ao José da Neta.

— Na rua da Galé, senhor juiz.

— Doutor, acompanhe-me, não posso dispensar os seus importantes serviços. Senhor cspitão, peço-lhe que mande vigiar o cadaver, que ninguem lhe toque sem eu chegar.

Seguido pelos empregados, pelo medico e por um cortejo de curiosos, caminhou para a rua da Galé, guiado pelo moço de fretes.

A casa onde residira a tia Rita da Piedade, tinha o n.º 27, occupava o terceiro andar, no primeiro residia uma familia, no segundo, porém, não havia moradores.

Na rua causou grande burburinho a chegada da justiça, todos ainda ignoravam a fatal morte da pobre mulher.

O juiz mandou arrombar a porta, e acompanhado pelos empregados e curiosos, entrou.

Não se via um só movel no chão! A mobilia estava co-

mo se a dona tivesse saído pela manhã, para voltar á noite!

A porta da escada deitava para um corredor; no topo via-se uma janella; á direita uma porta, e á esquerda outra.

A porta da direita abria para a casa de jantar, sobre a mesa achava-se um bulle com chá, um prato com fatias torradas e um assucareiro; e todos os mais utensilios necessarios para uma refeição d'aquelle genero.

No fundo de uma das chavenas que se viam sobre a mesa, differencava-se um pouquinho de liquido. O juiz parou em frente d'aquelle quadro, e disse para o escrivão:

— A pobre da mulher teve companhia na ultima ceia... Quem sabe se seria o seu assassino?

O medico analysava, porém, o liquido contido na chicara, que levou aos labios, aspirou-o primeira e segunda vez, e bradou:

— Eu bem lhe dizia, senhor magistrado, que fôra assassinada depois de a narcotisarem! N'esta chavena ainda se conserva uma grande porção de opio... A pessoa que matou esta mulher, tinha relações com ella; a prova está em tudo isto...

Passaram ao quarto de dormir: a cama estava intacta, mas ensopada em sangue! No chão via-se uma mesa de cabeceira derrubada, e um candieiro de metal amarello.

Todas estas circumstancias indicavam que tendo adormecido na casa de jantar, a conduziram para o quarto de dormir, e que nunca mais se movera...

— Mas quem fizera tudo aquillo? Seria um homem só ou acompanhado? E com que fim se commettera aquelle crime? Para a roubarem? Não, porque nas gavetas achavam-se algumas peças em ouro e dinheiro em prata, alem

de diferentes vasos do mesmo metal, arrecadados na guarda louça.

Tudo isto não intrigava pouco a justiça, e sobretudo o facto de primeiro a narcotisarem.

Passaram minuciosa revista a todos os quartos e aos moveis, nada porém lhe deu a luz; um impenetravel mysterio envolvia aquelle crime.

O juiz mandou levar mais um auto sobre o estado da casa, cellou os objectos, deixou ficar dois soldados de policia e retirou-se, convencido que mais tarde poderia chegar á verdade dos factos.

E conseguiria o seu fim? Veremos.

CAPITULO XIX

Uma entrevista

Francisco Pinto, depois que o juiz e os seus empregados retiraram para casa da tia Rita da Piedade, escreveu a seguinte carta ao conde de Montalvo:

«Excellentissimo senhor e amigo. — Um crime monstruoso se commetteu: appareceu morta dentro de uma caixa, que hontem abandonaram no caes das Columnas, a ama de D. Beatriz!

«O medico que foi chamado, declarou que fôra assassinada, depois de a terem narcotisado; o movel do crime

não foi certissimamente o roubo, porque a finada conserva ainda nas orelhas umas boas arrecadas de ouro.

«Sinto o que me adivinha o coração, e sem poder explicar a causa, acredito que o traidor, que vossa excellencia sabe, não é estranho a este deploravel acontecimento. . . Não sei, mas os malvados nunca duvidam passar sobre um cadaver, para chegar aos seus fins.

«Previno d'isto vossa excellencia, para mandar vigiar, se assim julgar conveniente. Deploro sobretudo, por causa do Ricardo Casquilho. — *Francisco Pinto.*»

Depois de escrever, fechou a carta e disse para um soldado :

—Leva este papel a casa do sr. conde de Montalvo, a Entre-muros. Previno-te, porém, que só a elle a entregará.

O soldado partiu, e o joven official proseguiu ruminando a sua idéa; e se lh'o exigissem, iria jurar como D. Ignacio era o auctor d'aquelle crime.

Mas porque razão havia de elle matar uma inoffensiva mulher? Não sabia; e apesar d'esta duvida se lhe erguer na mente, não engeitava o seu insistente pensamento.

Voltemos ao magistrado que procedera aos exames directos, e vejamos o que elle fez.

Chegou a casa, fechou-se no gabinete de trabalho e entregou-se a largas locubrações.

No fim de duas outras horas, estava no mesmo estado, não sabia nada.

Mas a mulher tinha sido em tempo ama de D. Beatriz, n'este negocio podia haver complicação fidalga; e um titular n'aquella época, recheado de privilegios, era uma pessoa importante, com quem se devia, por lei, ter todas as considerações.

Ora o magistrado não lhe passava pela idéa a origem do crime, nem o auctor, e como a finada fôra uma serviçal, estimada por aquella familia, era possível que alcançasse alguns dados que o elucidassem.

Não podendo mandar intimar os dois fidalgos, pela sua elevada prosapia, a fim de serem interrogados, resolveu ir procural-os ao seu palacio no dia immediato.

Às dez horas da manhã, depois de ter envergado a béca, metteu-se n'uma velha traquitana, puchada por dois estafados pileques, e disse para o boleeiro:

— Para o palacio dos senhores marquezes de S. Mauricio.

O homem atirou duas valentes chicotadas aos ossos das perúas, e a jangada principiou a rodar pelas ruas.

Uma hora depois, apeava-se junto ao palacio, e dizia ao guarda portão:

— Desejo fallar ao senhor marquez.

Ora em 1804, os lacaios ainda eram mais insolentes que os de hoje; e os criados de um nobre titular julgavam-se tanto ou mais de que qualquer magistrado... Eram os usos da época...

O lacao respondeu-lhe com pouca cortezia:

— Póde entrar e subir; não sei se sua excellencia lhe poderá fallar.

O magistrado não gostou das maneiras por que era recebido, e respondeu seccamente:

— Ha de poder, porque lhe vou fallar em nome das justicas de sua alteza.

Subiu a escada, e ao toque de uma sineta, um criado veio recebê-lo e perguntou:

— Que pretende?

— Fallar ao senhor marquez.

— A qual d'elles ? Se é ao senhor marquez velho, não pôde recebê-lo pelo seu estado de saúde.

— Pois n'esse caso diga ao senhor D. Ignacio, que o juiz do crime de um dos bairros da cidade, deseja fallar-lhe.

O criado esbogalhou muito os olhos, e foi então que reparou na béca, e disse com os seus botões :

— Que negocios poderá ter este homem com meu amo ? Sua excellencia nada tem com a justiça, está muito alto...

Depois d'este monologo particular, disse-lhe :

— Pôde entrar para esta sala, que eu vou dar parte ao sr. D. Ignacio.

Retirou-se e foi ao gabinete onde o fidalgo se entregava ás suas locubrações, pediu licença para entrar, e esperou que fosse interrogado.

— Que temos, João Pedro ?

— Senhor marquez, está na sala esperando por vossa excellencia, um homem de béca, que declarou ser o juiz do crime de um dos bairros, que desejava fallar-lhe.

O fidalgo não pôde reprimir a má impressão que lhe produzia a noticia, e deu um pulo na cadeira como se o tivessem picado com um alfinete ; retraiu-se, e para destruir o mau effeito que no criado podia ter produsido a sua surpresa, perguntou :

— Quem disseste que me procurava ?

— O juiz do crime de um dos bairros da cidade, diz que lhe deseja fallar para negocio urgente...

— Mandaste entrar para a sala ?

— Sim, senhor.

— Fizeste bem ; mas que terá com esta casa o senhor juiz do crime ? Emfim, veremos...

O criado retirou-se, e sua excellencia em vez de ir para

a sala, ficou entregue a uma larga meditação; e como a sua consciencia não estava tranquilla, não ignorava como as cousas tinham corrido... Diabo! Esta visita depois do que se passou ha tres dias, é caso para me intrigar... Saber-se-ha... não é possível, não tive testemunhas, e só o diabo seria capaz de adivinhar um negocio que deixei nas trevas... Mas o maldito bêca está ahi, e com certeza é para me fallar na mulher...

Reflexionou mais alguns minutos e disse:

— E quem me diz que o tratante do homem a quem entreguei a caixa, em vez de a deitar ao rio, como lhe ordenei, foi deixal-a em qualquer canto? Pois não é outra cousa... É necessario recobrar animo, pôr uma mascara na cara, a fim de enganar o homem da justiça, e desnortear a policia... Sorriu mephistophelicamente, e concluiu o monologo dizendo: — E eu a fallar na policia! A policia sou eu; eu é que a dirijo; e o primeiro ministro, não obstante a sua velhacaria, sabe apenas o que lhe digo, e vê o que lhe mostro... Quanto ao intendente geral, é um pobre diabo, mais tolo de que esperto.

Depois d'estas considerações, saiu do gabinete e foi para a sala, com a mascara afivellada, e o aprumo proprio de um tão grande fidalgo; cumprimentou o juiz com sobranceria, e disse-lhe:

— Senhor magistrado, estava no meu gabinete, quando me annunciaram a honra sua visita. Ignoro o que poderá ter de commum commigo a justiça, no entretanto aqui estou para ouvil-o.

Apontou-lhe para uma cadeira, assentou-se e esperou. O juiz não se atrapalhava facilmente, e como não vinha solicitar dinheiro, nem pedir favores, respondeu, cravando vista acerada no titular:

— Senhor marquez, praticou-se um crime monstruoso, medonho e celebre, pelas circumstancias aggravantes e mysteriosas que o cercam.

Foi sublime ! Não contraiu um musculo, nem fez um gesto que o denunciasse ; encolheu os hombros e respondeu :

— Deploro que se praticasse esse crime horrendo, como acaba de dizer ; é mais um entre os mil que para ahi se commettem todos os dias . . . E que tenho eu com isso ? Se vem pedir esclarecimentos, digo-lhe que na intendencia geral da policia, é que lh'os podem dar . . .

— Se não tivesse razões para procurar vossa excellencia. não estaria aqui . . . E saiba que nunca subo as escadas de um palacio desconhecido, sem repugnancia . . . Mas os deveres do meu cargo são superiores aos meus habitos . . .

Fez uma pausa, e proseguiu com fria tranquillidade :

— É verdade, senhor marquez, commetteu-se um grande crime, um assassinato cruel, e o assassino não era um homem vulgar . . .

O marquez ficou sobresaltado, quasi que se traía ; as palavras do magistrado soaram-lhe lugubres e ameaçadoras ; fez porém um esforço e respondeu :

— Mas, senhor, que tenho eu ou a minha familia com esse crime, de que me falla por segunda vez ?

— Tem muito . . .

O fidalgo deu instinctivamente um pulo na cadeira.

O juiz perguntou-lhe com voz acerada :

— Que tem, senhor marquez ?

Reconhecendo a gravissima imprudencia que commettera, recobrou o seu sangue frio habitual e observou-lhe :

— Pois pergunta-me o que tenho, acabando de dizer que eu ou a minha familia temos muito com esse crime ! Queira explicar-se, senhor juiz, e rogo-lhe que não esque-

ça que está fallando com o marquez de S. Mauricio, grande do reino, de uma nobreza, que pelo menos tem sete seculos.

— Bem sei que estou fallando com vossa excellencia ; e não ignoro o velho patriciado da sua familia ; devo-lhe respeito e consideração, e creio que não faltei ainda a nenhuma d'estas cousas...

— Muito bem, todavia, dê a significação das suas palavras, que pela natureza equivoca d'ellas, as considero offensivas para o meu caracter e lealdade fidalga.

— Eu me explico. Hontem appareceu uma mulher assassinada, e com as pernas quebradas, dentro de uma caixa de madeira, que deixaram abandonada no caes das Columnas...

O marquez estava como n'um brazeiro ; no intimo da alma tremia, e só devido á sua maravilhosa força de vontade, apresentava apparente tranquillidade.

Comtudo, esteve a ponto de commetter a grande indiscripção de perguntar, se o portador fôra preso ou conhecido ; e para disfarçar o mau estar em que se achava, disse :

— Com essa historia não esclarece vossa mercê nada que nos diga respeito.

— Lá chegaremos ; permitta-me continuar, e depois encontrará a justificação das minhas palavras.

O marquez respondeu apenas com um movimento de adhesão, e permaneceu com o mesmo inalteravel sangue frio.

Ora o juiz, nem por sombras nutria apprehensões de que houvesse cumplicidade por parte do fidalgo ; e quando as tivesse, ficaria desmorteado com a serenidade de animo que elle sustentava.

E, verdade, verdade, o nobre titular possuía todos os dotes que distinguem os preversos, em que o crime constitue n'elles uma segunda natureza. O juiz proseguiu :

— Sr. D. Ignacio, quando tive a honra de dizer a vossa excellencia que alguma coisa tinha de commum com o crime, é porque a victima foi servçal dos senhores marqueses; e até me consta que devia á munificencia d'esta nobre familia a independencia com que vivia...

D. Ignacio fez um gesto de surpresa, e como perfeito comediante, perguntou :

— Mas quem é essa pessoa? Confesso que fiquei agora percebendo menos.

— A victima é Rita da Piedade, que vossa-excellencia devia ter conhecido, pois me asseveram que foi ama de sua excellentissima mana.

— Que diz, senhor juiz? Pois isso é acreditavel? Tem a certeza do que me affiança?

— É como tenho a honra de lhe communicar.

— Pobre mulher! Oh! pelo amor de Deus lhe peço que falle baixo, acrescentou elle com gesto afflictivo, não diga nada a meu pae nem a minha irmã, que muito amavam a malaventurada. Oh! Meu Deus, que desgraça! Mas diga, foi para a roubarem? É natural; e segundo me tinham dito, moravã só, pois nunca quizera pessoa alguma na sua companhia...

E dizendo isto, teve coragem para chorar! As lagrimas correram-lhe abundantes!

Ha caracteres para tudo! Encontram-se de todos os gostos e feitios; é um louvar a Deus...

— Sinto déveras ter dado a vossa excellencia semelhante desgosto, mas os deveres do meu cargo estão acima de todas as conveniencias.

— Por certo; e com que fim porém se commetteria tão hediondo attentado? Ainda me não disse que o movel fôra o roubo, comquanto deprehenda que não podia ser outro.

— Pois engana-se; e é isso que muito intriga a justiça... Ha mais, antes de a matarem deram-lhe a beber opio n'uma chavena de chá; e ha todas as desconfianças de que o covarde assassino era das relações da victima, e que tambem estivera á mesa com ella!

— Ora essa! É realmente singular... tem vossa mercê muita razão; esse crime tem grande celebridade... E porque diz que não foi para a roubarem?

— Porque se lhe achou dinheiro em ouro e prata nas gavetas, e na guarda-louça objectos de bastante valor...

D. Ignacio, convencido de que o magistrado nada desconfiava d'elle, recobrou toda a placidez interior, que tão necessaria lhe era; e com o maior desassombro, perguntou:

— Diga-me porém a razão por que me procurou... porque não foi com certeza tão sómente para me communicar essa irreparavel fatalidade.

— Sim, para lhe pedir, em nome da justiça e da moralidade, que me dê quaesquer esclarecimentos que possam illucidar o processo.

— Que quer vossa mercê que lhe diga? Nada sei, nem tenho meio de saber-o no futuro. E depois do facto que tanto deploro, o que realmente mais me crucia o coração é ter que dar a minha irmã, que estremeço, uma noticia que lhe causará grande abalo.

Fez uma pausa e proseguiu:

— Tive uma idéa; ouça, senhor juiz, vou na sua companhia á intendencia geral da policia e recommendarei as investigações sobre o crime; e para animar os empregados

deposito um premio de quatrocentos mil réis para quem descobrir os criminosos.

—Boa lembrança, senhor marquez. Approvo, e se me dá a honra da sua companhia...

—Ora essa! Com a maxima satisfação.

Um quarto de hora depois mettiam-se na carruagem, e em menos de dez minutos chegaram á intendencia. O marquez foi introduzido no gabinete, mais o juiz, e disse para o intendente:

—Meu amigo, acabo de ser informado por este magistrado de que foi barbaramente assassinada uma pobre mulher, que foi ama de minha nobre irmã. Tenho o maior empenho em descobrir os auctores de tão repugnante e cruel attentado, e deposito nas suas mãos um premio de quatrocentos mil réis, para o empregado que completar as investigações policiaes.

O intendente era um homem pequenito em tudo; e sendo baixo do corpo, não assumia maior altura pela intelligencia. Dependendo do marquez, que o dominava, tendo ordem do primeiro ministro para se entender com elle em tudo, via tão sómente e ouvia pelos seus olhos e ouvidos; se bem que mais de uma vez se insurgisse contra a tutela.

—Meu caro marquez, os empregados d'esta repartição, principiando por mim, estão ás ordens de vossa excellencia. Já sei alguma cousa por um empregado...

—Então que sabe? Que lhe disse? perguntou elle com interesse.

—Ora, parece que foi obra dos illuminados, para se vingarem, ou para prevenirem uma denuncia, disse o intendente esfregando as mãos.

A lembrança d'aquelle tolo vinha a tempo; o marquez pensou e acceitou a idéa depois de reflexionar:

— Se pudesse atirar para elle a responsabilidade do crime... Seria uma carta bem jogada!... Alcançava duplas vantagens; ver-me livre do estafermo da mulher, e desacreditar com mais este odioso do crime os meus mais implacaveis inimigos... era na realidade um golpe de mestre...

Depois d'estes raciocinios, proseguiu em voz alta :

— Ora, meu amigo, vossa excellencia vê em toda a parte os revolucionarios jacobinos...

— Não é tanto assim...

— Bem, fallaremos n'isso mais tarde...

E como não lhe convinha fallar sobre aquelle assumpto na frente do juiz, despediu-se do intendente da policia, sorrindo de uma maneira mephistophelica.

O magistrado tambem se retirou, penhorado pelas maneiras delicadas com que o tratara; e por toda a parte apregooou que o nobre marquez ficara tão contristado com a morte da pobre mulher, que depositara um premio de quatrocentos mil réis para o empregado que descobrisse os seus assassinos...

Esta importante noticia constou em toda a cidade; e o conde de Montalvo vacillou! Fez mais, não acreditou que D. Ignacio tivesse directa ou indirectamente cooperado para o crime.

E para que havia de matar ou mandar matar a pobre mulher? Seria sua inimiga? Poderia porventura prejudicar os seus interesses? Não; e todas estas considerações eram em proveito d'elle.

Todavia não deixaram de vigial-o e de proceder ás mais severas indagações; e á frente de todos achava-se sempre o Casquilho, para vingar sua mãe, que chorava como bom filho!

O marquez, depois de se descartar do juiz, disse com os seus botões:

— Irra, que o maldito beca deu-me o peor bocado que tenho conhecido! Safa! Escapar incolume a tudo isto, corresponde a ficar jubilado... Ora desejava ver o sr. fr. Leonardo n'estes assados, entre a espada e a parede, para apreciar o que vale a sua coragem, a tempera d'esse espirito, aninhado n'aquelle volumoso corpo, que mais parece um barril de atum... Hei de contar-lhe tudo, para se costumar a reconhecer a força do meu genio... Ha de acabar por se moldar á minha vontade e aceitar a superioridade d'esta intelligencia bastante experimentada.

D. Ignacio chegou a casa, entrou no gabinete e tocou uma campainha; um creado appareceu.

— Pergunta se posso fallar a minha irmã.

O creado cumprimentou-o e momentos depois voltou dizendo:

— A excellentissima sr.^a D. Beatriz manda dizer que o espera.

Tres minutos depois entrava no gabinete de trabalho da oven, verdadeiro ninho de uma fada encantadora.

D. Beatriz fizera notavel mudança em poucos mezes, especialmente depois da morte de sua mãe.

A sua esplendida formosura nada porém tinha diminuido; ao contrario, a melancolia que lhe transparecia na physionomia, imprimia-lhe uma belleza poetica, que se não era ridente, deslumbrante como os mais bellos sorrisos da infancia, assimilhava-se aos sonhos do amor.

— Dá licença, querida Beatriz?

— Póde entrar, mano, respondeu ella, levantando-se para receber a vibora.

D. Ignacio pozera a mascara da hypocrisia; arranjara na

physionomia deslavada os traços de uma profunda afflicção.

A joven cravou n'elle os seus grandes olhos e ficou admirada; reconheçêra que seu irmão vinha possuido de uma grande tristeza.

De ha muito olvidara as prevenções que contra o seu character concebêra, devido tão sómente aos desvelos e ao carinhoso affecto que lhe dispensava, e perguntou :

— Que tem? Vejo que soffre... Que lhe succedeu? Ao senhor marquez nosso pae aconteceu algum mal? Está mais incommodado?

— Não é nada d'isso, querida irmã; felizmente o estado de saude do senhor marquez, se não tem melhorado, tambem não peorou; todavia sinto deveras, crucia-me o espirito a idéa de magoal-a com a fatal noticia que vou dar-lhe.

A joven amava com todas as forças da sua alma D. Alvaro; um pensamento lhe veio, e tremeu instinctivamente. D. Ignacio olhava para ella, como o milhafre para a pobre avesinha que lhe foge aterrada.

D. Beatriz perguntou com voz fremente :

— Diga, mano, o estado de duvida é insupportavel. Que succedeu de extraordinario?

— Uma grande desgraça...

— A quem?

— Á sua ama...

— Oh, meu Deus, que foi? Diga, bem sabe que a estremeço como se fosse minha mãe.

O marquez respondeu friamente :

— Pois saiba que foi assassinada...

— Que diz? Como sabe isso?!

As lagrimas rebentaram-lhe dos olhos; e com o peito ofegante proseguir.

— Infeliz ! não fazia mal a pessoa alguma, tinha um coração de ouro e uma alma piedosa. Mas com que fim a mataram ? Como succedeu essa grande desgraça ?

D. Ignacio, sempre inalteravel, contou-lhe com admiravel cynismo quanto os leitores sabem. Sua irmã horrorisada, fremente, disse-lhe :

— Basta, não prosiga, não posso mais; essa noticia causa-me horror... Mano, desculpe a minha dôr; falta-me o animo, não tenho coragem para ouvi-lo.

O fidalgo comprimimentou-a e disse-lhe :

— É louvavel a grande afflicção que revela; é mais uma prova dos seus nobres sentimentos...

E revelando uma dôr cruciante na fronte e com o inferno na alma, saiu, dizendo comsigo :

— Tenho desempenhado o meu papel de uma maneira sublime... Estou satisfeito commigo...

Uma hora depois escrevia tranquillo, á sua carteira, uma participação assignada por fr. Leonardo, dizendo ao intendente da policia que, sob sygillo de confissão, pessoa auctorisada lhe declarára que tinha visto nas avenidas da casa onde residira a finada, dois homens suspeitos, que conferenciaram com um terceiro, que lhes dissera :

— Em nome da ordem e da sua salvação que periga, essa mulher deve hoje deixar de existir.

Depois acrescentara :

— Não posso dizer mais nada, por não me ser permittido quebrar o segredo da confissão; cumpre-me todavia declarar a vossa excellencia que os criminosos, procurem-n'os entre a seita maldita dos *franco-maçons*.

O Marquez, depois de ler e fazer as ultimas correccões, viu de uma maneira mephistophelica e disse :

— Ora veremos a cara que faz aquelle querido fr. Leo-

nardo! Não ha de gostar de o ter mettido n'este negocio... tenha paciencia, cem mil crusados não se ganham apenas dando bons conselhos; é preciso mais...

Assignou a denuncia imitando a letra do frade, fechou-a e metteu-a na algibeira.

CAPITULO XX

A moral de um frade

Dissemos que fr. Leonardo e D. Ignacio resolveram provocar D. Alvaro e D. Beatriz, para que faltassem aos deveres da honestidade, atirando assim comsigo para a voragem do crime, ou para o lodaçal da infamia.

Fr. Leonardo não descurou a sua missão; e desde esse dia principiou a ser mais assiduo em casa do conde de Montalvo.

Mostrava-se-lhe solícito; e a D. Alvaro uma grande estima, dispensando grandes encomios á sua intelligencia e dedicação pelo estudo.

— É um portento este querido mancebo, dizia elle para seu avô, que não morria de amores pelo frade. Seu neto, proseguia o infame, ha de fazer honra á marinha portugueza; e pena é se não fizer um casamento rico, digno d'elle e da sua illustre familia.

D. Alvaro, não tendo a experiencia de seu avô, mostrava-se amigo de fr. Leonardo; e como sempre lhe ouvia te-

cer grandes elogios a D. Beatriz, deixava-se arrastar pelas suas palavras.

Uma tarde o joven passeava no jardim; o frade foi ao seu encontro e disse-lhe :

— Não gosto de vel-o triste, meu amigo; é improprio da sua idade. Que tem? Falle com franqueza; creia que o estimo; e pedindo-lhe que me faça seu confidente, acredite que não é uma simples curiosidade que me leva a fallar-lhe assim.

— Muito agradecido, fr. Leonardo, mas não tenho cousa alguma que me incommode.

— Ora vamos, seja franco com os seus amigos; a reserva na sua idade não assenta bem.

Ô joven olhou fixamente para elle e desejou ler-lhe na fronte as intenções; n'aquellas feições, porém, irregulares e até bastante repugnantes, não transparecia nunca um pensamento, uma idéa qualquer.

Fr. Leonardo sorria-lhe sempre de uma maneira bonacheirona, sem todavia se denunciar.

— E então, meu amigo, para que usa d'essa armadura coriacea? Acredita que não sei a causa da sua melancolia? Pois está completamente enganado...

D. Alvaro não se mostrou surpreso e respondeu :

— Ora essa, então se não ignora, por que motivo pergunta?

— Para violental-o a declarar-se com um pobre frade que o estremece... e a mais alguém...

Ainda d'esta vez não apanhou uma palavra de confidencia; o mancebo retraia-se e mostrava-se pouco expansivo; não porque suspeitasse d'elle, mas por hábito, e pela maneira pouco lisongeira por que seu avô fallava a seu respeito.

— Pois meu joven fidalgo, como teima em não dizer a causa dos seus dissabores, sou eu que lh'a declaro, pelo interesse que me inspira... Promette ser franco commigo? Acredite que com isso nada perde; tenho vasta experiencia do mundo, disponho de alguma auctoridade e não pouca influencia; já vê que lhe posso ser util...

— Diga, fr. Leonardo, e creia que sou incapaz de mentir.

— Agrada-me a resposta, respondeu, olhando de soslaio para elle. Fez uma pausa e proseguiu encarando-o fixamente:

— Meu amigo, sei que ama com estremecido affecto uma formosa joven, muito rica, e da mais alta nobreza... Será isto verdade?

— É, respondeu laconicamente o mancebo.

— Ora, o senhor não duvida do seu amor, mas não se anima a pensar na realidade de um sonho idílio... Acer-tei mais uma vez?

— Não digo que não.

— Pois faz mal em se entristecer por tão pouco... Na sua idade não vale a pena; tem um largo futuro, e um bello horisonte a despontar... A sua ventura, na minha opinião, é questão de mais anno ou menos anno, se bem que...

O fidalgo duvidava e acreditava n'aquelle homem, e um presentimento lhe dizia que o ouvisse e attendesse; e para definir o estado em que se achava, perguntou:

— Diga-me, sr. fr. Leonardo, que intenções o movem para provocar estas explicações?

— Prestar-lhe um serviço; franqueza da sua e da minha parte, é em todo o caso o necessario. Vossa excellencia ama a sua linda prima, é amado, mas o marquez velho

nunca consentirá no seu casamento ; quer fazel-a condessa, e o escolhido é seu irmão...

A esta descarga á queima-roupa, o joven deu um pulo na cadeira ; tremeu como se fosse atacado de um insulto intermittente ; cobriu-se de pallidez mortal, e perguntou com voz estrangulada pela dôr cruciante que o feria :

— Meu amigo, peço-lhe em nome de Deus, que me diga se isso é verdade ! Que razões tem para asseverar isso ?

O frade sorriu de uma maneira diabolica, e disse para o demonio seu particular amigo :

— Ah ! ora até que deixaste de ser reservado ! custou mas arranquei-te ás idéas prudenciaes, que o velho raposão te aconselha...

Depois proseguiu em voz alta :

— Não desejo esphacellar o seu juvenil coração, não tenho por fim roubar-o ás dôces illusões em que tem fundado a sua ventura, mas a verdade acima de tudo... Sim, o proprio marquez m'o declarou ; acrescentando que sua filha nunca ha de casar com um filho segundo.

— Maldita e bastarda é semelhante instituição ; mas eu por não ter a primogenitura, deixo de ser tão nobre como meu irmão ?

— Não é titular ; e o marquez não dispensa essa circumstancia para sua filha.

— Meu irmão, porém, nunca fará a felicidade de Beatriz.

— Não duvido, todavia dá-lhe o direito de andar em caruagem com uma corôa de conde...

— Meu irmão é um idiota.

— Por isso mesmo deve ser excellentes marido...

— É mau ; e o seu espirito, alem de pouco lucido, é incapaz de comprehender um sentimento nobre...

— Ora, o marquez não pensa n'essas cousas.

— Mas Beatriz considerar-se-ha desgraçada para toda a sua vida. Amo-a com estremecido affecto e sou correspondido. Já nos declarámos, e jurámos eterna lealdade para a vida e para a morte.

— Tudo isso é muito bonito, meu amigo, mas se não usar de outros meios, acredite no que lhe digo, sua prima ha de ser sua cunhada.

O mancebo estremeceu, nos olhos fuzilou-lhe um fogo, que bem demonstrava o effeito d'aquellas palavras. E no fogo sinistro irradiado pelas suas ardentes pupillas, lia-se uma raiva concentrada, percursora de uma violenta tempestade.

O frade tinha condusido maravilhosamente as suas insidiosas insinuações.

— Fr. Leonardo, disse elle levantando-se com impeto, não sei o que sinto em mim, ignoro se estou louco, ou no perfeito uso das minhas faculdades, o que porém lhe affianço, é que no dia em que se dêr similhante monstruosidade, terá de resar pelo meu repouso eterno.

— Que lembrança! Que lucrava com isso? Alem de não obstar ao casamento, compromettia a sua salvação eterna. . . Eu reprovo essa idéa, como amigo, como homem, e como religioso. . . Ouça o que lhe vou dizer, e tome nota das minhas palavras. . . Está resolvido a guardar segredo sobre o que lhe vou confiar?

— Juro-lhe que a pessoa alguma direi o que me disser.

— Muito bem; e para lhe dar uma exuberante prova do muito que o estimo, não duvido dizer-lhe o que ainda não disse a ninguém.

Fez uma pausa, olhou fixamente para o joven, que pare-

cia esperar as predicções syblicas da velha antiguidade, e proseguiu :

— Meu amigo, Deus na sua omnipotencia, santifica muitos actos, que os declamadores com a sua moral estafada condemnam ! Não tanto porém, por virtude, por orgulho e conveniencia ; e os homens com os seus preconceitos, fizeram da sociedade um acervo de ridicularias. Em nome de uma vaidade que não passa de mero capricho, sacrificam o bom e o bello ante um idealismo estulto ; e em vez de procurarem a ventura, caminham n'um circulo vicioso, correndo ao encontro de uma chimera... E fazem tudo isto, porque ? Será por amor á santidade dos principios ? Qual historia, meu amigo : é para não atropellarem os prejuizos das suas raças patricias ; e em nome de uma honra que desconhecem, tornam-se implacaveis e intransigentes. Todavia, na minha opinião, o homem mais distincto e mais heroe, é o que sabe affrontar os preconceitos sociaes...

— Mas que pretende dizer-me ? Acredite que não alcanço o ponto que alveja, estabelecendo uma doutrina que para mim é nova...

— Pois creia que é velha ; e tudo que se disser em contrario, alem de ser novo, pecca por falta de razão e de realismo. Ouça, convença-se do que lhe vou dizer, e consubstanciando-se n'estes principios, aceite-os como veridicos, porque tudo o mais não passa de uma peta, mais ridicula de que seria : — Se o senhor não procurar os meios de evitar esse casamento, que fará a desventura de D. Beatriz e a sua, será inevitavel a realisação d'esse enlace.

— Mas como hei de alcançar isso ? De que meios posso eu dispor ? perguntou o malfadado rapaz.

— Ha pouco disse-lhe que Deus santificava actos que as leis dos homens mais de uma vez condemnam, e vou ci-

tar-lhe um exemplo: — Jacob enganou seu pae á hora da morte, e roubou a seu irmão o direito da primogenitura! Ora diga, qualquer tribunal de hoje não o condemnaria pelo crime de burla? Pois Deus escolheu esse homem para ser o tronco de onde brotaram doze vergonteas, que constituíram um povo, que por muitos seculos foi seu dilecto...

— Mas fr. Leonardo, eu é que não posso roubar o direito de primogenitura a meu irmão, nem nunca tal faria...

— Eu não lhe disse o que pôde ou deverá fazer, lembro-lhe que Beatriz morrerá, e o senhor não poderá salvar a... Ainda porém não conclui: — Se não é possível aniquilar esses direitos, pôde supprimir quem os possue...

O joven estremeceu; aquelle homem aconselhava-lhe indirectamente um grande crime... Mas o seu amor por Beatriz? Que faria da sua ventura, e do futuro abençoado que sonhára? Como pensar na possibilidade de vel-a esposa de outrem.

Todavia o seu coração repellia uma idéa, que só em pensal-a se horrorisava.

Que lhe cumpria fazer? votal-a ao desprezo, e olhar com prevenção para o miseravel que pretendia inocular-lhe pensamentos mais que bastardos.

É certo, porém, que lhe fallava em nome do seu amor, amor que seria prejudicado, aniquilado, em beneficio de outrem!

Passou-lhe pela vista uma densa nuvem! Sentiu-se fascinado, attraído por aquellas idéas malditas! Mas um genio bemfazejo lhe segredou aos ouvidos:

— Acautela-te! Não te lances nos braços do crime; perdes a reputação e a mulher que estremeces...

Ergueu a fronte. Fr. Leonardo fixava-o com attenção, e com o seu diabolico sorriso.

— Padre, se me não engano, aconselhou-me ha pouco um crime monstruoso...

— Eu! Em que! Ora não seja creança, está muito verde, não comprehende o mundo como é... Ainda acredita nas suas instituições absurdas?... Ouça, vou citar-lhe mais alguns factos da Escriptura: — Quando Deus castigou as cidades peccadoras de Sedoma e Gomorra, Loth offereceu as suas filhas aos lubricos incorrigiveis, para salvar os anjos... — No livro do levita, lê-se que quando este entrou na cidade da Gabãa, teve que entregar a esposa estremecida para escapar aos benjamitas. — Mais ainda, Abrahão, pae dos crentes, no Egypto, fez constar que sua esposa Sara, muito formosa, era sua irmã, na intenção de que os reis se namorassem d'ella, e lhe offerecessem ouro e alfaias... — Ora ahí tem tres factos que os nossos moralistas condemnariam, e que todavia não foram considerados criminosos aos olhos de Deus. — Acredite, meu amigo, que para os grandes males, crearam-se os grandes remedios... Deus assim o entende, e assim resolve; e por isso a sua logica divina, da maxima sublimidade, não é para ser confrontada com a philosophia humana... — Em conclusão, proseguir o infame, mais temivel de que a serpente maldita, se não quizer deliberar de uma maneira incisiva e radical, deixe caminhar o tempo na sua immutabilidade, e aguarde a solução logica dos factos. — Espere, agarre-se aos prejuizos, que verá caminhar para o altar na companhia de seu irmão, a sua formosa prima! E depois de ser facto consummado, tudo que fizer é tarde...

O mancebo estava febricitante, com os olhos sem mobi-

lidade, e de um semelhante estado, á loucura e ao crime, não medeava grande distancia.

As ultimas palavras do frade soavam-lhe lugubres, terribes, como o estertor que anniquila a existencia do moribundo.

— Basta, fr. Leonardo! Nunca consentirei em semelhante enlace. . . Deus é testemunha que lucto contra a fatalidade que me persegue. . .

— Qual historia, não se trata de o fazer desgraçado; o meu fim é assegurar-lhe a ventura. . . Precipite os acontecimentos, procure os meios de ser feliz, que o casamento não se fará esperar. Adeus, meu amigo, são horas de regressar ao convento, não esqueça os meus conselhos; e se não lhe convierem, arrange quem melhor o dirija nas suas aspirações.

Despediu-se para deixal-o entregue aos seus pensamentos, mas voltando, tornou a cravar n'elle vista acerada, e disse-lhe:

— Medite nos exemplos do exodo que lhe citei, e lembro-lhe que a mulher é sempre requestada, quando é formosa; e tanto assim é, que até os anjos já se namoraram das filhas dos homens, para lhe gerarem gigantes. . . Tome nota do que lhe digo, não olvide, que a justiça e o direito estão da sua parte. . .

Saiu, e deixou o pobre do mancebo com a cabeça em fogo e o coração esphacelado. O malaventurado passou por uma crise medonha.

A idéa de ver Beatriz casada com seu irmão, imprimia-lhe no espirito uma dôr cruciante. E elle que nunca nutrira um pensamento mau, affluíam-lhe ao cerebro idéas criminosas!

Desvairado, febricitante, ainda lhe soavam as palavras do frade! Abalavam-lhe a razão, e dizia comsigo:

— E se fr. Leonardo tem razão no que diz? Se a logica de Deus é mui differente da dos homens? Se não condemnar qualquer desforço que fizer, para salvar a ventura da minha vida? Pois a felicidade não pertencerá a todos? Não será um principio de eterna justiça? Com que direito ha de meu irmão roubar-me a mulher que estremeço, que é minha, que conquistei com o meu amor e abnegação? Ah! que me sinto morrer! Conheço que a razão está da minha parte! Nunca, nunca esse idiota, mais mau de que tolo, chamará a Beatriz sua esposa... E porque? Porque o acaso o fez nascer primeiro de que eu? Que vantagem lhe pertence por isto? Estou decidido, não permitirei semelhante monstruosidade, hei de oppor-me com todas as forças da minha alma, appellarei para os meios legais; e se forem deficientes, lançarei mão da violencia...

O joven guardou silencio por alguns momentos; o seu estado era deploravel. Um pensamento lhe veio e o fez estremecer.

Se tudo aquillo não passava de uma mentira grosseira? O frade, na opinião de seu avô, tinha má indole; e citando-lhe algumas passagens da Escriptura, não podia torcer-lhe a sua mais correcta interpretação?

Absorto, sem atinar com uma idéa que lhe dêsse a luz, e o guiasse pelo melhor caminho, ouviu uma voz harmoniosa que lhe dizia:

— Que tens, meu querido Alvaro? Soffres? Tu estás necessariamente doente... Que pallidez medonha... Não me respondes? Falla, é a tua irmã, a tua Sophia, que tanto te estima...

O joven despertou como de um sonho maldito, olhou para sua irmã, e ao ver aquelle rosto de belleza deslumbrante, e o seu sorriso encantador, sentiu-se alliviado!

Pareceu-lhe que a razão lhe voltava, e que o seu espirito desligado da influencia pernicioza que n'elle imprimira a eloquencia do frade, voara para a santidade dos principios. Deu um gemido plangente, e grossas lagrimas lhe rebentaram dos olhos.

— Porque choras? Dize, não sejas reservado; com isso não adiantas nada. Lembra-te das palavras do nosso avô, que sempre nos aconselha franqueza e lealdade, como essenciaes aos preceitos da honra.

— Não tenho nada, minha querida Sophia, soffro, mas não sei a razão.

— Não acredito isso; tens com certesa grande dissabor que te preoccupa...

A joven olhou para elle fixamente, e perguntou:

— Não estiveste com fr. Leonardo? Tu não estavas n'esse estado antes de lhe fallar...

— Sim, estive com elle, e conversámos sobre differentes cousas.

— Mas que cousas foram essas, para te deixarem n'essa deploravel situação?

— Não te posso dizer; o que com elle passei não o direi a pessoa alguma.

— Faz o que quizeres; lembro-te, porém, que por muita confiança que te inspire esse religioso, não deve ser superior á que devemos ao avô, que nos tem servido de pae, e tanto nos estremece.

Retirou-se, levando uma idéa que não pouco lhe atrofiava o coração. A joven duvidava e não acreditava no frade; e senão o aborrecia, não lhe tinha afeição.

Deixemos por emquanto o malaventurado moço entregue ao desespero, e sob a influencia malefica das doutrinas que fr. Leonardo lhe prégara, e vejamos o que se passava a

estas horas na mesma casa, entre o conde de Montalvo e Ricardo Casquilho.

Ora o José da Neta depois de se ver milagrosamente salvo das unhas da justiça, agradeceu ao capitão Francisco Pinto a sua valiosa protecção ; e como bom amigo, rodou sobre os calcanhares, na intenção de procurar o Casquilho, a fim de o prevenir da desgraça que o ferira.

Foi a casa, procurou-o primeira, segunda e terceira vez, até que á noite o encontrou.

Entrou-lhe como uma bomba em casa, e disse-lhe :

— Ora até que te achei, é a quarta vez que venho aqui.

— Mas que me queres para tamanho interesse ?

— Homem, respondeu o rapaz tristemente, sinto realmente dar-te uma noticia que muito te vae affligir.

— Que é ? Dize ; a cousa não será tão feia como a morte.

— Pois é peor de que isso, porque tua mãe morreu !

O rapaz levantou-se com impeto medonho, e perguntou com inexcédível afflicção :

— Minha mãe morreu ? Oh ! desgraçado de mim, que não estava ao seu lado . . . Mas como soubeste isso ?

O rapaz não atinava com a maneira por que lhe havia de contar a verdade dos acontecimentos ; cobrou todavia animo e disse-lhe :

— Ricardo, somos amigos desde a infancia, e amava tua mãe como se fosse minha. Animo, tem coragem, e a verdade é necessaria sempre : tua boa e santa mãe foi assassinada !

Ricardo levou as mãos á cabeça, como desejando segurar a, redusido á condição de uma estatua, olhava desvaído para o seu amigo, que chorava.

O malaventurado moço não pôde resistir a tamanha dôr e caiu fulminado.

Acudiram-lhe, e só horas depois é que voltou a si; e foi então que o José da Neta lhe contou circunstanciadamente toda a deploravel historia do mysterioso crime.

No dia immediato, pallido, cadaverico, apresentou-se em casa do conde de Montalvo, que já não ignorava a fatal morte d'aquella que tanto amava.

Entrou no gabinete do fidalgo, e disse-lhe:

— Senhor conde, assassinaram minha mãe, mas o covarde, o vil, cobriu-se com o manto do mysterio, eu, porém, hei de vingar-me d'aquelle que lhe arrancou a vida.

— Tens razão, meu filho, e deploro um facto que não tem reparação. Soffro contigo, compartilho a tua dôr, mas como has de vingal-a? Aonde está o mysterioso assassino?

— Não sei, respondeu elle suffocado pelos soluços, mas hei de sabel-o. Não ha difficuldades que se não vençam, quando um filho deseja encontrar os assassinos que o reduziram á orphandade, á dôr, á desesperação.

— Que tencionas fazer? De que meios dispões, para levantar o véu mysterioso que véla o crime? Ouve, proseguiu o nobre ancião, deixa correr o tempo, aguarda a successão logica dos factos; previne-te, que ainda é possível realisares o teu pensamento.

— Senhor conde, tenho uma idéa, não digo bem, é um pensamento fixo que não me tem abandonado.

— Pois falla, declara-me o que pensas e veremos.

— O assassino de minha mãe, é o marquez de S. Mauricio...

O conde fitou o bom do rapaz, e perguntou:

— Porque dizes isso?

— Mais tarde lhe direi as razões em que me fundo, para pensar por esta maneira; acredite, senhor conde, que n'aquelle homem reside a origem d'este grande crime.

O fidalgo pensou reflectidamente, e respondeu :

— Desejo ouvir-te, depois se as tuas apprehensões combinarem...

— Não de combinar, senhor conde, respondeu elle, tratando no seu bemfettor vista acerada.

— Falla, já te disse que desejo ouvir a tua opinião.

— Pois visto que o ordena, digo-lhe que se D. Ignacio não foi o assassino, foi elle que dirigiu o crime. Minha mãe não foi morta para a roubarem, e antes de a terem apunhalado, deram-lhe opio, para não sentir a morte... Ora que significa isto? Que o malvado não é um homem vulgar, e que o seu fim foi evitar a lucta.

— Pois sim; e se bem que os teus raciocínios sejam judiciosos, que interesse teria D. Ignacio em commetter aquelle assassinato?

— Minha mãe esteve ultimamente cinco ou seis dias em casa do marquez, e ficou lá de noite. Para nós é ponto averiguado, que elle cobiça a fortuna da menina Beatriz; e quem me assevera que tendo ella ouvido alguma coisa que não convinha que fosse divulgada, lhe taparam a boca por aquelle meio! Vossa excellencia não ignora que minha mãe tinha pela menina Beatriz o affecto estremecido que muitas mães desconhecem. Ora não acha isto possível?

— Contoante, no entretanto o tempo o dirá; se bem que me inclino a que tenhas razão. E tens vigiado a casa do marquez? Não me disseste que tinhas fallado com um tal Martinho Cabeça, quando saía de casa de D. Ignacio?

— O Martinho é um soffrivel espião, mas bebado incor-

rigível, e o marquez é muito esperto para entregar segredos d'aquelles a um homem que se embriaga.

— Dada essa circumstancia, se fizesse o contrario seria tolo.

O Casquilho principiou a roer nas unhas, e redarguiu :

— Vou contar-lhe tudo, para que vossa excellencia reconheça que não trato as cousas de salto. — Ha tres dias, seriam nove horas da noite, vi sair do palacio um individuo embuçado n'um amplo capote ; não lhe pude ver a cara, mas pela altura e modo de andar, ia jurar que era D. Ignacio. Ora dizem que o cadaver de minha mãe, quando appareceu na caixa, tinha visiveis signaes de que estava morta ha tres dias, e antes de hontem, vespera do dia que se descobriu o crime, vi sair o marquez a pé, pouco depois do sol posto... Vossa excellencia tire agora as consequencias do que lhe disse.

O conde guardou silencio, e depois de reflexionar sobre o caso, respondeu findos alguns minutos :

— Creio que tens razão ; e perante a minha consciencia, tambem o accuso d'esse crime. A tua mãe foi com certeza assassinada, para não divulgar algum segredo que por fatalidade devassou. Estaremos porém ambos enganados ? O tempo o dirá... Reserva-te, não manifestes os teus pensamentos, nem a tua mulher ; redobra de sagacidade, e segue esse homem de dia e de noite. Eu já não sei onde irá o malvado para chegar aos seus fins, mais esse frade cheio de vicios e de torpezas...

— Pois senhor conde, affianço-lhe que, ou hei de descobrir os assassinos de minha mãe, ou deixarei de me chamar Ricardo Casquilho.

CAPITULO XXI

Aniceto Parreira

Vamos fallar do sr. Aniceto Parreira que deixámos em Coimbra, depois de ter dado caça a um excommungado pedreiro-livre, que os estudantes salvaram.

Ora elle mostrava-se, como sempre, empregado zeloso, e dissiera adeus aos seus antigos conhecimentos; e fazendo-lhe uma barretada de longe, sumira-se e passou com armas e bagagens para o campo contrario.

E porque procedera assim, tendo-se mostrado indulgente, e até amigo dos estudantes, que n'aquella noite fatal, findo em procura do seu amigo, depararam com um cadaver?

O nome dos auctores d'aquella morte, não lhe era estranho, e elle bem sabia que fôra D. Bonifacio e um dos seus companheiros. E porque commetteram aquelle crime? Para salvarem D. Raymundo da cilada que D. Ignacio lhe armou, e a Maria Rachel que magistralmente a desempenhou.

Porque não os denunciou e guardou rigoroso silencio? Para não faltar aos seus juramentos. Logo era um homem de bem.

Porque modificára as suas intenções, e se apresentava como campeão devotado dos perseguidores dos seus antigos amigos?

Porque as suas conveniencias, movel de todas as cousas, o chamavam para aquella campo; e vamos contar aos leitores como teve logar aquella transformação:

Um bello dia, o sr. Aniceto Parreira, foi chamado a casa do seu chefe, que lhe disse com o sorriso nos labios:

— Mestre Aniceto, saberá que as suas virtudes civicas, dedicação e intelligencia, recommendadas por mim, fizeram ecco em Lisboa, e o senhor intendente geral da policia, ordenou que marche para aquella cidade, a fim de ser empregado na policia, onde prestará relevantes serviços ao throno e ao altar.

O homem esteve a ponto de dar um pulo, conteve-se, porém, e respondeu modestamente:

— Sou um indigno vassallo, mas dedicado a sua alteza real. Não tenho merecimentos para me darem tamanha consideração, se bem que como catholico fervoroso, hei de fazer o possivel para não desmentir os meus superiores.

— Qual historia, vossa mercê ha de fazer muito; e emquanto não parte para Lisboa, dê caça a uns bufarinheiros ou musicos que por ahí apparecem; saiba que são os mesmos que já perseguimos, e que os senhores estudantes tiveram a audacia de proteger... Mas nada podemos com os taes meninos, porque vem logo o bispo reitor com reclamações, em nome dos seus fóros academicos, que o diabo leve.

— Fique certo que não os deixarei descansados.

— Vá, bom homem, você chorou na barriga da mãe, tem a sua fortuna feita, sou eu que lh'o digo. Vae ganhar rios de dinheiro, porque na capital é que sabem recompensar os bons serviços. Isto, cá na provincia, não passa de uma piolheira.

O Aniceto estava como n'um brazeiro, e assim que saiu de casa do chefe, partiu da cidade, a fim de se entregar pacificamente ás locubrações do seu espirito.

D'um lado tinha os seus juramentos e compromissos sagrados, do outro a fortuna a sorrir-lhe, a convidal-o para que a seguisse.

Que faria entre os dois principios que se lhe apresentavam? Renegar o primeiro, ou repellar o segundo?

Que lhe tinham feito os seus amigos? Pouco, mas o sufficiente para obrigar-o pela gratidão, pois quando quebrou, sendo negociante, abriram uma subscrição para lhe pagarem as dividas, e emquanto não arranjou emprego, suppriram-n'o, e nada lhe faltou e a sua mulher.

Com que cara havia de apparecer-lhes? Faltava-lhe a coragem de renegar os homens que o estimavam, e sempre lhe deram as mais brilhantes provas de solicitude.

Mas o seu futuro? E os proventos que podia auferir?

Esta lembrança sorria lhe como uma seductora miragem, atraia-lhe o espirito, seduzia-lhe a imaginação, e atirava com elle para a voragem da ignominia, onde vão acabar todos os traidores...

Quasi louco, sem atinar com uma idéa que lhe indicasse um caminho seguro, uma voz por vezes lhe segredava aos ouvidos:

— Não sejas prejuizo, nem ingrato! Se atraçoas os teus juramentos, se vendes os teus bemfeitores, como Judas o Divino Mestre, serás maldito como elle; e se te não inforcares ás vinte e quatro horas, é porque a tua consciencia ainda é menos melindrosa...

Outra voz porém lhe bradava:

— Atira para o vento com os preconceitos! Lembra-te que mal tens para comer, que vives na indigencia, e en-

geitar a fortuna nas tuas circumstancias, é uma estulticia sem exemplo.

Com a cabeça em fogo, ardendo em febre, correu para casa, metten-se na cama, e com a cabeça debaixo da roupa, pediu a Deus que o matasse.

Ora a esposa do Aniceto, era uma boa alma, temente a Deus, mas dotada de uma rasão clara; e por isso, a respeito de patranhas, é cousa em que não acreditava; e se não era um espirito forte, estava longe de ser visionaria.

Intrigada com o estado do marido, se fosse mais moço teria idéas ciumentas, e então a cousa mudava de figura, porque a cara metade, ou metade cara, não transigia com as infidelidades conjugaes.

Mas o Aniceto era a este respeito exemplar, um santo varão, que supportava as durezas do matrimonio com admiravel paciencia.

— Que tens, meu amigo? perguntou a esposa com solidude.

Não lhe respondeu, estava a chorar o pobre do homem...

Dizem porém os pragueiros, que as lagrimas que não são de mulher, são sorrisos do inferno, e não sabemos-se o pranto do Aniceto teria identico valor.

A esposa insistiu na pergunta, e tanto instou, que lhe contou tudo, ficando mais alliviado.

— Sabes que te digo, meu pequeno, que acima de tudo estão os preceitos da honra; e já que a fatalidade atirou contigo para a vida de aguasil, basta que o sejas por fóra, por dentro, continúa a ser o que foste.

— Oh! mulher, e o nosso futuro e o d'esse pequeno?

— O rapaz que herde a pobreza, mas não a infamia...

— Tens razão, mas com os exíguos rendimentos que temos, não podemos dar-lhe educação.

— Será o que Deus quizer; e fica sabendo que no dinheiro que fôr o preço da traição, não é a filha de meu pae que lhe pega.

— Tu és uma mulher virtuosa; tens muito juizo. Ouve, tive uma lembrança que vou declarar-te: — Eu posso aceitar, sem faltar aos meus juramentos; e sempre que se tratar de dar caça aos ladrões e assassinos, trabalho; quando me mandarem perseguir os nossos amigos, digo que não vi nada...

A mulher ouviu, não lhe cortou a eloquencia, e depois de concluir, disse-lhe:

— Não me desagrada a tua idéa, porque enfim a policia fez-se para proteger a sociedade, para castigo dos criminosos, e não para opprimir os pacificos cidadãos, porque pensam de diferentes maneiras.... Ouve o que te digo: — O propheta Isaías, teve um filho de uma prophetisa, que se chamou Maher Shaałasbas, e o Senhor ordenou-lhe que corresse ao saque de Damasco... Ora parece-me, que cumprindo fielmente o teu dever no que fôr justo, não faltas aos preceitos da religião e da honra.

Orá, por isto, já os leitores avaliam que a digna esposa do Aniceto era uma doutora, e que vivendo em Coimbra, sem entrar na universidade, não aproveitara menos de que alguns talentos que para ali fervilham.

O Aniceto mais animado com as palavras da esposa, congratulou-se pela escolha que fizera, e pensou seriamente na melhor maneira de cumprir os deveres da amizade, sem faltar aos preceitos da lealdade.

Se lhe pagassem para perseguir os pedreiros livres, acceptaria o dinheiro que era bom, e para se penitenciar d'a

quelle peccadilho policial, faria uma caçada aos tratantes, aos ladrões e assassinos, com zelo piedoso.

E para salvar as apparencias, principiou por correr atrás de D. Bonifacio, que procurou em casa dos estudantes, convencido que não o encontrava lá.

Este facto produziu, todavia, má impressão; e como se afastou dos seus amigos, e constou que ia para Lisboa servir na intendencia, foi accusado por traidor.

O seu nome foi riscado, depois de ter sido convidado para explicar o seu procedimento; e como não appareceu, nem se justificou, não duvidaram da sua deslealdade.

Um mez depois escarranchava-se n'um macho, e na companhia de um valentão que fôra sargento-mór, tomou a estrada de Lisboa.

Ora no dia que o frade tivera com D. Alvaro a celebre conversação que consta do capitulo findo, e enquanto o Ricardo Casquilho desabafava com o conde de Montalvo a magua que o atrophiava pela irreparavel perda da sua mãe, entravam pelas portas de Arroios dois figurões, que despertavam as attensões das pessoas que os viam.

E se os leitores desejam saber quem eram, dizemos-lhe que eram o sr. Aniceto Parreira e o seu estimavel compadre Fabião Gonçalves, que fôra em tempo sargento-mór de ordenanças.

Mestre Aniceto montava n'um macho, bastante orelhudo e falto de pello, porque sobre o pacifico quadrupede, tinham passado um bom par de janeiros.

O bom do aguasil, patriota por dentro, e empregado da policia por fóra, envergava uma vestia parda, uns calções da mesma côr, sapatos sem fivella, e na cabeça trazia empoleirado um chapellinho tricornio enfeitado com uma pluma de côr duvidosa.



Os homens da Cruz Vermelha

Typ. — Rua da Atalaya, 40 a 52.

O sr. Aniceto Parreira e o seu compadre Fabião Gonçalves

Batia com os calcanhares na barriga do bicho para o fazer andar mais depressa; elle, porém, não se dava por entendido, e proseguia no mesmo passo.

Ao seu lado caminhava o compadre Fabião; um homem alto, espaduado, de grandes bigodes retorcidos, que lhe davam um aspecto de mata-mouros. O seu traje era um pouco original.

Vestia uma especie de farda agaluada, que punha em duvida a sua origem; e quem o visse julgava-o soldado por dentro, e laçao por fóra. Uns calções de anta, muito sujos, um chapéu armado sem cairel, e uma formidável catana, completavam a farpella e os adornos d'este figuração.

Montava n'um pileque felpudo, escanzellado, que quando chouteava trocava as pernitas, e mettia o focinho entre as mãos.

Depois de transporem as portas, desceram pela rua Direita de Arroios, Santa Barbara, rua Direita dos Anjos, do Bem Formoso, Mouraria, e desembocaram no largo de S. Domingos.

Mestre Aniceto, depois das excellentes consolações que a esposa lhe dera, cobrara animo, e recuperara todo o seu inalteravel sangue frio e genio satyrico.

Chegou ao Rocio, parou, e disse para o companheiro:

— Compadre Fabião, que tal acha isto? Ora deve concordar que Lisboa é bem melhor de que a sua aldeia da Gralheira...

O homem impertigou-se, retroceu os bigodes e respondeu:

— Tem vossa mercê razão, quem não vê esta cidade, pôde dizer que os olhos não lhe servem para nada.

— É assim mesmo, gosto de ouvil-o fallar com essa fran-

queza... Ouça, meu valente ferrabraz, não obstante os seus brios militares, deve permittir que lhe dê alguns salutareos conselhos, que são para seu bem...

— Falle, meu compadre e amigo, todo eu sou ouvidos.

— Não faz asneira nenhuma em me attender; esta cabeça é perfeitamente organizada; e não creia que digo de mais, bem sabe que os meus merecimentos fizeram ecto; mais ainda, foram admirados n'esta Babylonia...

Fez uma pausa, apeou-se, convidou o compadre para fazer o mesmo; e enquanto caminhavam para uma estalagem, observou-lhe:

— Tome nota do que lhe vou dizer, meu compadre, nós vamos d'aqui direitinhos fallar ao senhor intendente geral da policia, que é pessoa de alto coturno; deve pois guardar na sua presença uma certa compostura, não se impo-nha, deixe-me fallar, que melhor de que vossa mercê sei vender o meu peixe. Percebe?

— Pois não quer que eu falle?

— Para que? para dizer alguma baboseira?...

— Ora essa, com que então o compadre julga-me algum tolo?

— Não, homem, você não é tolo, falta-lhe o habito de tratar com gente fina; e não creia que vae entender-se com o padre cura, ou com o barbeiro da sua aldeia...

— Ora, a quem diz essas cousas, a mim, que jantei muitas vezes com o meu capitão-mór...

— Um bruto chapado, um selvagem, que só sabe fallar das suas aboboras, e dos bezerros que tem no curral...

O sargento-mór não gostou que na sua presença tratassem desfavoravelmente o seu capitão-mór, um superior e um homem de grande importancia; mas como estava na

dependencia do sr. Aniceto, engolio as affrontas dirigidas ao seu chefe, e respondeu :

— Será como quer, serei mudo como as pedras da parochia da minha terra.

Chegaram á estalagem, accomodaram as alimarias, e foram para a intendencia, sendo-lhes porém necessario perguntar mais de uma vez onde era.

Subiram as largas escadas de pedra, e mestre Aniceto perguntou a um empregado com voz assucarada :

— Posso fallar ao senhor intendente geral ?

O homem affirmou-se nos dois typos, e respondeu com mau modo :

— Sua excellencia não falla a pessoa alguma, está a despacho.

— Ora valha-me Deus, senhor empregado, e eu que tenho tanta necessidade de lhe fallar...

— Pois guarde a necessidade para outra occasião, ou então espere que sua excellencia saia, falle-lhe para ahí no corredor, e se elle lhe quizer prestar attenção...

O compadre Fabião, que arrastara pelos corredores a catana, poz a mão esquerda nos copos, retroceu o bigode e respondeu :

— Com que então vossa mercê entende que um sargento-mór que veio da Gralheira a Lisboa, ha de esperar para ahí em qualquer canto, como se fosse um quidam? e...

Não ponde proseguir, porque o compadre, não lhe agradando a estapafurdia resposta, applicou-lhe como correctivo uma formidavel pisadella sobre um callo, que o fez mudar de côr; foi pois de excellente effeito, e calou-se.

O empregado, porém, sorriu das pretensões do homem, e respondeu :

— Que importa a sua excellencia, que vossa mercê vies-

se da Gralheira, e que seja sargento-mór de ordenanças! Olhe que é fresca a sua recommendação...

O mata-mouros teve desejos de redarguir, ou de esganar o malcriado que tratava com tão pouco respeito a sua importante pessoa; mas um olhar de soslaio do compadre retraiu os impetos do sr. Fabião.

— Ora para que está o senhor empregado com essas cousas! Valha-me a Virgem da Conceição, padroeira d'estes reinos, exclamou pacificamente o Aniceto, vossa mercê vae dizer ao senhor intendente, que mestre Aniceto Parreira, que mandou vir de Coimbra, está aqui para receber as suas ordens... Ora diga-lhe isto, que não faz asneira nenhuma.

— Não digo, sua excellencia não tem tempo para os aturar...

— Você é mais cabeçudo de que um lorpa... faça o que lhe digo, que não fará nada de mais...

— Já lhe disse que não vou dar-lhe o seu recado, e se teimam, mando-os sair d'aqui.

— Pois faz mal, ha de arrepender-se, sou eu que lh'o digo.

Ainda não acabara de fallar, e já o teimoso empregado lhe dizia em voz alta:

— Cale-se, você é um maldito fallador.

N'este momento, porém, abriu-se a porta do gabinete, e um homem baixinho perguntou:

— Que gritaria é essa, João?

— Senhor intendente, são estes dois intrujões, que teimam em querer fallar a vossa excellencia.

O magistrado cravou os olhos nos dois figurões, e perguntou:

— Que querem?

O Aniceto respondeu com a sua voz grave e aflautada:

— Sou o Aniceto Parreira, meu senhor, cheguei ha pouco de Coimbra...

— Ah! você é o empregado maravilhoso de que me fallou o sr. marquez de S. Mauricio? Pois entre, já o esperava, temos muito que fallar.

O bom do aguasil era modesto, detestava as vaidades mundanas, mas ao entrar para o gabinete do intendente, lançou um olhar de triumpho sobre o empregado, que ficou de queixo caído.

O magistrado assentou-se na larga cadeira de braços, e perguntou-lhe:

— Então chegou hoje? Já fallou com o senhor marquez?

— Não, meu senhor, assim que pude desembaraçar-me, vim receber as ordens de vossa excellencia.

— Sabe para que o mandei chamar?

— Não, meu senhor.

— Pois fique sabendo que é para dar caça aos excomungados jacobinos, aos revolucionarios, que trazem surpreza a bella capital de sua alteza real. Sendo-me recomendado por sua excellencia, fallei em si ao primeiro ministro, que ordenou a sua vinda para Lisboa.

Se mestre Anastacio não estivesse debaixo da influencia dos conselhos salutaes, dados pela esposa, não poderia resistir a tantas considerações, e á grande importancia que ligavam a sua humilde pessoa, e os seus amigos talvez encontrassem n'elle um inimigo implacavel, que não lhes concederia treguas.

— Muito obrigado, senhor intendente, fazem melhor idéa de mim do que realmente mereço.

— Ora deixe-se d'isso, ponha a modestia de parte; esperamos muito do seu genio maravilhoso, da sua actividade; e conto como certo, que em breve me entregará os traidores, para serem castigados pelos seus crimes.

O bom do Aniceto, estava como n'um braseiro; e animou-se a perguntar:

— E os ladrões e assassinos, que devo fazer-lhes?

— Deixal-os em paz, temos negocios mais importantes; a policia não tem agora tempo para se occupar d'elles, porque todas as nossas attensões convergem para os jacobinos e para pedreiros livres.

— Mas diga, proseguiu elle depois de uma pausa, quem é aquelle estafermo que vem na sua companhia?

— Um catholico fervoroso, um homem valente, dedicado, a melhor espada que conheço, uma preciosidade, capaz de furar a pelle a Satanaz, se lh'o exigirem. Na campanha de 1801, só á sua parte, matou á catanada vinte e sete hespanhoes!...

— O que diz! Pois fez tudo isso de uma vez!?

— Não, meu senhor, elle não trabalha por atacado... matou-os em differentes dias... Quando os apanhava desgarrados...

— Em que se occupa, e d'onde é?

— Foi sargento-mór de ordenanças, é da Gralheira, e como deu com a casa em pantana, desejou vir para Lisboa, com esperanças de fazer fortuna; é meu compadre e amigo.

— Bem, vamos a casa do primeiro ministro, quero apresental-o mais ao seu amigo, se bem que nós precisamos mais de espíões, de que dos valentões.

Uma hora depois apeavam-se á porta do primeiro ministro; que os mandou entrar para o seu gabinete; e co-

mo desejava avaliar os personagens que lhe apresentavam, fez-se surdo e cego.

— Senhor conde, disse o intendente, apresento a vossa excellencia o empregado que nos foi recommendado pelo sr. marquez de S. Mauricio, que traz na sua companhia um valentão de grande nomeada, que na campanha de 1801 matou quarenta e sete hespanhoes.

Augmentava vinte por sua conta; quanto ao fidalgo, grande politico, se lhe conviesse tambem augmentaria a cifra, se porventura fallasse n'elle ao principe regente; e mestre Fabião não perderia nada com isso.

O ministro olhou por cima dos oculos para o Aniceto, mediu-o de alto a baixo, estudou-lhe a physionomia, e concluiu que devia ter intelligencia e não pouca velhacaria.

— Repita, o que disse, senhor intendente, não ouvi bem.

Pela segunda vez papagueou a estirada recommendação, mas o fidalgo encolheu os hombros e perguntou:

— Como se chama este homem?

Ora o Aniceto Parreira no fim de alguns momentos, já acreditava tanto na cegueira e na surdez do ministro, como nos elephantes do Grão Mogol.

— Sou o Aniceto Parreira, respondeu elle.

— Ein? que é isso? Pois chama-se Figueira?

— Parreira, meu senhor...

— Falle-lhe alto, observou o intendente. Sua excellencia não ouve bem...

— Ora, diga, proseguiu o ministro, é bom catholico, e temente a Deus? Detesta os jacobinos?

— Sim, senhor, ouço missa aos domingos e dias festivos, e aborreço tanto os pedreiros livres, que desejava enforcal-os com as tripas de Judas.

— Ein ? perguntou o ministro levando a mão á orelha esquerda, pois você chama-se Judas ? Não tem bom nome, creia que pouco o recommenda...

— Não disse isso, meu senhor, mas sim que desejava enforçar os jacobinos com as tripas de Judas.

— Ah ! sim, agora percebi ; é louvavel o seu zelo piedoso... E que podemos esperar dos grandes dotes que o recommendam ?

— Tudo que fôr a bem do serviço de sua alteza e da nossa santa religião.

— Onde vê porém essa confusão ?

— Religião, meu senhor, é que eu disse ?

— Ein ? peor ! Então diz agora que não tem religião ?...

Ao dizer isto, olhava por cima dos oculos para o agualil ; sorria imperceptivelmente, e dizia com os seus olhos :

— És um grande finorio, um intrujão de primeira força : já conhecestes que sou tão surdo, como os que ouvem magnificamente. Preciso d'este homem, por desconfiar muito do zelo pharisaico do senhor marquez, que á ultima hora só pensa nos pedreiros livres... Talvez para chegar aos seus fins... Quem sabe, disse elle, o futuro o dirá...

Depois, em voz alta, proseguiu :

— Muito bem, mestre Aniceto, fica ao serviço da policia ; entenda-se commigo, com o senhor intendente, e com o sr. marquaz de S. Mauricio, a quem servirá e coadjuvára, como a mim proprio, em tudo que respeitar ao serviço de sua alteza.

— Muito obrigado, hei de cumprir fielmente as ordens dos meus superiores, e a minha dedicação não poderá ser excedida ; mas vossa excellencia não quer ver o meu amigo, o valente mais completo que tenho conhecido ?

— Pois sim, mande entrar.

O Fabião Gonçalves apresentou-se com o seu aspecto marcial, perfilou-se e fez uma rasgada continência.

O ministro cravou n'elle vista acerada, estudou-o detidamente, olhando por cima dos oculos, e perguntou:

— Com effeito, vocemecê é o valentão que matou quarenta ou cincoenta hespanhoes?

— Saberá vossa excellencia que sim.

— É bom catholico? Aborrece os pedreiros livres e os jacobinos?

— Desejo arrancar-lhes as entranhas com um facalhão, para não empeçonhar a minha valente espada.

— Ein? Pois o seu posto é de cabo de esquadra? Tiham-me dito que era sargento-mór...

— É isso mesmo, meu fidalgo.

— Ah! está bem, quer ficar ao serviço da policia?

— Sim, senhor, comtante que possa esfollar os jacobinos.

— O que? pois quer assar os londrinos... Que mal lhe fizeram elles? Alem de terem os cabellos da côr do açafreão, não vejo outra causa para lhe desejar tanto mal...

Mestre Fabião ficou atrapalhado com a quartada, e dava mil voltas ao chapellinhe armado.

O ministro sorria mephistophelicamente, e proseguia olhando para elle por cima dos oculos, e dizia com os seus botões:

— Este Ferrabraz não passa de um tolo, não tem um terço da velhacaria do seu digno protector... Emfim, cada um na sua especialidade; e se fôr valente, um guarda-costas não é cousa para atirar para o canto.

Depois proseguiu em voz alta:

— Então que diz, homem? Que lhe fizeram os londrinos?

E dizendo isto, olhava de soslaio para o Aniceto, que com os olhos no chão, se sorria da cruel situação em que se achava o seu pobre amigo.

— Não digo nada, meu senhor, o que vossa excellencia entender, entendo eu...

— Sim!... Ora ouça, senhor magistrado, estes dois homens ficam ao meu serviço e ao de vossa excellencia. Só recebem ordens da intendencia, de mim, e do sr. D. Ignacio, quando for necessario, Percebe?

— Percebo, senhor conde.

— Muito bem, e continuou voltando-se para os dois intrujões, o Aniceto fica vencendo dez moedas por mez, o Fabião cinco. Creio que não têm rasão para se queixarem, podem retirar-se.

Os dois amigos saíram do gabinete do ministro, e foram para a estalagem; quando porém chegavam proximo do Rocio, no fim da rua Nova do Carmo, um sujeito affirmou-se n'elles, rodou sobre os calcanhares, metheu ás escadinhas de Santa Justa, e veio sair-lhe ao encontro.

Trazia casaca de panno verde garrafa, collete de setim côr de flor de alecrim, calções amarellados, meias de seda, sapatos com fivellas de prata, e a cabelleira penteada com esmero. O chapéu via-se-lhe debaixo do braço, e para complemento de tudo isto, trazia um bengalão com castão de coquilbo, e uma descomunal luneta, que não teria menos de meio palmo de circumferencia, com aros de tartaruga.

Avançou aos polinhos, parou em frente d'elles, acestou-lhes a luneta, e disse n'um portuguez estrangeirado:

— Guarde Deus, mestre Aniceto Parreira, muito honrado aguasil, ao serviço do marquez de S. Mauricio... Ouça: Os Homens da Cruz Vermelha estão pouco satisfeitos comsigo...

Volto ao lado esquerdo, metto á rua do Principe, e desapareceu, deixando-os embasbacados.

— Que diabo lhe disse aquelle peralvilho, perguntou o Fabião.

— Homem, não sei, respondeu elle; são cousas mysteriosas que só em Lisboa acontecem; e respondendo isto reflectia, dizendo com os seus botões:

— Este maldito, senão é D. Bonifacio, é o demonio por elle. E que admiração! O irmão Bonifacio muda de cara, de fato; e de gestos, como lhe convém, para não ser conhecido; e comtudo é um excellente character...

Deu um suspiro que surprehendeu o compadre, que lhe tornou a perguntar o que tinha.

— Nada, meu querido Fabião, estava lembrando-me, que entrámos com o pé direito em casa de sua excellencia. Ein? Cinco moedinhas por mez para um sargento-mór de ordenanças, que viveu sempre na Gralheira...

— Ora vamos, e o meu merecimento e valentia?

— Sim, creia, porém, que não dou muito por ambas as cousas... Vamos para a estalagem fazer bem a estes pobres estomagos, que não conhecem trincadeira ha dez horas pelos menos.

CAPITULO XXII

Explicação do enygma

Dissemos que fr. Leonardo, depois de vomitar a baba peçonhenta dos seus conselhos, deixara D. Alvaro flagellado com as dôres do desespero, em que lhe lançara o espirito.

O malaventurado moço, com a cabeça em fogo, com o sangue em ebolição nas veias, com a razão perdida e a paciencia quasi gasta, estaria a ponto de commetter uma loucura, ou um grande crime, se um anjo benefico não viesse em seu auxilio. Esse anjo foi sua irmã.

O joven assim que findou a conversação que com ella teve, depois que a viu retirar, entregou-se a largas reflexões.

Discutiui, estabeleceu hypotheses, tirou corollarios, e como consequencia logica das suas meditações, surgiu a serenidade de animo, a tranquillidade do espirito.

Desejou assegurar-se da verdade, e o meio mais efficaz era contar tudo a D. Beatriz, porque se seu pae nutria as idéas que o frade lhe afiançara, não era acreditavel que directa ou indirectamente não as manifestasse a sua filha.

Mais senhor de si, tambem pensou em contar tudo a seu avô.

Contra isto erguia-se, porém, a palavra que empenhara

com a vibora tonsurada; e aquelle character não sabia faltar aos seus compromissos.

Animado, e com melhores esperanças no futuro, repeliu os maus pensamentos que por tantas vezes lhe affluíram á imaginação.

Ergueu-se já transfigurado! Destruiu, quanto possível lhe foi, os estragos que na fronte lhe deixaram as dôres cruciantes por que tinha passado, e foi ao encontro de seu avô.

Deixemos o avô e o neto conversando socegados, e saibamos o que fr. Leonardo fez depois de abandonar D. Alvaro.

Ora o frade ignorava ainda os acontecimentos dados no Terreiro do Paço, e a morte da Rita da Piedade era-lhe ignorada.

Mandara a D. Ignacio o Martinho Cabeça, para lhe arranjar uma alma perdida, que lhe realisasse o crime.

O fidalgo recebeu o enviado do frade, ouviu-o primeira e segunda vez, e sem lhe descobrir as suas intenções, reconheceu que aquelle homem não lhe convinha, para depositario de um segredo d'aquelle genero; e que imprudentemente andaria se caísse em semelhante tolice.

Para se convencer de quanto valia a preciosidade que fr. Leonardo lhe mandara, disse-lhe que o procurasse no dia immediato; o homem não faltou, e no fim de duas horas de experiencia não lhe restou duvida, que outrem seria o encarregado da missão de sangue que projectava.

Logo que mestre Martinho saiu, principiou a ruminar a sua idéa, e depois de muito cogitar, lembrou-se de Luiz Pedro, seu criado predilecto.

Como este homem terá que desempenhar um papel importante, vamos apresental-o aos leitores.

Luiz Pedro era natural de Coimbra, irmão de Maria Rachel, uma formosa rapariga, de má indole, de pessima educação, que ainda era amante de D. Ignacio.

E devem estar lembrados, que foi ella que preparou a cilada, em que os sicarios por elle assalariados, quizeram assassinar D. Raymundo da Gama, tio da formosa Sophia, filha da condessa de Montalvo.

Os estudantes viram n'este facto um desforço, para se vingar de algumas mystificações, e por ter feito a cõrte á formosa rapariga, que muito! amava; mas as causas não eram tão sómente estas... e fiquem sabendo que o Luiz Pedro fazia parte dos assassinos, que se evadiram, retirando em seguida com sua irmã para Lisboa.

Este rapaz teria vinte e cinco ou vinte e seis annos, e sob uma physionomia sympathica, não destituida de belleza varonil, escondia uma alma depravada, um coração felino, um character cruel, traiçoeiro, audaz, e prompto sempre para praticar uma infamia, comquanto lh'a pagassem com generosidade.

Dedicado a seu amo pelo interesse e sympathia, reconhecendo o seu valor moral, tinha com elle expansões e liberdades proprias da intelligencia que os ligava.

D. Ignacio conscio dos altos merecimentos do seu confidante, depois de longas locubrações, disse :

— Para que hei de ir á rua procurar o que tenho em casa? Luiz Pedro tem por mim dedicação absoluta, é reservado, audaz, e não treme perante facto algum, se d'elle póde auferir lucros... Já o preendi a mim por um crime; e estreitar mais esses laços, não é cousa falta de rasão. É homem que não se prende com teias de aranha; é ambicioso e não falto de merecimento; e como tem largas ambições, faremos d'elle alguma cousa.

Sem vacillar tocou uma campainha, e um criado appareceu.

— O Luiz Pedro está ahí ?

— Sim, meu senhor, creio que foi para o jardim.

— Dize-lhe que venha fallar-me.

Cinco minutos depois, entrava no gabinete, e perguntava:

— Vossa excellencia mandou chamar-me ?

— Sim, fecha essa porta, e assenta-te ahí, pois temos muito que dizer.

O lacaio favorito assentou-se familiarmente em frente de seu amo, e disse-lhe sem a menor cerimonia:

— Póde fallar que todo eu sou ouvidos.

D. Ignacio cravou n'elle os seus olhos de gato manhoso, reflexionou um pouco, e perguntou:

— És realmente meu amigo ?

— Isso não se pergunta.

— Estás resolvido a seguir-me em tudo, e acompanhares-me na longa peregrinação a que tenho de me entregar ?

— Para onde vossa excellencia for, irei eu tambem, já se vê, de maneira que minha querida irmã não seja esquecida.

— Não penso em viajar, nem é intenção minha perder o meu tempo, em saber o que se faz lá por fóra, para ficar ignorando o que se passa por cá, como acontece a muitos, que estudando as cousas dos paizes estranhos, não sabem nada do seu. A minha peregrinação é outra.

— Pois seja qual for, conte commigo.

— Sabes que os teus interesses, e os de tua irmã se acham vinculados aos meus ? Que a tua fortuna e a d'ella dependem da minha ?

— Sei, excellentíssimo, e por isso o acompanho lealmente; creio que isto não é novo.

— Bem sei; e estou intimamente convencido de que se um dia me encontrar n'um perigo, posso contar com a tua dedicação e com a de tua irmã.

— Vossa excellencia não duvidará de que tanto ella como eu, não conhecemos vontade que não seja a sua.

— Estás prompto a cumprir fielmente as minhas instrucções?

— Já lhe disse que sim.

— Não duvidarás, ainda que te incumba da solução mais difficil e perigosa?

— Não, senhor, o que me disser hei de cumprir até onde possam chegar as minhas forças; e minha irmã diz-me sempre: — Luiz, não te afastes do sr. D. Ignacio sob pretexto algum; bem sabes que é quasi teu cunhado.

O fidalgo fez uma careta, não lhe agradou a phrase, mas como necessitava chegar aos seus fins, retrahiu-se e tratou de agradar ao pretencioso laçao, que olhava para elle com attenção.

— Tens razão, meu amigo, tua irmã tem muito a esperar de mim; e do teu e do seu procedimento futuro, depende a norma invariavel dos meus actos.

— Por esse lado, creia que não terá occasião de nos esquecer.

— Muito bem; é preciso que considerem como seus, os meus inimigos...

— Já lhe dêmos uma prova do que somos e podemos fazer, pelo que fizemos em Coimbra.

— Sim, mas em vez de auxiliares o pobre diabo, que ficou estendido, e de dares um tiro em D. Raymundo, fugiste, e elle foi soccorrido...

— Ora ! então que queria vossa excellencia que fizesse mais o meu companheiro, sendo atacado s com furor por seis homens armados de espadas ? Alem d'isto, proseguiu elle, como sempre lhe ouvi fallar com terror dos Homens da Cruz Vermelha, não pude conter-me . . . Os malditos traziam capotes brancos com uma cruz vermelha sobre o hombro esquerdo. Quando nos atacaram, arrancaram tres gritos medonhos, pronunciaram palavras mysteriosas, e as espadas faziam um sarilho de arripiar ! O pobre do moço que nos acompanhou, que era um pastor da serra, má firma, mas valente, ao atirar-lhes uma choupada, caiu fulminado com duas valentes estocadas. Eu tambem apanhei a minha conta, não foi má, pois ainda me alcançaram com uma furiosa catanada ; e a não poder amparal-a no pau que levava, passe muito bem, ficava com a cabeça rachada, e era uma vez um Luiz Pedro. Já tinham fugido todos ; um estava morto, e para não ter a sorte d'elle, dei ás de Villa Diogo, nem tinha outro recurso a tomar. No caminho encontrei a Maria Rachel, pallida, tremendo de susto, e mais adiante o Aniceto Parreira, que me disse : — Anda lá, que a fizeste bonita. Dize a teu amo, que não faz nada que eu não saiba ; vae em paz, não digas porém que me viste. — Repleto de susto, receando a justiça, no dia immediato parti para Lisboa mais a Rachel ; creio que lhe contei tudo ; e se agora lhe repito esta historia, é por vossa excellencia me accusar por ter fugido ; é verdade, não o nego, mas que vantagem tirava eu e vossa excellencia deixando-me espetar como um sapo ? Creio que nenhuma.

O marquez reflectiu e respondeu :

— Tens razão, homem ; tu, chelo de vida, podes servir-me para muito, mas debaixo dos torreões da Sé Velha, não prestavas para nada. E como soube o Aniceto tudo isso ?

Ainda não t'ò perguntei, nem tu m'ò disseste, se bem que a circumstancia de guardar silencio, levou-me a depositar n'elle grande confiança, e por isso o recommendei ao primeiro ministro. Não te parece que aquelle homem nos pôde fazer prestantes serviços pela sua reconhecida intelligencia e actividade prodigiosa?

— Com certeza, e tem a convicção que se ligará a nós de alma e coração? Olhe que o maldito é raposa velha, e a mulher é uma *doutoraça* que o domina completamente, e em vez de compral-o, comprando a mulher faria melhor negocio.

— Não digo que não, deixa porém que elle chegue; depois trataremos com a mulher, se n'isso acharmos conveniencia. Mas como soube elle tudo?

— Creio que devido a uma imprudencia do que morreu, que n'uma taberna deu demais á lingua do que convivia.

— E porque não denunciou á justiça os auctores! Ora já vês, que este procedimento indica que o homem tinha em mente aproximar-se de nós... que te parece?

— Não sei, sr. D. Ignacio, e como não lhe posso devasar as intenções, acredito piamente, que a reserva não será demasiada...

Guardou silencio alguns momentos, e reflectiu; D. Ignacio olhava fixamente para elle, e admirava a intelligencia clara d'aquelle patife, seu digno socio; o rapaz ergueu a cabeça, e disse:

— E quem nos assevera, que o Aniceto Parreira guardou silencio para nos obsequiar?

— Ora essa! Então a quem achas que elle serviu?

— Ouça, sr. D. Ignacio: elle serviu tanto a vossa excellencia e aos seus amigos, como aos desconhecidos da Cruz

Vermelha, que se interposeram entre nós e D. Raymundo...

O fidalgo perguntou surpreso :

— Como assim ?

— É claro que sabendo e dando conhecimento á justiça, teria necessariamente de denunciar os aggressores e os salvadores...

— Sim, com certeza, e fatalmente devia proceder por essa maneira, observou elle.

— Muito bem, agora pergunto a vossa excellencia, pôde affiançar-me que elle teve em vista salvar os primeiros ou os segundos ?

— O silencio que reservou sobre os factos, e o serviço que prestou, aproveitou aos primeiros, por causa dos segundos, ou áquelles, por causa d'estes ? Ora é n'isto que bate a minha duvida, e por isso recommendo-lhe reserva e mais reserva.

— Homem, acho judiciosas as tuas observações ; estão em perfeita harmonia com o meu modo de pensar. Eu me obrigo a ligar aos nossos interesses o Aniceto, é um homem importante, e disponho de bastantes meios para o comprometter. O homem tem ambições ; com ouro tudo se vence, e quem sabe gastal-o, não lhe faltam serviços.

— Vamos porém ao facto que hoje mais nos interesssa, o que se passou em Coimbra já lá vae, pertence á historia. Ouve o que te digo, e toma nota do que vamos combinar, visto ser negocio de acentuada clareza, que os teus interesses e os de tua formosa irmã, são os meus...

— Diga, sr. D. Ignacio, não duvide, falle com toda a franqueza commigo, que não ha de arrepender-se...

— Ora imagina que ha uma pessoa que tem na sua mão

destruir os meus bem combinados planos, e que com uma palavra pôde comprometter-me?

O patife reflectiu uns cinco minutos e respondeu :

— Se vossa excellencia não conhece meio de a fazer calar, tape-lhe a bôca com terra... é a melhor maneira de ficar descansado...

— A tua resposta é boa, porque para os grandes males, grandes remedios; e sabes quem é essa pessoa?

— Não, senhor.

— É a tia Rita da Piedade, a ama de minha irmã... Bem vêes que supprimil-a é dar um grande desgosto a meu pae e a Beatriz...

— Então não faça nada, deixe-a dar á lingua emquanto quizer.

— Isso nunca, meu amigo, é destruir pelos alicerces, o bello edificio que tanto me tem custado architectar.

— Mas que pôde ella dizer que nos possa comprometter?

— Tanto, que com uma palavra anniquilaria n'um momento os meus bem elaborados projectos de muitos annos.

— Como veio ella a saber tudo isso?

— Por uma imprudencia minha, de que me hei de penitenciar remediando o mal que fiz.

Em seguida contou ao seu digno confidente, toda a historia que os leitores conhecem, e a conversação que tivera com fr. Leonardo no jardim, que fôra ouvida pela victima, e as confissões que ella fez ao frade.

— O que vossa excellencia acaba de communicar-me é grave, gravissimo; e a não ser inspirada pelo diabo para ir aconselhar-se com fr. Leonardo, certissimamente tudo estava perdido. E como conseguiram tapar-lhe a bôca?

— Com as promessas que o nosso amigo lhe fez, de me denunciar, e que havia de confundir-me; ella porém declarou-lhe, que sob pretexto algum consentiria que a sua menina soffresse. Ora já vês que se a temos segura, é por pouco tempo.

— Essa mulher não póde viver, a sua morte é necessaria, aliás de um dia para o outro, temos tudo transtornado.

— Dizes bem, homem, agrada-me a maneira por que vês as questões, porque enfim, quem quer as cousas procura os meios, sem discutil-os. Rita da Piedade é para nós uma constante ameaça, um attricto que é necessario remover; e o meio unico, efficaz, é supprimil-a.

— Mas como levaremos a cabo os nossos intentos? A cousa tem as suas durezas... Sim, em Lisboa não se arranjam obras d'este genero com a mesma facilidade que na provincia.

— Estás enganado; a melhor terra para se esconder um crime, é sempre a maior e a mais populosa. Ouve: — Estás resolvido a cooperar commigo, para chegarmos á solução d'este problema?

— Se estou!? Ora essa, então que lhe tenho eu dito? Conte commigo; comtudo lembro-lhe que sendo seu cumplice, hei de deixar de ser seu laçao; e a posição de minha irmã deve ser outra, percebe?

D. Ignacio comprehendeu-lhe as intenções, viu o seu alcance; e riu-se interiormente das largas aspirações que o moviam; tendo-lhe porém dito muito, e necessitando d'elle, disse interiormente:

— Bem te percebo, tratante, queres ser um segundo Marquez, e fazeres de tua irmã, que vendia melancias junto á ponte do Mondego, uma fidalga e grande senhora! Espera

por isso, meu asno; outra farei eu marquezia, e quando não carecer do teu auxilio, ajustaremos contas.

Depois d'estes breves pensamentos, que não foram denunciados, respondeu com seriedade:

— Luiz Pedro, tu não és meu laçao, és um amigo dedicado, um irmão... o que tenciono fazer, mais tarde o saberás, quando a tua irmã tiver o direito de andar nas minhas carruagens brasonadas. Emquanto, porém, não chegarmos ao ponto que alvejo, nem tu, nem ella podem mudar de situação...

Suspendeu a declamação, cravou vistas perspicazes sobre elle e proseguiu:

— Para o publico, és por emquanto um criado particular, para mim és sempre um amigo, um futuro parente...

— Não era preciso tanto para deslumbrar a vaidade de um laçao; n'um momento viu um futuro brilhante a sorrir-lhe!

- Sonhou carroagens, criados, palacios, uma riqueza infinita; e não lhe pareceu difficil casar com uma fidalga opulenta, por intervenção do seu futuro cunhado!

Sua irmã deixava de ser a Maria Rachel! Seria a senhora marquezia de S. Mauricio!

- Acreditou em todas aquellas patranhas, e louco de contente, respondeu:

— Vamos, senhor marquez, não se perca o nosso futuro, para poupar a vida de um estafermo, que não duvidará fazer-nos todo o mal que poder. Que devo praticar?

O marquez sorriu de uma maneira mephistophelica, e disse com os seus botões:

— És meu; farás o que eu quizer... depois... temos tempo...

Depois, disse em voz alta :

— Perguntas o que te cumpre fazer, eu te explico, vaes saber : — A Rita da Piedade, mora n'um segundo andar, na rua da Galé, não tem visinhança alguma na escada ; mas para não haver lucta ou alguns gritos que façam desconfiar a visinhança, á tarde vou fazer-lhe uma visita, a fim de lhe dar um recado por parte de minha irmã. Coitada, fica muito satisfeita, e desfecha-me uma saraivada de cumprimentos balofos, que ouço pacificamente. Depois digo-lhe á queima-roupa : Tia Rita da Piedade, venho na intenção de beber uma chavena de chá na sua companhia. A mulher lisongeada com o pedido, vaé promptamente arranjar-o ; insto para que se assente ao meu lado, e sob um pretexto qualquer, faço com que se levante da mesa ; deito-lhe na chavena uma porção de acetato de morfina, e adormece... Depois, é a tí que pertence entrar em scena, e com duas ou tres punhaladas, está tudo concluído...

— E que faremos do cadaver ?

— Tudo está previsto, fica sobre a cama, onde poremos bastante roupa para embeber o sangue ; dois dias depois mettemol-o n'uma caixa de madeira bem fechada, põe-se ás costas de um gallego, com ordem de se metter n'um bote e deital-a ao rio.

— Bem lembrado, sim, senhor, vossa excellencia tem um talento especial para arranjar estas cousas.

— É a lei da necessidade. Se eu tivesse nascido rico, e minha irmã pobre, é possível que o diabo me tentasse para ser bom irmão.

Tres dias depois d'esta importante conversação, o Marquez saiu do palacio ao toque de Trindades, embuçado n'um capote, com o chapéu carregado para os olhos.

Junto á esquina era esperado pelo Luiz Pedro, que o acompanhou a pequena distancia.

D. Ignacio seguiu direito ao largo do Pelourinho, tomou pela rua Nova d'El-rei, e pela rua dos Bacalhoeiros, direito ao Terreiro do Trigo, continuou pela rua dos Remedios, e voltou á do Vigario, e dez minutos depois chegava á porta da sua victima.

A noite estava escura e medonha, grossas nuvens encobriam o brilho das estrellas, e apenas se viam as luzes frouxas e pouco regulares dos lampeões alimentados com azeite de peixe.

As ruas, como sempre, achavam-se immundas e quasi intransitaveis. O ambiente que se aspirava era asphixiante.

D. Ignacio, seguido sempre pelo seu cumplice, caminhava frio e silencioso como um espectro. Aquelle homem era o mensageiro do crime, um enviado do inferno, um malvado, que caminhava para a victima sem conhecer uma sombra de remorso!

Subiu a escada bateu na porta, e disse com voz tão socegada, como se tivesse a consciencia pura :

— Tia Rita da Piedade, abra, sou D. Ignacio...

Conheceu-lhe a voz, correu á porta com um candeeiro na mão, e disse :

— O sr. D. Ignacio! Ora valha-me Deus, que novidade é essa?

— Ora, que ha de ser? Minha irmã, soube que eu vinha hoje para estes sitios, e pediu-me para procural-a, a fim de lhe dizer que amanhã lá a espera.

A sr.^a Rita da Piedade, depois da conversação que ouvira, não via com bons olhos o fidalgo, e até o temia... Convencida porém, de que ignorava tudo, não desconfiou d'elle.

O marquez assentou-se, poz-se a conversar com admirável placidez, ao que a pobresita da mulher correspondia na melhor boa fé.

Seriam nove horas da noite, D. Ignacio disse-lhe :

— Tia Rita, peço-lhe uma chavena de chá, sinto-me mal do estomago.

— Ora essa, vou já arranjar-lh'o.

Ergueu-se, e um quarto de hora depois, veio dizer-lhe :

— Meu senhor, quer que lhe traga aqui o chá ?

— Não, boa mulher, é melhor ir para a casa do jantar.

— Como quizer.

O marquez sempre tranquillo, assentou-se á mesa e disse-lhe :

— Ponha ali outra chavena, quero que se assente aqui ao meu lado.

— Eu, assentar-me á mesa com vossa excellencia !...

— Ora, deixe-se d'isso, lembro-lhe que está em sua casa.

Cumpriu com visível repugnancia os seus desejos, e assentou-se.

O marquez disse-lhe :

— Dê-me um copo com agua.

Assim que a viu levantar, tirou da algibeira um vidro com opio, e derramou perto de metade na chavena.

A malaventurada voltou com a agua, assentou-se e sorveu dois grandes golles de chá, fez porém uma careta, e arredou a chavena para o lado.

D. Ignacio, que olhava para ella de soslaio, perguntou-lhe :

— Então não bebe mais ?

— Não, senhor, parece-me que tem um gosto exquisito.

— Faça o que quizer, eu porém não lhe encontro mau sabor.

Meia hora depois, a tia Rita da Piedade dizia-lhe :

— Ai sr. D. Ignacio, sinto um forte peso na cabeça... Desculpe, mas tenho um tão grande somno... que será isto...

— Pois desperte, minha amiga, necessito que me alumie, aliás arrisco-me a quebrar as pernas por essas escadas.

O opio fizera porém o seu effeito; não lhe respondeu, estava a dormir...

O assassino levantou-se, abriu a porta da escada e bateu as palmas.

O Luiz Pereira entrou com os olhos esgaziados, os cabellos hirtos, e pallido como um cadaver.

Avançou lentamente e perguntou com voz cava :

— Está prompta ?

— Ali a tens, cumpre a tua missão... Salva os teus e os meus interesses... Mas primeiro é necessario tirar d'aqui esta mulher e leval-a para a cama.

— Com certeza.

— Então vamos a isso...

Meia hora depois estava a remoção concluida.

D. Ignacio disse :

— Vou para a escada e chama-me logo que o negocio esteja arrumado, percebeas ?

O monstro não lhe respondeu, arrancou de um punhal, que fulgiu sinistro ao pallido clarão de um candieiro de metal, que ardia a um canto do quarto, e duas vezes o mergulhou na desgraçada, que não deu um gemido, nem fez a menor contracção ! Era um segundo crime inutil, por que para a matar, bastava o veneno.

O sangue esguichou, e foi bater nas faces do assassino, que recuou aterrado ! Desvairado e fremente, com a razão quasi perdida, custou-lhe a acertar com a porta que deitava para a escada, o que só conseguiu passados alguns minutos.

Chamou com voz rouca o fidalgo, que lhe perguntou :

— Está o negocio concluido ?

— Está.

— Muito bem, não faremos agora mais nada ; amanhã trataremos do resto.

Fechou a porta, metten a chave na algibeira com serenidade aterradora, e desceu.

Luiz Pedro, porém, tremia e sentia calefrios pela espinha dorsal.

Na volta da rua do Vigario, não repararam n'um homem que ao vel-os parou, analysou-os pelas costas, e disse em voz baixa :

— O Supremo Creador do Universo me illumine ! Este homem da frente é o marquez D. Ignacio.

Mudou de direcção, e foi-lhe no encalço ; convenceu-se, porém, que não se tinha enganado, porque o viu entrar para o palacio.

Se os leitores desejam saber quem era este personagem, diremos que era o sr. Valerio Thimoteo, um estrangeiro mysterioso, grande sabio, que não apparecia em parte alguma, e que apenas algumas vezes visitava o conde de Montalvo, que lhe concedia a maior estima.

— Foi elle que por indicação do velho fidalgo procurou D. Beatriz, e lhe predisse o que mais tarde lhe aconteceu, offerecendo-lhe por essa occasião a protecção dos Homens da Cruz Vermelha.

Residia na rua do Vigario, e quando n'essa noite regres-

sava para casa, foi então que fez a importante descoberta.

Principiou a ruminar uma idéa, e acreditou piamente que o traidor D. Ignacio o mandava espionar, e que o melhor meio para lhe escapar seria fazer o mesmo.

Tres dias depois, ás sete horas e meia da noite, estava de vigia, viu-o sair, e acompanhou-o a pequena distancia para saber o destino que tomava.

Meia hora mais tarde, entraram para a escada, por onde D. Ignacio desapparecera, dois homens que não conheceu.

Grande foi porém o seu pasmo, ao ver que no fim de dez minutos, um d'elles sala com uma caixa de madeira ás costas ; foi-lhe na pista, e viu que se dirigia para o Terreiro do Paço.

Voltou para trás, e collocou-se cautelosamente em observação.

Ainda não eram decorridos cinco minutos, safu o marquez e um outro que não conheceu, embuçados em amples capotes, e voltaram ao Terreiro do Trigo.

Intrigado com todos aquelles factos mysteriosos ; dotado de coragem e de animo sereno, quando passavam juntos d'elle, disse-lhes :

— Tenha boas noites o sr. D. Ignacio, que não esqueça os Homens da Cruz Vermelha...

Os assassinos ficaram fulminados, cobraram todavia animo, mas o sr. Valerio sumira-se na esquina, e já a este tempo seguia pela rua da Rigueira.

— Inferno, disse o marquez aterrado, fomos conhecidos...

Luiz Pedro respondeu-lhe :

— Socegue, aquelle homem estava a grande distancia da

casa; nada viu, nem sabe, e se fosse o contrario, era lá que nos daria as boas noites, e não aqui...

O marquez respirou, o raciocinio era logico e da mais restricta clareza. Voltou para casa e deixou correr os acontecimentos. O resto sabem os leitores pela leitura dos capitulos antecedentes.

Dissemos que fr. Leonardo nada sabia do que succedera á malfadada Rita da Piedade; e ao sair de casa do conde de Montalvo, depois da celebre conferencia que tivera com D. Alvaro, ficou maravilhado, ao receber a noticia dada por um religioso franciscano.

O frade era muito manhoso para se denunciar com palavras inconsideradas, e ouviu estoicamente a descripção que elle lhe fez. Ao despedir-se, porém, disse-lhe:

— É um louvar a Deus os crimes que para ahi se commettem! Não sei onde isto ha de ir parar...

Poz os olhos no chão com admiravel beatitude, e retirou-se com a gravidade comica de um grande bulcão ou palhaço de arlequins.

Na volta de uma esquina, porém, apressou o passo, e tres quartos de hora depois, entrava como uma bomba no gabinete do seu amigo, na occasião que dobrava e fechava a denuncia que fazia para a intendencia em nome d'elle.

— Então como se entende isto? O senhor faz realmente progressos!... Com que então a boa da mulher... Sim, o amigo não vacillou, e arranjou-lhe uma excellente guia de marcha para o Paraíso... Todavia tenho que lhe ralhar, devia prevenir-me.

D. Ignacio encolheu os hombros e respondeu:

— Para que? O que estava combinado era negocio decidido...

— Assim é, mas como arranjou as cousas? Utilizou o homem que lhe mandei?

— Qual historia! era fresco o tal homem; no primeiro dia cheirava a aguardente como um tonel, no segundo vinha quasi embriagado. Estavamos servidos se o aproveitasse... Na primeira taberna contava tudo, enquanto se encharcava em vinho...

Fr. Leonardo mordeu os beiços, conheceu que a sua influencia n'aquelle homem ia desaparecendo, e concordou, que o seu genio era maravilhoso.

D. Ignacio adivinhou-lhe os pensamentos e sorriu; em seguida contou-lhe todas as peripecias do terrivel drama em que foi protagonista.

O frade prestou-lhe attenção, e enquanto lhe contava tudo aquillo com tranquillidade medonha, dizia interiormente:

— Sim, senhor! És um malvado de primeira força! Não te faltam dotes nenhuns... Reconheço a tua superioridade, e no futuro terei que me subordinar ás tuas opiniões... E que me resta? Contentar-me com os cem mil crusados e vigiar pelo meu precioso vulto, que não respeitárás se isso te convier...

Em seguida proseguiu em voz alta:

— Receba os meus encomios, conduziu as cousas maravilhosamente, e o Luiz Pedro é uma preciosidade, um rapaz que nos ha de servir de muito.

D. Ignacio sorriu e respondeu:

— Faço o que posso, se bem que a minha intelligencia e força de vontade não se podem comparar com as suas... Mas que passou com D. Alvaro?

— Ora, dei-lhe excellentes conselhos, e convencio-o de que seu pae projectava casar sua irmã com o tolo do mor-

gado... O rapaz tremeu, ficou louco pelo desespero, chamou idiota ao irmão e...

—Que mais? perguntou D. Ignacio.

—Eu sei lá o que elle será capaz de fazer na afinação em que o deixei... Creio que não duvidará supprimir o irmão por ultimo recurso... Também não deixará fugir a felicidade de que lhe aponte, a fim de obter o auspicioso consorcio... Como unica e possivel reparação...

—Vejo que tambem não dirige mal os seus golpes; cabe-me a vez de igualmente lhe dar os parabens... É verdade, saiba que tive a feliz lembrança de fazer esta denuncia em seu nome...

Leu o que escrevera para a intendencia, mas o frade fez uma careta.

—Desagrada-lhe? perguntou D. Ignacio...

—Não, mas o sigillo ecclesiastico...

—E que declarações se fazem aqui que o comprometam?

—Receio o prelado...

—Socegue, o intendente, ou para melhor dizer eu, não lhe diremos nada...

—E que uso tenciona fazer d'isso?

—Para prevenir as consequencias de um mau encontro...

Contou-lhe as boas noites do homem ao virar da esquina da rua dos Remedios, e o frade mais uma vez admirou o seu talento e previsão.

—Mas que nos resta agora fazer?

—O futuro lh'o dirá, findou o primeiro acto da tragedia. O resto mais tarde...

CAPITULO XXIII

Em Lisboa

Estamos em 1806, e grandes acontecimentos se preparam.

Os tres estudantes, amigos inseparaveis, que os leitores conheceram em Coimbra, completaram os seus estudos e todos residem na capital.

Antonio Pinto abriu escriptorio, é um advogado distincto, que se recommenda sobretudo pela sua vasta intelligencia e probidade.

O padre Rodrigo da Encarnação completou a formatura em canones, é padre mestre, e regressou ao seu convento.

- Quanto a D. Raymundo da Gama, é tenente de um dos regimentos de cavallaria da côrte.

- Continuam a ser amigos dedicados. E pelos-laços da mais sincera amisade e do dever, acham-se intimamente ligados com o conde de Montalvo.

D. Bonifacio prosegue na sua vida errante e aventureira; e como a justiça o persegue, muda de cara, de fato e de systema de vida, como as circumstancias lh'o aconselham.

Commerciante n'um dia, medico no outro, assim vae es-

capando aos sabujos da intendencia geral da policia, que o procuram insistentes.

Em casa do marquez de S. Mauricio as cousas proseguem no mesmo estado, se bem que a saude do marquez velho a todos inspira serios cuidados.

O velho fidalgo perde uma porção de vida todos os dias, definha-se lentamente, tem grandes insomnias, não come quasi nada, e a morte implacavel caminha insistente e apodera-se da sua victima.

D. Beatriz, devido ao affecto estremecido que seu irmão lhe manifesta, esqueceu inteiramente as suas prevenções.

Seu irmão parece adivinhar-lhe os pensamentos, e repetidas vezes lhe tem dito, que o seu mais ardente desejo é vel-a feliz, e ao dizer-lhe isto acrescentava :

— A saude de nosso estremecido pae é realmente melindrosa, o seu estado é assustador, e se Deus houver por bem roubar-o ao nosso desvelado amor filial, o que mais ambiciono é que a minha querida Beatriz se decida a mudar de estado, porque só assim poderei alijar a grave responsabilidade que me fica com a sua tutella.

A joven respondia-lhe :

— Ora, deixa-se d'isso, não pense n'essas cousas.

E dizendo isto, acreditava piamente na sua boa fé.

Fr. Leonardo proseguia no mesmo genero de vida, e se instava com D. Ignacio para precipitar os acontecimentos, o seu desejo era fundado na esperanza de receber os cem mil crusados; elle porém respondia-lhe :

— Não se apresse, não se podem fazer por atacado cousas de tanto compromettimento. Os seus interesses não são superiores aos meus, e todavia espero, para não perder tudo.

O frade não ficava satisfeito, e a razão é obvia.

A paixão que sentia pela formosa Joannita escaldava-lhe o sangue nas veias, fazia d'elle um insensato, e como se convencera de que offerecendo-lhe uma fortuna, leval-a-ia a capitular com os seus desejos, instava com o seu cumplice para operar com firmeza, porque o seu fim era receber a cubiçada fortuna de quarenta contos de réis.

Não via, nem pensava n'outra cousa, e sempre que regressava de estar na companhia da travessa hespanbola, vinha mais louco e desesperado.

Um dia fez a importante descoberta de que a Joannita tinha um irmão! As cousas passaram-se pela maneira seguinte:

Ao ver um estranho, fez uma careta, que o tornou ainda mais feio.

Ora a joven, se não pensava em ceder ás suas lubricas pretensões, tambem lhe não convinha desgostal-o, e disse-lhe com um sorriso encantador, que desarmonou o amouco tonsurado:

— Sr. fr. Leonardo, tenho a satisfação de lhe apresentar meu irmão D. Cosme Campanella Capristano e Cisneros, commerciante que deixou o seu paiz, para se estabelecer com escriptorio de commissões em Lisboa; peço-lhe a sua protecção, que o recomende aos seus numerosos conhecimentos.

O frade moldava-se á vontade da sua bella tyranna, como lhe chamava nas horas em que ella se lhe mostrava mais condescendente e amavel.

Sorriu-se e respondeu, estendendo a mão ao improvisado commerciante:

— Meu amigo, não podia ter melhor recommendação; estremeço esta louquinha, faz de mim o que quer... Fique certo que lhe hei de arranjar excellentes freguezas, e a

mais grada sociedade d'esta cidade não deixará de frequentar o seu escriptorio.

Joannita agradeceu-lhe a resposta com um sorriso, e lançou-lhe um olhar que o fez estremecer, a ponto de lhe dar um ataque de ternura.

O frade retirou-se depois de algumas horas, a joven e seu irmão acompanharam-n'o á escada.

La deslumbrado e acreditando, que á protecção dada ao irmão, talvez se seguisse ver coroada a sua felicidade.

Ora vamos fallar do sr. D. Francisco Velasco, fidalgo de tanta antiguidade, que a sua nobreza e nome já existiam, antes de haver Deus e sol nos penhascos da sua provincia.

Estão os leitores lembrados, que o capitão Francisco Pinto não quiz bater-se com elle, provando perante os officiaes hespanhoes, suas testemunhas, que baixara ao mister de espião.

O general depois d'isto fez um relatorio para o ministro da guerra, e ao nobre fidalgo, não obstante as grandes protecções de que dispunha, foi-lhe tirado o commando do corpo, e desligado do serviço.

D. Francisco bramio desesperado, jurou vingar-se do capitão e de D. Bonifacio.

Ora, aconteceu a este homem, o que no mundo succede muitas vezes, por não haver nada mais caprichoso e incomprehensivel do que o coração humano.

Depois de ter despresado a Joannita, encontrou-a um dia, pareceu-lhe então mais formosa de que nunca, e uma paixão vertiginosa voltou insistente, requestou-a, perseguiu-a, mas ella despresou com nobre altivez todas as propostas que lhe mandou fazer.

.. Intrigado, e não menos despeitado, soube que um joven

medico D. Bonifacio de Alvellos, depois de a ter tratado lhe dedicava um amor sincero e ardente, e que era correspondido com affecto.

Desde este dia odeou aquelle homem, e esta é a origem das suas constantes provocações, que terminaram no café, onde se achava Francisco Pinto.

Ao fidalgo constou que a joven viera para Lisboa, e concluiu que D. Bonifacio seguira o mesmo destino; e tambem não ignorava que n'esta cidade devia residir o militar que tanto o humilhara.

Arranjou os seus negocios, e na companhia de um miseravel que fôra tenente do seu regimento, um sujeito de indole duvidosa, mas com reputação de valente, e de grande espadachim, tomou a direcção da fronteira portugueza, e chegou a Lisboa quinze dias depois.

- Não conhecendo pessoa alguma n'esta cidade, alugou um terceiro andar na rua da Magdalena, que mobilou modestamente; e na companhia do seu amigo, entregou-se á realisação do seu plano dilecto.

Tres insistentes pensamentos o dominavam; e aquelle homem falto de brios, que não teve coragem para se desaffrontar, que lhe enfraqueceu o animo, quando tentou refugiar-se na morte, meio unico de fugir á vergonha, era activo e intelligente, e não desanimava no meio das difficuldades que o cercavam, para effectuar os seus desejos de vingança.

Para elle não havia outra solução que não fosse possuir Joannita pela segunda vez, e anniquillar os dois homens que mais aborrecia.

Francisco Pinto e D. Bonifacio Alvellos, tinham n'elle um inimigo implacavel.

D. Francisco mudara de nome e de profissão, já não era

militar, e chamava-se D. Ramiro Gonzales, um proprietario abastado, inofensivo, que viajava para se distrair.

O seu digno companheiro, não sendo porém conhecido, nem possuindo um nome aristocratico que podesse denuncial-o, não fez alteração alguma na sua apresentação, e continuou a chamar-se D. Pedrito Colínello.

E enquanto as condições de D. Francisco não mudarem, fiquem os leitores sabendo que usará dos dois nomes. Assim lhe convinha.

Tinham decorrido tres mezes, e não adiantara nada nos seus negocios; ainda não soubera onde morava a Joanita, onde parava D. Bonifacio, e de Francisco Pinto, apenas lhe constava que o seu quartel militar era em Campo de Ourique.

O nobre hespanhol para chegar á realisação dos seus projectos, vender-se-ia ao diabo pelo preço de uma corda de esparto.

As suas horas de ocio ia passal-as para o Terreiro do Paço, e ali ao contemplar o formoso Tejo, esparguindo-se indolente, ao ouvir o suave murmurio das aguas, dizia com os seus botões:

— Mal empregado! É pena não ser assim em Hespanha! A tua parte mais bella, é a que pertence a estes perros portuguezes...

E ao dizer isto fazia-lhe uma figa.

Não ganhava nada com isso; e quem o ouvisse, rir-se-ia das suas espanções patrioticas, mais de que ridiculas.

Por vezes encontrou nos seus passeios um sugeito que teria talvez cincoenta e cinco annos, de physionomia sympathica, insinuante, que sobretudo se recommendava pela maneira irreprehensivel do seu vestuario; ninguem como elle aspirava uma pitada de tabaco mais aristocraticamente,

nem com mais garbo sacudia as rendas dos bofes engomados com esmero.

Ora o sr. D. Ramiro Gonzales, ou D. Francisco, não era expansivo, nem amigo de ninguém, especialmente de gente portugueza, que como bom hespanhol detestava.

Mas vivia só, não conhecia pessoa alguma, e aquelle bom velho, sempre que o encontrava, sorria-lhe e fazia uma rasgada cortezia, a que elle correspondia.

Ora tantas vezes se encontraram, que encetaram conversação; d'isto passaram a ter alguma intimidade, e um bello dia disse-lhe o sympathico velho:

— Vossa mercê é estrangeiro, e se me não engano, nasceu para além do Caia.

— É verdade, tenho a honra de ser hespanhol, nasci na provincia das Asturias.

O velho comprimontou-o e respondeu:

— Eu sou portuguez; nasci na provincia da Beira, e residido em Lisboa ha perto de um anno.

Ainda fallaram em differentes cousas, mas não foram além d'estas e de outras banalidades.

Ora o hespanhol, o descendente dos Velascos, estourava se não alcançasse o fim que procurava; e tendo decorrido bastantes mezes, encontrava-se no mesmo estado.

Um dia, porém, que seguia pelo Chiado, cheio de aborrecimento, proximo ao largo das Duas Igrejas, deu de frente com um sugeito que lhe pareceu pertencer á classe dos commerciantes, que ao vel-o estremeceu; e não obstante trazer uns grandes oculos com aros de prata, pareceu-lhe que o conhecia.

O desconhecido proseguiu no seu caminho, mas elle voltou para trás e seguiu-o de perto; entrou para a escada de um predio na rua Larga de S. Roque, do lado esquerda

vindo de S. Pedro de Alcantara. Na escada havia um alfaiate, e perguntou-lhe :

— O senhor pôde dizer-me se conhece este sujeito que entrou agora mesmo?

— Conheço, é o sr. D. Cosme Capristano.

— Ah! elle é hespanhol?

— Seu patricio, porque o senhor pela falla não é portuguez.

— É verdade; pertenço á mesma nação. E este sujeito é só?

— Não, senhor, vive em companhia de uma irmã, que é realmente uma mocetona de trus.

Não quiz ouvir mais, sabia quanto desejava, o resto era a elle que pertencia.

— Obrigado, bom homem.

Rodou sobre os calcanhares, e retirou-se, dizendo consigo :

— Até que te apanhei. Agora já sei como devo conduzir-me. Mas não conheço ninguem n'esta cidade! Diabo, quem me ha de auxiliar? A quem me hei de dirigir? Ah! se o velho me pudesse fazer alguma cousa... Pôde ser; conto-lhe uma historia qualquer, e veremos o que faz.

À tarde não faltou no Terreiro do Paço, e logo que o viu, dirigiu-se-lhe, e fallou-lhe com mais amabilidade de que nos dias anteriores, o que lhe não passou desapercibido.

Depois de uma larga conversação sobre differentes assumptos, dirigiu-a para a politica; depois para assumptos religiosos; e acreditando que quem quer os fins procura os meios, disse-lhe :

— Meu amigo, todo o homem que tem convicções politicas e crenças religiosas, deve detestar a peste maligna, que se propaga por todas as nações! . . .

— Sim, com certeza, mas de que peste me quer falar?

— Ora, das sociedades secretas, que tanto no meu paiz como no seu, conspiram constantemente contra o throno e o altar.

— Sim! E que mais? perguntou elle.

— Então acha pouco o que lhe disse?

— Não, nem demasiado. Mas onde estão esses medonhos conspiradores? perguntou elle com modo bonacheirão.

— Em toda a parte; hoje vi eu um revolucionario temivel, pela sua audacia e vasta intelligencia; e não ha pouco tempo que lhe ando no encalço sem o ver...

O velho não pestanejou, nem fez a menor contracção, olhou para elle por cima dos oculos, e disse com os seus botões:

— Parece-me que estou com um collega! Este diabo é da policia; ora vamos a ver o que sae d'aqui...

Depois de concluir este monologo, proseguiu em voz alta:

— Com que então, pelo que me diz, veio para Portugal na pista do tal meliante? e o senhor é empregado de policia no seu paiz?

— Não, senhor, respondeu seccamente; aqui, como me vê, sou nobre, e trabalho por minha conta, pelo amor que tenho á religião dos meus paes, e ao meu rei.

— Ah! com que então trabalha por amor á arte! Desculpe se offendi o seu melindre, respondeu elle com inexcusavel gravidade e voz assucarada.

E recobrando todo o seu genio satyrico, proseguiu:

— Vejo que vossa mercê é fervoroso e bom catholico, piedoso e temente a Deus; louvo o seu zelo religioso, e se ha pouco não prestei a devida attenção ás suas pala-

vas, foi tão sómente devido á reserva que tenho por systema guardar. Mas agora, visto que tenho a honra de fallar com um nobre hespanhol...

— A um Velasco, respondeu elle com orgulho e mais imprudencia.

O bom do velho esteve a ponto de se denunciar ! Aquelle nome fizera-lhe a luz ; não duvidou de que a sua missão não podia ser boa ; mas era muito esperto para se denunciar ; e sem fazer um gesto de surpresa, perguntou :

— Pois vossa excellencia pertence á nobre familia dos Velascos ! São nobres entre os nobres, fallados em todos os cantos do mundo... Tenho a honra de comprimentar um fidalgo, mais fidalgo do que qualquer monarcha.

Levou a mão ao chapéu, e descobriu-se com seriedade comica.

Este rasgo de velhacaria fez desnortear o homem, que lhe disse :

— Depois de saber quem sou, não duvidará dizer-me quem é.

— Eu sou o Aniceto Parreira, um criado de vossa excellencia...

O hespanhol fez uma careta, não tratava com um homem do patriciado ; no entretanto, como o seu fim era saber o que desejava, proseguiu :

— Vejo pelo seu nome que é plebeu, todavia deve conhecer em Lisboa mais pessoas do que eu ; comquanto me dissesse que estava ha pouco tempo na cidade.

— Assim é ; todavia tenho bastantes relações... conheço o sr. marquez de S. Mauricio, o primeiro ministro, o intendente geral da policia, e muitas pessoas mais ; e conhecendo tanta gente, nada porém quero com os jacobinos, nem com os pedreiros livres...

D. Francisco esteve quasi a dar um grito de satisfação; aquelle homem podia dar-lhe ingresso na intendencia, apresental-o, recommendal-o, para lhe prestarem attenção, e ouvirem a denuncia que queria fazer.

Mestre Aniceto sorria-lhe de uma maneira singular, e olhava para elle fixamente.

— Mas que deseja vossa excellencia? Para que me perguntou se tinha conhecimentos n'esta cidade? Se entender que lhe posso ser util, não me poupe, estou á sua disposição. Creio que nos havemos de entender...

— Porque não? as suas idéas são as minhas, visto que ambos detestamos os malvados jacobinos... Ora diga, quer que o apresente ao intendente geral da policia?

D. Francisco reflectiu antes de responder, e perguntou:

— Não me podia apresentar a qualquer titular? por exemplo, ao marquez de S. Mauricio, de quem ha pouco me fallou?

O Aniceto cravou n'elle vista acerada, desejou ler-lhe na alma as intenções, mas elle supportou tranquillo o seu olhar, conheceu que o pedido feito não envolvia idéa reservada.

— Eu lhe digo, meu amigo, proseguiu elle, o marquez de S. Mauricio é mais intendente do que o proprio magistrado; e se quer tratar de negocios do Estado, por elle vae mais seguro.

— É isso mesmo que desejo.

— Pois sim, não duvido satisfazer ao seu pedido. Mas falle-me com franqueza, que tenciona dizer-lhe? Não duvide declarar-m'o, porque desde já o previno, que D. Ignacio não tem segredos para mim.

— Quem é D. Ignacio?

— É o marquez de S. Mauricio, o homem que mais pôda com os ministros.

— Está bem, sr. Aniceto, em vista do que me diz, vou contar-lhe a minha historia: — Conheci em Badajoz um meco, que dizia chamar-se D. Bonifacio Alvellos, homem de merecimento, mas um pedreiro livre incorrigivel; dotado de grande immoralidade, raptou uma joven, ainda aparentada com a minha familia, e não satisfeito com isto, uma noite, n'um café, provocou-me, e rodeado por alguns da seita, a não ser a intervenção de um amigo, seria inevitavelmente assassinado.

O Aniceto prestou-lhe muita attenção, fez dois ou tres gestos de indignação, e respondeu:

— É como vossa excellencia diz, os infames, relapsos, só atacam os bons catholicos, quando se acham reunidos em grande numero, porque á sua impiedade reúnem a covardia... Todavia que mais se passou?

— As justicas de Madrid foi denunciado o herege, que não se confessava, não ouvia missa, nem entrava n'uma igreja; e se a Hespanha catholica estivesse ainda debaixo do paternal governo do santo rei Filippe II, que mandava para a fogueira todos os impios, já de ha muito o tal medico estaria no inferno.

— Sim! pois acredite que ha de ir para lá... mas prosiga, está-me interessando o que diz.

— Constando pois em Madrid, que o tal meliante passeava impune por Badajoz, baixou uma ordem regia para ser capturado; como porém os maçons têm pacto com o diabo, foi por elle prevenido, e quando lhe cercaram a casa, já se tinha safado para Portugal.

— Que me diz! e esse homem temivel de que me falou está n'este abençoado paiz fidelissimo, para envenenal-o

com as suas doutrinas peçonhentas ? Credo, anjo bento, Santissima Trindade, proteja os bons e leaes portuguezes. . .

E mestre Aniceto que estava mystificando o patife do fidalgo hespanhol, benzeu-se devotamente. Depois perguntou :

— E tem cumplices n'este paiz ?

— Se tem . . . que eu saiba é um capitão de infantaria chamado Francisco Pinto, e um titular ; o que todavia ignoro, é o nome do tal fidalgo traidor.

— O que me diz ! Pois a peste maligna dos jacobinos já entrou nos palacios patricios e nos quarteis militares ? Ah ! que estamos perdidos, se o Deus de Affonso Henriques não salva este povo das unhas do cão tinhoso. . .

— O senhor parece-me muito boa pessoa, temente a Deus e religioso devotado . . . e em vista do que lhe disse, parece-me que apresentando-me ao marquez, prestará um bom serviço á nossa santa religião, ao meu e ao seu rei.

— E sabe onde se aninha esse monstro, que tem o inferno por asylo ?

— Sei, reside na rua Larga de S. Roque, do lado esquerdo, quando se vae para o Loreto.

— Ah ! então é proximo do convento da Trindade ?

— Creio que sim.

— Senhor . . . não sei ainda o seu nome proprio . . .

E o nobre fidalgo, que não lhe convinha ser conhecido pelo nome de D. Francisco, observou-lhe :

— Chamo-me D. Ramiro Gonzales.

— Não me disse ha pouco que era Velasco ?

— Sou Velasco, mas não quero que este nome de tanta nobreza, figure n'uma denuncia . . .

— Percebo, quer sel-o e não parecel-o . . . Sim, S. Pau-

lo também dizia aos lubricos: — Sé cauto, se não podes ser casto...

E depois d'esta citação piedosa, proseguiu:

— Tem vossa excellencia muita razão, os braços da sua nobre familia, não podem nem devem ser manchados, seria um desacato que o sol não perdoaria, comquanto muito joven, em relação á vetustez da sua importante prosapia.

— Ainda bem que concorda com as minhas opiniões, porque emfim um fidalgo é sempre fidalgo...

— Sim, até sendo um grandissimo velhaco, disse elle comsigo.

Depois proseguiu em voz alta:

— Pois já se vê, e ninguem como eu, na minha vida modesta mais respeita essas cousas... — Meu caro sr. D. Ramiro, amanhã esteja vossa excellencia aqui, para irmos ao palacio do muito alto e nobilissimo marquez de S. Mauricio. — Creia que ha de ficar encantado com sua excellencia, que é um cavalheiro de maneiras distinctas, muito intelligente e honrado, o que porém não possui é uma nobreza mais antiga de que o sol, porque emfim, cá em Portugal não ha d'essas cousas, mas fique sabendo que só lhe falta isso, no mais não é inferior a vossa excellencia...

Ao dizer isto, sorriu de uma maneira equivoca e diabolica. Despediu-se d'elle e foi rominando a sua idéa.

Chegou a casa e aconselhou-se com a esposa, que como os leitores sabem, era mulher de muita prudencia, grande doutora e sabichona.

Ouviu e respondeu:

— Aniceto, meu esposo, tu deves conciliar os nossos caros interesses com os deveres da gratidão; entende-te com o marquez, apresenta-lhe o homem, e prepara as tuas cou-

sas, por maneira que ficando ainda mais bem visto pelos teus chefes, não atraíções aquelles a quem devemos muitos favores. Iremos ganhando assim honradamente a vida, com a dupla vantagem da tua reputação, augmentar sem nos compromettermos com amigos antigos.

— Mas como hei de conciliar todos esses interesses heterogeneos?

— Que pergunta! Em quanto fazes a tua denuncia ao marquez, mando eu entregar uma carta ao conde de Montalvo, prevenindo-o do perigo que correm os seus amigos, e quando a policia lá vae, já elles se têm poste ao fresco.

— Boa lembrança, querida esposa, és uma preciosidade, um portento, dá-me um abraço.

Tudo ficou combinado; e á noite o sr. Aniceto Parreira, que estava nas boas graças dos ministros, do intendente geral da policia, e do marquez de S. Mauricio, dirigiu-se a casa d'este e annunciou-se.

Mandou-o entrar para o seu gabinete e perguntou-lhe:

— Então que temos de novo? Já fez mais alguma descoberta?

— Sim, meu senhor, respondeu elle com a sua inalteravel beatitude: ha grandes novidades, e d'esta vez não nos hão de escapar os jacobinos malditos e os *franco-maçons*...

— Que diz! Então teremos caçada real?

— Creio que sim; e se me dá licença vou contar-lhe cousas extraordinarias, quasi inacreditaveis!

— Conte, sr. Aniceto. Em boa hora disse eu ao ministro que vossa mercê era uma maravilha para as cousas da policia.

— Muito obrigado, é favor que vossa excellencia me quer

dispensar... Meu senhor, fique sabendo que em Lisboa está um hespanhol fugido pelos crimes de pedreiro-livre. É um monstro que dá tiros na sacrosanta imagem de Christo... Finalmente é o chefe supremo da pedreirada. Saiba mais, proseguiu elle, que a lepra revolucionaria já entrou nos palacios dos nobres e nos quarteis militares...

O marquez deu um pulo na cadeira, como se lhe tivessem applicado a descarga de uma pilha galvanica, e perguntou:

— Pois tambem ha fidalgos e militares compromettidos?

— É como tenho a honra de lhe dizer.

— Mas como alcançou esses importantes esclarecimentos? E onde reside o homem? Quem são os fidalgos tão infames? Os militares como se chamam?

O Aniceto ouviu pacificamente todas aquellas perguntas, que o marquez lhe desfechava á queima-roupa, e respondeu:

— Já lá vamos, senhor, Roma e Pavia não se fez n'um dia; affianço, porém, a vossa excellencia, que não ponho favras ao lume, emquanto não lhe entregar os jacobinos. Ouça, tenha um pouquinho de paciencia.

Depois de uma pausa, proseguiu:

— Ora, eu, comquanto não passe de um pobre diabo, tenho maneiras apresentaveis, porque emfim, para ser homem empregado de policia, é necessario não ser mau comediante. No Terreiro do Paço tomei conhecimento com um fidalgo hespanhol, que veio de caso pensado a Lisboa para apanhar o tal façanhudo henege; e tanto o procurou, que um dia d'estes encontrou-o, não lhe servindo para nada o disfarce, porque foi conhecido; seguiu-o a curta distancia, e soube onde morava. Ora como não conhece pessoa alguma

aqui, e só commigo tem relações, contou-me tudo isto, sem saber que sou da policia...

— Bravo! muito bem, mestre Aniceto, e depois?

— Ouvi com attenção, tomei nota do que me disse, e offereci-me para apresental-o a vossa excellencia. O homem acceitou satisfeittissimo, e amanhã terei a honra de lh'o trazer aqui, e creio que o primeiro ministro deve ficar contente.

— Tanto como eu estou. Mas os nobres e os mititares quem são? O hespanhol onde mora?

O Aniceto era porém muito esperto, para lhe dizer onde morava D. Bonifacio; o hespanhol que lh'o dissesse; e gozando a captura, como elle esperava, affastava de si toda a responsabilidade.

— Não sei onde elle mora, mas D. Ramiro Gonzales o dirá a vossa excellencia; quanto aos militares, um é capitão de infantaria, quanto aos mais ignoro quem sejam. Agora os fidalgos... Estão muito altos, meu senhor...

— Os traidores, se são nobres, deixaram de sel-o, porque desceram ao nivel da infima ralé.

— Sim, senhor marquez, não diga a um fidalgo de nobreza mais velha que Deus e o sol, que eu sou da policia; pois acredite que ha de considerar-se humilhado, por ter tratado com tanta familiaridade a um homem do meu panno... Sim, fazer policia por dinheiro é vergonha, ser espião officioso é uma honra... E direi como o pirata do Grande Alexandre: — Sou ladrão, porque roubo com dois ou tres barcos, mas tu que fazes o mesmo com uma esquadra, és um heroe conquistador...

O marquez sorriu e perguntou:

— A que horas me apresenta esse fidalgo?

— As horas que vossa excellencia me indicar.

— Acha que a melhor occasião será pelo meio dia ?

— Sim, é uma hora aristocratica.

— Pois então está combinado ; e fique certo que já hoje direi ao primeiro ministro, que devido á sua prodigiosa actividade, intelligencia e sagacidade, se devem essas importantes descobertas.

O Aniceto saiu mais contente do que entrara, porque o nobre D. Ignacio dera-lhe dez peças de duas carinhãs, novinhas e brilhantes como se tivessem acabado de sair da casa da moeda ; e em satisfação dos salutaes conselhos da esposa, foi acceitando e arrecadando-as nos bolsos dos calções.

O marquez teve á noite uma larga conferencia com o primeiro ministro, que d'esta vez não se fez surdo ; o intendente geral da policia foi chamado, e recebeu ordens terminantes para proceder á captura dos temiveis jacobinos, que d'esta vez não poderiam escapar.

D. Ignacio, se bem que não soubesse quem era o titular comprometido, disse ao ministro que era o conde de Montalvo.

— Tem a certeza d'isso ?

— Quasi, e amanhã, depois de receber noticias mais circumstanciadas, lhe poderei affiançar a verdade ; o que todavia não offerece duvida, é o conde receber em casa individuos que ninguem conhece ; e se o são pertencem á plebe e não gozam de boa reputação como catholicos...

— Pois se me provar isso, em Portugal não será a primeira vez que se entregam ao garrote os fidalgos traidores ; se bem que sua alteza real não goste de rigor, e tenha um coração de cêra, havemos de leval-o ao bom caminho, para salvação d'elle, do paiz e de todos nós.

O marquez sorria de uma maneira que fazia arripiar o diabo, e respondeu:

— Sem duvida, com emolientes não se curam as molestias agudas; e a febre que assalta as nações não póde ser tratada com a therapeutica, que compromette a vida nas enfermidades perigosas.

Emquanto o marquez de S. Mauricio tem esta conferencia com o primeiro ministro, o conde de Montalvo recebia uma carta anonyma, entregue por mão desconhecida, que o prevenia do seguinte:

«Senhor conde! Acautele-se, porque a policia já sabe que á frente da maçonaria portugueza está um nobre titular. Não ignorando isto, o resto não lhe será difficil. Previna os seus amigos, que amanhã serão assaltados pela justiça, que lhes cercará as casas, e os que se acham em maior risco, são o capitão Francisco Pinto e D. Bonifacio. Tome as suas medidas, porque a pessoa que o avisa, é amiga e está bem informada. . . »

CAPITULO XXIV

A policia burlada pela policia

Dissemos que o conde de Montalvo recebera uma carta anonyma, e entregue por mão desconhecida; e assim foi. O nobre titular ficou maravilhado, e d'aquelle facto concluiu:

Que se não era uma insidia dos seus inimigos, era um importante aviso enviado por pessoa amiga.

Reflexionou, disentiu as suas proprias opiniões, estabeleceu hypotheses, tirou corollarios, mas não adiantou nada.

E para não tomar sobre si a grave responsabilidade de uma qualquer resolução, achou curial communicar o importante acontecimento aos seus amigos, ouviu-os, e resolver com o seu concurso.

Pushou pelo cordão da campainha, e um criado appareceu.

— Dize ao sr. D. Raymundo e a meu neto, que desejo fallar-lhes, e que os espero no meu gabinete.

O criado cumprimentou e saiu.

Momentos depois, os dois jovens entraram, e perguntaram :

— Vossa excellencia mandou que viessemos aqui ; obedecemos e recebemos as suas ordens.

— Aqui não está uma excellencia, está o vosso grão mestre, assentae-vos, meus filhos, temos que fallar, e desejo ouvi-los.

Os jovens cumprimentaram-n'o com respeito e assentaram-se.

O anelão proseguiu :

— Meus filhos, recebi ha pouco uma carta, que vou ler ; e já os previno, que tanto póde ser de um amigo, como de um inimigo ; no entretanto, desejo consultal-os e conhecer a sua opinião.

Em seguida leu a carta, que consta do capitulo findo, e perguntou :

— Que idéas fazem d'isto ?

— A mesma que o avô, respondeu D. Alvaro.

— Muito bem, no entretanto, vou mandar chamar os nossos amigos, pedindo-lhes que reünam hoje n'esta casa sem falta. Faz tu, D. Raymundo, as cartas, e o João, que é um rapaz de confiança, que as entregue.

As cartas foram ao seu destino; e á noite, n'uma das salas do conde, na mais retirada, reuniram Francisco Pinto, seu irmão D. Bonifacio, e o frade trino fr. Rodrigo da Encarnação.

— Meus irmãos, não estamos em sessão regular, mas agrada-me este tratamento fraternal, por ser aquelle que mais usou o Divino Mestre, que não podia enganar-se, pela sua natureza divina. — Meus filhos, submetto á vossa apreciação essa carta, que se não é uma infame traça dos nossos inimigos, foi escripta por mão amiga.

Leu e perguntou :

— Que dizem a isto ?

— Que essa carta diz a verdade, respondeu friamente D. Bonifacio.

— E porque julga assim e o affirma? perguntou o conde.

— Porque o infame traidor, o vil denunciante, que já me obrigou a sair do meu paiz, está n'esta cidade, encontrei-o ha dois ou tres dias; e não obstante o disfarce em que ando, não lhe passei desaperebido. Conheceu-me, tenho a certeza d'isso, e quem baixou uma vez á vil condição de espião, não duvida descer tantas vezes quantas lhe forem impostas pela sede da vingança torpe.

— Capitão Pinto, proseguiu o honrado mancebo, o infame D. Francisco Velasco está em Lisboa, necessariamente ha de querer tirar a sua desforra, de si e de mim.

O conde de Montalvo ouviu com admiravel tranquillidade as declarações do joven medico, e respondeu :

— Já não discutimos se a carta é verídica, todavia é de instante necessidade combinar o que nos cumpre fazer, em proveito da salvação de todos.

Francisco Pinto estivera calado, mordendo o bigode, como tinha por costume sempre que ruminava uma idéa. Ouviu as ultimas palavras do conde, ao ver que todos guardavam silencio, entendendo que com semelhante systema não se salva coisa alguma, disse:

— Senhor conde, nunca fui dos primeiros a fallar, porque gosto de ouvir; no entretanto, vendo todos estes nossos amigos calados, em quanto pensam vou dar a minha opinião. — O sr. capitão Pinto, alem de ser um bravo, tem uma excellente cabeça; falle, meu filho, desejo ouvir a sua auctorisada opinião, e creia que esta é a idéa de todos.

Francisco Pinto proseguiu:

— Não resta duvida que hoje ou amanhã a casa de D. Bonifacio será cercada pela policia; conheço o denunciante; é capaz de tudo que não for bom. Ora eu, nos meus tempos de rapaz, quando cheguei da provincia de Traz-os-Montes, um lorpa, como disse o malaventurado tenente Noronha, tive differentes arengas com os sabujos da intendencia; e á primeira que tive com elles, devi a ventura de ter por esposa a mulher formosa, thesouro de todas as virtudes, que possuo. Já vêem que não me dei mal em ter que luctar com os taes senhores. . . D. Bonifacio, proseguiu elle, o senhor e a Joanita, vão hoje occupar a minha casa, porque eu e minha mulher iremos para a sua; o resto é a mim que pertence.

— Mas que projecta fazer? observou o conde; lembre-se de que o seu nome tambem está compromettido na denuncia.

— Então que tem isso? Não pensem que sou tão simplom-

rio que me deixe agarrar; o meu desejo é mystificar os furões do senhor intendente geral da policia commandados pelo senhor marquez de S. Mauricio!

— Não tenha tanta confiança em si, capitão, redarguiu D. Bonifacio; eu não fejo a um perigo, para deixal-o á mercê dos nossos inimigos.

— Pois faz mal. Insisto pela minha idéa, e já o previno de que sou teimoso. Senhor conde, peço-lhe que diga se a considera accetavel.

— Com certeza, pela muita confiança que tenho no seu caracter resolutivo.

N'este momento um criado bateu na porta e disse:

— Senhor conde, está aqui uma carta.

Mandou entrar, e depois de o ver saír, abriu-a e leu:

— É uma segunda carta, em additamento á primeira. Confirma o aviso primordial e assevera que amanhã á noite será cercada a casa de D. Bonifacio.

D. Raymundo trocou um olhar de intelligencia com D. Alvaro e disse:

— Necessito conhecer esse hespanhol.

— Para que? perguntou D. Bonifacio.

— Meu amigo, respondo como o capitão Pinto, cá tenho a minha idéa.

Duas horas depois retiraram-se; e n'essa mesma noite as duas familias tocaram as casas.

As onze horas da manhã, o capitão Francisco Pinto apresentou-se no quartel general e disse para um dos ajudantes de campo:

— Meu querido camarada, posso fallar ao nosso general?

— Creio que sim; eu vou perguntar.

Minutos depois voltou e disse:

— O general está á sua espera.

O capitão entrou no gabinete, perfilou-se, fez a continência militar, e esperou que o interrogasse.

O general fizera com elle toda a campanha da Catalunha, sendo então coronel; conhecia Francisco Pinto, sabia os serviços que prestara, e apreciava a sua bravura, a que se podia chamar temeridade.

— Então, que temos, capitão? perguntou elle com amisade; andas talvez aborrecido... é natural, o teu character irrequisto e audaz só está satisfeito quando onve o estrondo da metralha... Pois meu bravo, tem paciencia, contenta-te com o que te dão; já não temos francezes nem hespanhoes para combater; agora somos amigos de todos...

O general era um valente, e tratava sempre por tu os guerreiros que mais estimava pelo seu valor.

— General, tem razão; já não temos francezes para combater na Catalunha, nem hespanhoes na Beira ou no Alemtejo... Ali fomos derrotados, graças á inepecia do commandante em chefe, e se na Beira triumphámos, foi por lá estar o meu general; todos fizemos o nosso dever...

— Tens razão, meu querido Pinto; ainda deploro essa paz vergonhosa! Foi uma cobardia a entrega de Olivença, pedra preciosa da corôa portugueza, que tanto sangue custou aos bravos de 1640, para a sustentarem e reconquistarem... Mas não fallemos n'isto, homem, dize o que queres... Desculpa tratar-te assim, é o meu systema familiar, o que uso para com os valentes que ao meu lado se bateram.

— Pois meu general, vim procural-o para me queixar...

— De quem? Do teu coronel não pôde ser, porque ainda me disse hontem que te estimava mais do que a todos os officiaes do regimento.

— Não é do coronel que venho queixar-me.

— Ora essa ! então de quem é ?

— Do senhor intendente geral da policia.

O velho general deu um pulo na cadeira, como se o tivessem picado com um sovellão, e perguntou :

— Que estás a dizer ?

— A verdade.

— E que tem o senhor intendente que fazer com os officiaes do meu commando ?

— Pouca cousa, creio que assignou uma ordem de captura contra mim !

D'esta vez o general ergueu-se, como se fosse tocado por uma pilha galvanica, e perguntou com voz fremente :

— Pois o senhor intendente caiu em semelhante tolice ? E então o nosso fôro militar já não serve para nada ? Pois então servimos só para nos mandarem morrer como cães, para depois nos porem á mercê de qualquer beca ou sotaina ? Conta-me isso, capitão, desejo conhecer o valor da lei militar em que vivemos.

Francisco Pinto, sempre tranquillo, respondeu :

— Um amigo meu affiançou-me que se dera uma denuncia contra mim, e que em virtude d'ella se mandara passar a tal ordem . . .

— Mas de que constava essa tal denuncia ?

— Denunciavam-me como jacobino e pedreiro livre.

O general encolheu os hombros e respondeu :

— Confesso-te que quando ouço nas igrejas os frades dizerem do pulpito abaixo as mil baboseiras que impingem ao povo, dá-me vontade de lhes cortar o pescoço. Ora deixa-te d'isso. Acreditei que se tratava de alguma cousa seria ; um soldado não tem tempo para se entregar a frioleiras.

— Não é tanto assim, meu general . . .

— Então que é?

— Que não desejo expor-me a um insulto, para depois responder a conselho de guerra, por ter mandado para o inferno dois ou tres furões da intendencia.

— E tu que és bem capaz de tudo isso... E tão amigo és dos sabujos da policia, que até quando lhes furavas a pelle, fazias a tua felicidade... Anda, maganão, que roubaste uma joia aos francezes.

— Mas que hei de fazer?

— Boa pergunta! o que disseste ha pouco. Dá-lhes para baixo; imagina que são francezes ou hespanhoes, porque o teu velho general cá está para te defender.

Francisco Pinto abanou a cabeça e respondeu:

— Permitta-me vossa excellencia que lhe diga não me agradar o seu conselho.

— Sempre te conheci cabeçudo, como teu pae e teu tio, mas hoje estás detestavel. Porque te não agrada o meu conselho?

— Eu lhe digo: quando tinha dezoito annos e era um simples cadete, onde havia pancadaria, lá me encontravam. Ora hoje tenho vinte e cinco, sou capitão ha seis annos, e não quero comprometter o meu futuro, que tambem pertence a minha esposa.

— Ora ahí têm o que valem os officiaes casados... Estás outro, não me pareces o mesmo...

— General, disse o joven militar, elevando-se á altura de um gigante, para me bater pela religião, pela patria e pelo rei, sou sempre o mesmo. Se a hora do perigo soar, não será a metralha inimiga que me levará a voltar as costas; para isso tenho sempre dezoito annos; para loucuras tenho vinte e cinco.

— Boa resposta, meu bravo, dá-me um abraço. Quem

sabe? É possível que em pouco tempo te diga: «Capitão Pinto, está feito major, confio-lhe um batalhão, para conduzir á victoria com bizzaria.» Vamos fallar ao ministro da guerra. Tens confiança na pessoa que te informou?

— Tenho, mas quando não seja exacto, nada perderemos em lhe fallar; melhor é prevenir do que remediar.

— Pois sim, espera para ahi um bocado, que já volto.

Pouco tempo depois seguiam ambos n'uma traquitana para casa do ministro da guerra: e o general entrou no gabinete de trabalho com a violencia de uma bomba.

O ministro, admirado, perguntou surpreso:

— Que tem, general, para se apresentar tão sobreexaltado?

— Eu sei lá o que tenho! Desculpe em não me fazer previamente annunciar, mas como o negocio que me traz á presença de vossa excellencia é grave, não me lembrei das etiquetas e pragmaticas.

— Falle, respondeu o ministro com seriedade.

— É o que vou fazer, principiando por pedir a vossa excellencia justiça e uma reparação, em nome da honra do exercito, das minhas dragonas e da lealdade de um soldado, injustamente offendida.

— Mas quem foi o imprudente que offendeu os seus brios militares?

— A mim directamente ninguem; e apesar dos meus setenta annos, ainda não me esqueci como se resolvem essas questões.

— Então explique-se; declaro-lhe que não percebo nada.

— Vae perceber; e desde já previno vossa excellencia de que quando fallo em nome de exercito, não me acomodo facilmente; e se não me attender, vou ter com sua alteza o principe real, que nunca deixa de fazer justiça sempre que lh'a pedem.

—Ora vamos, meu caro general, disse o ministro com bom modo, ainda não me informou de cousa alguma, como quer que o attenda?

Mais tranquillizado com as palavras do ministro, tomou o folego e disse:

— Todo, o exército, e muito especialmente aquelles que se bateram na campanha do Roussillon, sabem que este valente official, o capitão Francisco Pinto, arrostando o fogo da metralha franceza, ganhou como um heroe a patente de alferes aos dezoito annos. Menos de um anno depois, debaixo das minhas ordens, á frente de um punhado de bravos, arvorou a bandeira portugueza n'um reducto, ante o qual as melhores tropas hespanholas recuaram, queimadas com chumbo e fulminadas por uma chuva de bombas e bala rasa! Este bravo entre os bravos, já ferido, vendo que o exército seria irremediavelmente perdido se o temivel reducto não fosse tomado, quando del ordem ao meu brioso regimento de Cascaes para avançar, foi o primeiro que vi ao meu lado! Atacámos á bayoneta o inimigo; carregámo-lo primeira, segunda e terceira vez, e o denodo d'aquelles valentes soldados, só pôde apreciar-o quem o presenciou. Caíram ás dezenas, dizimados pela metralha; mas se recuavam, uniam-se e voltavam á carga como leões! Na frente d'estes briosos militares, sabe vossa excellencia quem eu sempre vi? Este capitão, que era uma creança! Confesso a vossa excellencia que verti lagrimas ao ver cair tantos bravos em terra estranha, regando-a com o seu sangue, por uma causa que não era a da patria. A confusão em todo o exército era grande; a batalha, se não estava perdida completamente, não fazia muito, e os soldados, aterrados, já recusavam atacar! Piquei o cavallo para os animar, para collocar-me á sua frente e levar-os pela quarta vez ao assal-

to, mas infelizmente caí ferido com o estilhaço de uma bomba. Agora sabe vossa excellencia quem me substituiu? quem reuniu e se poz á frente do regimento? Foi este official, que com a febre que assalta os valentes em frente do perigo, atirou consigo para o reducto, arrancou a bandeira franceza e hasteou o pendão glorioso das Quinas! Os grana-deiros do regimento de Cascaes eram portuguezes e briosos; palpitavam-lhes no peito corações leaes; enthusias-maram-se e não puderam ficar indifferentes á bravura do joven alferes! Carregaram com admiravel impavidez, entra-ram com impeto violento pela gola do reducto, varreram á bayoneta quantos se lhe oppunham, e atraz d'elles foi o res-to: dos seus camaradas. Mataram os artilheiros francezes, voltaram as bôcas das peças, e fulminaram-n'os com a sua propria metralha. Ora este feito heroico animou o exercito inteiro, e a batalha ganhou-se, estando perdida. O general hespanhol, conde de l'Union, que commandava em chefe, admirou a bravura do alferes portuguez; correu para elle, deu-lhe um abraço e disse-lhe:

— Está feito capitão, em nome de el-rei meu amo.

— Sou portuguez, respondeu este bravo que ali vê.

— Não importa, redarguiu o honrado e brioso fidalgo, o vosso principe não duvidará confirmar a patente que tão nobremente acabou de ganhar.

O ministro ouviu com grande interesse a singela descri-ção do velho militar, e respondeu:

— Tambem estive n'essa memoravel batalha, e sou o pri-meiro a respeitar o capitão. Mas não me disse ainda em que foi offendido.

— Senhor ministro, conceda-me que ainda me occupe d'elle. Na retirada da Catalunha, quando os soldados hespa-nhoes debandavam, arremessando as armas ao chão, eu, á

frente do meu regimento, ainda convalescente, sustentava a rectaguarda contra as massas inimigas, que nos carregavam, que nos opprimiam e envolviam pelos flancos. A nossa artilheria estava a ponto de cair em poder do inimigo, não obstante os prodigios de valor e prudencia praticados pelo seu digno commandante, o valente general José Antonio da Rosa, então sargento-mór. Aquelle bravo bradou para este official, que á frente dos seus granadeiros repellia os francezes:

— Capitão Pinto, sustente essa posição, ao menos por um quarto de hora! É quanto lhe peço para salvar a artilheria de Sua Alteza Real! E sabe vossa excellencia o que elle fez? Não sustentou a posição só por um quarto de hora! Repelliu por mais de quarenta minutos os ataques de uma brigada completa, tendo tão sómente sob o seu commando, cento e cincoenta soldados! Mas a artilheria foi salva! Não perdemos uma bôca de fogo.

— Muito bem, meu general, mas que fizeram a este bravo? E se os seus importantes serviços muito o recomendam, é certo, porém, que não podia ter melhor advogado. Que lhe fizeram capitão Pinto?

— Permitta-me que responda por elle; disse o general.

Em seguida o general contou o facto da denuncia, e a ordem de captura que fôra assignada, e acrescentou:

— Isto não se acredita, senhor ministro, que haja um intendente geral da policia tão tolo, que se preste a semelhante infamia, que tenha a audacia de mandar capturar um valente...

O ministro franziu o sobr'olho e respondeu:

— Tenho tanta confiança no general, e merece-me tanto conceito este official, que não duvido garantir a sua alteza real a sua innocencia e não desmentida fidelidade. Capi-

ção! Eu resigno o meu lugar de ministro, se vossa mercê for incomodado. Os leaes portuguezes que se bateram pela patria e pelo seu rei desde 1794 e 1796 e em 1804, não são nem podem ser traidores! E quando infelizmente tal acontecesse, arrancava as dragonas e quebrava a minha espada. Vá descansado capitão. Hoje mesmo fallarei n'isto a sua alteza real, e officiarei ao senhor intendente da policia, dizendo-lhe que quando tenha alguma denuncia a respeito de militares que m'a communique. A mim é que pertence mandar syndicar e propor a sua alteza o castigo, mas que não admitto sob pretexto algum, que o fôro militar seja violado.

O general abraçou o ministro, dizendo-lhe:

— Obrigado, de um honrado soldado, não podia sair outra resposta.

Ora enquanto estas cousas se passavam, outras em casa do marquez de S. Mauricio tinham lugar.

Mestre Aniceto não se esqueceu de apresentar o fidalgo hespanhol, que acrescentou ao que elle já sabia desde o dia antecedente, que o temível revolucionario morava na rua larga de S. Roque n.º 33, e que o capitão-jacobino era Francisco Pinto, que pertencia ao regimento de infantaria aquartellado em Campo de Ourique.

O marquez depois de ouvir-o, perguntou-lhe:

— E sabe quem é o titular que está á frente da *franco-maçonaria*?

— Não sei, mas sempre ouvi dizer no meu paiz, que em Portugal, um alto personagem, era o grão mestre da pedreira.

E nunca ouvi nomear o titulo honorifico do tal fidalgo? Seria o conde de Montalvo?

— Não sei, senhor marquez, parece-me, porém, que o

nome que ouvi pronunciar algumas vezes, se não era igual a esse, não seria muito differente.

D. Ignacio que procurava um pretexto para formular uma accusação contra o nobre ancião, não lhe agradou a resposta; mas não tendo outro recurso, contentou-se com o que lhe disseram.

O hespanhol saiu, acompanhado pelo Aniceto, que não quiz assistir á conferencia.

D. Francisco, ou D. Ramiro, como actualmente se chamava, disse-lhe:

— Bom homem, estou satisfeito com a maneira porque o marquez me recebeu. Disse-lhe porventura a minha qualidade? Saberá que sou um grande fidalgo?

— Não, senhor, nada lhe disse, visto assim m'o exigir.

À porta do marquez, um pobre aleijado estendeu a mão, e disse com voz esgançada:

— Uma esmolinha, meu fidalgo, pelo amor de Deus.

D. Ramiro deu-lhe duas moedas de cobre, e passou adiante, o mendigo cravou n'elle vista acerada. O mestre Aniceto era porém um espertalhão de primeira força; conhecera de ha muito que o improvisado aleijado era um grande finório; não ignorava as relações que tinha com o conde de Montalvo, e para elle era negocio averiguado que ali residia um mysterio, que como bom farejador policial, devia profundar.

Deixou passar adiante o seu companheiro, e enquanto elle lamuriava uma ladainha de palavras enternecedoras, batia-lhe no hombro, e disse-lhe:

— Amigo, tu és tanto aleijado como eu! Guarda as tuas intrigas para quem não te perceber, por exemplo, para aquelle hespanhol, que tem tanto de nobre como de patife...

Sorriu-lhe de uma maneira singular, e retirou-se.

O Casquilho não gostou da prevenção, porque ser conhecida a sua industria não era coisa que lhe agradasse; mas se elle tivesse a intenção de lhe fazer mal, não o prevenia; no entretanto ficou bastante intrigado.

Uma coisa todavia o maravilhava, eram as ultimas palavras que lhe dissera em relação ao estranho que acompanhava!

Teria em mente dar-lhe um aviso salutar? Mas para que? Que lhe importava a elle que o hespanhol fosse nobre e velhaco?

Continuou no seu posto, lagrimijando e pedindo esmola aos transeuntes; na firme intenção porém de accusar ao conde as suas apprehensões.

O marquez de S. Mauricio, assim que viu pelas costas o sr. D. Ramiro, disse:

— Vamos a casa do primeiro ministro; depois d'esta importante descoberta, firmarei o meu credito; e conseguido isto, todos os mais projectos hão de ter solução maravilhosa. Hei de possuir tudo que ambiciono: honras e riqueza... E verdade, verdade, que o sr. conde de Montalvo não tem razão para se queixar de mim... Se a immensa fortuna de minha irmã havia de se abrilhantar a sua casa pelo casamento de D. Alvaro; casando eu com a sua linda neta, lá irá ter da mesma maneira; ha tão sómente n'isto uma pequena variante de interesses... Ah! Sophia, é uma formosa mulher, de belleza deslumbrante... Mas D. Raymundo? Ora, é uma difficuldade que hei de supprimir, sem discutir os meios... Sorriu de uma maneira diabolica, deitou a mão ao cordão da campainha, e um criado appareceu.

— A minha traquitana, disse elle.

O criado cumprimentou-o e retirou-se.

Meia hora depois descia as largas escadas alcatifadas; chegou ao vestibulo, e o trintanario perguntou :

— Para onde, meu senhor ?

— Casa de sua excellencia o primeiro ministro.

O laçao repetiu a ordem, saltou para a trazeira, e a traquitana partiu ao largo trote de dois soberbos cavallos.

Chegou a casa do primeiro ministro, teve com elle uma larga conferencia, e ao despedir-se, disse-lhe :

— Prosiga, senhor marquez, não cance, nem discance, que lhe afianço a benevolencia de sua alteza real e a minha leal amizade.

Iremos agora occupar-nos do capitão Francisco Pinto, que ao sair de casa do ministro da guerra, agradeceu ao brioso general a maneira brilhante por que advogara a sua causa.

Foi para casa, e disse a sua esposa :

— Menina, hoje mudamos de residencia.

A joven era dotada de uma formosura deslumbrante, amava com estremecido affecto seu marido, e sem ser ciumenta, só estava bem onde elle se achava. Conhecendo-lhe o genio irrequieto, perguntou-lhe com um sorriso encantador :

— Para onde vamos, meu amigo ?

O brioso capitão, que tambem a estimava com idolatria, contou-lhe o que tinha combinado com os seus amigos, para salvarem D. Bonifacio, e pregarem um logro monumental á policia.

D. Luiza prestou-lhe grande attenção, e respondeu :

— Meu Francisco, nunca me esqueço da hora feliz em que fugindo, tu me protegeste ! A ventura d'aquella noite abençoada, tão fertil em acontecimentos notaveis, será por mim eternamente lembrada com saudade.

Depois de uma breve pausa, proseguiu :

— Acredita que estou uma velha, já tenho vinte e cinco annos, e a mulher n'esta idade principia a envelhecer, todavia sou sempre a mesma ; a minha energia e força de vontade em nada têm alterado ; e previno-te que se te quiserem prender, conta com o meu amor e dedicação.

Francisco Pinto sorriu-lhe, agarrou-lhe pela cintura, asentou-a sobre os joelhos, e disse-lhe com amor :

— No dia que me faltasses, dizia adeus á vida e dava um tiro na cabeça ; sem ti, o mundo seria para mim um ermo. Mas socega, meu anjo, minha fada encantadora ; agora não se trata de desembainhar a espada.

Em seguida contou-lhe o que passara com o ministro da guerra.

Ao toque de Trindades foram para a rua Larga de S. Roque, enquanto D. Bonifacio tambem se installava no seu novo domicilio.

Seriam onze horas da noite, o céu estava limpo, e a temperatura agradável. O vento soprava rijo, mas não demasiado.

Uma esquadra de soldados de policia, e dois homens vestidos á paisana, caminhavam lentamente pelo Chiado, ao pallido clarão dos lampeões.

Seguiam silenciosos ; e os poucos transeuntes que os encontravam paravam admirados.

Os soldados e os dois paisanos que iam na frente, tomaram pela rua Larga de S. Roque ; um dos desconhecidos, porém, ia affirmando-se nos numeros das portas, ao chegar em frente do n.º 33, parou e disse para os soldados :

— É n'esta escada, no terceiro andar.

Conferenciou com o companheiro alguns minutos, depois disse para o sargento commandante da força :

— Mande postar um soldado a cada uma d'aquellas es-

quinas, que não deixem passar os curiosos; dois que vigiem os telhados, tres que fiquem guardando a porta, o resto e vossa mercê acompanhar-me-hão a casa do jacobino maldito, percebe?

— Perfeitamente.

As ordens foram dadas, e mestre Aniceto mais um dos ajudantes do intendente bateram tres argoladas na porta.

Tiveram, porém, que repetir segunda e terceira vez, até que uma voz de mulher perguntou:

— Quem está ahí?

— Abra de ordem de sua alteza real.

Momentos depois ouviram uma voz dizer:

— Vae abrir a porta, esta casa e tudo que me pertence está ás ordens de sua alteza real nosso senhor e amo.

Cinco minutos depois a porta da escada foi aberta, e um latagão com seis e meio pés de altura disse:

— Podem entrar, o senhor capitão espera por vossas mercês lá em cima.

— O seu capitão! Que capitão é esse?

— É o meu capitão, e desde que sou soldado da companhia de granadeiros, ainda não conheci outro.

— Ora esta! Que diz a isto sr. Aniceto Parreira?

— Que sei tanto como o senhor ajudante do intendente... Mas parece-me que devemos subir...

— Está claro.

Voltou-se para o soldado e perguntou-lhe:

— Está ao serviço do seu capitão?

— Ha mais de quatro annos.

— E como se chama elle?

— Pergunte-lh'o vossa mercê, eu só o conheço por meu capitão...

O ajudante do intendente, já pouco satisfeito com o ca-

minho que as cousas iam tomando, disse para os soldados :

— Acompanhem-me, o Aniceto que fique com esses tres camaradas guardando a porta. Previno-o que não sae ninguem d'esta casa.

— Fique descansado, cá o Aniceto é velho para ser comido.

O magistrado, seguido pelos soldados, subiu as escadas até ao terceiro andar. :

Junto á porta que deitava para o patamar, estava uma criada com um candieiro na mão, e entre as portas um mancebo de estatura mediana, de côr morena, de olhos vivos, dotado de uma physionomia sympathica e agradável.

O seu trajo era promiscuo, meio á paisana, e meio á militar.

Ao vel-os disse-lhes :

— Entrem vossas mercês, visto que mandaram abrir a porta de ordem de sua alteza.

O ajudante do intendente já bastante atrapalhado, entrou ; os soldados esperaram na escada.

— Que pretende, senhor magistrado ?

— Senhor, não sei quem é, creio porém que ha um equivoco deploravel, porque tenho ordem para captural-o.

O mancebo não pestanejou, e respondeu com admiravel sangue frio, e com a maxima cortezia :

— De ninguém recebo ordens, alem dos meus superiores ; só elles me podem prender ; e se vem da sua parte, estou ás suas ordens.

O magistrado visivelmente intrigado, puchou da ordem de prisão que trazia comsigo e apresentou-lh'a, dizendo :

— Tenha a bondade de lêr. Veja-se é comsigo :

O mancebo pegou no papel e leu com a mesma placidez de animo, encolheu os hombros e respondeu :

— Esta ordem está passada contra D. Bonifacio de Alvelles, subdito de sua magestade catholica, e eu sou Francisco Pinto, capitão de infantaria, ao serviço de sua alteza real, que Deus guarde.

— Mas, senhor, n'esta casa ainda hontem morava um hespanhol, pessoa muito competente o viu entrar para a escada; e na intenção de se convencer, até perguntou ao alfaiate, que confirmou o que elle já sabia.

— N'esta casa, senhor magistrado, moro eu, e n'ella costume ficar, quando venho para a cidade baixa, e não quero voltar para a rua das Amoreiras, onde tenho uma outra residencia.

— Ah! vossa mercê tem duas casas?

— Creio que posso ter as que quizer, ou poder; e saiba que alem d'estas, tenho a de meu pae e a de meu irmão.

— Senhor capitão, desculpe a pergunta que lhe vou fazer, não a considere indiscreta, porque emfim são necessidades, deveres que me impõe o logar que desempenho...

O joven cumprimentou-o e fez-lhe signal para que proseguisse.

— Ora diga-me, vossa mercê vive na companhia de alguma senhora que apresente como sua irmã?

Francisco Pinto, sempre com o animo sereno, sorriu, e respondeu :

— Se não estivesse fallando com um magistrado que tem de obedecer fatalmente ás exigencias do seu cargo, responder-lhe-ia que a sua pergunta era impertinente. Vivo na companhia de minha esposa, já vê que não posso apresentá-la como irmã.

— Ora essa !

— De que se admira ?

— Do que me diz . . .

— Porque ? acha porventura que seja menos regular o meu procedimento ? Creio que o contrario é que lhe devia causar surpresa.

O magistrado principiou a ruminar uma idéa ; abanou a cabeça em signal de duvida e redarguiu :

— Sua esposa é portugueza ?

— Não, senhor.

— A que nação pertence ?

— É franceza.

— Franceza ! e como se chama ?

Francisco Pinto já não estava satisfeito ; e a não ser a posição especial em que se collocara, ha muito que teria atirado pela escada abaixo, o estimavel vulto do ajudante da intendencia.

Franziu o sobr'olho, e dos olhos irradiou-lhe um fogo, que fez tremer o desastrado que lhe fazia tantas perguntas : conteve-se e respondeu :

— Creio que não alimenta a veleidade de querer ser apresentado a minha mulher, se bem que a maneira por que se insinúa pouco o recomende.

Fez uma pausa e proseguiu :

— Minha esposa chama-se Luiza de Trouville, pertence á familia dos condes de Savigny ; e previno-o que sobre este ponto nem mais uma palavra lhe desejo ouvir.

— Basta, senhor, não tenho por fim incommodal-o, permitta-me, porém, que passe busca á sua casa.

N'este momento abriu-se uma porta, e uma senhora de formosura esplendida entrou na sala, e perguntou em francez :

— Que querem estes senhores?

— Creio que desejam ver a casa...

— Pois mostra-l'ha, comquanto seja perto de meia noite.

O magistrado ficou deslumbrado, cumprimentou-a com respeito, a que correspondeu com soberana dignidade.

Correram as casas, abriram algumas gavetas, e como nada encontrassem, o ajudante da policia depois de tomar os seus apontamentos, retirou-se.

O Aniceto, que se ria sorrateiramente, ao vel-o chegar, perguntou:

— Então, meu chefe? O homem não foi encontrado?

— Qual historia! Digo-lhe que o auctor da denuncia se não é tolo é velhaco.

— Então porque, meu senhor?

— Boa pergunta! O capitão é casado com uma senhora franceza, e o bruto chamou-lhe hespanhola; mas...

— Mas o que? diga, não duvide, cá tenho a minha idéa...

— Também eu... e vou jurar que fomos mystificados; e acredite que n'este negocio houve um traidor... Este capitão tornou-se-me suspeito, ha de ser vigiado...

— Faz muito bem, é essa também a minha opinião... Houve patifaria tão certo como eu chamar-me Aniceto Parreira, digo-lhe isto, houve um infame, um traidor, se porventura o diabo que é o patrono dos excommungados, não fez das suas diabruras...

CAPITULO XXV

Um grande crime

Dêmos conhecimento aos leitores dos conselhos insidiosos que fr. Leonardo dera a D. Alvaro de Mascarenhas, e da moral fradesca, que para chegar aos seus fins, não duvidava insinuar o crime e o vicio no coração de um joven de dezenove annos.

Era muito rapaz, e convencido de que lhe dissera a verdade, vergou sob a influencia poderosa do infortunio que o ameaçava.

Nutriu pensamentos bastardos e até criminosos, que todavia repelliu indignado. Uma outra idéa lhe surgia na mente.

A de ser feliz, para não ser desgraçado ! Precipitar os acontecimentos, e appellar para a seducção torpe !

Mas podia elle profanar a santidade do seu amor ? Onde podia chegar um semelhante procedimento ? Faltava-lhe a coragem para manchar a flor mimosa, cujos aromas perfumados tanto o inebriavam !

Não podia nem devia tentar a infame seducção, abusando da innocencia virginal de sua prima, que estremecia, tributando-lhe culto idolatra !

Todavia fr. Leonardo dissera-lhe :

— Precipita a tua ventura, procura ser feliz, que é a maneira de realisares o casamento.

Mas porque preço o alcançava ?

Conduzir aos altares uma joven, recebê-la em nome de Deus, possuindo-a já por um acto criminoso, não seria poluir-se ?

Não seria redusil-a á condição abjecta que envilece a mulher ?

E se a esposa olvidasse os seus deveres, não seria elle o culpado, por lhe ter ensinado o caminho da perdição ?

Ora o mancebo amava muito, e não desejava menos, era homem, contava tão sómente desenove primaveras ; e n'esta idade sente-se mais e pensa-se menos.

Aos dezenove, podem respeitar-se as conveniencias, prescriptas pela educação moral, que nunca abandona o homem civilisado, mas quando se trata de amar, quasi sempre se commettem graves imprudencias.

A mocidade é leviana, falta de experiencia ; e n'estas condições não olvida os desvelos, ignora-os.

E para retemperar o animo das paixões, só a educação moral e a pureza dos costumes serão capazes de operar um milagre.

D. Alvaro, depois de pensar detidamente e analysar os actos que lhe apontavam, concluiu por desprezar os conselhos e o conselheiro ; e para este raciocinio não influuiu pouco a conversação que tivera com sua irmã.

Aguardou os acontecimentos, e seguiu no futuro o systema de tudo observar, e desde esse dia frequentou mais a companhia do marquez velho, e menos a da sua formosa filha.

Acreditamos que andou bem, e precedeu como homem de honra.

Decorreram alguns mezes, e das conversações que teve com o fidalgo, não se deprehendeu nunca, que nutrisse os pensamentos que o frade lhe attribuiria.

Reconcentrado, estudando muito, aguardando os acontecimentos, e fallando pouco, desnorteou o frade, que lhe desagradava um similhante procedimento.

Alvaro, logo que seu tio D. Raymundo regressou de Coimbra, contou-lhe todas as suas apprehensões, não omitindo os conselhos do frade, nem a grave impressão que lhe causaram; e para gloria do seu character e animo reflectido, informou-o do que fizera no futuro, e os dados que colhera.

D. Raymundo admirou aquelle coração de ouro, que soubera tornar-se superior ás insinuações perfidas, dadas em nome da religião, e reforçadas com factos do velho testamento, que os homens não podem comprehender, nem devem discutir, sem grave prejuizo para si.

Mysteriosos são os decretos do Altissimo, incomprehensivel é a sua logica sublime; e aquillo que aos doutos do mundo parece menos regular, Deus que o fez e o permitiu, lá teve as suas razões.

Como omnisciente e presciente, alcança o que a intelligencia humana não vê nem nunca verá.

D. Raymundo não tinha pelo frade estima, e o conceito que lhe merecia não o recommendava; mas desde as declarações de seu sobrinho, não lhe restou duvida de que era um infame; e que uma vibora peçonhenta, mata-se, ou tira-se-lhe os meios de inocular o seu veneno.

Animou o joven, fez-lhe ver que o marquez velho seria incapaz de promover a desgraça de sua filha, pela louca vaidade de vel-a condessa. Recommendou-lhe segredo e prudencia, dizendo-lhe:

— Meu querido Alvaro, façamos cruzada contra os miseráveis ignobeis, pondo-nos de prevenção para devassar-lhes as intenções. Todavia é opinião minha, que devemos informar teu avô, cujo conselho e espirito recto, nós muito respeitamos.

Ora fr. Leonardo não estava satisfeito com o caminho que as cousas levavam. Os seus conselhos e intrigas não lhe deram o resultado que esperava, e D. Ignacio recuava em face do crime que lhe aconselhava.

Para elle, a vida do velho marquez era um obstaculo constante, para a tutela de Beatriz passar para as mãos de seu irmão, facto que só se podia dar pela incapacidade moral de seu pae, ou sendo por outra maneira supprimido.

Instava com o seu cumplice, fazia-lhe ver que perdia um tempo precioso, mas elle não se resolvia! O frade desesperava-se, e sempre que regressava de estar com a Joannita, convencia-se que só atirando-lhe aos pés com uma fortuna, veria coroados os seus lubricos e brutaes desejos.

Estava enganado, completamente illudido! A joven amava muito D. Bonifacio e a virtude; e não detestava menos o estafermo do frade, que lhe repugnava e aborrecia.

E porque o recebia em sua casa, e não o desenganava? Porque o temia, conhecia-lhe o character cruel e vingativo.

Por elle sabia muitas cousas que podia prevenir e remedear, salvando assim o homem que estremecia e os seus amigos, que não lhe mereciam menos interesse.

Mas a posição d'esta joven não seria equivocada? Fôra, mas quando estas cousas se passavam, dextera de o ser.

D. Bonifacio atirara para o vento com os preconceitos do mundo, e não duvidou confiar-lhe a honra do seu nome;

e fr. Rodrigo da Encarnação abençoou a sua união em nome de Deus; se bem que o matrimonio fosse clandestino.

O frade cada vez mais despeitado pelas irresoluções de D. Ignacio, tratou de preparar as cousas sem nada lhe dizer; e n'um dia entrou no quarto do marquez velho, e provocou uma conversação que teve terriveis consequências.

— Então, meu bom fidalgo, como se acha hoje? perguntou elle.

— Mal, como sempre, meu caro amigo, sinto-me morrer, não tenho animo para nada, e a vida foge-me lentamente. . . é minha santa esposa que me chama, é Deus que assim o quer. . . cumpra-se a sua divina ventade.

— Marquez, o que lhe vou dizer, não é porque o julgue n'um estado desesperado, todavia nunca é cedo quando tratamos dos interesses que respeitam ás pessoas que estreamecemos.

— Com certeza; e creia que não penso pouco no futuro de minha filha, que ainda não completou dezoito annos.

O velhaco sorriu e disse interiormente:

— És tu que me auxilias; e o diabo d'esta vez não me retirou a sua protecção.

Depois d'este edificante pensamento, proseguiu:

— Estimo que tenha essas idéas, são proprias de um homem que sempre tem vivido como bom christão. Ora diga, não acha que seria bom occupar-se do futuro de D. Beatriz?

— Ainda não olvidei isso um instante; mas de que futuro falla?

— Ora, marquez, de que futuro poderia fallar? de um casamento que a torne feliz, e entregue aos cuidados da

um marido, nada teria que recear, sendo um homem de bem.

O marquez cravou os seus olhos amortecidos no frade, e respondeu :

— Parece-lhe que Beatriz não se opporia ao casamento ?

— Qual historia ! Uma joven recebe sempre essa noticia com o peito offegante, porque não creio que vossa excellencia pense em casar-a com algum velho decrepito.

— Isso nunca, violentar aquelle anjo, torna-a desgraçada, seria um peccado de que Deus me pediria severas contas; comtudo, não lhe conheço inclinação alguma...

O frade olhou para elle com modo zombeteiro, e respondeu :

— Acha isso ? Pois está enganado... D. Beatriz ama e é amada com delirio...

O fidalgo fez um gesto de surpresa, e perguntou :

• — Mas quem é ?

— Se não fosse o seu estado de saude, já o teria conhecido, por ser cousa que toda a gente sabe... Sua filha ama D. Alvaro de Mascarenhas ; é um bom rapaz que pertence a uma familia distincta.

— É verdade, mas ainda é muito moço, tem vinte annos incompletos, se bem que seu avô é um fidalgo respeitavel, e a sua familia pôde competir em nobreza com a nossa... Porém, attendendo á sua idade, acho que não perdemos nada em esperar... Sim, trataremos d'isto mais tarde com o conde de Montalvo.

— Não prolongue demasiadamente essa resolução, afianço-lhe que ha de arrepender-se...

— Porque ?

— Não lh'o posso dizer ; ha cousas que se sabem, mas não se dizem...

O marquez carregou o sobr'olho; a dignidade do homem e do fidalgo sentiu-se ferida, e respondeu :

— Fr. Leonardo, quando fallar de minha filha, não admitto phrases incompletas, nem reticencias mysteriosas. A clareza e a verdade é o que lhe peço.

O frade encolheu os hombros, e com admiravel bonhomia observou-lhe :

— Senhor marquez, ha idéas que na maxima parte morrem onde nasceram, e verdades tão crueis que não se dizem...

— E porque me diz isso? Faz-me acreditar que alguma cousa sabe que me prejudica... Não quero adiantar mais ao meu pensamento, disse elle com amargura.

— Tranquillise-se, meu querido marquez, não ha faltas que não possam ter reparação...

— Faltas! exclamou elle erguendo-se, como se fosse impellido por uma pilha galvanica, pois fr. Leonardo pronuncia essa palavra ao fallar de minha filha! A verdade já aqui, proseguiu elle com uma energia selvagem, a verdade, meu padre, para regular o meu procedimento! Ainda não morri, e por enquanto sou o legitimo representante da velha casa de S. Mauricio.

— E que tenciona fazer? redarguiu o frade com requintada malvadez, não duvidando esphacelar o coração de um pae, lançando mão da calumnia torpe, para chegar aos seus fins.

— Que tenciono fazer! Não sei, mas creia que a honra de uma familia não pôde ficar á mercê das loucuras de uma rapariga... creio ser isto que não se animava a dizer-me...

— Que lucra com isso? Desejando abafar o escândalo, dá-lhe assim maior publicidade.

O marquez reflectiu, estava porém cadaverico, com os olhos sem mobilidade e febricitante. Depois de alguns minutos de meditação, perguntou :

— Póde affiançar-me que a falta commettida por minha filha tomou graves proporções ?

— Nada lhe posso adiantar, já tive a honra de lhe declarar, que ha verdades que não se podem dizer.

— Mas eu careço de uma explicação cathgorica, para servir de norma aos meus actos, e regular o meu procedimento paterno.

— Marquez, tenho dito de mais ; e concluo por lhe lembrar, que o sigillo da confissão é sagrado ; de que porém o previno, é que não retarde a idéa que ha pouco teve, de casar sua filha com D. Alvaro ; acredite que é a unica solução possivel que póde salva-la do escandalo.

— Basta ! não me é necessario saber mais nada, disse o malaventurado pae. Ah ! a minha filha esqueceu o que devia a si e á honra da sua familia...

O marquez curvou a cabeça, e grossas lagrimas lhe reventaram dos olhos ; o frade olhava para elle com cynismo revoltante, e sorria de uma maneira diabolica.

— Vamos, meu fidalgo, entregar-se a essa dôr é cousa ociosa... ninguem sabe estas cousas, alem de nós ; trate do casamento, e tudo fica em santa paz.

— Não fica o meu espirito attribulado com a serenidade que diz ; o espinho cruciante flagellar-me-ha o resto dos meus dias ! Nunca poderei olvidar, que uma filha da casa de S. Mauricio desceu tanto ! E visto que principiou a descer, quem sabe ? e possivel que chegue a tomar afeição pelo crime...

— Não pense n'isso, a leviandade praticada n'um momento de amor e de inexperiencia, não apresenta os sympto-

mas de molestia incuravel... Tenha coragem, e ouça o conselho que lhe dou.

O velho titular, reduzido á condição de um insensato, olhou para elle com a vista desvairada, e disse-lhe:

— Falle, desejo ouvir a sua opinião.

— Vossa excellencia entende-se com seu filho, mas não lhe diga uma palavra a respeito do que temos conversado; creio que concorda em que é bom ignorar estes pequenos peccadilhos da mocidade. D. Ignacio tem um genio arrebatado, é severo nos pontos de honra, e pôde deitar a perder as nossas combinações.

— Mas então que devo dizer-lhe?

— Que deseja assegurar o futuro de sua filha, e que pretende casal-a; e como sabe que ama D. Alvaro, que lhe corresponde com affecto estremecido, resolveu entender-se com o conde de Montalvo, para se realisar o mais breve possivel o casamento.

— Pois sim, apenas lhe direi isso; e a minha filha não hei de dizer alguma cousa? Não deverei em particular expor-lhe o seu procedimento?

O frade não gostou da lembrança e observou-lhe:

— Se não quer matal-a, reserve-se; se porém deseja que com a morte expie a sua falta, então falle, ralhe bastante...

A resposta do frade foi um balsamo vivificador para o seu coração de pae, saturado pelas dôres.

Aquellas palavras, provavam-lhe que a sua filha ainda conservava intacta a pureza do espirito.

Mas o frade não lhe dissera aquillo para lhe suavisar a magna, mas sim para fugir a explicações, cujo resultado não lhe seria lisongeiro.

Fr. Leonardo, depois de ainda conversar com o marquez

mais alguns minutos saíu, levando o inferno na alma, e deixando a baba peçonhenta com que calumniou a honra de uma donzella.

Quando se retirava, encontrou D. Beatriz, e disse-lhe com vil hypocrisia :

— Sempre triste, minha senhora, não me agrada vel-a assim ; acabo de estar com seu pae, o senhor marquez, e congratulámo-nos pelas altas virtudes e irreprehensíveis actos de vossa excellencia ; a sua virtude, minha filha, é de austeridade rigorosa. A Virgem Nessa Senhora a proteja...

Deitou-lhe a benção e retirou-se, rindo depois de ter conspurcado a innocencia, e cuspidado na religião.

No dia immediato, seriam duas horas da tarde, o marquez velho, disse para um criado :

— Dize a meu filho que desejo fallar-lhe.

O criado cumprimentou-o e retirou-se.

O fidalgo não amava seu filho, reconhecia-lhe o character orgulhoso, desleal, cruel vingativo e ambicioso.

As suas relações eram mais de que ceremoniosas, tratavam-se com frieza, se bem que D. Ignacio desempenhava habilmente o seu papel ; e na frente de pessoas estranhas, não havia filho mais solícito, nem estremo.

O pae conhecia, porém, o filho maravilhosamente, tanto por dentro como por fóra ; e quando lhe prodigalisava os seus estremecidos affectos, dizia interiormente :

— Este patife do meu filho, reúne aos innumerados defeitos que tem o servilismo, e para nada lhe faltar, é um digno successor dos phariseus, que crucificaram Christo. Hypocrita como elles, é capaz de me vender, como Judas vendeu o Divino Mestre.

Por isto se vê que o bom do marquez conhecia bem o

caracter de D. Ignacio, que não ignorava quanto por seu pae era detestado.

Os marquezes de S. Mauricio já não moravam no seu palacio á rua da Pampulha.

Tinham-se mudado para um outro que possuíam proximo de Santa Apolonia.

Era um vetusto edificio, lugubre, de immensos salões, de janellas pequenas, e com as paredes denegridas.

Pelo seu tamanho e aspecto, podia ser tanto casa para os vivos, como extenso sepulchro para os mortos.

Pelas pequenas janellas entrava uma claridade frouxa; e n'aquella vasta mansão, ninguém podia achar-se bem. Tudo ali diffundia tristeza, até nas almas mais alegres. Tinha um grande jardim, com robles gigantes, e seculares.

D. Ignacio ao receber o recado de seu pae, estremeceu involuntariamente, levantou-se e foi para o gabinete onde elle o esperava.

— Vossa excellencia dá licença ?

— Entre, D. Ignacio.

O fidalgo entrou, curvou-se, beijou-lhe a mão friamente, mas elle não lhe lançou a benção, e disse-lhe:

— Sente-se, meu filho, temos hoje muito que conversar.

Cumprimentou-o, assentou-se, e esperou que fallasse.

O marquez desde a conversação que tivera na vespera com o frade, envelhecera dez annos; ao seu critico estado de saude, agregara-se-lhe uma affecção moral, que lhe abreviava a existencia.

Sulcos profundos se lhe viam nas faces pallidas e defecadas, e do nobre fidalgo de outr'ora restava apenas um cadáver, que sentia, que se movia e fallava, era uma reli-

quia do que fôra, animado pelo espirito, que lhe conservava um reflexo de vida.

Mas aquella existencia estava como a luz preste a sumir-se.

O velho marquez cravou os olhos já sem brilhantismo em seu filho, e disse-lhe com accentuada solemidade :

— Filho, não lhe pergunto as suas intenções, nem desejo devassal-as, porque seria trabalho perdido ; não o interrogo sobre o seu passado, porque não me diria a verdade ; e quanto ao futuro, não nutro apprehensões, porque reconheço a sua intelligencia e sagacidade ; estou tranquillizado a seu respeito, porque conhece o mundo e tem a sabedoria necessaria para distinguir o bem do mal, depois seguirá o que mais lhe convier ; se olvidar o que deve a Deus, mais tarde lhe dará contas ; e se offender os homens, elles o castigarão ; finalmente, se peccar e tem peccados, não é por inexperiencia.

D. Ignacio estava como n'um brazeiro, e a consciencia dizia-lhe que inspiradas eram as palavras de seu pae ; era porém muito reservado e hypocrita para arrancar a mascara.

O marquez proseguiu :

— Sua madrastra, essa santa senhora que Deus chamou á sua divina presença, morreu pensando em sua filha ; eu, que sou seu pae, não posso nem devo pensar menos n'ella. O futuro de Beatriz é para mim o problema, se não o de mais difficil solução, aquelle em que encontro maiores attritos. E vou propor-lhe o unico meio de cortarmos para sempre as graves apprehensões que me cançam o espirito, já cançado por outras cousas.

— Meu pae, as resoluções que tomar, creia que por mim serão acatadas.

— Muito bem, e falla francamente? A sinceridade transparece nas suas palavras? Deus o sabe... Mas vamos ao fim para que o chamei: — Saiba que resolvi casar sua irmã.

D. Ignacio deu um pulo na cadeira, todavia ponde sufocar um grito de admiração.

O marquez que olhara para elle fixamente, perguntou-lhe:

— Que tem? Sentiu-se incommodado com a noticia?

— Não, meu pae, é que não esperava essa resolução, Beatriz é uma creança.

— Tem perto de dezoito annos, e sua mãe quando casou commigo, ainda não tinha dezeseis completos.

— E com quem tenciona casar minha irmã? Creio que não leva a mal desejar saber a quem confia um deposito tão sagrado.

— Creio que D. Ignacio não tem a veleidade de se considerar com mais direitos sobre sua irmã de que eu?

— Não, meu pae; todavia deve achar curial, que discuta francamente o futuro de Beatriz.

— E tem porventura mais interesse por ella de que eu? Não me parece; não digo bem, posso affiançar-lh'o.

— Nos meus actos não achará vossa excellencia a justificação de que tenha menospresado os interesses de minha irmã; e dizendo isto, não ponho em duvida a sua sollicitude paternal.

O marquez recuperara alguma energia, não obstante o seu estado morbido, e comquanto conhecesse seu filho, e os defeitos que se lhe albergavam no character, nunca lhe passou pela idéa que fosse capaz de perpetrar os actos criminosos que já realisara, e no futuro commetteu; e por isso lhe respondeu com mais brandura:

— Ora vamos, D. Ignacio, não é minha intenção reservar-lhe factos, que se hão de saber, e ligam com a vida d'essa creança que estremecemos; tenciono casar D. Beatriz com D. Alvaro, neto do conde de Montalvo, é um excellente moço, intelligente, honesto e que pertence a uma familia que em nobreza pôde competir com a nossa.

— Mas n'esse caso irá entregar uma creança a outra; acho, como vossa excellencia, que D. Alvaro é um mancebo de grande merecimento, mas ainda não tem vinte annos.

— Tem seu avô para o dirigir e aconselhar.

— E quando tenciona realisar esse casamento?

— Não sei ao certo; creio, porém, que não deve ter de longa. Em oito dias irei tratar este negocio com o meu velho e antigo amigo conde de Montalvo, que se tem afastado d'esta casa, sem poder atinar com as causas.

— E não consulta Beatriz? Sabe se ella ama esse mancebo?

— Sei que o ama, e é amada; se porém se opposer ao casamento, cousa em que não acredito, não fallaremos mais d'este projecto.

- D. Ignacio tremia interiormente, sustentava uma lucta medonha, e o rebentar da tempestade seria terrivel. Conteve-se, porém, e perguntou a seu pae:

— Não tem mais nada que me communicar?

— Não, D. Ignacio, e resta-me só perguntar-lhe se approva a minha resolução.

— Sim, meu pae; e as duvidas que no meu espirito se levantaram, ficam annulladas com a protecção paternal do nobre conde de Montalvo; e com os conselhos de tão esclarecido fidalgo, nada temos a receiar pelo futuro dos nossos jovens.

— Obrigado, meu filho; a sua resposta é digna de um homem de bem. Dou-lhe os meus parabens.

D. Ignacio, com o sorriso nos labios e o veneno no coração, despediu-se de seu pae, e uma hora depois entrou como uma bomba na cella de fr. Leonardo, que ao vel-o disse-lhe:

— Ora seja bemvindo; ha muito tempo que não me honra com as suas visitas.

E dizendo-lhe isto sorria como um demonio e dizia consigo:

— Bem sei, foste apertado... o meu plano parece-me que foi de maravilhoso effeito.

Depois proseguiu em voz alta:

— Mas que tem, D. Ignacio? Está realmente preocupado... O senhor marquez está peor?

D. Ignacio olhou para elle com vista acerada, e as irradiações d'aquellas pupillas eram de um effeito satânico.

— Para que me pergunta o que tenho? Ignora porventura as resoluções de meu pae?

— De que falla, meu amigo? Eu sei lá o que vossa excellencia passou com seu excellentissimo pae... Se o não disser, creia que ficarei eternamente no estado em que estou.

O fidalgo encolheu os hombros e perguntou-lhe:

— Não teve hontem uma estirada conferencia com o senhor marquez?

— Tive; para que me pergunta isso, sabendo-o tão bem como eu?

— De que se occuparam?

— De muitas cousas...

— Sim, e em especial da necessidade de casar Beatriz com D. Alvaro, não é isso?

—É, responderon elle, sorrindo de uma maneira mephistophelica; e saiba que depois de engendrar uma historia de amor, fiz-lhe ver a grande urgencia que havia em realisar o casamento o mais breve possivel...

D. Ignacio deu um pulo na cadeira, tremeu, como se tivesse um insulto nervoso, e disse com voz fremente:

—Então desliga-se de mim e auxilia os interesses dos meus inimigos?

—Qual historia, não pense n'isso; faça mais justiça á lealdade do meu caracter.

—Mas para que impoz a meu pae a instante necessidade de semelhante casamento?

O frade tornou a sorrir e respondeu:

—Para arrancar-o ás suas irresoluções, que prejudicavam os meus e os seus interesses; e se tivesse mais um pouquinho de espirito, já teria conhecido isto mesmo. Tem o campo desembaraçado, siga o caminho que mais lhe convier. Lembre-se, porém, de que os obstaculos que se antepõem ás nossas conveniencias, é necessario supprimil-os.

D. Ignacio vacillava; não se sentia com forças para levar a cabo o hediondo attentado, que as leis dos antigos romanos castigavam, encerrando o criminoso n'um sacco de couro, na companhia de um gato, de um macaco e de uma serpente, que deitavam ao Tibre.

Mas o frade instava; e se não o commettesse, a fortuna de tres ou quatro milhões fugia-lhe.

Depois de sustentar uma lucta terrivel, ergueu a fronte maldita e respondeu:

—Está decidido, a fortuna ha de ser nossa...

Voltoou as costas ao frade, que tornou a sorrir de uma maneira diabolica.

Um crime monstruoso, medonho, que repugna a Deus e

aos homens, ficou decidido entre aquelles infames, com peores entranhas de que um tigre.

A noite, D. Ignacio encerrou-se no seu gabinete com Luiz Pedro, seu cúmplice, e tiveram uma larga conferencia.

Que decidiram? De que trataram? Lancemos um véu sobre aquella estupenda conversação; não queremos ferir os ouvidos dos nossos leitores, que na continuação d'este romance saberão o resultado.

Quarenta e oito horas depois, o nobre marquez de S. Mauricio soffria horrilmente.

Os criados estavam aterrados; sua filha, a formosa Beatriz, chorava, e causava compaixão o estado da malaventurada creança. Só D. Ignacio permanecia tranquillo e até resignado.

O velho fidalgo estorcia-se, fazia contracções medonhas, e por vezes lançava grande quantidade de sangue.

— Um padre para me confessar, dizia o infeliz nos poucos momentos em que as agonias da morte lhe davam algum allivio.

Um creado antigo, com o coração flagellado pela dor, não podendo supportar mais tempo aquelle espectaculo afflictivo, desejando cumprir a vontade de seu virtuoso amo, saiu em procura de um ecclesiastico.

As agonias voltaram, e o moribundo proseguia estorcendo-se em mil contracções, que só momentaneamente eram neutralizadas ao chegarem-lhe aos labios resequidos um copo com agua, que engulia com soffreguidão.

A ante-camara estava deserta, ninguém se animava a transpor-a, porque a todos faltava a coragem para presenciar tamanho soffrimento.

Uma hora depois entrava pela porta do jardim o velho criado acompanhado por um frade trino.

Aproximou-se do leito do enfermo, notou o abandono em que se achava, e perguntou :

— Este homem não tem parentes nem amigos ?

— A sr.^a D. Beatriz, sua virtuosa filha, está sem sentidos, seu filho não tem coragem para ver soffrer seu pae, respondeu o honrado servo.

— Como se sente, meu irmão ? perguntou o frade com unção evangelica.

O moribundo ergueu os olhos amortecidos, e respondeu com voz fraca :

— Depressa, meu padre, isto está por pouco ! Aproxime-se, tenho muito que lhe dizer . . .

Fez signal ao criado para se retirar, e o frade curvou-se para ouvil-o de confissão.

Que declarações lhe fez não sabemos, mas o frade mudava de côr, e suffocou um grito. Ouriçaram-se-lhe os cabellos, e tremeu como um vime.

Grossas lagrimas lhe caíam pelas faces, e o suor gotejava-lhe da fronte. Depois de uma lucta cruel, disse-lhe :

— Irmão, perdõe, em nome de Deus, que morreu entre milhares de affrontas, cravado n'uma cruz, para remir o genero humano.

— Já perdoei, respondeu o enfermo, com voz estrangulada pelas dôres.

Fez uma pausa e proseguiu :

— Quero deixar um documento, que a todo o tempo prove quem foi o meu assassino. Dê-me papel e tinta.

O frade foi buscar o que lhe solicitara.

O marquez fez um esforço sobrehumano, assentou-se na cama, escreveu e assignou, dobrou o papel e disse :

— Leia, mas só depois de eu morrer, cousa que não pôde tardar muito . . . Prohibo-lhe, porém, que faça uso d'es-

se documento, salvo se algum innocente for accusado do crime de que sou victima.

O confessor estava cadaverico, redusido á condição de uma estatua. Conscio todavia da sua elevada missão, respondeu :

— Fique descansado, meu irmão...

— Agora, deite-me a benção em nome de Deus, para que me perdôe os meus peccados.

Em seguida, entre as dôres que o cruciavam, conseguiu resar o Credo, acompanhado pelo religioso ; e quando pronunciou as ultimas palavras, olhou para o céu e disse :

— Senhor, nas vossas mãos entrego o meu espirito.

Fez umá pequena contracção e expirou.

Do nobre marquez de S. Mauricio, apenas restava um cadaver.

O frade ajoelhou junto ao leito, e entre soluços orou por aquella alma que voara ao seio do Creador.

Ergueu-se, abriu o papel, e leu o seguinte :

«Morro envenenado por meu filho D. Ignacio ! que Deus se amercie d'elle, como eu lhe perdoei. = *Marquez de S. Mauricio.*»

O religioso exhalou um profundo gemido, tornou a cair de joelhos, e resou mais uma vez por aquella alma tão generosa, que pedia a Deus misericordia para o auctor de um crime tão monstruoso.

Tornou a levantar-se, e saíu cambaleando, como se estivesse ebrio.

Se os leitores desejam saber quem era o frade trino, digamos-lhe que era fr. Rodrigo da Encarnação.

Chegou uma hora depois á sua cella, mandon chamar o capitão Pinto e seu o irmão Antnio Pinto, e disse-lhes :

— Irmãos, o velho marquez de S. Mauricio, acabou de

entregar a sua alma bemaventurada nas mãos do Creador Supremo, e ninguém ficou velando junto do seu cadaver. Sua filha, tenra vergontea, flor mimosa, caiu com uma syncope, e com o coração esphacellado pela dôr, não tem vida nem animo para orar junto de seu pae. Quanto a D. Ignacio tambem lhe falta a coragem. Vou, pois, pedir-lhes um favor. . .

— Falla, irmão, a tua alma bem formada, a tua dedicação pela virtude e pelo bem da humanidade, são titulos que se recommendam sem favor.

— Obrigado, meus irmãos; agora ouçam: — Querem acompanhar-me a velar algum tempo o cadaver d'aquelle martyr?

— Sim, conta connosco.

— Muito bem, mas ainda lhes não disse como devemos ir.

— Pois dize.

— Entraremos todos com os habitos franciscanos, mas por baixo d'elles levaremos os nossos mantos brancos com a cruz vermelha. . .

Os dois irmãos recuaram admirados, elle porém sorriu e disse-lhes:

— Ainda não lhes declarei tudo. Havemos de convidar D. Iguacio, para nos auxiliar na nossa piedosa missão. . .

— Seja como queres, lembramos-te, porém, que o traidor é capaz de nos denunciar.

— Bem sei, mas affianço-lhes que não o fará.

— E porque nos exiges isso?

— Não lh'o posso dizer, é segredo ecclesiastico; e sabam tão sómente que lhe ouvi a sua ultima confissão.

Eram onze horas da noite, o sino de S. Vicente de Fó-

ra dava a última badalada ; a noite estava escura e tempestuosa, a chuva caía por vezes torrencial ; o vento soprava rijo, e os poucos lampeões que allumiavam as ruas lamacentas de Lisboa, estavam em parte apagados.

A estas horas, tres religiosos franciscanos, com os capuzes na cabeça, e as mãos mettidas nas mangas, atravessavam o campo de Santa Clara, e tomavam a direcção de Santa Apollonia.

Chegaram ao palacio do marquez de S. Mauricio.

As portas estavam cerradas, as janellas fechadas, e cá fóra não transparecia um raio de luz.

Aquella mansão entristecera, estava de luto, lugubre, porque n'ella estabelecera a morte o seu dominio...

Ali tambem se tinha praticado um crime de fazer arripiar as carnes.

Os religiosos, sempre frios e silenciosos, bateram á porta.

Um criado abriu e perguntou :

— Quem está ahí ?

— Tres religiosos franciscanos, que sabendo da morte do muito alto e poderoso marquez de S. Mauricio, desejam, junto ao seu cadaver, encommendar a Deus a sua alma.

— Entrem, meus reverendos, que vou dar parte a meu amo.

O criado retirou-se, voltou e disse-lhes :

— O sr. D. Ignacio muito lhes agradece a lembrança piedosa, e deu-me ordem para conduzi-los á camara ardente.

Os tres frades, sempre tranquillos, atravessaram as estensas salas.

Chegaram ao pavimento nobre.

O servo apontou para uma porta e disse-lhes :

— É ali que o nosso amo e senhor descança.

Os religiosos correram o reposteiro; entraram n'uma pequena sala, onde se achava um velho criado, que ao vel-os se levantou. As lagrimas corriam-lhe abundantes e perguntou :

— Vêem orar por meu amo ? Deus lhe recompense a caridade christã, visto que fr. Leonardo, sendo em vida tão seu amigo, ainda aqui não veio para lhe resar um *Pater Noster*...

Os religiosos não responderam; abriram um outro reposteiro e entraram na camara ardente.

Ajoelharam ; um d'elles espargiu agua benta sobre o cadaver, e orou com os seus companheiros. . . .

Ergueram-se, pucharam dos breviarios, e principiaram a resar os psalmos penitenciaes em voz alta.

O velho criado caíu de olhos, e acompanhou as orações piedosas com a fé e as crenças que só a religião dá.

A sala estava armada de preto, e doze tocheiros com brandões de cêra allumiavam aquella scena mortuaria.

Os religiosos proseguiram nas suas rezas, por mais de uma hora; fecharam os breviarios e disseram para o servo:

— Bom homem, diga ao sr. D. Ignacio, que lhe pedimos a fineza de comparecer na camara ardente, a fim de nos auxiliar nas ultimas orações que vamos dirigir ao Eterno, pelo repouso da alma do seu nobre pai. Bem sabemos que lhe ha de custar, mas um bom filho, não se nega a orar junto ao cadaver d'aquelle que lhe deu o ser...

O criado retirou-se; os tres religiosos deixaram cair os habitos, ficaram envoltos nos mantos brancos com a cruz vermelha sobre o hombro esquerdo, e pozeram mascaras na cara.

Fr. Rodrigo abriu o caixão e collocou-se-lhe á cabeceira, Antonio Pinto, e seu irmão dos lados do feretro.

Frios e impassíveis, com as mascaras na cara, pareciam tres espectros saídos do fundo de um sepulchro.

D. Ignacio não gostou do convite dos religiosos, achou-o impertinente, e a razão é clara; todavia, não quiz recusar-se. Levantou-se amedrontado e tomou a direcção da camara ardente; as pernas, porém, tremiam-lhe, e o coração batia alterado.

Entrou na antecâmara e correu o reposteiro.

Ouviu-se um grito medonho, e apenas as seguintes palavras:

— Os homens da cruz vermelha! sempre elles o perseguirem-me!...

Com a vista sem mobilidade e os cabellos hirsutos; pallido e fremente, tentou recuar, mas não ponde! As pernas não tinham flacidez...

Fr. Rodrigo e os seus companheiros permaneceram silenciosos, e tão sómente lhe apontaram para o cadaver do velho marquez.

D. Ignacio tentou um esforço supremo, desejou ainda pronunciar mais algumas palavras, mas não achou movimento na lingua.

Quiz affastar a vista d'aquelle feretro, todavia os reverberos da luz, davam em cheio no rosto de seu pai!

Aquellas feições demudadas, a lividez denegrida das faces, clamavam vingança, e diziam-lhe que era maldito...

Fascinado e attraído, o filho criminoso, recebia o primeiro castigo!

N'esta posição violenta se conservou por alguns minutos.

Ponde finalmente mover-se, e foi recuando; comtudo, ao transpôr a porta que deitava para a antecâmara, as forças

faltaram-lhe e caíu nos braços do servo fiel, que o levou para uma cadeira.

Os tres religiosos fecharam o caixão e disseram commovidos:

— Descança em paz, que Deus te fará justiça no céu.

Vestiram os habitos franciscanos, tiraram as mascaras, pozeram as capuzes na cabeça e saíram como sombras.

Assentado n'uma cadeira, sem ainda ter recuperado os sentidos, D. Ignacio não os viu saír.

O criado perguntou-lhes:

— Que succedeu ao sr. D. Ignacio?

— Nada, cremos que não poudé encarar seu pae depois de morto...

Minutos depois seguiam pela rua do Caes dos Soldados.

D. Ignacio voltou ao uso dos sentidos, olhou em volta de si com vista desvairada, e perguntou ao criado com voz estrangulada:

— E os frades? Esses entes mysteriosos já se retiraram?

— Já, meu senhor.

— Ha quanto tempo?

— Haverá meia hora.

— Reparaste n'aquelles homens? Que traziam? Como vinham vestidos?

O criado abriu muito os olhos e respondeu:

— Todos tres vestiam o habito do seraphico S. Francisco.

D. Ignacio levou as mãos á cabeça e disse comsigo:

— Seria tudo isto uma visão medonha?

E tornou a perguntar com interesse:

— Pois não lhe viste uns mantos brancos com cruz vermelha sobre o hombro esquerdo?

— Não, senhor. Só lhes vi os habitos e nada mais.

— E tu não entraste na camara ardente commigo?

— Não, meu senhor, não vou aonde estão os meus amos, quando m'o não ordenam.

D. Ignacio convenceu-se que o velho servo nada presenciára, e retirou-se; mas, elle ao vê-lo pelas costas, sacudiu a cabeça e disse:

— Um dos frades era o que confessou o sr. marquez, os outros não sei quem são. Ah! o que não posso comprehender é a mudança que fizeram... para que tiraram os habitos e se cobriram com aquelles mantos? Para que pozeram as mascaras? Para que apontavam para o cadaver do sr. marquez? E o terror do sr. D. Ignacio!...

Tornou a sacudir a cabeça e disse:

— Em tudo isto ha um grande mysterio... Deus o sabe...

CAPITULO XXVI

Mystificações

Voltaremos n'este capitulo a occupar-nos do sr. D. Ramiro Gonzales, que ao constar-lhe que na casa aonde morava D. Bonifacio, em vez de encontral-o, acharam-se com um capitão de infantaria. Ficou maravilhado, e sustentou com insistencia que em tudo aquillo havia uma burla.

Mas a verdade é que Francisco Pinto apresentava na in-

tendencia geral da policia o arrendamento em seu nome, e a razão é obvia.

D. Bonifacio, sendo estrangeiro, pedira-lhe para ser seu fiador no arrendamento; elle, porém, alugou as casas em seu nome, pagou e entregou-lhe a chave; e foi este acto prudencial que muito contribuia, para affastar as suspeitas da policia, mas ainda assim não foi tanto como era para de-sejar.

D. Ignacio, ao receber a fatal noticia, que lhe foi communicada pelo Aniceto, de que o temivel conspirador se sumira, e porventura tudo quanto se disse não passou de uma fabula grosseira, deu um pulo na cadeira, e exclamou aterrado e fremente:

— Mas que fez esse D. Ramiro ou D. diabo? Aonde se metten elle? Que razões dá para se ter equivocado de uma maneira tão deploravel?

— Eu sei lá, respondeu o Aniceto; vejo em tudo isto uma causa que não posso explicar.

— Parece-me que o tal sr. D. Ramiro, mais fidalgo e mais nobre de que os reis, e mais velho de que sol, é um grande patife, tão traidor como os jacobinos de cá.

O Aniceto abanou a cabeça, fez um gesto negativo e respondeu:

— Peço perdão a vossa excellencia, mas tenho opinião differente. O hespanhol pôde ser um tratante como muitos que para ahi se enxergam, mas jacobino ou pedreiro livre affianço-lhe, juro-lhe que não é.

— Ora essa! Mas porque diz isso?

— Porque tem umas contas em divida como tal D. Bonifacio, e quando militam os interesses particulares, ligados com os negocios do Estado, não ha receio que atraçoem estes, porque prejudicam aquelles.

— E que disse elle quando lhe constou que, em vez do seu patricio, foi encontrado em casa o tal capitão Pinto?

— Ficou furioso, gritou, blasphemou, mas não adiantou nada com isso.

— E não tenciona entregar-se a novas descobertas?

— Creio que sim. Até jurou pelo sol, filho primogenito d'aquella abençoada familia, que não dormiria em cama em quanto não entregasse á justiça o revolucionario maldito, e a quantos poder apanhar.

D. Ignacio fez uma careta e respondeu:

— Perdi a esperança que deposei n'aquelle homem. Emfim veremos. O peor é que o primeiro ministro mostrou-se pouco satisfeito, e principiou a representar commigo a ridicula comedia, que desempenha sempre que não lhe agradam as conversações: fez-se cego, surdo e tolo, defeitos que elle não tem. Ora isto não me agrada, mestre Aniceto, e prejudica os meus projectos futuros. Se você pozer em acção a sua intelligencia e actividade, podemos com certeza rehabilitar-nos perante a opinião dos homens de quem dependemos. Ouça o que lhe digo, e tome nota das minhas palavras. O seu futuro depende das informações que me der, e não tem a comprometter-se, porque quem se compromette commigo, fica ligado á minha pessoa e nada lhe ha de faltar.

O Aniceto coçou a cabeça e disse com os seus botões:

— Sou homem de bem, velhaco nem á força... Todavia, a não ser aquella minha esposa, apanhava grande pechincha. Agora que lhe hei de fazer? Já se vê, transigir com este mariola brasonado e salvar os amigos velhos e dedicados, é a sr.^a Jacintho que assim o quer...

O Marquez, que não o perdia de vista, disse-lhe:

— Em que pensa? Porque não responde?

— Estava a calcular as vantagens que auferia se tivesse a ventura de fazer importantes denúncias; mas os malditos, jogam a cabra cega connosco, e fogem como as enguias, protegidos pelo diabo. Emfim, sr. D. Ignacio, vou deitar-me á faina.

Cumprimentou-o e saiu rominando a sua idéa.

Ora isto passou-se oito dias antes da morte do velho marquez de S. Mauricio, e o Aniceto não procurou D. Ignacio durante aquelle tempo; mas tres dias depois d'aquelle fatal acontecimento, encontrou no Terreiro do Paço o sr. D. Ramiro Gonzales, que ao vel-o, bradou-lhe:

— Victoria meu amigo, achei o homem! Descobri o ni-nho, o antro da mulher!

— De que homem falla?

— Ora essa, d'aquelle que procuramos, do jacobino maldito.

— Ah! sim! Conte isso, meu caro amigo, ha de ser curioso... E tem a certeza que d'esta vez não se engana, que não é um capitão portuguez pelo seu homem, nem uma franceza em vez de uma hespanhola?

— Caramba, digo-lhe que os pedreiros livres do seu paiz são mais espertos de que os do meu... Assim como a Virgem é Virgem, lhe juro que o homem era o mesmo que o alfaiate confirmou...

— Mas que confirmou o alfaiate?

— Que na escada morava um hespanhol e uma hespanhola...

— Sabe porque disse essa baboseira? É porque sendo a senhora franceza, o marido quando sae ou entra, falla-lhe n'aquelle idioma. Ora o bom do homem, que é grande bruto, como sabe tanto de francez como do hespanhol, disse-lhe uma tolice, que vossa mercê teve a simplicidade de acredi-

tar e impingil-a ao sr. D. Ignacio, que não está muito satisfeito com a sua pessoa. . .

— Pois d'esta vez não me escapam, nem direi a pessoa alguma a rua aonde o homem está.

— Então concorda o senhor que se enganou da primeira vez?

— Não me enganei, fomos enganados, houve um traidor.

— Também me parece isso. Então procure o sr. marquez; isto é, não sei se lhe poderá fallar, porque lhe morreu o pae ha tres dias.

Despediu-se do hespanhol, e enquanto este seguia a passo gymnastico para o palacio do marquez de S. Mauricio, o Aniceto dizia com os seus botões:

— D'esta vez fiquei logrado! O diabo do homem não me disse em que rua e quem tinha visto. . . Aquelle patife desconfia de mim; é mais velhaco que D. Ignacio. . . A verdade é que não sei como hei de descalçar este sapato. A não ser a minha mulher, não sou capaz de atinar com um expediente qualquer. . . Ah! aquella querida Jacintha, se tivesse frequentado a universidade, saia de lá com um capello; enquanto que muitos talentos, nem ao menos um carapuço merecem ou um habito de capucho. . .

Entregue a estas locubrações, não lhe agradando o caminho que as cousas tomavam, entrou em casa e contou tudo á esposa, que depois de ouvi-lo, respondeu:

— O que me dizes tem alguma gravidade, e esse homem desconfiou de ti. Não é tão tolo como julgas. Porém, d'esta vez, havemos de pregar-lh'a mesmo na menina de olho, e não será do meu Aniceto que se ha de queixar. . .

— Ora essa! Então a quem havemos de avisar?

— Vaes saber. Ouve e responde ás minhas perguntas.

Não disseste que na rua de S. Roque, em vez de D. Bonifacio morar na casa denunciada, residia lá o capitão Pinto e sua esposa que é franceza?

— Disse e assim aconteceu.

— Muito bem, já vez que esse official está de harmonia com os nossos amigos. . .

— Não percebo. . .

— Ai, Aniceto, que seria de ti e de tua reputação se não tivesses a esposa que Deus te deu? . . . Pois não deprehendes que trocaram as casas, e que, na do capitão, é que esse D. Ramiro de uma figa viu a senhora hespanhola que está em companhia de D. Bonifacio?

— Sim, mas depois?

— Valha-te a Virgem Maria! . . . Depois previne-se o capitão de que uma senhora que vive na companhia de um amigo, dedicado á boa causa, foi vista pelo villão que faz espionagem por amor á arte, e que tome as suas providencias.

— Bem lembrado, magnífico, esplendido; é uma lembrança de truz. Ah! Jacintha, queridinha da minha alma, és uma preciosidade.

E o mestre Aniceto, com um ataque de ternura, oscolou-lhe as faces amarelentas e besuntadas de tabaco.

A carta anonyma foi escripta, e o proprio Aniceto foi entregal-a depois das oito horas da noite, guardando o incognito.

Ora, enquanto a sr.^a Jacintha e seu digno esposo conspiravam contra a policia, o sr. D. Ramiro Gonzalez seguia, com passo estugado, para casa do marquez, que ainda estava enojado pela morte de seu pae.

O hespanhol disse ao guarda portão:

— Desejo fallar a sua excellencia.

— Não sei se lhe poderá fallar; bem vê que estamos de luto ha tres dias.

— Mas eu tenho instante necessidade de lhe fallar, para negocio da mais alta consideração.

— Quem direi que é?

— D. Ramiro Gonzales, fidalgo hespanhol.

O guarda portão deu o recado a um criado, que foi dar parte a seu amo.

— Eu não lhe posso prestar attenção; dize-lhe que tenha a bondade de voltar em tres dias.

O criado cumprimentou-o e deu o recado de seu amo; todavia o grande e importante patricio redarguiu:

— Diga a seu amo, que o negocio que com elle necessito tratar, é por tal fórma melindroso que, a não me attender hoje, amanhã será tarde.

O criado retirou e momentos depois voltou e disse-lhe:

— Póde entrar, sua excellência espera por vossa mercê no seu gabinete.

O nobre titular, mais nobre do que o sol, fez uma careta ao ser tratado por vossa mercê.

O bom do criado, porém, seguia a velha theoria, de que em Hespanha todos são fidalgos, sem exclusão dos que por desfastio ou necessidade, tosquiam jumentos ás portas das estalagens.

E como ignorava a alta plana, a elevada prosapia do sr. D. Ramiro, deu-lhe um tratamento plebeu.

Atravessou diferentes salas antes de chegar ao gabinete onde se achava D. Ignacio, que desde o que lhe acontecera na camara ardente, onde o cadaver de seu pae esperava pela sepultura, estava mais recatado; sempre receando que os temiveis homens da cruz vermelha o visitassem mais alguma vez; e só não duvidaria encontrar-se com elles quan-

do se considerasse o mais forte; por enquanto era o mais fraco.

Discutindo aquelle grave acontecimento, perguntava a si mesmo se elles estariam senhores do seu terrivel segredo... E era esta idéa que aterrorizava aquelle coração felino, que desconhecia o valor dos laços sagrados que ligam os homens ao mundo e a Deus.

No seio d'aquellas conjecturas, não podia atinar com as intenções dos seus inimigos. E quem eram elles? Onde estavam? como se chamavam? que posição occupavam na sociedade? eram ricos ou pobres? nobres ou plebeus?

Não lhe restava duvida de que todos os homens filiados na seita dos *franco-maçons* eram seus inimigos irreconciliaveis, intransigentes, e que dispunham da dupla vantagem de o conhecerem, sem serem conhecidos.

Podiam ferir-o, ataca-lo, esmagar-o! E todavia elle era impotente! Não podia tirar a sua desforra.

Que o perseguiam e odiavam, não lhe restava duvida; e se os segredos da sua vida fossem por elles devassados, estava irremissivelmente perdido.

Esperar indulgencia da sua parte, era ocioso; tinha ferido o pundonor d'aquelles homens, e desejou fazer-lhes todo o mal.

Collocado n'esta posição desesperada, a lucta devia ser sem treguas, tenaz e audaciosa.

Mas as consequências? O triumpho não seria um problema de difficil solução?

Que lhe restava a fazer? Recuar? Não, seria mostrar fraqueza, ficaria perdido. Transigir? Com quem? Como chegar a um accordo, se não conhecia os seus implacaveis inimigos?

Collocado n'esta situação especial, tinha que apellar para

a guerra de extermínio, que lhe assegurava um resultado seguro e positivo: Succumbir ou triumphar.

Ruminava estas idéas, discutia os seus pensamentos á luz da razão; e os corollarios que tirava eram sempre os mesmos: menos luz e mais trevas.

—Dá licença, senhor marquez? disse uma voz.

Era o sr. D. Ramiro Gonzalez.

—Póde entrar, D. Ramiro, respondeu friamente D. Ignacio, que não ficara morrendo de amores por elle, desde a sua mallograda denuncia.

O hespanhol, depois de cumprimental-o, disse-lhe:

—Peço desculpa a vossa excellencia de vir distrair-o das suas locubrações de espirito, mas...

—Bem viu que estava só, não me occupava de cousa alguma, observou elle.

—Estimo bastante, porque assim terei tempo para o pôr ao facto do que descobri...

—Diga; visto que tanto instou para me fallar, não esqueça o que tem para dizer.

A maneira por que o recebia não podia ser menos lisonjeira; elle assim o entendeu; comtudo, desejando vingarse, não se mostrou offendido e proseguiu:

—Creio que não esquecerei a causa da minha visita; e como tenho pouco que dizer, não é facil esquecer. Sr. D. Ignacio, temos o homem apanhado, porque descobri onde está a mulher...

—Sim! E tem a certeza d'isso?

—Toda.

—Tirou informações por algum alfaiate?

D. Ignacio mystificava o nobre hespanhol, que sentiu refferver-lhe nas veias o sangue da sua velha prosapia.

—Sr. D. Ignacio, vossa excellencia abusa da sua e da

minha posição ; mas como a sêde de vingança que sonho é superior ao meu orgulho fidalgo, tolero-lhe essas palavras equivocadas e menos delicadas, para não comprometter o meu mais ardente desejo.

D. Ignacio, que tambem não lhe convinha romper com D. Ramiro, e acreditando, pela maneira por que fallava, que da sua parte teria havido leviandade, mas não um acto traiçoeiro, respondeu :

— D. Ramiro, não tive intenção de offendel-o ; e das minhas palavras, conclua tão sómente que lhe fiz uma advertencia, para não se illudir com inexactas informações, fingindo assim ao ridiculo em que caímos ; e saiba que o primeiro ministro ficou seriamente despeitado.

— Pois sr. D. Ignacio, acredite que n'este malfadado negocio andou um traidor. Não sei quem é, mas hei de sabel-o.

— Creio que me fallou de uma mulher . . . E que qualidade de pessoa é ?

— É a amasia do jacobino, a que desapareceu de Badajoz depois d'elle fugir ; ora como a vi á janella de uma casa, n'uma rua cujo nome desejo reservar, peço uma ordem da intendencia geral da policia para hoje á noite proceder á captura de ambos, porque onde está ella, deve necessariamente achar-se o chefe dos maçons.

— Não lhe pergunto os seus segredos, faz bem reserval-os.

— A vossa excellencia não duvido dizer tudo. A mulher está em uma casa, no sitio das Amoreiras.

O marquez escreveu uma carta, entregou-lh'a e disse-lhe :

— Esta carta é para o intendente geral, que lhe prestará todo o auxilio que deseja.

O hespanhol retirou-se, e uma hora depois entrava na intendencia.

Iremos agora explicar algumas cousas, a fim de esclarecer diversos factos.

Os leitores sabem que D. Ignacio fizera a còrte á Joannita; e antes d'elle, fr. Leonardo fizera a mesma cousa; é certo, porém, que por muito tempo um não soube do outro.

Ora, o primeiro tomou conhecimento com ella no confessorio, o segundo n'um theatro; e como o seu fim era aproveitá-los a bem dos seus interesses, recebia-lhes as homenagens e entretinha-os com promessas falsas.

Não ignorava o character dos seus admiradores, nem era estranha ao que valiam na còrte; e foi por algumas palavras imprudentes de fr. Leonardo, que soube dos tramas que urdiam.

Não ignorou igualmente as intenções de D. Ignacio, quando se iniciou na maçonaria; e fazendo-as saber a D. Bonifacio, salvaram-se da traição.

Depois de ir para Coimbra, D. Ignacio escreveu-lhe; e quando regressou, participou-lhe a sua vinda para Lisboa, dizendo-lhe que iria procurá-la logo que chegasse.

Mas a Joannita, que nada já esperava saber por sua intervenção, por ser menos expansivo de que o frade, que estava louco de amor, para o despedir, e acabar com umas relações que já lhe não convinham, preparou a scena violenta que os leitores conhecem, fazendo ver, porém, ao frade que lhe dava a preferencia, cousa que muito o lisongeou e mais ainda o desnorteou.

Se nos perguntarem se esta mulher procedia bem, responderemos:

Se a lei da necessidade não fosse a predominante, se a

salvação do homem que estremecia, e a de muitos que como elle estavam compromettidos, não dependesse de actos excepçionaes e anormaes, diríamos que andava mal; mas nas difficeis circumstancias em que se achavam, era a maneira unica e curial de se poderem salvar. E para casos extremos, medidas extremas.

Para luctar com dois infames da força de D. Ignacio e fr. Leonardo, que não recuavam em face dos crimes mais abominaveis, só appellando para as armas que a boa da rapariga escolhera.

Ora, depois do logro que a policia apanhou na casa da rua de S. Roque, D. Bonifacio estabelecera-se na rua das Amoreiras.

Joannita, porém, não deixara a sua casa do largo do Rato; lá estava a velha criada Thereza, e a joven ia todas as segundas e quintas feiras, para receber ali fr. Leonardo, que n'estes dias lhe fazia a sua visita depois das duas horas.

O que não era alterado, porque a Joannita não transigia com a vontade d'elle; e o frade, sabendo isto, não pensava em modificar esta regularidade, convencido de que a creada lhe responderia:

—A senhora está incommodada e pede desculpa por não poder recebê-lo.

Ora já vêem os leitores que fr. Leonardo, comquanto fosse um grande velhaco, um manhoso de primeira força, ebrio de amor pela travessa rapariga, era por ella mystificado; e na melhor boa fé deixava-se enganar, ignorando a vida intima da sua bella, pouco sensível e menos tolerante.

O frade, ao ver em casa de Joannita um estranho, não gostara; todavia, ao ser-lhe apresentado como seu irmão, cessaram as duvidas.

Alem d'isto, o mano da rapariga era bastante inapto para inspirar paixões, por ser um pobre diabo, amarelento, doente dos olhos, com sulcos profundos na cutis e em torno das orbitas.

Desde o dia da apresentação, nunca mais tornou a encontrá-lo; e mais de uma vez lhe perguntou:

— Formosa Joannita, onde está seu irmão? como vão os seus negocios?

— Não sei; o pobresito, como é bastante doente, não pôde trabalhar muito; creio, porém, que trata de superar as difficuldades que encontra.

O frade respondia sempre:

— Não me poupe, minha filha; sabe quanto a estimo e lhe desejo ser agradável.

No dia em que o sr. D. Ramiro esteve com o Aniceto e D. Ignacio, ás quatro horas da tarde, o capitão Pinto, seu irmão Antonio Pinto e fr. Rodrigo da Encarnação, entraram na casa onde estava D. Bonifacio e disseram-lhe:

— Meu amigo, hoje será visitado pela policia, dirigida pessoalmente pelo infame D. Francisco Velasco; recebemos um outro aviso mysterioso. Já vê que ao toque de Trindades tem de partir para o largo do Rato; a jornada, porém, não é longa.

As cousas correram como tinham sido combinadas; e fr. Rodrigo e Antonio Pinto installaram-se pacificamente na casa de seu irmão, que provisoriamente trocara com a de D. Bonifacio.

Fr. Rodrigo mandou buscar á sua cella um pequeno orgão, que accommodou na sala; Antonio Pinto vestiu uma batina de clérigo.

Feito isto, accenderam algumas velas e esperaram pela policia.

Corria o mez de março; a noite estava fria, mas com um céu de pureza inimitavel. As estrellas brilhavam, e o aroma perfumado das flores saturava o ambiente que se aspirava.

Quem passasse ás dez horas da noite pelo sitio das Amoreiras, ouviria os sons vividos, estridentes de um orgão que acompanhava duas vozes graves e sonoras, que cantavam o poetico e harmonioso cantochão, usado nas lamentações de Jeremias, nas festas que solemnizam a Paixão do Redemptor.

Os echos reboavam pelo espaço, e os transeuntes paravam commovidos.

A musica parou; proseguiu momentos depois, mas d'esta vez cantavam os psalmos penitenciaes.

Seriam dez e meia horas, uma força da policia chegou ao principio da rua e fez alto, ao signal que um estranho lhe fez.

Os sons do orgão e das vozes ouviam-se distinctamente; e tanta harmonia e melodia havia n'aquella musica, que os soldados ficaram impressionados.

— Caramba! disse o sr. D. Ramiro Gonzalez, d'esta vez os impios são nossos; vamos apanhal-os em flagrante delicto.

Ao dizer isto, dos olhos saia-lhe um fogo satânico.

Os soldados olharam uns para os outros, não comprehendendo que podesse haver crime em se resar e cantar em casa o que se usava fazer nas igrejas.

Tiveram ordem de marchar; avançaram lentamente, cercaram a casa e conservaram rigoroso silencio.

Tres soldados guardaram a porta da entrada e uma janella proxima; o resto subiu às escadas até ao primeiro andar, na companhia do espião aristocratico.

A musica proseguiu, e arrebatava os bons dos soldados, que lhes parecia acharem-se n'um paraíso.

Através das fendas da porta coavam-se alguns raios de luz, que produziam uma escassa claridade.

D. Ramiro bateu com força na porta com o ferrão de uma grossa bengala e bradou :

— Abram já a porta, de ordem de sua alteza real.

A porta abriu-se de prompto ; um frade trino e um clérigo appareceram e perguntaram :

— Que pretendem, meus senhores ? que tem a policia com dois pobres religiosos, que se entregam pacificamente ao ensaio das musicas divinas ?

— Estão presos, bradou D. Ramiro em mau portuguez.

— Presos porque ?

— Camaradas, disse fr. Rodrigo para os soldados, estamos porventura no reinado criminoso dos Filippes, para os hespanhoes prenderem os portuguezes na sua patria ?

Os soldados curvaram a cabeça, mas o espião não se deu por vencido e proseguiu :

— Para o carcere ; sustento o meu dito, estão presos, e vamos dar-lhes busca á casa, porque aqui devem estar homisiados alguns pedreiros livres.

— Basta, senhor, replicou fr. Rodrigo, n'esta casa ora-se a Deus, e não se recolhem criminosos como esses ; camaradas, podem entrar ; passem quantas revistas quizerem, que alem de mim e d'este meu companheiro, não encontrarão mais ninguém.

Os soldados, acompanhados pelo sr. D. Ramiro, passaram minuciosa revista ; mas não encontraram cousa alguma que lhes denunciasse a existencia de uma mulher, como o infame detractor affirmava.

Depois de concluida a revista, os dois religiosos disseram :

— Agora dirão se devemos acompanhá-los, e se estamos presos.

Os soldados olharam uns para os outros; D. Ramiro tinha a fronte livida, de uma côr esverdinhada pelo desespero.

Não se animava a conduzi-los debaixo de prisão; receiava que o prelado e as ordens religiosas protestassem contra o escândalo; e não temia menos o desagrado do ministro e do proprio principe regente, que não ficaria satisfeito.

— Mas quem cantava n'esta casa os psalmos penitenciaes?

— Nós; creio que estamos n'um paiz catholico e christão, e que quaesquer religiosos podem ensaiar musicas, que breve terão de cantar na solemnidade da Paixão do Redemptor.

Não teve que responder a esta resposta e perguntou:

— Como se chama, senhor frade?

— Fr. Rodrigo da Encarnação, da ordem Trina.

— E o senhor clérigo?

— Sou o padre José do Sacramento.

— Muito bem, proseguiu elle, apresentem-se amanhã na intendencia geral da policia.

— Sim, senhor, se o meu prelado o determinar.

O hespanhol saiu desesperado, furioso e convencido de que mais uma vez fôra mystificado.

Tinha a convicção intima de ter visto a mulher n'aquella casa; affirmara-se n'ella e não lhe restava duvida de que era a Joannita; e onde ella residia, não podia estar longe D. Bonifacio.

Mas quem eram aquelles dois religiosos? Como vieram parar ali? Quem podia atraí-los não dizendo a pessoa al-

guma as suas intenções, não dando esclarecimentos se não a D. Ignacio?

O Aniceto Parreira, de quem chegou a desconfiar pelo mau resultado da primeira diligencia, nada sabia, e portanto não podia fazer prevenção alguma.

Seria o diabo que os avisara? Seria ainda o cão tinhoso que preparava todas estas mystificações?

D. Ramiro, porém, era muito velhaco, não menos infame, mas pouco tolo, para acreditar na intervenção do demónio n'estas cousas.

Desesperado, humilhado, colerico e sedento de vingança, despediu os soldados e foi para casa.

O que mais sobretudo lhe custava, era ter que se apresentar a D. Ignacio, para lhe annunciar mais uma mystificação; nem podia conciliar a idéa de ser considerado menos zeloso, ou falto de criterio; cousas que não pouco o incommodavam.

CAPITULO XXVII

Mais mystificações

Dissemos no capitulo findo que D. Ramiro, despeitado com o mau resultado que a sua denuncia tivera, não podia queixar-se de que o tinham atraído, porque se ha-

via menos lealdade, teria que dividir a responsabilidade entre si e D. Ignacio.

Despediu os soldados, mas antes de chegar a casa, na volta da primeira esquina, uma surpresa o poz de queixo caído.

Um sujeito bem trajado, disse-lhe :

— Tenha muitas boas noites o sr. D. Francisco Velasco, fidalgo mais antigo de que o sol.

O nobre de tantos seculos ficou atrapalhado, e não menos admirado, porque em Lisboa ninguem o conhecia por aquelle nome.

Sem responder, apressou o passo ; mais adiante, porém, um outro sujeito o fez parar, para lhe dizer a mesma cousa.

Ainda não teria andado cincoenta passos, um outro figurão ao cumprimental-o com a maior cortezia, disse-lhe :

— Boas noites, D. Francisco Velasco, grande de Hespanha, mas que em Portugal exerce o mister de espião. . .

Em acto continuo sumiu-se como uma sombra. .

O pobre diabo disse desesperado :

— Irra ! Lisboa é um covil de revolucionarios ! Aqui só ha pedreiros-livres. . .

Os importunos ainda não tinham acabado, e mais adiante recebeu novos cumprimentos !

Cançado, cheio de medo, com a cabeça perdida, sem já ter a consciencia do que fazia, deitou a correr como um louco, para ver se assim escapava aos endiabrados pedreiros, que lhe saíam de todos os cantos.

. Mas quando entrava para a porta da escada, foi detido por mais dois endemoninhados, que lhe disseram com placidez admiravel :

— Então que é isso, querido D. Francisco ? Pois um no-

bre como vossa excellencia, corre por essas ruas como qualquer plebeu ?

O pobre do hespanhol, já quasi louco, olhou para os dois estranhos que lhe sorriam de uma maneira bonacheirona, e perguntou-lhes atterrado, com voz estrangulada :

— Que pretendem ? Eu não os conheço . . .

— Ora essa ! e que tem isso ? se não nos conhece, conhecemol-o nós. E quem ha para ahi que não saiba da existencia de tão preclaro fidalgo ?

— Digam, porém, o que desejam, estou cansado de ouvir sempre a mesma cousa. Caramba, isto é para enlouquecer ! Esta cidade é peor que o labyrintho de Creta.

— Que está para ahi a dizer, meu fidalgo ? então que mal lhe têm feito na formosa cidade de Lisboa ? Pois julga que os bons e leaes habitantes d'esta capital, ignoram a gloriosa e distincta honra que lhes cabe, de possuirem uma tão grande preciosidade ?

— Não os entendo, deixei-me passar, sinto-me incommodado. . .

— Que pena ! Oh ! Deus misericordioso, que será de nós e do pobre mundo, se adoece este querido descendente dos Velascos, que antes do sol dar nos pedregulhos da sua terra, já elles existiam. . .

— Isto é de mais, senhores, se me não deixam, grito aqui d'el-rei.

— Faria mal, e mais mal ainda faz em ter trocado a farda que vestia, pela libré de lacaio, ao serviço do sr. Marquez de S. Mauricio. . . Mas tome conta comsigo, porque os Homens da Cruz Vermelha juraram cortar-lhe as orelhas. . .

Sentiu um piparote na ponta do nariz, uma gargalhada mephistophelica, mas os homens tinham desaparecido como se fossem espectros. . .

Com a rasão quasi perdida, com o peito offegante, banhado em suores frios, subia a escada de gatinhas, por sentir terríveis tonturas de cabeça.

Bateu á porta, o seu companheiro, o incomparavel Pedrito Conicello. abriu, e recuou ao vel-o.

— Caramba ! Sangue de Christo me ajude. . . Vossa excellencia está decerto muito doente ! Então que tem ?

Elle porém não lhe respondeu, atirou comsigo para cima de uma cadeira, por não poder ir mais adiante.

O bom do Pedrito foi buscar um copo com agua, e deu-lh'o.

Bebeu e sentiu-se mais alliviado ; e foi então que ponde contar ao seu amigo o que lhe acontecera.

O valentão retroceu os bigodes e respondeu :

— O sr. D. Francisco, de hoje para o futuro não sáe só, hei de acompanhá-lo. E veremos então se esses perros heres se metem com vossa excellencia. E se caírem n'essa tolice, cá está a farrusca para lhes apalpar as costellas.

Depois d'esta bravata, o fidalgo, mais tranquillo, foi deitar-se, mas em toda a noite sonhou com os Homens da Cruz Vermelha que lhe queriam contar as orelhas.

No dia immediato apresentou-se a D. Ignacio e contou-lhe como as cousas se passaram.

O marquez franziu o sobr'olho e respondeu :

— Vejo que é pouco feliz ; mas não soube o nome do frade e do clérigo ?

— Sim, o frade trino é fr. Rodrigo da Encarnação, e o clérigo chama-se José do Sacramento.

D. Ignacio deu um grito de surpresa, e perguntou :

— Tem a certeza que o frade era o trino, e se chamava Rodrigo da Encarnação ?

— Tanto tenho a certeza d'isso, que escrevi o nome de ambos.

— Meu amigo, agora sou eu que lhe affianço que em tudo isto anda um traidor. . . Disse a alguém o que tencionava fazer ?

— Alem de vossa excellencia ninguem mais o sabia.

— Nem mesmo ao Aniceto ?

— Não, senhor.

— N'esse caso, se o diabo não se meteu no negocio, se eu não sou o traidor, então foi o senhor. . .

— Ora essa ! pois vossa excellencia julga-me. . .

O marquez fez um movimento com a mão para o tranquillisar, e proseguiu :

— Ouça e tome nota do que lhe vou dizer : — Em primeiro logar acautele-se, faça-se acompanhar de noite, aliás não lhe respondo pela pelle, percebe ?

— Percebo, disse elle, sentindo um calefrio pela espinha dorsal, recordando-se das mystificações da noite passada.

— Muito bem, depois da prevenção que lhe fiz, fique sabendo que esse frade é pedreiro livre, e que o clérigo improvisado era um advogado chamado Antonio Pinto, que é irmão do capitão Francisco Pinto, que nos escapa ás denuncias, porque nada ganhavamos com isso.

— Porque ?

— Porque é protegido pelo ministro, que fez com elle a campanha do Roussillon ; o general da divisão tambem o protege muito, e foi hontem que soube que elle no dia em que a policia cercou a casa da rua Larga de S. Roque, fôra com o general a casa do ministro da guerra, seriam duas horas, onde tiveram uma larga conferencia. O que se passou entre elles não sei, mas tenho a certeza que n'esse dia baixou uma real ordem ao intendente geral da policia,

para que todas e quaesquer denuncias que se fizessem contra militares, as enviasse ao ministro competente, para elle as levar ao conhecimento de sua alteza real, que não queria sob pretexto algum, que o fóro militar fosse violado. Ahi tem a prova em como elle soube da denuncia que eu dei directamente ao intendente, concluiu D. Ignacio.

— N'esse caso temos um traidor com certeza. . . E eu desconfio do Aniceto.

— Não tem razão, esse homem é leal, trabalha com zelo, e não commette uma imprudencia. Ora diga, quem é essa mulher que o senhor procura e diz ter visto?

— É amasia do D. Bonifacio, que em Hespanha era o chefe dos maçons.

— E essa mulher é portugueza ou hespanhola?

— É hespanhola.

— Como se chama?

— É a Joannita.

O marquez suffocou um grito, mas conteve-se, recordando-se que em Hespanha deveria haver muitas mulheres com aquelle nome; alem d'isto ella morava ainda no largo do Rato, cousa de que não podia duvidar pelas noticias que lhe dava fr. Leonardo.

— Mas tem a certeza de que essa mulher é capa dos jacobinos?

— Se tenho, pois vivendo na companhia do chefe. . .

— N'esse caso, se tornar a encontral-a, dirija-se ao primeiro posto de policia, requisite dois ou tres soldados, e prenda essa mulher.

— Mas o commandante não me dará a força?

— Certamente, se não estiver munido de uma auctorisação do intendente geral da policia, pegue, ahi tem o que precisa.

O marquez entregou-lhe um papel que dizia o seguinte:

«Ao portador dê-se-lhe auxilio, para poder realizar uma captura em serviço do estado.»

Por baixo estava o sello da intendencia, e a assignatura de magistrado superior da policia.

D. Ramiro contou ainda ao marquez as mystificações de que fôra victima, e as ameaças que lhe fizeram, ao que respondeu:

—Eu bem lhe digo que se acautelle, e creia que a não se prevenir, ha de soffrer grande incommodo.

D. Ramiro sábu, e D. Ignacio entregou-se a largas cogitações. Tinha em mente um novo plano, e desde que a morte de seu pae o constituiria tutor unico de sua irmã, cumpria-lhe agora preparar os meios, para que essa fortuna principesca que administrava, não lhe saísse das mãos.

Alem d'esta importante solução, a de um outro negocio não lhe prendia menos a attenção: era o seu amor por D. Sophia, irmã de D. Alvaro; e todas as vezes que via a joven, não podia deixar de admirar a sua deslumbrante formosura.

Aquelle coração felino batia com violencia, e o seu mais ardente desejo, depois de alcançar os milhões de sua irmã; seria possuil-a e chamar-lhe sua esposa.

Deixaremos, por enquanto estas cousas, que trataremos mais adiante, e vamos ainda occupar-nos do sr. D. Ramiro Gonzalez, que por mais esforços que envidasse, nunca deixou de ser pouco feliz no mister de espião.

Em compensação, porém, soffreu crueis mystificações e não pequenos sustos.

O seu precioso vulto fôra condemnado a ser violado; por-

que os monstros, os impios pedreiros livres de Lisboa, tinham jurado que lhe cortariam as orelhas...

Ora isto encommodava bastante o nobre fidalgo, porque ficava desorelhado como qualquer bichano; era cousa muito feia que o tornaria ridiculo.

Desejava levar a effeito a importante captura, e a attribuir o mallogro da ultima diligencia, a ter sido reconhecido pela Joannita, não obstante andar disfarçado, desde que se achava em Lisboa, e se entregava ao ignobil officio de espião.

Mandou preparar um fato, que o tornasse completamente desconhecido, e conscio de que com aquella mascara nada tinha a recear, principiou a rondar pelo sitio das Amoreiras, rua de S. Philippe Nery e outras, mas o resultado era sempre o mesmo.

A sua invariavel pergunta era:

Aonde estava a mulher?

Não sabia, e no fim de oito dias não tinha adiantado nada.

Uma tarde, seriam quatro horas, o nosso homem que sempre trazia os narizes ao vento, foi mais feliz: descobriu a mulher!

Affirmou-se primeira, segunda e terceira vez, e não lhe restou duvida de que era a Joannita.

Dito e feito. Rodou sobre os calcanhares e correu para o primeiro posto de policia.

Mostrou ao commandante a ordem que o marquez de S. Mauricio lhe dera, e pediu auxilio de tres soldados, que lhe foram concedidos; e a passo gymnastico entrou no largo do Rato, theatro das suas novas façanhas.

Joannita tivera a imprudencia de tomar o fresco na janel-la, n'uma tarde do mez de março.

D. Ramiro bateu á porta, depois de subir as escadas, e como ainda era dia, juntaram-se muitos curiosos.

A criada veio abrir e perguntou:

— Que pretende, meu senhor?

— Desejo fallar a sua ama, vá chamal-a.

A velha Thereza, ao vêr entrar tres soldados em casa, gritou:

— Ai, minha senhora, temos a policia em casa.

Abriu-se uma porta e a Joannita entrou na sala, com a sua deslumbrante belleza e um sorriso de escarneo.

Cravou os seus grandes olhos no estranho figurão que se bamboleava, movendo ao mesmo tempo nas mãos uma grossa bengala.

Não reconheceu, porém D. Francisco, mas o coração disse-lhe que era elle, e perguntou:

— Que pretende o senhor n'esta casa?

— Pouca cousa, respondeu elle, fallando pelo nariz, para não ser conhecido pela voz; tenho ordem da intendencia geral da policia, para prendel-a e mais a um sanhudo pedreiro livre, que vive na sua companhia.

A joven fulminou-o com um olhar de odio e de desprezo, e respondeu com admiravel tranquillidade:

— N'esta casa vivo eu e a mais a minha criada; o senhor póde ter ordem da intendencia para me prender, mas não para me insultar.

— Ora! Então em que insultei a sua castidade? Toda a gente sabe que a senhora... Sim, tem um procedimento equivoco...

— Basta, senhor! não prosiga, aliás racho-lhe a cabeça com uma cadeira! O senhor é um infame! E tão miseravel, que veio de Hespanha para Portugal exercer o ignobil mister de espião...

— Então conhece-me. . .

— Para saber que é hespanhol, não é necessario conhecê-lo, basta ouvi-lo fallar.

— Não gastemos palavras, está presa ; e os camaradas acompanhem-me, porque o impio jacobino deve estar para ahí mettido em qualquer canto.

— Podem revistar tudo á sua vontade, não receio as consequencias.

E não obstante a sua tranquillidade apparente, não receava pouco aquelle facto, por bem conhecer o character villão do seu perseguidor.

Em seguida assentou-se a uma mesa, e escreveu a seguinte carta a fr. Leonardo :

«Muito reverendo fr. Leonardo. — Peço-lhe o especial obsequio de vir a esta sua casa logo que receba a minha presente carta. Saiba, meu amigo, que tenho a policia em casa, sob pretexto de prenderem um jacobino hespanhol ! Ora o querido fr. Leonardo, sabe que n'esta casa só elle entra e meu pobre irmão, que encontrou aqui uma vez ; e esse mesmo, pelo seu estado de saude, ha mais de quinze dias que não sae de casa. Peço-lhe o favor de ir á intendencia e desmanchar este equivoco, que bastante está incommodando a sua do coração. — *Joannita.*»

Leu depois de escrever e sorriu. O frade ia ficar louco de alegria, pela maneira amavel como o tratava.

Chamou um moço de recados, e disse-lhe :

— Leve esta carta ao convento de S. Domingos, procure por fr. Leonardo, e entregue-lh'a. Se me trouxer a resposta em menos de uma hora, ganha dois crusados novos.

O moço partiu a correr, e desapareceu na volta de uma esquina.

A joven tranquillizou-se e esperou.

Os soldados e o sr. D. Ramiro concluíram a revista domiciliaria, mas nada encontraram que a compromettesse.

Voltaram para a sala, o hespanhol disse-lhe:

— Prepare-se para nos acompanhar á intendencia.

— Não tenho tenção d'isso.

— Ora essa! então quer resistir aos mandados da justiça?

— Não, senhor, nem o reconheço como auctoridade; não passa de um beleguim, não digo bem, de um infame. . .

Ouçá:— Aos sujeitos que procedem como o senhor, mette-se-lhe duas ou tres peças na mão, dizendo-se-lhe:— Ah! tem esse ouro, quando necessitar de uma outra infamir mandal-o-hei chamar. . .

— Camaradas, respondeu elle desesperado, sejam testemunhas de que esta mulher me insulta.

— Eu não o insulto, digo apenas a verdade ao sr. D. Francisco Velasco de hontem, e ao espião de hoje!

— Ah! até que declarou que me conhecia. . .

— Sim, porque na cidade de Badajoz, toda a gente sabe que houve ali um official de patente superior, a quem arrancaram as dragonas por infame, covarde e traidor.

O nobre Velasco tremeu de colera, deu um grito medonho, e quiz precipitar-se sobre a joven; ella, porém, deteve-o com um gesto de soberano despreso, e disse-lhe:

— Que pretende fazer?

Os soldados interposeram-se, repugnando lhes aquella scena de covardia.

D. Ramiro escumava com desespero, e tornou a insistir dando-lhe a voz de prisão.

N'este momento uma sege parou á porta, fr. Leonardc entrou e perguntou:

— Então que é isto, minha filha? Porque entrou a policia na sua casa? Pobre mulher que não faz mal a ninguém. . . Explique-me isto, formosa Joannita.

— Pergunte vossa reverendissima áquelle miseravel que ali está! Elle é que lhe póde responder. . .

O frade fulminou com um olhar ameaçador o sr. D. Ramiro e perguntou:

— Se é da policia, mostre documento que o auctorisa para fazer o que fez, se não for terá de ir para o Limoeiro, até que a justiça averigue a sua qualidade e pessoa. . .

D. Ramiro que não gostou do caminho que as cousas levavam, que conhecia a importancia do frade, não quiz arriscar-se a ter com elle uma discussão. Puchou do papel que o auctorisava e disse:

— Por esse documento verá que não sendo da policia, posso perseguir os jacobinos e os pedreiros livres.

Fr. Leonardo leu o documento e respondeu:

— Muito bem, ninguém se lhe opporá a que persiga esses monstros, peste maligna, que tanto flagella a sociedade, mas uma pessoa que nada tem de commum com os traidores, parece-me que mal avisado andou em apresentar-se aqui, promovendo um alarme que prejudica a vida honesta d'esta senhora. Póde retirar-se, proseguiu elle, respondendo por tudo. . .

— Mas esta mulher é amasia do jacobino, o mestre maçon, D. Bonifacio de Alvellos, conheço-a de Badajoz, e posso jurar isto sobre os Santos Evangelhos.

O frade interrogou a joven com um olhar significativo; ella porém conhecendo que da sua resposta e sangue frio dependia a solução d'aquelle difficil problema, respondeu:

— Já tive occasião de dizer a este homem, que não co-

nhecia semelhante individuo, e acrescentei que outrotanto não se dava com elle, porque em Badajoz toda a gente sabe, que houve ali um official superior, que perdeu as dragonas por infame, por covarde, e por traidor, e foi expulso do exercito hespanhol. O miseravel que assim procedeu é este homem; agora o sr. fr. Leonardo dirá qual de nós lhe merece mais conceito. Estou aqui demais, retiro-me, e entrego a vossa reverendissima a defeza da minha justa causa.

Ao dizer isto, as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos. Foi de um effeito magico.

O frade não necessitava de tanto para acreditar no que a joven lhe dizia; e vendo que o sr. D. Ramiro não dava uma palavra em sua justificação, disse-lhe:

—Saia d'esta casa, onde vossa mercê nunca devia ter entrado... Eu me entenderei com o senhor intendente geral da policia e com mais alguem... Os camaradas podem tambem retirar-se.

Joannita voltou para a sala, e disse para fr. Leonardo:

—Meu amigo, nunca esquecerei o seu prestante serviço, ser-lhe-hei grata toda a minha vida.

O frade teve um ataque de ternura, acreditou que se lhe abria um futuro de esplendores inimitaveis, de voluptuosidades infindas, e que uma ventura ridente principiava para elle n'aquelle dia.

Animou-se a beijar-lhe a mão que ella lhe estendeu com um sorriso encantador.

Deixemos fr. Leonardo a sonhar delicias, e a contar com um futuro abençoado, e voltaremos a seguir o sr. D. Ramiro, que não fa muito satisfeito.

Fôra tratado pelo frade como se fosse um villão, um quidam, a quem se não liga importancia!

E Joannita triumphara, humilbara a sua elevada e importante pessoa, declarando o que lhe acontecera em Badajoz.

E todavia era verdade, e tão verdade, que lhe faltou o animo para negal-a.

Desesperado, iracundo, e desejando ter a força de um Hercules, e a coragem do leão, o seu mais ardente desejo era vingar-se d'aquella mulher, apunhalar o homem que amava com estremecido affecto.

Uma voz, porém, lhe bradava por vezes :

— Para que a persegues ? Pois ella não te amou ? não te sacrificou o unico e verdadeiro dote que a mulher possui ? Não seria uma creança inexperiente, cheia de fé, e com as santas crenças do amor na alma ? Para que a enganaste e seduziste ? Foi para mais tarde a desprezares e atirares com ella para a rua, e da rua para a voragem da prostituição ? Ignoras que, com a razão perdida por tua causa, deparou-lhe Deus um homem que a amou sem querer saber do passado . . . Para que a persegues, infame ? Será hoje mais formosa do que hontem, mais virtuosa e digna de ser amada ? Não ! Arrancaste-lhe traiçoeiramente a virgindade do corpo, roubaste-lhe a honra, e não lh'a quizes-te restituir ! Ensinaste-lhe o caminho da perdição, abusaste da sua posição desesperada, fallaste-lhe em nome de seu pae, cuspiste na sepultura do brioso soldado, e em nome de uma gratidão que em ti nunca existiu, conseguiste os teus torpes desejos . . . És um monstro, um covarde assassino da honra de uma creança.

E a mesma voz proseguia a segredar-lhe aos ouvidos :

— Quem como infame vive, morte infame tem, e até te hão de recusar sepultura christã . . .

D. Ramiro seriamente preocupado com os brados da sua

consciencia, percorreu algumas ruas sem conhecer que era seguido de perto, chegou á rua da Rosa, era noite, seriam nove horas.

Os lampeões davam luz escassa, as janellas dos predios estavam fechadas; e só as bodegas se conservavam abertas, onde a vadiagem se entregava ao vicio da embriaguez.

Metteu-se ao acaso por uma travessa, e foi dar ao Cunal das Bolas. Desconheceu o sitio onde se achava, quiz voltar para trás, mas n'este momento sentiu que lhe batiam familiarmente sobre o hombro esquerdo.

Voltou-se, e viu um estranho que lhe disse :

— D. Ramiro, deseja realizar a sua vingança? Pretende ver essa mulher a seus pés, banhar-lh'os com as suas lagrimas? Quer entregar á justiça os pedreiros livres? Tirar desforra do capitão Pinto e do seu mais cruel inimigo D. Bonifacio Alvellos?

O hespanhol não respondeu, olhava desvairado para o estranho personagem, que teria cincoenta annos, era de physionomia agradável e sympathica, e sorria-lhe com admiravel beatitude.

— Quem é o senhor? porque sabe tantas cousas da minha vida?

— Eu sou Paulo Cassiollo, subdito do nosso santissimo papa, residido em Lisboa ha vinte annos, e estou em serviço permanente da santa sé! O meu dever é prestar auxilio aos bons catholicos que fazem guerra de exterminio aos impios que reúnem nas cavernas e nas trevas para conspirarem contra a nossa santa religião.

E o desconhecido fallando portuguez, denunciava porém a sua nacionalidade.

D. Ramiro insistiu :

— Porque sabe tanta cousa da minha vida? Eu não o conheço, e o senhor creio que está no mesmo caso...

— Está enganado, antes de vossa excellencia chegar a Lisboa, já eu sabia que devia prestar-lhe auxilio. Não esteve em Sevilha antes de partir para Lisboa? Com quem fallou n'essa cidade?

— Com o bispo, que ainda é meu parente...

— Muito bem, agora tire os corollarios que quizer... E se deseja saber a razão por que sei tantos factos, eu o esclareço...

O desconhecido disse-lhe ao ouvido:

— No confissionario, meu amigo, sabe se muita cousa... Ahi tem a justificação...

— E como havemos de realisar a vingança de que me falla?

— Diga o castigo dos impios, e dizendo assim, será mais justo... Eu lhe digo, se me quizer acompanhar, eu moro ali n'aquelle primeiro andar.

Apontou para uma casa que lhes ficava na frente:

— E ali, proseguiu elle, mais á nossa vontade poderemos com vagar fallar sobre um negocio a que ligo a maxima importancia.

D. Ramiro lembrou-se das mystificações por que passara, e dos conselhos de D. Ignacio.

— Hoje não posso, é tarde: sinto-me incommodado, mas amanhã estou ás suas ordens... E posso trazer um amigo de toda a confiança na minha companhia?

— Porque não, meu bom senhor? Sendo pessoa da sua confiança, é da nossa; alem d'isto sabemos que o bom Pedrito Colinello é um excellente moço.

— Pois sabe isso? Tambem conhece o Pedrito? perguntou elle admirado.

— Se o conheço, pergunta vossa excellencia ! muito bem, é um valente moço, a melhor espada que tem a península, um character audaz, que póde quebrar, mas nunca torcer, como dizem os fanfarrões portuguezes. Estimo muito que vá na sua companhia, porque, enfim, é um valente mais que eu e os meus amigos ficamos conhecendo.

— Mas onde nos devemos reunir ? perguntou D. Ramiro.

O homem pareceu reflectir, e respondeu :

— Vossa excellencia, ámanhã em sendo oito horas da noite, está junto ás ruínas da Patriarchal Queimada, mais o destemido Pedrito, porque eu a essa hora lá irei ter.

— Muito bem, lá estarei.

O desconhecido apertou-the a mão com affecto, e disse-lhe ao despedir-se :

— Tenha confiança, porque sendo a nossa causa a de Deus, o triumpho é certo.

O hespanhol respondeu :

— Amen.

Voltou a esquina, metteu-se á rua dos Calafates, e foi sair proximo da travessa dos Gatos ; o relógio da Sé dava dez horas.

O desconhecido assim que o viu pelas costas, baten na porta da casa que lhe indicara, de uma maneira mysteriosa.

A porta abriu-se, e sem transparecer um raio de luz, subiu ás escuras, e entrou no primeiro andar.

N'uma sala apenas mobilada com seis cadeiras de nogueira, uma mesa pequena e dois bancos de pinho, estavam tres homens que perguntaram :

— E então, sr. Valerio Thimoteo, foi feliz nas suas pesquisas ?

— Creio que sim, respondeu elle com admiravel serenidade, o homem não desconfiou de mim, e com o lhe fiz ver que sou italiano, e não portuguez, acreditou na minha boa fé. Já se vê, depois de lhe dizer muita cousa bonita...

Em seguida contou-lhes que o seguira desde o largo do Rato, e que fôra testemunha da derrota que mais uma vez soffrera.

— E foi o frade que salvou Joanitta?

— Podéra! bem sabem que anda perdido, louco por ella, e a não ser isto estava servida...

— E se fosse algum de nós? Seria capaz de ir buscar a corda para nos enforcar, e na falta do carrasco, offerecer-se-ia para o substituir...

— Com que então podemos contar com o homem?

— Já lhes disse que sim.

Os tres desconhecidos embuçaram-se em amplos capotes, carregaram os chapéus para os olhos e saíram; um d'elles voltou-se para o sr. Valerio Thimoteo, e disse-lhe:

— Meu caro amigo e irmão, amanhã as gaiolas que estejam promptas sem falta; e os dois rapazes de confiança para as conduzir, que não faltem.

Meia hora depois a casa estava deserta.

No dia immediato, quem passasse ás nove horas da noite pelas ruas de S. Pedro de Alcantara, e do Moinho de Vento, encontraria dois sujeitos embuçados em capotes escuros, com chapéus d'abas largas e carregados para a testa, que caminhavam com passo estugado.

Um era bastante alto, trigueiro, com grandes bigodes e snissas, e com uma cara de arremeter, que lhe dava um aspecto de *mata-mouros* ou de tyranno de melodrama; o outro era mais baixo e mais bem parecido.

E se os leitores desejam saber quem eram, dizemos-lhe

que eram D. Ramiro, e o seu companheiro, o valente Pedrito Colinello.

Ambos levavam grandes catanas debaixo dos capotes.

Chegaram junto das ruínas da Patriarchal, e pararam conservando se embuçados.

O mais alto apromou-se, bateu com a farrusca no chão e disse :

— Caramba ! D. Ramiro, acredite que desejo uma mystificação d'estes patifes. Quem me dera que se lhes mettesse no bestunto, fazerem-nos alguma traição ! Era uma delicia para castigar os perros com esta valente espáda.

Ainda não acabara de dizer isto, um sujeito os cumprimentou, era o sr. Valerio Thimoteo, que com a maior cortezia lhes disse :

— Já os tinha visto, e ouvi com satisfação as ultimas palavras d'este bravo. Socague, meu amigo, não nos faltarão occasiões de tasquinhar nos malditos !

E sempre tranquillo, tomou a direcção da rua da Rosa; demorava-se porém, amudadas vezes para ganhar tempo, porque bem sabia o que precisava.

D. Pedrito já fallava menos ; quanto a D. Ramiro, pela muita confiança que depositava na sua bravura, proseguia tranquillo.

As dez horas subiam a escada da casa mysteriosa; que como no dia antecedente, estava pouco allumiada.

— Assentem-se, meus senhores, não reparem n'este desarranjo, porque é casa de homem só.

D. Ramiro assentou-se e D. Pedrito ao seu lado. Aporrerara-se porém de ambos um mau estar, que não podiam comprehender nem explicar.

O sr. Valerio sempre attencioso, assentou-se na frente dos seus hospedes, e disse-lhes :

— Meus amigos, conto com o seu talento, dedicação e bravura para me auxiliarem na obra piedosa que encetei; e se ignoram qual é, digo-lhes: — O meu fim é reduzir a pó a nefasta seita dos *franco-maçens*. E já lhes garanto milhares de indulgencias, centenas de rosários bentos, duas ou tres duzias de reliquias de santos, e as benções do nosso santissimo padre.

D. Pedrito fez uma careta e desagradaram-lhe as recompensas; ficava bem mais satisfeito, se lhe promettessem algumas pecitas de ouro.

D. Ramiro não se manifestou, fez signal para que continuasse, e o fiel servo do papa proseguiu:

— É como lhes digo, a seita vae tomando graves proporções, e a sua audacia é cada vez mais temivel. De Roma instam com o nuncio apostolico, para levar o governo a tomar medidas severas, mas o principe regente não quer por fórma alguma appellar para as medidas violentas, e pergunto-lhes: — Estão promptos a auxiliar-me para que a boa causa triunphe? Posso contar com o seu zelo e bravura?

— Isso não se pergunta a dois fidalgos hespanhoes, respondeu D. Pedrito, retorcendo os bigodes e batendo com a catana no chão.

D. Ramiro acrescentou:

— E visto que o sr. Paulo Cassiolo já tem a convicção do nosso apoio, lembro-lhe que prometeu entregar-me a mulher que me humilhou com as suas palavras, e o meu mais mortal inimigo, para atirar com elle ao carrasco.

— Temos tempo para tratar de tudo, excellentissimo, e a captura d'esse homem liga com o triumpho que conto obter.

— De que maneira tenciona prendel-o? Acautele-se dos

amigos que o cercam. Acredite que se D. Bonifacio é um homem perigoso, os seus adeptos são valentes, audazes e destemidos.

— Para esses temos a espada d'este bravo, a sua coragem e o seu pulso de ferro. E não creia que penso em ir provocal-o, quando estiver acompanhado, não, meus senhores. Ouçam : — Sou italiano, e não sei se parente de Fabio, e tenho por norma das minhas acções, a prudencia d'aquelle grande homem.

D. Ramiro fez com a cabeça um signal de approvação, e o sr. Paulo Cassiollo sempre com fria tranquillidade, proseguu :

— Havemos de agarrar o monstro, servindo-nos das mesmas armas que elles usam, porque com sujeitos d'aquelles não se pôde andar lealmente, hei de armar-lhe uma cilada que o fará cair na ratoeira, percebem ?

— Mas como tenciona fazer isso ? que plano é o seu ?

— Eu lhes digo : O impio vae passar algumas noites em certo local, e como pude alcançar uma carta da celebre rapariga que o acompanha, um sujeito de grande habilitade imitou a letra d'ella ; e em seu nome escreve-se-lhe um bilhete, prevenindo-o de que o seu insistente perseguidor está n'uma casa, por exemplo, n'esta, e que não perca tão boa occasião de esbofeteal-o . . .

— Bem lembrado, não tem duvida, disse D. Ramiro ; e depois ? insistiu elle.

— Depois, meu amigo, como não desconfia de cousa alguma, não ha de querer que lhe fuja a desforra que pôde tirar d'aquelle que o tem perseguido. . .

E a mulher ? Como hei de vel-a humilhada ?

— Ora ! valha-me Deus, redarguiu o sr. Paulo Cassiollo, com animo sereno, vossa excellencia quer que lhe po-

nha os pontos nos i i . . pois não percebe que havemos de prendel-o ? Feito isto, não duvide que a boa da rapariga ha de cair-lhe aos pés . .

— Acho magnifico, soberbo, disse D. Ramiro, enquanto que o D. Pedrito Colinello exclamava :

— Caramba ! quero estar presente, para me rir da cara com que o excommungado ha de ficar . .

Ora, com a que tem, não póde arranjar outra, respondeu o italiano com placidez.

— É necessario que gente de confiança nos auxilie, observou D. Ramiro.

— Com certeza, excellentissimo, e para principiar as hostilidades cá estou eu, redarguiu sempre sereno ; e as cousas passar-se-hão como lhe vou dizer.

Fez uma pausa, cravou vista acerada nos dois hespanhoes e proseguiu :

— O homem entra despreoccupado, muito senhor de si, e pergunta com voz fremente : — Onde está o meu cruel inimigo ? Diga que lhe quero beber o sangue . . — Eu respondo-lhe : — Espere, meu amigo, não tarda que sacie a sua legitima vingança . . — Ao dizer isto, porém, puxo de um par de pistolas aperradas, apontou-lh'as á cara, e digo-lhe friamente : — Meu menino, de joelhos, que caiu n'um grande logro . . — E o sr. Paulo Cassiolo, para melhor ser comprehendido, ergueu-se, puxou de um par de pistolas que poz em posição.

Os dois hespanhoes tambem se levantaram surpresos, fascinados e attraídos por elles, que os fixava de uma maneira singular.

— E depois ? perguntou D. Ramiro com o peito offegante.

— Depois tres amigos decididos coadjuvam-me . .

Ao dizer isto, a porta que lhes ficava na frente abriu-se com violencia.

Tres homens mascarados, cobertos com mantos brancos e cruz vermelha sobre o hombro esquerdo, entraram.

O sr. Cassiollo deu uma gargalhada mephistophelica que os fez arripiar e disse-lhes :

— Então, meus amiguinhos, não representei maravilhosamente o meu papel? Em vez de um foram dois que caíram na ratoeira. . . Pobres rapazes ! . . .

Os hespanhoes ficaram atterrados, tremeram como se fossem victimas de um insulto intermittente ; e não lhes passou pela idéa puxarem pelas catanas.

Na sua frente tinham quatro homens, que lhes disseram com animo frio e tranquillidade ameaçadora :

— As espadas no chão ! Nem um movimento aggressivo admittimos ! O contrario é a morte, fazemos-lhe saltar os miolos, percebem ?

Collocados na deploravel situação de morrer ou capitular, D. Ramiro ainda se animou a dizer para o italiano :

— O senhor é um covarde. . . Ora, para infames e traidores como vossa mercê, os actos de generosa lealdade são perolas lançadas n'um lameiro.

O valente Pedrito retorcia os bigodes, mas sem se achar mais decidido que o seu amigo.

Desejava cortar o pescoço áquelles endiabrados que ousavam ameaçal-o. Mais de uma vez levou a mão á espada, mas como via oito pistolas aperradas, vacillava, porque o negocio era bastante serio.

— Para sair de tão critica situação, e para ficar com a pelle incolume, atirou com a catana aos pés dos seus inimigos, gritando indignado :

— Peguem ! Abi tem a minha valente espada ! Caram-

ba! Este meu acto de desespero ainda ha de fazer bastantes victimas! O sangue ha de correr abundante, porque a desforça será terrivel.

Cruzou os braços, e olhou com soberano desprezo para D. Ramiro, que não duvidou seguir-lhe o exemplo.

Os tres mascarados desaperraram as pistolas, e treçaram olhares de intelligencia.

Um d'elles bateu as palmas, um outro estranho personagem entrou.

— Irmão, traga os habitos. . .

— Saía, e voltou pouco depois.

— Meus senhores, sinto dizer-lhes que hão de vestir aquelles habitos; é um traje que lhes está em caracter pelo seu zelo piedoso.

— Que sacrilegio!! Disseram elles recuando e proseguindo:

— Nós não vestimos o habito do seraphico S. Francisco! Seria uma irreverencia sem exemplo.

— Pois fazem mal, redarguiu o mesmo mascarado sempre tranquillo, e se no fim de cinco minutos não mudarem de opinião, visto não quererem usal-os em vida, resta-nos outro recurso. . .

Os dois pobres diabos quasi que morreram, sentiram um calefrio pela espinha dorsal, e perguntaram atterrados:

— Que tenciona fazer?

— Amortalhal-os ao nosso gosto depois de mortos.

Não se animaram a responder, exhalaram um grito plangente, e deixaram que lhes envergassem os habitos.

Em seguida foram lançados no chão, amarrados de pés e mãos e amordaçados; e depois de muito bem tostados e tonsurados, raparam-lhe as barbas e os bigodes, e disseram-lhes:

—Estão-lhes a matar os hábitos e as tonsuras, meus reverendos. . .

Estas violentas situações effectuaram-se no seio de um silencio sepulchral, e só por vezes se ouviam os suspiros abafados dos pacientes.

—As gaiolas. . . disse um dos mascaras.

Dois homens entraram e foram collocar-as no meio da sala.

O valente Pedrito não ponde ser indifferente ao desaforo praticado pelos impios que os mystificavam, depois de lhe raparem as barbas e o bigode, arrançou um grito que parecia o sarrido de uma fera!

—Mas que podia fazer, reduzido á impotencia? Para que entregara a sua invicta espada, sem se arriscar ás contingencias de um combate?

O sr. Paulo Cassiollo que estivera calado, disse-lhes com um sorriso mephistophelico:

—Meus pequenos, vão ser accommodados n'aquellas gaiolinhas, tenham paciencia, mas não têm outro remédio. . .

—Sirva-lhes porém de consolação, que muita gente boa tem sido engaiolada. . . Pobres rapazes, coitados. . . Em fim! n'alguma coisa se hão de parecer com alguns monarchas e grandes guerreiros, que foram mettidos em gaiolas por ordem dos seus tyrannos vencedores. . .

Depois d'esta edificante homilia, foram encaixados nas jaulas, levando suspensa do pescoço meia folha de papel com uma cruz vermelha, por baixo liam-se as seguintes palavras:

«Os Homens da Cruz Vermelha, vingam-se assim dos infames e dos detractores.»

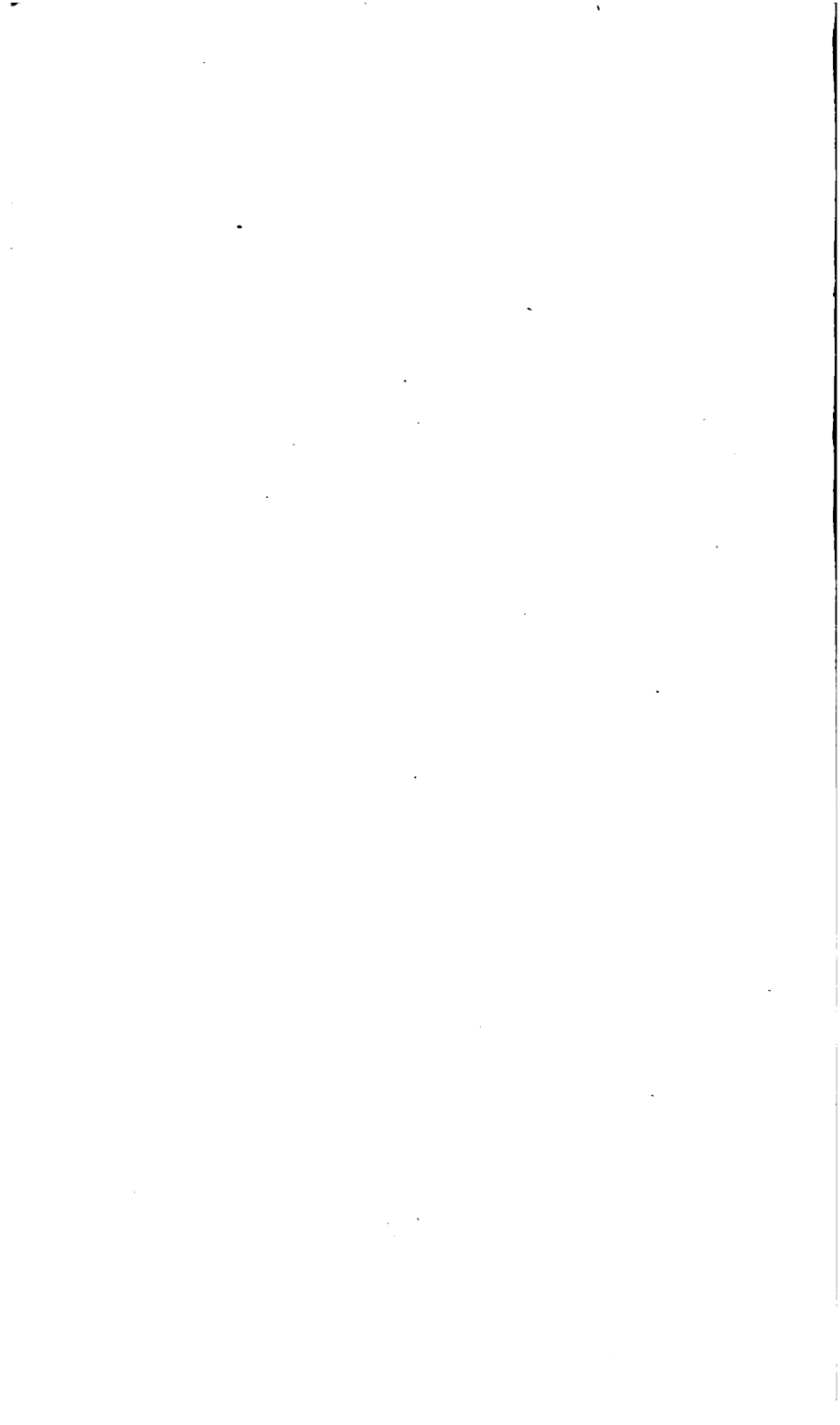
As luzes foram apagadas, conheceram que eram condu-



Os homens da Cruz Vermelha

Typ. — Rua da Atalaya, 40 a 52.

Depois desta homilia foram encaixados na jaula



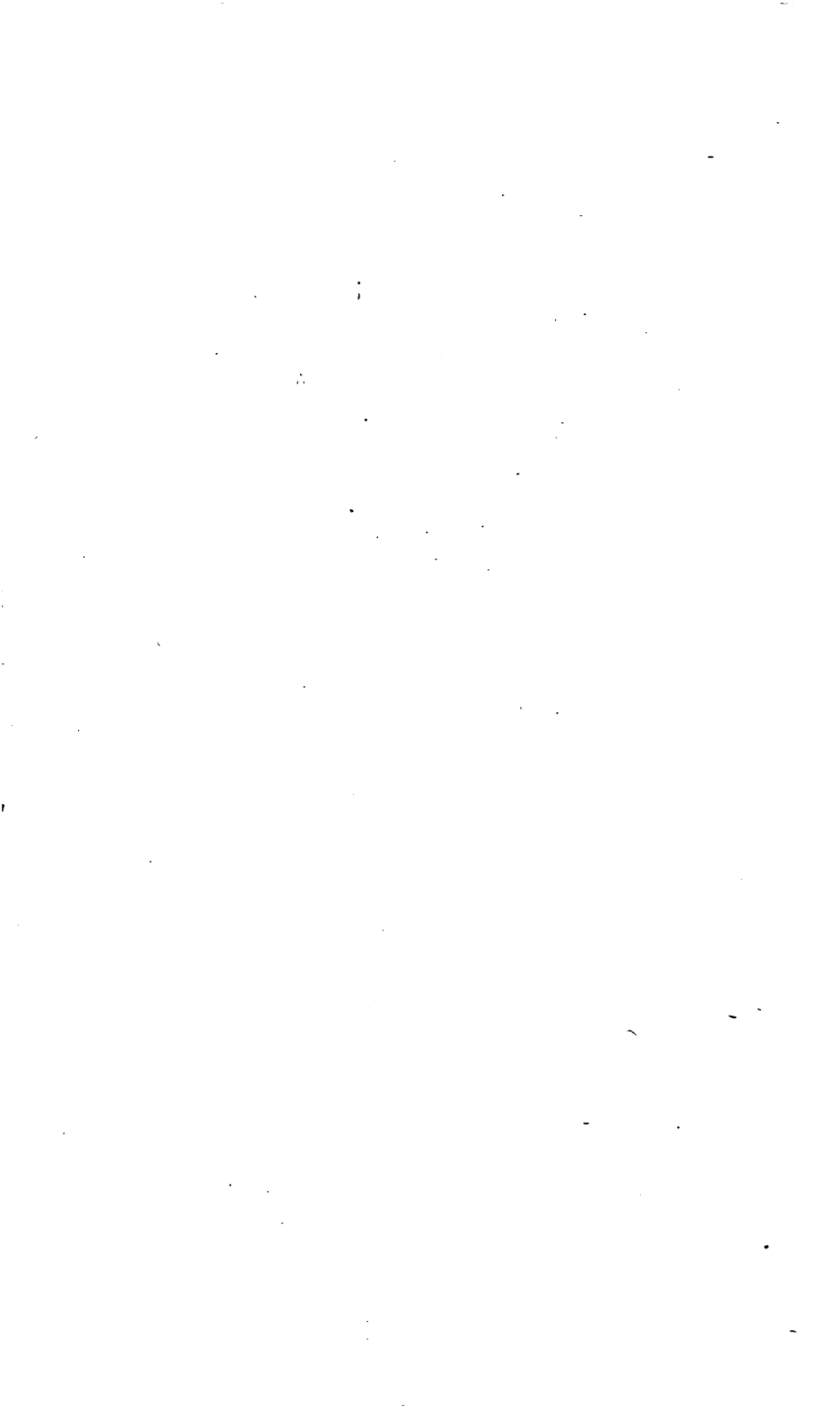
sidos pela escada e em seguida um lufada de ar puro lhes annunciou que tinham chegado á rua.

Quantas torturas soffreram aquelles homens ! quantas dôres cruciantes os atrophiavam ?

De um lado tinham o escandalo, o perigo que correram, mas do outro erguia-se o ridiculo, que mata tudo á gargalhada, que fulmina através do riso frenetico, sarcastico que se dilata, quanto mais critica e burlesca é a situação, do desgraçado que se deixou mystificar.

Mas onde se achavam elles ? Em que rua ? Em que bairro ? Não sabiam ; e se o arrebol da manhã nunca desponsasse, elles não perderiam nada com isso. E com effeito, ao verem os primeiros raios de uma aurora brilhante, exhalaram um gemido afflictivo...

FIM DO PRIMEIRO VOLUME



INDICE

DOS CAPITULOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME

I Os homens mysteriosos.....	5
II Homem morto e homem salvo.....	19
III Uma historia verdadeira.....	33
IV Regresso a Lisboa.....	47
V Uma conferencia.....	62
VI Algumas explicações.....	70
VII A Joannita.....	93
VIII O testamento.....	107
IX Ameaças revolucionarias.....	120
X O homem mysterioso.....	133
XI A seducção.....	148
XII D. Bonifacio Alvellos.....	164
XIII Declarações.....	182
XIV No confissionario.....	195
XV Uma surpresa.....	207
XVI Projectos criminosos.....	228
XVII Uma reunião familiar.....	242
XXVIII A casa mysteriosa.....	258
XIX Uma entrevista.....	278
XX A moral de um frade.....	292
XXI Aniceto Parreira.....	307
XXII Explicações do enygma.....	324
XXIII Em Lisboa.....	344
XXIV A policia burlada pela policia.....	362
XXV Um grande crime.....	384
XXVI Mystificações.....	403
XXVII Mais mystificações.....	424

COLLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Acendam, rapazes !.....	17
O marquez perante o tribunal da Cruz Vermelha.....	92
Peguem, leiam, e faça-os juizes.....	180
Fr. Leonardo e o marquez.....	230
O sr. Aniceto Parreira e o seu compadre Fabião Gonçalves...	312
Depois d'esta homilia foram encaixados na janla.....	448

A MODA ILLUSTRADA

JORNAL DAS FAMILIAS

Escrepto em portuguez, contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, moldes de tamanho natural, modelos de trabalhos de agulha, tapeçarias, bordados, crochet, romance, litteratura, enygmas pittorescos, etc.

A *Moda Illustrada* publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Cada numero é composto de doze paginas a tres columnas, em optimo papel, formato grande e bom typo, illustradas com desenhos numerosos de vestuarios e trabalhos de agulha.

Acompanha tambem cada numero uma folha de grande formato com *moldes de tamanho natural*, que permitem executar com facilidade e economia os figurinos expostos no jornal.

Em virtude d'estes moldes, uma assignatura da *Moda Illustrada*, longe de aggravar o orçamento domestico, é ao contrario uma medida de receita e economia. Serve tambem de auxilio indispensavel para todas as costureiras, modistas ou outras pessoas que se dediquem a trabalhos de vestuario para senhoras e creanças.

Os assignantes recebem tambem com cada numero um figurino de modas, gravado em aço, impresso em papel bristol, e primorosamente illuminado em Paris.

A *Moda Illustrada* offerece portanto todos os annos ás suas assignantes:

VINTE E QUATRO NUMEROS ILLUSTRADOS, formando no fim do anno um magnifico volume, contendo 912 columnas de texto e mais de 1:000 desenhos de vestidos, chapéus, casacos, roupa branca para senhoras, meninas e creanças, adornos, penteados, bordados, crochet, moveis, etc., etc.;

VINTE E QUATRO FOLHAS DE GRANDE FORMATO COM MOLDES, formando uma collecção de mais de 600 modelos, de

tamanho natural, de trajos para senhoras e creanças, debuxos de bordados, etc.;

E VINTE E QUATRO GRAVURAS DE MODAS, EM AÇO, COLORIDAS A AGUARELLA, formando o album mais completo dos vestuarios do anno.

Assigna-se para a *Moda Illustrada*, com gravuras coloridas (Primeira edição) ou sem gravuras coloridas (Segunda edição).

PREÇOS DA ASSIGNATURA (pagamento adiantado)

Primeira edição		Segunda edição	
Anno.....	4\$000 réis	Anno.....	3\$000 réis
Semestre	2\$100 "	Semestre	1\$600 "
Trimestre....	1\$100 "	Trimestre....	\$850 "
Numeroavulso	\$200 "	Numeroavulso	\$160 "

Fazendo duas edições por diferentes preços, o que representa para nós um grande encargo, tratamos de proporcionar leitura ao alcance de todas as bolsas. As costureiras terão na segunda edição da *Moda Illustrada* um guia seguro e economico no idioma que lhes é mais familiar.

As assignaturas são pagas adiantadamente e devem ser dirigidas ao administrador da MODA ILLUSTRADA. «Empresa Horas Romanticas» 47, rua da Atalaya, 1.º andar—Lisboa. Assigna-se tambem em casa dos srs. correspondentes da mesma empresa.

N. B. Aceitam-se assignaturas a começar em qualquer numero.

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

Director proprietario—Salomão Saragga

11—RUE LAUBISTON. 11—PARIS

AGENTE EM PORTUGAL

David Corazzi

49, Rua da Atalaya, 49
Lisboa

AGENTE NO BRAZIL

F. Gonçalves de Queiroz

Rua da Alfandega, 41
Rio de Janeiro

*Periodico publicado em Paris com a collaboração dos
principaes artistas portuguezes estrangeiros*

PREÇO PARA PORTUGAL

Anno ou 12 numeros (moeda forte).....	3,000
Semestre ou 6 numeros " 	1,500
Trimestre ou 3 numeros " 	800
Por mez ou numero avulso " 	800

Acham-se publicados oito numeros da segunda serie.

Preço da primeira serie, elegantemente encadernada a percalina, impressa a negro e oiro, 5,000 réis fortes.

H 84.2. 10

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

A VOLUMES MENSAES

Para toda a collecção das Viagens Maravilhosas
aos mundos conhecidos e desconhecidos

ROMANCE DO UNIVERSO

POR

JULIO VERNE

OBRAS PREMIADAS PELA ACADEMIA FRANCEZA

Muitas das quaes contam mais de trinta edições em França, alem das repetidas e successivas reproducções em todos os paizes cultos, taes como : Inglaterra, Belgica, Allemanha, Hespanha, Italia, Russia, Turquia, Japão, Portugal, etc.

EDIÇÕES DE LUXO COM 2:000 GRAVURAS

Entrega mensal de um volume brochado ou encadernado, á vontade do assignante, sendo gratuitos o decimo, vigesimo e trigessimo volumes, alem de um brinde distribuido com o primeiro volume.

A pedido de muitos dos seus assignantes que ainda não possuem a collecção completa das obras de Julio Verne, e que as desejam obter em condições suaves, sem grande dispendio immediato, a **EMPREZA HORAS ROMANTICAS**, resolveu abrir, desde julho ultimo em diante, uma assignatura extraordinaria mensal a volumes brochados ou encadernados, á vontade do subscriber.

Assim, com um desembolso effectuado suavemente, alcança-se no fim de alguns mezes a collecção das obras de Verne, isto é, uma completa encyclopedia e uma verdadeira illustração, adornada com 2:000 gravuras, executadas pelos melhores artistas francezes.

A toda a pessoa, seja qual fôr a sua idade e o seu sexo, convirá a leitura das **Viagens Maravilhosas** e os predicaes moralisadores e instructivos que n'elles se reúnem, tornam-os proprios, como poucos livros, para fazerem parte não só da bibliotheca do curioso ou do sabio, como da modesta bibliotheca de familia.

A assignatura começou no principio de julho ultimo com o romance **DA TERRA Á LUA**, que já conta **tres edições**.

Continúa a receber-se assignaturas na empresa Horas Romanticas, rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa.



